

Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem - IEL

**QUIMERAS DISCURSIVAS DO PRESIDENTE LULA**  
**AMBIVALÊNCIA EM GÊNEROS DISCURSIVOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

**ORIENTADOR: DR. JOÃO WANDERLEY GERALDI**

André Luiz Covre

Campinas 2007

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

**C838q**

Covre, André Luiz.

Quimeras discursivas do Presidente Lula: ambivalência em gêneros discursivos / André Luiz Covre. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : João Wanderley Geraldi.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Gêneros discursivos. 2. Discurso político. 3. Mídia. 4. Silva, Luis Inácio Lula da. I. Geraldi, João Wanderley. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: Discursive chimeras of Presidente Lula: ambivalency in discursive genres.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Discursive genre; Political discourse; Media; Luis Inácio Lula da Silva.

Área de concentração: Análise do discurso.

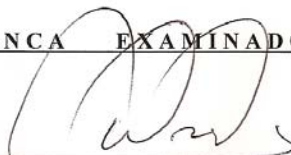
Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Prof. Dr. João Wanderley Geraldi (orientador), Prof Dr. Valdemir Miotello, Profa. Dra. Mônica Graciela Zoppi-Fontana, Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim (suplente), Profa. Dra. Jauranice Rodrigues Cavalcanti (suplente) e Prof. Dr. Jonas Araújo Romualdo (suplente).

Data da defesa: 27/02/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. João Wanderley Geraldi**



---

**Prof. Dr. Valdemir Miotello**



---

**Profa. Dra. Mônica Graziela Zoppi-Fontana**

---

**Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim**

---

**Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo**

---

**Profa. Dra. Jauranice Rodrigues Cavalcanti**

IEL / UNICAMP 27 de fevereiro de 2007

À Jakaré – o pai – de quem não consegui aprender por completo a maior de suas lições, a humildade. Mas ela co-existe em mim como memória de futuro eterna, assim como ele próprio, meu pai.

À Márcia – a mãe – que abandonou pelos caminhos todas as outras perspectivas para que a de criação dos filhos fosse a única a laçar seu olhar para o futuro, suas ações, seu cotidiano, o cotidiano de minha vida inteira.

À Angelita e Ariane – as irmãs – as quais até pouco tempo não compreendia como principais interlocutoras, até descobrir que nunca deixaram de ser.

À Aline, a mulher. Existem coisas sem ela, sobre as quais quero saber pouco ou quase nada. Das coisas com ela, algumas seriam impossíveis sem ela. Entre estas, essa dissertação.

## **AGRADECIMENTOS**

À João Wanderley Geraldi, pela recepção e aceitação de orientação, pela contraposição constante e imprescindível, pelos olhares múltiplos, sobretudo os que apontavam caminhos bakhtinianos, pelas investidas contra os meus cabelos, pelos abraços, pelas perspectivas que insiste em dividir comigo.

À Valdemir Miotello, por ter caído de pára-quadras naquela primavera são-carlense de 2003 com um livro de Bakhtin debaixo do braço, por participar da banca examinadora, pelos convites diários a interlocução, por ser espalhador das mais maravilhosas memórias de futuro.

À Mônica Graciella Zoppi-Fontana, por participar da banca examinadora, pela leitura cuidadosa e carinhosa do texto de qualificação, sobretudo por aqueles questionamentos decisivos que possibilitaram o enriquecimento do texto.

Às professoras e professores Jauranice Rodrigues Cavalcanti, Tania Maria Alkmim e Jonas de Araújo Romualdo por participarem da banca examinadora como suplentes.

À Fabrício César de Oliveira, pelo caminhar conjunto. Antes lutávamos pelo humano do homem com armas diferentes. Nos últimos anos, abandonamos os toscos violões e as caóticas vozes e enveredamos nossa luta dentro das palavras acadêmicas.

Ao GEGE, Grupo de Estudos dos Gêneros Discursivos, ponte dialógica pela qual qualquer palavra encontrada no interior dessa dissertação encontra passagem.

Aos membros do GEGE-Campinas – Moacir, Mônica, Ivânia, Carlos, Angélica e Luciana –, pela interlocução primária na cidade cinza, por fazerem dessa interlocução um universo maior do que as paredes acadêmicas permitiram.

## RESUMO

Dois são os eixos de perguntas provocadoras dessa dissertação. O primeiro eixo tenta abarcar o conjunto de reflexões possíveis sobre a produtividade do conceito de gêneros discursivos. O segundo eixo procura circunscrever o conjunto de questionamentos relacionados ao momento político brasileiro atual, especificamente referente às eleições presidenciais de 2002 e alguns discursos do Presidente Lula. Na primeira parte, me utilizo do surgimento – concomitantemente com a escalada política do principal partido de esquerda brasileiro (o PT ganhando prefeituras, governos estaduais e a presidência da República) – de uma contra-força dentro do universo midiático que se autodenomina *mídia alternativa*, para tentar compreender como as manifestações especificamente negativas do universo midiático (que denominei de **grande mídia monopolista privada**) em relação a qualquer esfera em que Lula esteja envolvido, produz na *mídia alternativa* uma tentativa de explicação das críticas negativas realizadas, além da crítica a crítica. Tal compreensão provoca dois caminhos: o da relação entre a “expressão lingüística materializada” e a “ideologia”; e o da cidade letrada e o jogo de/pelo poder na América Latina (trabalhado sobre a perspectiva do monopólio da palavra pela grande mídia monopolista privada). Desses caminhos surgiram as duas hipóteses que forjaram a escritura das análises: a) De que a fala de Lula, inserida dentro de gêneros do discurso, traz em si possibilidades de análises que levarão ao aprofundamento das questões discutidas sobre a hegemonia e o monopólio da palavra e da riqueza no Brasil atual; b) De que a produtividade do conceito de gêneros do discurso (compreendido como processo de intercruzamento de gêneros), depende de sua articulação com a filosofia de linguagem do círculo de Bakhtin, o que nos levaria, necessariamente, mesmo que de maneira não articulada em uma arquitetônica fixa e pré-determinada, a conceitos como **memória/memória do futuro**, **tema/significação**, **ideologia/ideologia do cotidiano** e **enunciado**, entre outros. Compreendo Lula como locutor que desliza em gêneros e, ao mesmo tempo, recostura-os como quimeras discursivas. Na medida em que Lula aceita a entrada inexorável dentro de um gênero constituído historicamente como oficial, dribla essa oficialidade trazendo gêneros produzidos nas esferas de atividades cotidianas. Impõe, com isso, um estilo peculiar, forçando

o aparecimento da uma individualidade, também deslizante, múltipla e ambivalente. Ao quimerizar gêneros mais ligados às atividades quase efêmeras do cotidiano a gêneros conectados as atividades oficiais, Lula possibilita a aproximação dessas duas esferas (do cotidiano e oficial), e provoca no campo da oficialidade uma “política das astúcias”.

**PALAVRAS-CHAVE:**

1. Gêneros Discursivos. 2. Discurso Político. 3. Mídia. 4. Silva, Luis Inácio Lula da.

## **ABSTRACT**

My research examines and analyses Lula's pronouncements at specific points in his presidency. The question asked is "what do Lula's speeches say," but the orientation of my research is "what do Lula's speeches and pronouncements answer?" The analysis' way was a dialog with Bakhtin's concept of gender discourse, which has a relationship to another Bakhtin concept, called "utterance". Using the language philosophy of the Bakhtin circle, I defended the position that the production of gender discourse depends on the articulation, even in a non articulated structure fixed and predetermined, with concepts like memory/memory of future, theme/signification, ideology/quotidian ideology and statement.

### **KEY WORDS:**

1. Discursive genre. 2. Political discourse. 3. Media. 4. Luis Inácio Lula da Silva.



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	13
Capítulo I – EX-DONOS DA PALAVRA .....	17
A palavra monopolizada .....	17
A riqueza monopolizada .....	40
A palavra prostituta .....	53
Capítulo II – PALAVRAS NA BOCA DE LULA .....	57
O conceito de gêneros e a fala de Lula .....	64
Análises .....	68
1) Os dois primeiros discursos de Lula .....	68
2) Discursos de Posse .....	89
3) Discursos: Diálogos com a Bolívia .....	97
Capítulo III – PALAVRAS GRÁVIDAS DE FUTURO .....	117
No que diz respeito à produtividade do conceito de gêneros do discurso ...	118
No que diz respeito aos discursos do Lula .....	123
Inclassificáveis .....	129
BIBLIOGRAFIA .....	133
ANEXOS .....	137

Dispúnhamos e dispomos de certas técnicas de escuta, mas não sabemos com precisão que toque, que palavra, que gesto produziu o encontro com outro toque, outra palavra, outro gesto, e na faísca deste encontro escreveu em sulcos no ar uma outra imagem, uma terceira palavra capaz de criar uma compreensão, exigir um investimento intelectual e desencadear este encanto que é o pensamento. Pensar exige liberdade. Pensar exige silêncio e vazios. E terá valido a pena pensar, mesmo que o pensado se esvaia no momento mesmo de sua emergência.

João Wanderley Geraldi

## **APRESENTAÇÃO**

Por volta das 11 horas e 50 minutos da noite de 27 de outubro de 2002, junto de minha esposa, em visita ocasional ao apartamento de amigos, acompanhei o primeiro discurso de Lula como presidente eleito. Estávamos ajudando nas arrumações de uns móveis. Era uma situação informal e divertida de fim de noite. A televisão ligada esperando o resultado oficial da eleição presidencial.

Lembro-me claramente da comoção daquela noite diante do primeiro discurso do recém eleito Presidente da República, transmitido ao vivo pela televisão. Todos nós – ali telespectadores – envolvidos diretamente com uma Universidade Federal durante os últimos quatro anos do governo anterior, atravessando quatro greves sucessivas, uma em cada ano, sofrendo com o que na época era chamado de “desmonte” ou “sucateamento” das Universidades Federais, pudemos vislumbrar inúmeras possibilidades para o futuro próximo, provocação suficiente naquele momento para fazer surgirem lágrimas em alguns olhos ali presentes.

Os motivos para a comoção eram vários. Luís Inácio Lula da Silva, uma personalidade diferente (de origem miserável, ex-operário e ex-sindicalista, com um linguajar peculiar, etc.) subia ao mais alto posto público da Federação Brasileira e prometia mudança.

Compreendia que a promessa de mudança não partia de Lula por acaso, era resposta aos descontentamentos e desejos de uma grande parcela da sociedade. A palavra mudança era o corpo que carregava a maior parte das discussões mesmo anteriores à eleição. Lembro-me de uma conversa de mesa de bar com um ‘companheiro’ petista, membro da corrente “O Trabalho” (auto-denominada Seção Brasileira da IV Internacional Socialista) em que discutíamos o voto ou não em Lula, e as possibilidades de mudança. A conclusão da conversa foi algo parecido com: votar em Lula e, no dia seguinte, ir para as ruas pressioná-lo por um governo de esquerda. O Brasil se abria para perspectivas de mudança. O que seriam essas mudanças, como elas se dariam, se elas se dariam, enfim, uma enxurrada de dúvidas sobre o Brasil e sobre o novo governo habitava as cabeças dos brasileiros. O foco de todas elas eram, sem dúvida, os primeiros passos do novo Presidente do Brasil.

Meses depois daquele primeiro pronunciamento, com mais outros dois pronunciamentos do Presidente Lula na cabeça (o da posse no Congresso Nacional e o da posse no Parlatório do Palácio do Planalto, nos quais os temas eram impulsionados pela palavra “mudança”), sentava-me entre os integrantes do recém formado Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, na Universidade Federal de São Carlos.

Os dois temas dessa dissertação nascem concomitantemente com o GEGE, Grupo de Estudos dos Gêneros Discursivos, do qual participo em São Carlos desde 2003. Essa afirmação é importante porque o GEGE nasceu de um convite do então orientador de iniciação científica, Valdemir Miotello, instigando-me a formar junto com ele e mais um conjunto de estudantes que circulavam em volta dele e dos estudos sobre Bakhtin, um grupo para investir no conceito bakhtiniano de **gêneros do discurso**.

Ali começamos a acreditar que um investimento neste conceito bakhtiniano, além de necessário, poderia ser muito produtivo. Àquela época eu já construía na minha cabeça a necessidade de se fazer uma pesquisa para investigar o funcionamento desse conceito dentro da filosofia bakhtiniana de linguagem e, junto com o grupo, iniciamos um percurso que se dividiu nos variados caminhos tomados pelos integrantes do grupo. Um dos caminhos foi o de atenção para esse conceito. De modo que as discussões que se deram desde o início do GEGE

sobre o conceito de gêneros do discurso, sobre o movimento entre **gêneros primários e secundários**, sobre suas relações com os conceitos de **ideologia** e **ideologia do cotidiano**, de **memória** e **memória do futuro**, **tema** e **significação**, nesse momento se apresentam como propulsoras dessa dissertação.

Ao mesmo tempo que debatíamos filosofia da linguagem e o Círculo de Bakhtin, fomos provocados pela grande atenção dada por todos os setores da sociedade brasileira aos primeiros pronunciamentos de Lula. O *burburinho* dentro de nosso grupo resumia o *burburinho* geral: *o que esses discursos, proferidos dessa maneira, estão querendo dizer?*

As perspectivas de “mudança” política no país e as perspectivas sobre a produtividade do conceito de gêneros do discurso para a filosofia do Círculo de Bakhtin e, de forma geral, para os estudos sobre linguagem, configuraram um conjunto de questões gerais, provocadoras dessa dissertação:

- O que são gêneros do discurso para a filosofia de linguagem do Círculo de Bakhtin? Existe articulação entre o conceito de gêneros e outros conceitos elaborados pelo Círculo?
- Olhar para os pronunciamentos do Lula, com as lentes proporcionadas pela filosofia do Círculo de Bakhtin, com atenção especial para o conceito de gêneros do discurso, poderia nos ajudar a responder perguntas como mudança: mudança de que? De governo? De política? De poder? De conscientização popular? Do próprio Lula? Da esquerda? Da direita? Para esquerda? Para direita? O que mudou e como mudou? Os discursos?

A mistura de preocupações de ordem político-ideológicas com preocupações de ordem lingüístico-discursivas levariam esse estudo para muitas áreas profícuas, dentro ou fora dos estudos da linguagem. Essa dissertação, no entanto, trará o esforço de perseguir uma linha de pensamento bakhtiniana (mesmo que não haja definição acadêmica para tal), sobretudo encorajado pelos trabalhos diversos que o Brasil vem realizando sobre esse autor, ou dentro do pensamento que se fundou ao seu redor.

Tal esforço revelará a concentração de reflexões sobre o conceito de gêneros do discurso, especificando uma interpretação particular de tal conceito, ainda não formulada consistentemente em nenhuma produção (ensaio, dissertação, tese, livro, etc) de qualquer estudioso de Bakhtin, mas retomada dentro da leitura que o Grupo de Estudos dos Gêneros Discursivos faz de Bakhtin.

A quimerização entre as múltiplas opiniões, os diversos fenômenos trazidos cotidianamente para discussão pelos integrantes do GEGE de São Carlos e de Campinas, as leituras ora centrais e completas, ora dispersas em meio as elucubrações, os escritos (postagens no *blog* e discussões pela lista de e-mails), os encontros com outros estudiosos nos diversos colóquios que realizamos, os livros que publicamos no meio do caminho, ou seja, a sistemática de funcionamento estabilizada pelo grupo nesses primeiros anos foi simples e cotidiana, sem muitas regras definidas a priori, o funcionamento do grupo sempre esteve mais conectado às perspectivas que surgiram nos próprios encontros.

Acredito que essa dissertação se constituiu da mesma maneira. Imbricada mais nas discussões travadas nas diversas atividades gegelianas citadas acima do que nas orientações teóricas consolidadas, nas quais ela foi buscar apoio. As leituras escolhidas para travar o debate que aqui será lido foram orientadas mais pelo desejo de dar voz ao que o grupo vem tentando construir ao longo desses anos do que pela necessidade de justificativas acadêmicas.

É uma dissertação que sempre me apareceu como um arriscamento, principalmente no que diz respeito à interpretação específica do conceito de gêneros do discurso. Espero conseguir dar corpo de dissertação a algumas das discussões promovidas pelo grupo. Espero que o grupo se enxergue nas próximas páginas. Espero humildemente que essa dissertação contribua com as discussões acadêmicas sobre a filosofia de linguagem do Círculo de Bakhtin, sobre conceito de gêneros do discurso, sobre os discursos políticos e, principalmente, sobre a realidade político-social da qual somos parte atuante.

## **CAPÍTULO I**

### **EX-DONOS DA PALAVRA**

A eventual vitória de Lula – até mesmo no primeiro turno – se volta assim contra dois pilares do poder no mundo contemporâneo: o monopólio da palavra e o monopólio da riqueza.

Emir Sader – 28/08/2006

#### **A PALAVRA MONOPOLIZADA**

a construção de uma imagem  
cercando um referente  
predicando um nome  
a briga pela fixação de significações dentro do tema Lula

A lembrança do imenso alvoroço causado pela tentativa do governo federal junto a FENAJ de criar o Conselho Nacional de Jornalismo e a revolta encarnada pela chamada “grande mídia” em aceitar estar sujeita a qualquer tipo de fiscalização<sup>1</sup> me leva a compreender que há algo em luta no universo midiático. E não é somente uma luta por liberdade de expressão e por menos controle, mas sim uma luta pelo controle da palavra.

Surge, concomitantemente com a escalada política do principal partido de esquerda brasileiro (o PT ganhando prefeituras, governos estaduais e a presidência da República), uma contra-força dentro do universo midiático que se autodenomina *mídia alternativa*. A respeito do objeto que essa dissertação circunscreve (os pronunciamentos de Lula), as manifestações especificamente negativas da “grande mídia” em relação a qualquer esfera em que Lula esteja envolvido, produz na mídia alternativa uma tentativa de explicação das críticas negativas realizadas, além da crítica à crítica. Esse fenômeno é facilmente observável nos textos publicados pela Agência Carta Maior que, assumidamente esquerdista, traz para sua pauta, além de outros temas, como a esquerda é pautada pela “grande mídia”.

Desse modo, se quiséssemos olhar para o que a “grande mídia” está produzindo sobre Lula em qualquer período de seu governo, poderíamos buscar, por exemplo, na produção jornalística da Agência Carta Maior, uma produção que em determinados momentos caracteriza-se especificamente como responsiva à produção da “grande mídia”. Então encontraríamos, em movimento, dentro da “mídia alternativa” a “grande mídia”.

Com a palavra, as mídias: O conjunto de textos publicados pela Carta Maior entre 28/08/2006 e 05/10/2006 [anexos 1 à 8] propicia uma leve degustação das implicações midiáticas nesse período de eleições presidenciais. O tema principal das discussões é “*que candidato à presidência vence nas pesquisas e nas urnas e por quê?*”. De maneira geral, esse conjunto de textos revela um conjunto de expressões que tentariam explicar, do ponto de vista da “grande mídia”, os resultados positivos de Lula nas pesquisas eleitorais e nas urnas: “argumento do povo desinformado, do povo que não sabe votar”, “renda mais baixa”, “sem

---

<sup>1</sup> “Nós já vimos que o neoliberalismo, como toda ideologia, é hábil em esconder a verdade. Ele sustenta a liberdade dos mercados, mas pratica a reserva de mercados. Sustenta a flexibilização dos contratos de trabalho, mas pratica um regramento meticuloso nas relações de consumo. Levanta-se em uníssono contra qualquer possibilidade de discutir os meios de comunicação, clama que é censura, que é controle público – como ocorreu com a proposta da FENAJ de criar um Conselho Nacional de Jornalismo -, mas não tem dúvida sobre seu direito de concentrar meios e monopolizar a palavra”. - Celso Horta, em “A crise das mídias alternativas e a mídia da crise”. In: [www.agenciacartamaior.uol.com.br](http://www.agenciacartamaior.uol.com.br).



informação”, “análises conservadoras sobre populismo, lulismo”, “mais bem informados X bolsões, regiões, classes menos informadas”, “plebe”, “populismo”, “políticas eleitoreiras”, “ignorância”, “não tem jeito”, “crise moral”, “desqualificação do voto popular”, “como podia o voto de um médico, de um empresário, de um engenheiro, valer o mesmo do que o voto de um peão ou agricultor de região pobre”, “a falta de ‘informação’ da base que pretende votar em Lula, majoritariamente de renda mais baixa”.

No entanto, não é somente na tentativa de associar “burrice do povo” a “vitória de Lula” que a discussão está imbricada. O texto do anexo 3, por exemplo, revela em números a preferência da “grande mídia” pelo candidato da coligação PSDB-PFL:

Os dados permitem dizer que, no total, o Lula “candidato” tem 47,30% de notícias negativas e 52,70% de notícias neutras ou positivas na imprensa, no período avaliado. Já Alckmin tem um saldo maior de menções positivas ou neutras: 68,18% de todas as reportagens avaliadas. As citações negativas endereçadas ao candidato correspondem a 31,82% do total.

O texto do anexo 4 cita os principais “órgãos da grande mídia monopolista privada” e seus colunistas que mais se expõem (e que mais expõem críticas e xingamentos) sobre o tema Lula.

Ninguém têm dúvidas de que jornais como a *Folha de São Paulo*, o *Estado de São Paulo*, o *Globo*, entre outros, assim como uma revista como a *Veja* e uma rede televisão como a *Globo*, apóiam claramente a Alckmin. Se não conseguem encontrar excelências no seu candidato – por maior capacidade de mistificação que tenham, não conseguem tirar água de pedra -, se concentram em atacar diariamente a Lula, a seu governo, ao PT e à esquerda. Mas não encontram eco algum no povo.

(...)

Não fosse assim, os artigos de alguém como Clóvis Rossi, que expressam o ceticismo/cinismo típico da *FSP*, atacando a Lula todo o tempo, com um ar de desencanto de quem nunca esteve deste lado, teriam ampla repercussão. Mas nem a classe média paulista deixa de votar majoritariamente em Lula.

(...)

Não fosse assim, as diatribes raivosas de Miriam Leitão, de Dora Kramer, de Merval Pereira, de Eliane Catanhede, de Arnaldo Jabor, entre outros, teriam eco imediato, senão no povo, que não lê esses jornais, pelo menos entre a classe média brasileira, que insiste em votar majoritariamente em Lula.

(...)

As pesquisas eleitorais, caso se confirmem na eleição presidencial do dia primeiro de outubro, são a melhor pesquisa sobre o que pensa o povo brasileiro da imprensa: não acredita nela, não lhe tem confiança, não aceita seus argumentos, sua informação editorializada, suas manchetes sensacionalistas, seus colunistas identificados com a direção – reduzida a 6 famílias – dos órgãos da grande mídia monopolista privada. O povo pensa uma coisa do governo Lula, a grande mídia pensa outra.

Para afinar um pouco mais a definição do conjunto que até o momento venho chamando de “grande mídia” com a voz de Emir Sader, somo ainda a ajuda do dicionário eletrônico Houaiss: *todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens* guarda relações com a manutenção e o desmantelamento de poder. Mais a frente veremos que Angel Rama esclarecerá os papéis contraditórios que os grupos que detém ‘as letras’ (nesse caso, os suportes de difusão de informação) interpretam nos jogos sociais pelo poder.

A detenção desses suportes de difusão da informação se revela fundamental, se atentarmos para a importância política que reside na ação “transmissão de informação”. Nesse caso, “transmitir informação” ultrapassaria a mera questão técnica de levar a informação de um lugar para o outro. Deter o instrumento que leva uma determinada informação para as duas esferas da população brasileira citadas no excerto acima – o “povo” e a “classe média brasileira” – é algo político, ou seja, o grupo privado de “6 famílias” que detém o instrumento de transmissão de informação ainda determina tal informação, tem em suas mãos uma espécie de corrente que liga grandes esferas da sociedade a uma determinada leitura dos fatos que essa sociedade vivencia. Isso é poder. A **grande mídia monopolista privada** é grande porque atinge uma grande esfera da sociedade. É monopolista porque se esforça para ser a única a manter a característica de ser grande (de atingir a muitos). É privada porque pertence a 6 famílias e depende de capitalização privada, que provavelmente exerce forte influência sobre os acontecimentos e interpretações pautadas.

No entanto, o que parece estar sendo exposto nesses textos – publicados nos meses que antecederam as eleições presidenciais brasileiras de 2006 pela mídia alternativa<sup>2</sup> –, é que ser grande, monopolista e privada, parece não estar sendo suficiente para conduzir as tais esferas da sociedade para a votação no candidato de sua preferência.

Retomando, o texto do anexo 5 revela, em teoria conspiratória, a impressão de uma certa “operação segundo turno” contra a candidatura do petista.

Este arranjo na divulgação das pesquisas reforçava bastante a possibilidade ou até “a certeza” de que se caminharia para um segundo turno, criando um clima capaz de sugestionar eleitores indecisos ou pouco decididos. Num clima em que trovejam novamente ameaças quanto à

---

<sup>2</sup> O texto de Emir Sader (anexo 4) pincela algumas dessas mídias chamadas alternativas: “O povo não acredita na imprensa. (As exceções são conhecidas: Carta Capital, Carta Maior, Caros Amigos, Brasil de Fato e várias outras vozes dissonantes, alternativas, embora minoritárias em termos de circulação e de leitores.)”

governabilidade de um segundo mandato de Lula, em que o Presidente do TSE já fala em impugnações de uma possível vitória de Lula, a criação dessas impressões pode ser decisiva para abrir o caminho a um segundo turno.

Some-se a isto as mensagens que varam a internet e a telefonia de que nas redações da mídia conservadora reina um clima de “ordem unida”. Ainda que não haja provas cabais nem testemunhos diretos, fica a forte impressão de que houve uma “operação segundo turno” concatenada. E como se sabe, em política a impressão é a última que morre.

O texto do anexo 6 lança mão de diversos especialistas para tentar entender porque a mídia não tem conseguido influenciar no voto com a mesma força que sempre influenciou, articulando teorias que explicitariam a diferença entre a opinião do povo e a “opinião pública”, auto reivindicada pela grande mídia monopolista privada e seus “cientistas políticos”:

Os discursos diante da perplexidade dos colunistas de grandes veículos passaram a ver um descolamento da população com a “opinião pública”. Para intelectuais e analistas, no entanto, este grupo não consegue distinguir as opiniões de seus veículos da opinião da população. “Analistas políticos sempre acreditaram que são formadores de opinião. Gostam da idéia de que a opinião deles é a que normalmente vai prevalecer. Eles pensam que são opinião pública”, disse o professor da Universidade de Brasília, Venício Lima

A opinião do povo sempre pareceu estar englobada pelo termo “opinião pública”, talvez como estratégia dupla da grande mídia monopolista privada – que usa e abusa desse termo –, ao mesmo tempo que se faz expressar, pela voz dos “intelectuais e analistas” que contrata, como se fosse a opinião da população, construindo um espaço de aparente inclusão. Proporciona com isso um clima de concordância unidirecional a favor de suas idéias e preferências, local onde, na verdade, se reproduz apagamento e exclusão da opinião da população e se fortalece a construção de imagens e o cerceamento de referentes, a favor de projetos de dizer que lhes favorecem. No entanto, “opinião pública” e opinião da população aparecem – e parece que pela primeira vez pelo menos desde a redemocratização – como coisas distintas.

Marilena Chauí é trazida então para esclarecer que, apesar do fenômeno da candidatura Lula ser algo “novo” e que ainda precisaria “ser melhor compreendido e explicado”, é possível apontar alguns de seus elementos<sup>3</sup>:

---

<sup>3</sup> Há o reconhecimento do caráter de novidade do “fenômeno da candidatura Lula” e os elementos que Chauí aponta como explicação são relacionados à vida das “camadas populares”. Ver que o Estado trabalhou “com elas e para elas” poderia ser tomado como um dos elementos que tenta explicar o porque a mídia não consegue influenciar o voto contra Lula, ou porque a opinião do povo se descolou da chamada “opinião pública”. Podemos dizer então que a aproximação entre Estado e “camadas populares” se deu de maneira concreta, pelo menos no que diz respeito à “política social”. Duas observações são importantes aqui: veremos mais a frente que a mesma Chauí levanta críticas a Lula, especificamente a sua fala, seu discurso, suas palavras; tentarei

Apesar deste caráter novo, é possível apontar alguns elementos que compõem este quadro. O mais citado é o impacto das ações de governo. “Embora tenha sempre havido em outros governos programas sociais, não só eles sempre foram fragmentados como foram mínimos e não definiram perfil. No governo Lula houve política social, camadas populares viram o Estado trabalhar com elas e para elas”, analisou a professora da Universidade de São Paulo, Marilena Chauí, no debate promovido pelo Sindicato dos Bancários.

O texto do anexo 7 traz exemplos de como a grande mídia monopolista privada se comporta diferente em relação às campanhas de candidatos pelos quais têm preferências e dos outros renegados.

O jornal *Zero Hora*, em uma seção intitulada “Voz das Ruas”, fez a seguinte descrição do comício: “Clichezão brabo, tudo bem, mas funciona em Hollywood. Ou o PT não teria montado aquela megaestrutura de ontem no Largo Glênio Peres e nem buscado de ônibus milhares de militantes em todos os cantos do Estado para fazer exatamente isso: colocar a câmera num ponto elevado e encerrar o programa eleitoral na TV com o mar de bandeiras a homenagear Lula”. Na capa uma foto de Lula, Olívio Dutra (candidato ao governo do Estado), Miguel Rossetto (candidato ao Senado) e José Alencar, com o título: “Lula chama ex-auxiliares de bando de alopados por compra de dossiê”. Logo abaixo, duas fotos maiores que a do comício, com Geraldo Alckmin e Heloísa Helena, fazendo “ataques em sintonia”. A cobertura do comício ficou diluída entre denúncias de corrupção e espetáculo montado. Bem diferente da edição do comício de encerramento da campanha do governador Germano Rigotto (PMDB), que ganhou foto de meia página com a família no palanque. As escolhas editoriais que pretendem traduzir a “voz das ruas” foram atrapalhadas no comício pelo grito de uma mulher da periferia de Porto Alegre que reclamava dos jornalistas que atrapalhavam sua visão: “Sai da frente que eu quero ver o Lula”.

Mas é no texto do anexo 8, um *discurso-fantasia* pronunciado pelo candidato tucano a presidência logo após os resultados das urnas no primeiro turno, que aparecem diversos exemplos explícitos de todo o tipo de artilharia que foi usado pela grande mídia monopolista privada contra o candidato petista.

Mas quero agradecer acima de tudo aos jornalistas brasileiros, sem os quais seria impossível desconstruir esse verdadeiro mito da política que estamos enfrentando. Parecia uma tarefa impossível. O arquétipo do “pai dos pobres” estava profundamente enraizado no imaginário popular. Mas certos preconceitos também estavam e a imprensa foi muito feliz em fazer aflorar esses preconceitos. Lembro a todos a associação dos petistas a ratos através do poder da imagem, na capa de VEJA que vocês todos conhecem (1)<sup>4</sup>. Vários jornalistas, trabalharam essa

---

relacionar *monopólio da palavra* com *monopólio da riqueza*, a fim de, entre outros motivos, não perder a conexão entre **palavra** e **vida**, sustentação da teoria bakhtiniana.

<sup>4</sup> Os números entre parênteses indicam as notas no final do texto que trazem os fatos referidos pelo texto, que podem ser lidos no final do anexo 8.

associação depois por escrito, com grande sucesso. (2) Foi um risco calculado, usar mesma técnica que Goebbels usou no seu filme “O judeu eterno”, para convencer os alemães de que os judeus deveriam ser exterminados.

Também conseguimos convencer boa parte do eleitorado de que esse “pai dos pobres”, não tem educação nem cultura, é um ignorante. E não foi fácil, dada a propensão do povo de respeitar as autoridades. Muitos jornalistas contribuíram para isso e todos eles eu agradeço.<sup>(5)</sup> A idéia de que se trata de um ignorante pegou fundo e hoje é encampada inclusive por intelectuais, como o dramaturgo Lauro Cezar Muniz que em declaração de grande destaque na Folha Ilustrada, explicou como “a falta de escolaridade impede a pessoa de entrar em contato com a lógica” e que por isso nosso adversário “não tem clareza para governar o Brasil.”<sup>(6)</sup>

O excerto do texto de Bernardo Kucinsk traz um discurso que nunca seria proferido. Nunca seria possível assistir Geraldo Alckmin desvelar sua ligação tão direta com a grande mídia monopolista privada brasileira, menos ainda explicitar detalhadamente algumas das principais manobras jornalísticas utilizadas em seu favor (ou contra Lula) durante os últimos anos e principalmente durante o período eleitoral que antecedeu o 1º turno das eleições de 2006. É do tecido das investidas da grande mídia monopolista privada contra Lula costurados por Kucinski que puxarei alguns fios para expor ecos desses discursos midiáticos sobre Lula em outros extratos ideológicos, que se constituem em outra esfera de comunicação, a da internet.

Todos os e-mails recebidos sobre o tema Lula a partir de 2003 foram recebidos aleatoriamente<sup>5</sup>. O conjunto de e-mails abaixo se conectam claramente ao esforço de fixação da imagem de Lula como “burro”, “ignorante”, “sem cultura”. Coincidentemente, o esforço em carimbar Lula como bêbado, caminha em conjunto com o carimbo da “ignorância”, da “falta de estudo” e “falta de clareza”:

---

<sup>5</sup> Aleatoriamente, porque não foram e-mails pedidos, ou seja, não pedi a ninguém que me mandasse e-mails sobre determinados temas. De modo que considero o envio desses e-mails em consonância com o envio de qualquer outro e-mail sobre qualquer outro tema (correntes emocionais, piadas, cartões, informações), ou seja, nada que estivesse fora da rede de contatos da qual faço parte indiretamente na internet. É preciso salientar que eu não recebi qualquer e-mail referente ao candidato que disputa diretamente com Lula a presidência, o governador do Estado de São Paulo. Ressalto também que, depois de guardado seus conteúdos, os e-mails foram deletados, e não foram registradas as datas de recebimento, impossibilitando a identificação temporal. No entanto, veremos que será possível, em alguns casos, além da relação com o texto de Kucinski, alguma correlação com fatos expostos pela grande mídia monopolista privada em épocas determinadas.

a)



b)



c) Em e-mail cujo assunto era “Makeup”:



e) Em e-mail cujo assunto era “Solução oral”:

#### SOLUÇÃO ORAL

Se beber não dirija. Nem governe.

#### JOELMIR BETING, SOBRE AS VIAGENS DE LULA

" ... Até aqui, em 25 meses de governo, o presidente Lula já cometeu 62 viagens ao mundo. Ou mais de duas por mês, tal como semana sim, semana não. Sem contar, ora pois, as até aqui, 177 viagens pelo Brasil. Hoje, dia 15, ele completa 115 dias fora do país desde a posse. E pelo Brasil, no mesmo período, 335 dias fora de Brasília. Total da itinerância presidencial, caso único no mundo e na História: exatos 450 dias fora do Palácio, em exatos 777 dias de presidência. Governar ou despachar, nem pensar. A ordem é circular. A qualquer pretexto. E sendo aqui deselegante, digo que o

<p>d)</p> 	<p>presidente não é (nem nunca foi) chegado ao batente, ao despacho, ao expediente. Jamais poderá mourejar no gabinete, dez horas por dia, um simpático mandatário que tem na biografia o nunca ter se sentado à mesa nem para estudar, nem para trabalhar."</p> <p>JOELMIR BETING</p> <p>ENCAMINHEM PARA O MAIOR NÚMERO DE PESSOAS POSSÍVEL E PEÇA A DIVULGAÇÃO POIS, NAS ELEIÇÕES, PRECISAMOS TER SEMPRE ISSO EM MENTE.</p>
<p>f) Em e-mail cujo assunto era “A MORDOMIA DO NOSSO PRESIDENTE OAERO-LULA!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!”:</p> <p>ENQUANTO O POVO SOFRE POR INJUSTIÇAS, SEGURANÇA, FOME, ALTOS IMPOSTOS, BAIXOS SALARIOS, E UM GRITO NA GARGANTA PELAS PROMESSAS NÃO CUMPRIDAS EM SUA CAMPANHA, O NOSSO L U L A L Á, VIAJA O MUNDO SEM PARAR NESSE MODESTO AVIÃOZINHO.</p> <p>PERGUNTA, SERÁ QUE ELE LEMBRA DE NÓS? VAMOS ELEGÊ-LO NOVAMENTE? NOSSO VOTO É A NOSSA ARMA MAIS IMPORTANTE, VAMOS USA-LA. NUNCA MAIS L U L A L Á.</p> <p>VEJA AS FOTOS ANEXAS:</p> 	
<p>g) "Não vejo o menor problema de o Lula viver bebendo, afinal, ele não está dirigindo merda nenhuma mesmo..."</p>	

No e-mail (a) a bebedeira é aliada à ignorância a partir de uma norma morfológica. Em (b), a cara de bêbado parte provavelmente da recuperação de uma foto antiga, com uma montagem dos olhos em computador. Em (c) a tentativa de esconder a burrice como se esconde uma possível feiúra, que em (d) é praticamente aceita como verdade, em detrimento a ser verdadeiro também que FHC é “o mais inteligente”, Fernando Collor “é o mais novo” e Enéias “é o mais louco”. Em (e), a maneira mais cuidadosa de dizer a mesma coisa: Lula é bêbado, vagabundo e sem estudo.<sup>6</sup>

A caracterização de Lula como bêbado foi bater no “principal” jornal dos Estados Unidos<sup>7</sup>. Larry Rohter diz se basear em especulações, comentários e até piadas para escrever seu texto, o que, para mim, indicia que a caracterização de Lula como bêbado circula tanto nas esferas de comunicação mais estabilizadas (como aquelas em que atua a grande mídia monopolista privada), como nas esferas de comunicação mais fortuitas (conversas de esquinas, em conversas – ironicamente – de balcões de bar, bate-papos de escritório, troca de mensagens via internet). Voltarei à correlação entre essas esferas mais a frente.

Ressalto também a comparação entre Lula e FHC, entre burrice e inteligência. Se aliarmos essa comparação à única imagem de um Lula trabalhador que recebi:

---

<sup>6</sup> Para retomar o texto de Kucinski: “A imprensa estrangeira também ajudou. Quero lembrar a vocês o artigo do New York Times sugerindo que o mito é um alcoólatra. A primeira reação do povo foi repudiar o jornalista americano, por aquele motivo que já mencionei, o respeito à autoridade, ainda mais quando atacada por um estrangeiro. Mas graças ao desastrado gesto de sua expulsão e posterior ajuda de alguns de nossos mais brilhantes jornalistas, conseguimos reverter esse quadro e hoje posso assegurar a vocês, são muitos os brasileiros que acreditam na tese do alcoolismo. Agradeço em especial ao diretor da sucursal da Folha em Brasília, que através de pesquisa cuidadosa nos mostrou que o alcoolismo está no DNA da família Silva. (7) Finalmente quero mencionar o brilhantismo com que alguns jornalistas trabalharam a delicada idéia de esse pai dos pobres e os petistas em geral são tipos patológicos. VEJA foi pioneira ao dizer que “Lula tem dificuldades patológicas em compreender o que lhe pertence e o que pertence ao Estado.” (8) E Diogo Mainardi, comparou Lula ao Papa Léguas, “uma besta primária, um oportunista microcéfalo perfeitamente adaptado ao seu meio, que sabe apenas fugir das ciladas preparadas pelo coiote.” (9)”

<sup>7</sup> “O jornal “The New York Times”, o principal dos EUA e um dos mais influentes do mundo, publica na página 6 da edição de hoje uma reportagem com o título “Hábito de bebericar do presidente vira preocupação nacional”, na qual descreve supostos excessos alcoólicos de Luiz Inácio Lula da Silva. O texto é acompanhado por uma foto de Lula, do ano passado, bebendo cerveja na Oktoberfest (leia íntegra ao lado). (...) O longo texto, escrito por um dos correspondentes do jornal no Brasil, Larry Rohter, compara o suposto hábito de “tomar bebidas fortes” de Lula ao de Jânio Quadros (1917-1991) e afirma que a inesperada renúncia do então presidente em 1961 conduziu o país ao golpe militar de 1964. O texto diz ainda que o presidente freqüentemente aparece em fotos com um copo na mão e com os olhos e as bochechas vermelhas, mas que poucas pessoas ousam expressar suas opiniões sobre esse assunto em público.” (Caderno Brasil, Da Redação, Folha de São Paulo, São Paulo, domingo, 09 de maio de 2004. Artigo disponível em Internet. In: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0905200404.htm>)





poderíamos dizer que, diferentemente de FHC, a única habilidade de Lula para ‘consertar’ o Brasil seria sua força física, sua habilidade em trabalho braçal com ferramentas pesadas, pois ele não poderia se utilizar de uma educação formal, seus mestrados e doutorados, seus pós-doutorados no exterior ou sua experiência na Universidade de Sourborne, para resolver os problemas do Brasil com inteligência.<sup>8</sup> A imagem se revela de acordo com o projeto de construção de uma imagem de Lula, para a qual ainda nos faltam alguns traços, já introduzidos pelo exemplo (g): o de ser/fazer “merda”.

h) Em um e-mail cujo assunto era “A morte de Lula”:

Observação: mensagem anexa encaminhada.

Não gosto de correntes, aliás, detesto, não reencaminho nada...mas dessa vez fiquei com medo, é melhor prevenir que remediar!

#### A MORTE DE LULA

Morre Lula e o funeral é no Palácio do Planalto. Aos lados do caixão em uma guarda de soldados. Nisso aparece uma velhinha com uma sacola de comida e começa a por dentro do caixão cenouras, tomates, alfaces,...enquanto os soldados olham para ela surpresos.

A velha continua a por alimentos no caixão, e um dos soldados, educadamente a interrompe:

-"Senhora, por favor, não pode fazer o que está fazendo"

A velha, enquanto continua a por comida, responde:

>-"O que você quer que eu faça? Que eu deixe que os coitados dos vermes comam somente merda?"

#### IMPORTANTE:

TODO AQUELE QUE RECEBER ESTA COMUNICAÇÃO, TEM A OBRIGAÇÃO EM DEFESA DA ÉTICA E DA DEMOCRACIA, DE RETRANSMITIR - LA, A PELO MENOS 10 PESSOAS. SE VOCÊ ROMPER A CADEIA, O LULA PODE SE REELEGER.

<sup>8</sup> Obviamente, se Lula só conseguiria usar de sua força braçal para consertar o Brasil, o que ele estaria fazendo em tantas viagens pelo mundo? Só poderia estar “circulando” – no exemplo (e) quase sinônimo de ‘passeando’ – num “modesto aviãozinho” às custas do sofrimento do povo (exemplo f) . Lula, que já não tem estudo e vontade para “mourejar no gabinete”, jamais estaria fazendo viagens como chefe de estado, em um ‘trabalho pesado’ em favor de novas relações internacionais (não por acaso o aspecto de seu governo mais comemorado pelas esquerdas brasileiras, tema sobre o qual me deterei em momento específico).

i) Em um e-mail cujo assunto era “Quem é o chefe”:



**Quem é o chefe?**

Nos primórdios da humanidade, quando o homem foi criado, os seu órgãos vitais começaram a discutir quem seria o CHEFE



**O CÉREBRO EXPÔS:**  
Devo ser o chefe, já que mando no funcionamento de todos vós.





**OS OLHOS ARGUMENTARAM:**  
Nós devemos ser o chefe, porque guiamos todo o corpo.

**O CORAÇÃO DIZ:**  
Então eu deveria ser o chefe, porque levo o sangue para que todos funcionem.





**O ESTÔMAGO MANIFESTOU:**  
Eu serei o chefe, pois que alimento todos.

**AS PERNAS DISSERAM:**  
Devemos ser o chefe, porque transportamos todo o corpo.



E todos se indignaram por não serem levados em conta. Quando a MERDA pediu para ser chefe, riram-se às gargalhadas...



**A MERDA APENAS DISSE:**  
Serei eu o chefe...

E negou-se a sair durante CINCO DIAS!!

O CORPO estalava.  
O ESTÔMAGO rebentava.  
OS OLHOS nublavam-se.  
O CORAÇÃO agonizava.  
AS PERNAS tremiam.



**E então todos gritaram:**  
**!!!Que a merda seja o chefe!!!**

**Desde então,  
qualquer MERDA  
pode ser chefe**

j1)



**Neto:** - Vô, porque que os provérbios são sempre Chineses?

**Avô:** - Porque os Chineses, com mais de 5 mil anos de civilização, são mais sábios que o resto das raças.

**Neto:** - Então só eles tem provérbios?

**Avô:** - Não, existem outros provérbios como Árabes, Russos. etc.

**Neto:** - E o Brasil tem algum provérbio sábio?

**Avô:** - Tem sim, aliás o único provérbio originalmente correto é brasileiro!

**Neto:** - E como é?

**Avô:** - Diz o seguinte:

**"Quem não conseguiu cuidar de seu dedo,  
jamais conseguirá cuidar de um País"**

j2)



k) Em e-mail cujo assunto era "Discurso do Lula":

Veja o que disse nosso Presidente.

"Às vezes, um médico receita para a pessoa tomar 10 comprimidos, mas o cidadão tomou três e melhorou, ele pode tomar o quarto ou quinto, normalmente ele pára de tomar. E vai juntando comprimido, vai juntando colírio, vai juntando remédio para pingar no nariz, aí, você acorda de noite com uma dor de cabeça, com uma enxaqueca, com uma coisa qualquer, você vai procurando o primeiro que você encontra. Tem "nego" que coloca remédio no nariz que era para colocar nos olhos, tem "nego" que coloca nos olhos o que era para colocar no nariz."

(Lula, na cerimônia de implementação do Programa de Medicamentos Fracionados.)

Comentário: Imaginem o que ele não faz com os supositórios...

Os exemplos (h), (i), (j1) e (k) são escrachos sobre a suposta incompetência de Lula, com especial destaque para o exemplo (j1), provando a tese de incompetência pela falta de cuidado com o próprio dedo.<sup>9</sup>

Somando-se as informações sobre trabalhadores e acidentes de trabalho à informação de que Lula perdeu o dedo em um acidente de trabalho<sup>10</sup>, pretendo uma leitura particularmente entrelaçada do símbolo usado na campanha de seu principal adversário no processo eleitoral de 2006, mais comumente chamado de “anti-Lula” (j2). A leitura que pretendo do símbolo é: anti-lula, anti-incompetência, anti-burrice, anti-trabalhador braçal, anti-trabalhador incompetente que sofre acidente de trabalho, anti-povo.

Mas o discurso não proferido pelo candidato opositor, brilhantemente reconstruído por Bernardo Kucinski, ainda propicia o indício de mais diálogos entre a grande mídia monopolista privada e as trocas fortuitas de mensagens pela internet:

Outra associação importante foi com o conceito de “quadrilha.” Arnaldo Jabor foi muito eficaz quando escreveu que “com a eleição de Lula, uma quadrilha se enfiou no governo e desviou bilhões de dinheiro público para tomar o Estado e ficar no poder 20 anos. “ A própria palavra “petista” já está adquirindo uma conotação pejorativa. É, sem dúvida uma grande vitória na batalha pelas mentes e corações dos brasileiros... (interrupção por aplausos prolongados).

(...)

Os jornalistas brasileiros agiram bem ao ignorarem formalismos como o da presunção da inocência ou o do direito à auto- imagem. E mais ainda ao cunharem a expressão “mensaleiro” que estigmatiza por igual toda uma categoria de políticos, independente do grau ou tipo de envolvimento de cada um. Foi através de abordagens corajosas como essas, ignorando a superada ética jornalística liberal, que conseguimos inculcar em grande parte do eleitorado a idéia da quadrilha (3) (aplausos).

---

<sup>9</sup> “A mão é um dos principais instrumentos de trabalho do profissional. Perdê-la significa não só um grande trauma físico e psicológico como o fim inesperado da força de trabalho do empregado. Porém, apesar da relevância, mais de um terço (34,2%) de todos os acidentes ocupacionais notificados no Brasil atinge as mãos, segundo as últimas estatísticas do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). Quase 10% deles são considerados traumáticos. Em 2004, 7.405 trabalhadores tiveram uma ou ambas as mãos amputadas; outros 2.378 sofreram lesão por esmagamento. Naquele ano, os acidentes mais comuns foram os ferimentos do punho e da mão (14%), as fraturas (7%) e os traumatismos (5,2%). “Os acidentes de trabalho envolvendo as mãos têm chamado a atenção pelos índices elevados. Nos dados oficiais, eles envolvem desde os traumáticos até aqueles denominados ferimentos menores e doenças ocupacionais”, aponta Maria Helena Palucci Marziale, professora da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo.” (Da redação, Caderno Empregos, Folha de S. Paulo, São Paulo, domingo, 05 de março de 2006. Disponível em Internet. In: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/empregos/ce0503200601.htm>).

<sup>10</sup> Fazendo um esforço para não juntar a essa soma a idéia divulgada de que Lula teria cortado o próprio dedo por não querer mais trabalhar.

Aliada à sujeira física com que Lula é apresentado por essa coletânea (o exemplo (b) é explícito ao apresentar um Lula barbudo, gordo, mal trajado e bêbado), a sujeira “moral” foi outro tema forçosamente incisivo sobre o tema Lula. Nesse caso, buscam-se outros signos para contribuir com o projeto de construção da imagem de Lula, o signo PT:

l)



m) Em e-mail cujo assunto era “Que situação”:

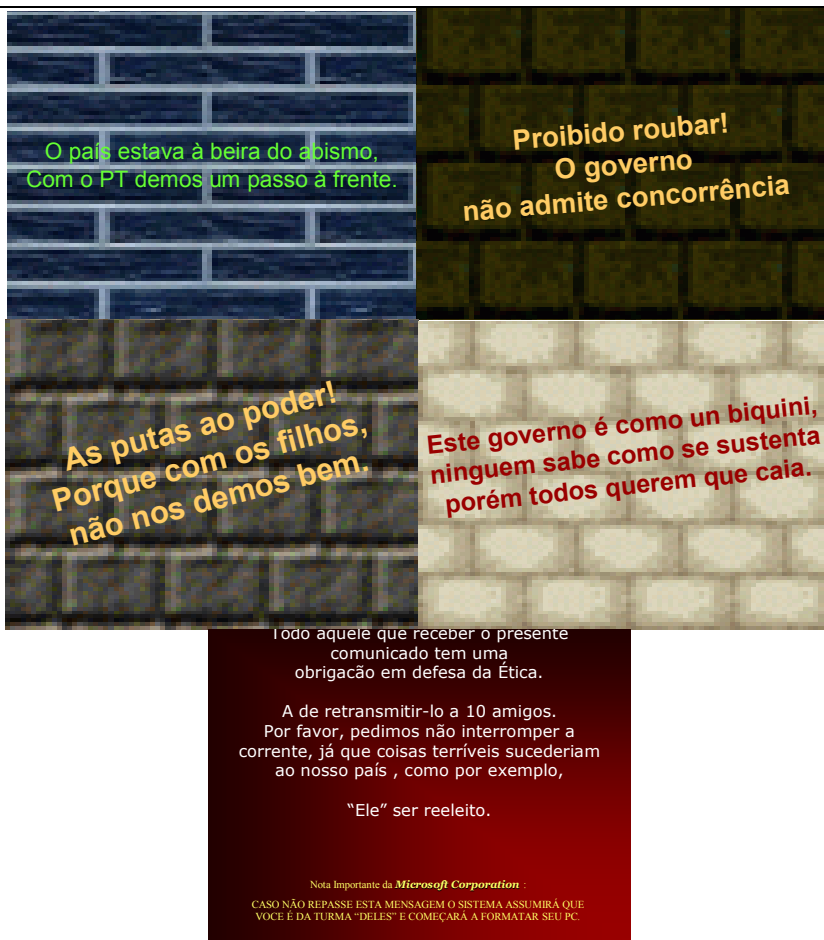
Diante da presente situação...

Em Brasília, temos os melhores congressistas... que o dinheiro pode comprar.

Estaremos sempre ao lado do governo.... porque se vamos à frente ele nos fode e se vamos atrás ele nos caga.

Em Brasília, temos os melhores congressistas... que o dinheiro pode comprar.

Basta de realidades, queremos promessas



n) Em um e-mail cujo assunto era “Facção PT”:







02) Qual era, inicialmente, o objetivo dos dirigentes do PT com a corrupção instalada nas prefeituras?

-Fazer de Lula o presidente do país para chegar à máquina do Governo Federal e poder angariar mais dinheiro para o partido, a fim de torná-lo a estrutura política mais forte da América Latina e, quem sabe assim, impor o regime "UTÓPICO" tão sonhado por José Dirceu.



03) Quando a facção representada por José Dirceu do PT chegou ao governo, quais foram as suas atitudes para fortalecer o partido e tornar LULA o presidente latino do tal regime "UTÓPICO"?

Inicialmente, não era objetivo fazer NADA, absolutamente NADA PELO PAÍS, mas SIM, por esta FACÇÃO DO "PT". Então, NENHUM BURACO FOI TAPADO, nenhum projeto foi levado adiante. O primeiro passo foi administrar TODOS os cargos importantes do PODER EXECUTIVO. Qualquer CARGO que pudesse representar retorno a esta FACÇÃO DO PARTIDO LIDERADA POR JOSÉ DIRCEU era inteligentemente "ADMINISTRADO" por José Dirceu. Logo em seguida, COMPROU SE UM AVIÃO bem equipado, PARA QUE LULA pudesse ser o representante LATINO do tal "regime utópico" (isto foi acertado inclusive, com Fidel Castro e com o presidente Hugo Chávez, presidente da Venezuela, que gestos de Lula uma emissora de TV no Brasil (Canal 8 na NET -ACONSELHO QUE ASSISTAM À PROGRAMAÇÃO), para divulgar o "regime utópico" mas, esquecem de dizer que o tal regime é DITATORIAL.



04) Qual era o maior objetivo com o MENSALÃO?

Fortalecer ainda mais ESTA FACÇÃO DO PT, com os projetos sendo aprovados e o presidente LULA ganhando os LOUROS de uma "estabilidade política" o partido se MANTERIA indefinidamente no PODER, podendo assim continuar ANGARIANDO FUNDOS para seus objetivos espúrios. Portanto, os deputados só estariam FORTALECENDO ainda mais a estrutura corrupta desta FACÇÃO DO PT liderada por José Dirceu.



05) Por que a FACÇÃO do PT não queria a CPI?

Porque não era o momento de se desvendar as táticas espúrias de José Dirceu e eles cometeram um erro grave ao tentar incriminar Roberto Jefferson, que, assim como Celso Daniel, SABIA DEMAIS.



06) O "MENSALÃO", então, NÃO era o CRIME mais grave?

Não, o mensalão pago aos Deputados não era o pior crime praticado por essa FACÇÃO DO PT liderada por José Dirceu, que buscava continuar indefinidamente no poder, pois através do controle da estrutura governamental (licitações fraudulentas, contratos milionários com empresas de comunicação) esta FACÇÃO DO PARTIDO queria destruir o regime democrático existente no país (assim como na Venezuela) e constituir um novo regime com toda a estrutura "ideológica" existente NESTA FACÇÃO do PT (registre-se aqui que não eram todos os integrantes).

- Dos R\$ 1.200.000.000,00 (Um bilhão e duzentos milhões) desviados por essa facção do PT só vinte milhões foram gastos com o mensalão (UMA NINHARIA DIANTE DOS NUMEROS ASTRONÔMICOS).



07) Como funcionava o esquema para arrecadar dinheiro para esta FACÇÃO DO PARTIDO?

Através do domínio da máquina Governamental. Em verdade, Marcos Valério era uma das "pontas" de arrecadação e lavagem. Responsável pela "publicidade" do Governo, Marcos Valério era um entre vários "laranjas" do partido.

Em síntese, ESTA FACÇÃO DO PT, administrando os CARGOS, determinava o "vencedor" das licitações MILIONÁRIAS. As empresas vencedoras das licitações eram, na verdade, "laranjas" que atuavam como RECEPTORES desta FACÇÃO DO PARTIDO. Isto foi comprovado através do empréstimo autorizado por José Genoíno e avaliado por Marcos Valério que, por fim, acabou pagando o empréstimo com o DINHEIRO QUE, O MESMO MARCOS VALÉRIO GANHAVA ATRAVÉS DAS LICITAÇÕES FRAUDULENTAS.



08) LULA SABIA DE TUDO?

LULA SABIA DE TUDO... ELE É ANALFABETO MAS NÃO É BURROOOO!

Em síntese:  
A FACÇÃO DO PT LIDERADA POR JOSÉ DIRCEU:

- ROUBOU (inicialmente as prefeituras e depois o Estado Brasileiro);
- MATOU (Celso Daniel);
- CORROMPEU (Deputados para se fortalecer);
- MENTIU (tentando incriminar, tão-somente, Roberto Jefferson);
- TRAIU (seus próprios integrantes)
- E AINDA QUER NOS FAZER DE "IDIOTAS"!



CONGRESSO NACIONAL  
VERGONHA NACIONAL

Se você se considera um, ignore esta mensagem, AGORA se você é contra essa pouca vergonha.

FAÇA ESTE EMAIL CIRCULAR, ATÉ CHEGAR AO DESTINATÁRIO.

o)



p) Em um e-mail com o assunto “Lulalau”:





Não importa ignorar “formalismos como o da presunção da inocência ou o do direito à auto-imagem”, o que importa é lançar mão de todo tipo de ‘arranjo’ tecnológico e construir montagens sígnicas a favor de um projeto de construção da imagem de Lula. De enfiar dinheiro dentro de uma cueca estrelada (l), passando por montagens ora mais grosseiras, acompanhadas de narrativas desorganizadas (m), ora constituindo um conto de fadas com todo o tipo de ligações possíveis dentro do pequeno espaço de um slide (n), o cúmulo do *designer ideológico* em (o), culminando na prisão do chefe “jeca tatu”<sup>11</sup> “daqueeeela quadrilha” (p).

Danusa não perderia a oportunidade de sentir saudades da época de Fernando Henrique e dona Ruth Cardoso, época na qual não existia uma “caipirada dessas”. O texto vai mais longe, destila todo tipo de veneno-socialite sobre a escolha do tema da comemoração das Bodas de Pérola do casal Lula/Marisa:

A gente temia que fosse acontecer esse tipo de coisa; até agora foi refresco, mas agora eles pegaram pesado. Olhem bem a foto para não perder nenhum detalhe: a margarida no bolso de Lula, o chapéu de palha desfiado, as trancinhas e as pintinhas feitas a lápis no rosto de dona Marisa. Pior, impossível.

(...)

Sempre se soube que a saudade de Fernando Henrique e dona Ruth Cardoso ia ser grande, mas não dava para imaginar que fosse ser tão grande. O arraiá foi de uma breguice difícil de ser superada, mas não vamos perder as esperanças: até o fim do mandato eles talvez consigam.

Está quase fechado e posto em prática o projeto de criação de uma imagem de Lula.<sup>12</sup> No entanto, para pensarmos melhor o jogo concreto entre essas duas esferas de comunicação (grande mídia monopolista privada e mensagens internéticas) e sua co-relação com o jogo ideológico que nosso trabalho quer mostrar, ainda é preciso clarear um pouco mais esse processo de construção predicativa sobre Lula (e todos de sua “raça”, “categoria” ou “classe”) pôde ser colocado. Faço referência aqui ao conjunto de textos do anexo 10. As reportagens (10.1 e 10.2) revelam, numa primeira leitura, o olhar da Magistratura sobre o linguajar das empregadas domésticas. É preciso ressaltar que ambas as reportagens (10.1 e 10.2)

---

<sup>11</sup> “Um país que quer tanto ser moderno poderia ter se inspirado em qualquer outro folclore que não o do atraso, o da jequice explícita. Quem não se lembra do personagem Jeca Tatu, cheio de lombrigas, personificando um Brasil de que lembramos com carinho, mas que não é exatamente a imagem a ser exportada para os grandes estadistas do mundo com quem Lula gosta tanto de conviver de igual para igual?” Do texto “Festa Junina no Planalto. Fala sério, Lula!”, de Danusa Leão. Folha de S. Paulo, 15/06/04. Disponível em Internet. In: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=282ASP002>

<sup>12</sup> Ficam, no anexo 9, para o deleite pessoal do leitor mais 6 produções recebidas por e-mail que incorporam o arsenal até agora demonstrado, além de servirem para corroborar o que até agora foi dito.

reproduzem a parte do texto que faz referência à origem (natal e do linguajar), além da complementação extremamente importante sem a qual o dicionário poderia ter passado despercebido da grande mídia monopolista privada: "A moça era do norte. De Garanhuns. Nada contra, mas... sabe como é. Nós, brasileiros, sabemos". E, para a possibilidade de não ter deixado claro o recado, a 'deixa' da repórter ao perguntar se os moradores de Garanhuns não ficariam chateados foi essencial: "Nós, brasileiros, também estamos [chateados] com os homens de lá".

Seria possível sair aqui em defesa do linguajar das empregadas domésticas, ou ainda atirar contra o autor do brilhante dicionário com as muitas armas que a lingüística disponibiliza. No entanto, como já havia alertado sobre a responsabilidade direta da mídia alternativa em relação às referências sobre Lula da grande mídia monopolista privada, o texto de Carlos Juliano Barros (aqui apresentado no anexo 10.3 apenas para realçar a reflexão) dá conta da defesa de qualquer injustiça e contra o teor preconceituoso da idéia do desembargador.

Da grande mídia monopolista privada, passando pela rede de internautas<sup>13</sup>, tangenciando a magistratura – o grupo que mais priva pela pureza da língua nacional –, nos faltará ainda um outro grupo que costumava se abster de análises sobre o tema-chave que até agora mais nos saltou aos olhos: burrice (desinteligência, não estudo, conseqüente não competência, linguagem de “serviçal”, de gente do “Norte, sabe como é”). Atualmente, os intelectuais que apóiam parcial ou inteiramente Lula, têm realizado reflexões interessantemente negativas no tocante à capacidade oratória do presidente. Dois exemplos serão suficientes para fechar esse ponto e nos levar para o próximo.

No texto do anexo 11, Ricardo Antunes relembra momentos particulares para re-trilhar os passos de Lula em direção ao que é hoje, praticamente redesenhando a charge apresentada no anexo (9-c): do “messias que veio do povo” para o “homem da classe média” “tragado pelo PSDB e pelos bancos”, e defende a tese de que esse trajeto tem entre suas principais razões uma “falta de solidez política” ou de teoria socialista, o que o levou a se tornar um “político

---

<sup>13</sup> Índices diversos mostram a clareza da divisão social do acesso à internet no Brasil. Para citarmos apenas um: “o número de usuários domiciliares ativos no Brasil mantém-se ao redor de 12 milhões, o que é relativamente baixo em relação ao total da população quando comparado a dados de outros países”. ([http://www.ibope.com.br/imprensa/noticias\\_2004\\_internetmai2\\_no.htm](http://www.ibope.com.br/imprensa/noticias_2004_internetmai2_no.htm)). Privilegiados os brasileiros que têm acesso à internet. Fico em dúvida se o usuário pobre da internet, aquele que provavelmente a usa, se a usa, raramente em instituições públicas, a usa para criar e compartilhar a coleção de e-mails exposta aqui.

profissional”. De modo que o que antes era capacidade de “somar até os contrários” por ter uma “viva espontaneidade” ficou estancada no passado, sobrando apenas uma “vacuidade (...) quase completa”, “preenchidas pelas metáforas, com as jaboticabas, o futebol, o machismo explícito, os traseiros para explicar o sucumbir de sua política de juros etc”.

Um trecho da entrevista concedida por Marilena Chauí a *Caros Amigos* em novembro de 2005<sup>14</sup> revela a mesma interpretação:

Hamilton Octavio de Souza – E o que faz um partido que reuniu a esperança do povo brasileiro nos últimos 25 anos quando se defronta com uma situação de luta de classes como essa que a senhora descreveu?

Marilena Chauí – Vamos chegar lá. A minha tentativa é de entender por que ele não fez. Bom, então procurei os sinais dessa despolitização. (...) E o último sinal dessa despolitização é o que eu chamo a despolitização da fala presidencial. A comunicação se fez sob a lógica do *marketing*, e não do direito à informação. Para quem, como eu, acompanhou a vida política do Lula, viu não só em 1978 mas no correr dos anos a capacidade analítica, a argúcia, a presteza na compreensão, a intuição do todo, a palavra exata na hora exata. Um político desses não precisa de marqueteiro! O que é que o marqueteiro fez? Destruiu o discurso político desse sujeito político, que por isso passou a ter um discurso da vida privada, pueril, moralista, populista, foi um desastre. Porque ele se apropriou de uma máscara discursiva que é a negação da capacidade de pensamento e de linguagem que ele tem.

Hamilton Octavio de Souza – A que a senhora atribui a descaracterização da história toda do Lula, essa involução dele?

Marilena Chauí – Não acho que é involução do Lula. É outra coisa. O que sempre se disse para explicar por que a gente sempre perdia a eleição é que entrávamos para perder. O que sempre se disse – e mesmo de alguns governos do PT cujo reconhecimento veio milhares de anos depois – é que o PT tem uma linguagem para os setores organizados da sociedade, mas é incapaz de se dirigir aos setores não-organizados e à classe média em geral. De alguma maneira, nós petistas incorporamos essa idéia, de que tínhamos de ter um discurso para a sociedade como um todo. Ora, na hora em que o *marketing* aparece como assegurando a eleição, significa que finalmente o *marketing* ofereceu ao PT o discurso que ele não tinha, o discurso para a grande massa desorganizada. Então, “é com esse discurso que eu vou falar”. Precisamos de um discurso para os desorganizados, mas não o do *marketing*, pois este mantém a desorganização social.

Hamilton Octavio de Souza – O Lula virou uma caricatura dele mesmo.

Marilena Chauí – Não uma caricatura, mas uma personalidade política convencional. Ele sempre teve força de pensamento e de discurso, clareza, compreensão, não precisava submeter-se ao *marketing*.

Analisando as possíveis explicações para a crise de corrupção do governo Lula e do PT, Marilena Chauí expõe o que chamou de sinais de despolitização. O excerto acima trata da “despolitização da fala presidencial”, a partir do momento em que o marketing propiciou ao Lula e ao PT a vitória nas eleições presidenciais oferecendo o discurso “da vida privada,

---

<sup>14</sup> Chauí, 2005.

pueril, moralista, populista”, com o qual se poderia atingir a “massa desorganizada”. Foi-se a “capacidade de pensamento e de linguagem” e a “força de pensamento e de discurso”. Assumiu a “personalidade política convencional”<sup>15</sup>, só que despolitizada, distante da luta de classes<sup>16</sup>.

Mas uma outra contradição aparece se retomarmos a opinião de Chauí discutida na nota 3. Se pela primeira vez o Estado trabalha *com e pelas* camadas populares, promovendo **políticas** sociais, como a fala de Lula pode ser despolitizada apenas porque ele não olha para as questões a partir de uma perspectiva da luta de classes? O que seria o político? Há aqui um aparente paradoxo: um governo que não é de esquerda e é despolitizado fazendo políticas sociais.

Muitas são as provocações dessas duas últimas análises sobre a figura *despolitizada* do Lula:

- Para esses exemplos de intelectuais de esquerda, política não tem nada a ver com desorganização. Organizar é fundamental. Fazer isso baseando-se em teorias então, imprescindível. O processo eleitoral não tem nada de político, porque votar em um único candidato não deu à “massa desorganizada” qualquer possibilidade de estar organizada com questões políticas de classe;
- Para esses exemplos de intelectuais de esquerda não é possível enxergar politização na fala de Lula, quiçá em seu governo, porque ele não trabalha dentro de uma perspectiva da luta de classes;
- Reforça-se a tese da despolitização de Lula, única maneira pela qual Lula poderia ter sido eleito em 2002. O que contradiz, por exemplo, a interpretação específica de Maringoni na charge abaixo sobre a vitória de Lula em 2006, além de todos artigos da Agência Carta Maior trabalhados no início desse texto sobre o tema “Mídia-eleições”. Uma vitória possibilitada talvez pela polarização do voto de uma determinada camada da sociedade frente aos ataques da grande mídia monopolista privada, uma polarização só

---

<sup>15</sup> Se Lula se tornou uma personalidade política convencional, por que qualquer outra não toma o seu lugar? Geraldo Alkhimim, por exemplo?

<sup>16</sup> A “submissão ao *marketing*”, o último sinal da despolitização do PT e do Lula, segundo Chauí, não é em si um ato de corrupção. A idéia explícita de que o discurso do Lula não precisaria ter se submetido ao marketing está mais relacionada com a caracterização que Chauí faz do governo do Lula é de que esse governo é caracterizado pela despolitização: “*Ele não é uma governo de esquerda. Não assumiu a perspectiva da luta de classes*” (p. 32).

possível inserida em reivindicações programáticas (“não a privatização”, “fora tucano”, “fora rede-globo”)<sup>17</sup>:



Maringoni<sup>18</sup>

Se Lula é o tema, o esforço para que os vários signos sobre os quais o tema Lula incide recebam e estabilizem um conjunto específico de significações é estrondoso. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* Bakhtin faz uma interessante reflexão sobre a palavra enquanto “fenômeno ideológico por excelência”. Retomarei essa discussão na terceira parte desse primeiro capítulo, após as considerações sobre ideologia e a cidade letrada.

As questões gerais apontadas acima sobre a despolitização da fala de Lula, aliadas às reflexões sobre o bombardeio da grande mídia monopolista privada e do grupo privilegiado de internautas, são questões que produzem dois caminhos para compor o quadro geral onde situarei as falas que serão analisadas: o problema da relação entre a “expressão lingüística materializada” e a “ideologia”, o qual buscaremos esclarecer com o apoio nas reflexões de Miotello (2001) e o problema da cidade letrada e o jogo de/pelo poder na América Latina, apoiado nas reflexões de Angel Rama (1985).

<sup>17</sup> Entram aqui também questões sobre representatividade, o momento eleitoral como possibilidade de eleger um representante de seus anseios, depois de quatro anos em que a exposição de suas vontades fica relegada à apenas xingamentos cotidianos frente a TV, quicá à alguma manifestação pública organizada. Mas é fato que a questão da despolitização de Lula é importante para o que aqui se irá discutir: seus discursos, seus posicionamentos, seus apagamentos, suas contradições, sua maneira de jogar o jogo ideológico. Voltaremos a ela no momento propício.

<sup>18</sup> 31/10/2006. Retirado do site: <http://www.agenciartamamior.com.br>.

## A RIQUEZA MONOPOLIZADA

a questão das ideologias  
a questão da cidade letrada

Miotello (2001), para compor o conceito de ideologia com o qual trabalhará em sua tese, faz Bakhtin conversar novamente com Marx numa relação de necessidade. Uma necessidade que Bakhtin afirmara logo no início do primeiro capítulo de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*:

Os problemas da filosofia da linguagem adquiriram, recentemente, uma atualidade e uma importância excepcionais para o marxismo. Na maioria dos setores mais importantes de seu desenvolvimento científico, o método marxista vai diretamente de encontro a esses problemas e não pode avançar de maneira eficaz sem submetê-los a um exame específico e encontrar-lhes uma solução (Bakhtin, 1929:31)

Para explicitar a idéia de ideologia em Bakhtin, “enquanto jogo que se dá entre infra-estrutura e super-estrutura, e que se utiliza das cargas de sentidos postas em circulação pelas palavras e que revelam o embate entre as classes sociais dentro de uma mesma comunidade semiótica”, Miotello (2001:147) desenvolverá o jogo bakhtiniano entre os níveis inferiores e superiores da “ideologia do cotidiano” e os “sistemas ideológicos constituídos”.

Os níveis inferiores desta ideologia do cotidiano revelam alternâncias muito rápidas, pois, como diz Bakhtin, lá estão “*todas as atividades mentais e pensamentos confusos e informes, que se acendem e apagam na nossa alma, assim como as palavras fortuitas ou inúteis*” (1929:120); “*sua orientação social pode ser acidental, pouco durável e pertinente apenas no quadro da reunião fortuita e por tempo limitado de algumas pessoas*” (id.ib.), que se guiam sobretudo por fatores biológicos e biográficos, já que lhes falta um grupo social determinado que sirva de referência, e, conseqüentemente, esse nível ideológico não tem força para se instalar e durar no plano social.” (Miotello, 2001:147)

É o que quis apontar sobre o recebimento de tais e-mails. São fortuitos, enviados por algumas pessoas que nunca fizeram parte de qualquer grupo social ao qual pertenci ou pertenço. Poderiam ter sido deletados no instante seguido da leitura, ou mesmo antes de ela ocorrer.

Mas ajudam a constituir “*os níveis superiores da ideologia do cotidiano*”, que é onde se organizam e aparecem as novas forças sociais, encontrando aí sua primeira expressão e sua elaboração ideológica, uma vez que revelam suas premissas sócio-econômicas, “*antes que consigam invadir a arena da ideologia oficial constituída*”. Esta, uma vez constituída, não perde o contato orgânico vivo com a ideologia do cotidiano, e nela se alimenta continuamente (Miotello, 2001:148).

Para mim, a consonância entre os discursos dos internautas e da grande mídia monopolista privada indicia esse jogo.

Miotello (id.ib) acrescenta duas notas para essa duas afirmações: uma para expor a idéia de Bakhtin sobre como os níveis superiores da ideologia do cotidiano são mais “móveis e sensíveis” que as ideologias constituídas; e outra para expor a defesa de Bakhtin de que, se os sistemas ideológicos não forem ventilados e alimentados na ideologia do cotidiano, eles morrem, e ainda diz ser “*tamanho o respeito que se nota em Bakhtin pela pessoa humana, pelo sujeito, que foi nesse sujeito em interação cotidiana com o outro, relação frouxa mas organizada, não sistematizada mas constante, aí localizou o nascedouro da ideologia*”.

Seria essa a direção do discurso sobre a suposta ignorância do presidente? Dos níveis inferiores da ideologia do cotidiano (discurso dos internautas) que o discurso sobre o presidente burro, analfabeto e incompetente começa a ganhar espaço nos níveis superiores da ideologia do cotidiano (grande mídia monopolista privada)? Ou ainda, a grande mídia monopolista privada parece se colocar como arena onde ideologia do cotidiano os sistemas ideológicos constituídos lutam em busca de hegemonia?

Logo, ao pretender analisar a vida invadindo o sistema ideológico, não convém procurar tal relação nem no comportamento individual e nem na fala individual fortuita, sob pena de ter que reunir um imenso corpus em busca de alguma regularidade, mas deve-se buscar essa relação nos estratos ideológicos superiores, já estabilizados, aqueles que já passaram pelo teste social, e que circulam por todo o tecido social. Estes estratos superiores (imprensa, arte, literatura, ciência, moral etc) têm seu canal de comunicação com praticamente toda a população, daí porque tanto se banham nas ideologias nascentes, fragilizadas e confusas do cotidiano, como modificam-se, modificando-as (Miotello, 2001:149).

O que observamos então não é somente um movimento unidirecional em que a grande mídia monopolista privada se alimenta das ideologias quase efêmeras dos e-mails. E-mails e grande mídia monopolista privada se *retro-alimentam* num esforço conjunto de constituição da imagem de Lula. Esse jogo os deixa vivos porque os renova, fortalecendo significações coerentes com o “projeto de dizer” desse grupo. Há uma colaboração mútua na qual a

insistente tentativa de organização nos extratos inferiores (porque ali as ideologias aparecem frágeis e confusas, como podemos observar nos e-mails) procura apoio na necessidade de maior estabilização ideológica presente nos discursos da grande mídia monopolista privada; o inverso também parece ser verdadeiro, o discurso produzido pela grande mídia monopolista privada procura organizar e dar mais consistência (estabilizar) as ideologias fortuitas do cotidiano, além de nelas encontrar apoio e receptividade.

Porém, há ainda a questão dos projetos de dizer concordantes entre esses dois grupos. Ambos estão engajados num projeto de construção da imagem de Lula que parece se dar nos dois níveis da ideologia do cotidiano (inferior-fortuito e superior-organizado), de modo que precisamos compreender que participam desse jogo também os sistemas ideológicos organizados (as “ideologias constituídas”). Antes de Lula ser eleito presidente, o que havia era o embate eleitoral entre dois partidos organizados, no qual o partido de Lula se apresentava como o maior representante dos discursos contra-hegemônicos. Ao assumir a presidência, o maior cargo da República, não podemos compreender como se tivesse havido apenas uma quebra espontânea da hegemonia, não significa que a ideologia a que se contrapôs a candidatura de Lula-PT tenha desaparecido.

Vejo que o problema se coloca no campo da disputa por hegemonia. Miotello (2005:272-273), ao tratar da questão dos discursos fundadores e discursos formadores<sup>19</sup>, tenta elaborar a reflexão pela ponta da construção do poder hegemônico por vários grupos humanos no decorrer da história, e realiza uma reflexão dessa construção olhando para a produção de discursos hegemônicos para os quais estabelece algumas características interessantes:

- i) a fala e a autorização da fala produtora e sempre veiculadora de sentidos vem exclusivamente do setor dominante, incluído; por obviedade, o dominador quem também domina as narrativas<sup>20</sup>;
- ii) esta fala pretende sempre construir um discurso de igualdade, e por isso inclui no discurso dominante os excluídos, falando por eles e falando para eles;

---

<sup>19</sup> “Olhando a situação apresentada socialmente, a forma como a sociedade se organiza e a estrutura que ela mantém, vemos que há por trás um *discurso fundador*, que se apresenta sempre como um discurso *explicador*, nunca exaurido, e que vem pelas informações trazidas do passado, transportadas pelo baú da história e das interações havidas, e recriadas como *possibilidade* a todo instante; por outro lado, há em perspectiva de jogo social e interativo um *discurso formador* que toma como parâmetro o futuro, o por-vir, os projetos de ser.” (2005:271).

<sup>20</sup> Eis que se apresenta a grande mídia monopolista privada para preencher esse lugar e produtora e veiculadora dos sentidos do setor dominante, que, por obviedade, domina financeiramente a mídia produtora dessas narrativas.



- iii) aparentemente também há um lugar de inclusão dos pretensos discursos dos excluídos nesse discurso hegemônico<sup>21</sup>;
- iv) esse discurso, por se comportar com discurso absolutamente único e monológico, visa garantir um eco permanente, universal e necessário;
- v) o discurso é intermediação mais eficaz que armas para garantir dominação e subalternização, e institucionaliza o mais urgente e da melhor forma possível suas pretensões.

É possível dizer então que estou lidando com um conjunto de fatores que expõe um processo de disputa pela hegemonia, e indicia não somente a turbulência de discursos hegemônicos como também as possibilidades de quebra dessa hegemonia.

Sobre esse jogo, Miotello (2005:275), ainda afirma que “discurso hegemônico não vem com garantia de eternidade”, pois circulam concomitantemente aos discursos hegemônicos *outros discursos*, “que se apresentam como contrapalavras ativas e responsivas, e garantem a obrigação de mudança pelo embate social e instauram a possibilidade da quebra e de troca do instituído”.

Não realizarei aqui o trabalho indiciário de Miotello (2001) na busca pelo discurso neoliberal e seus confrontos, esclarecendo a natureza turbulenta das hegemonias discursivas; apenas procurarei trazer a leitura que esse autor faz de Bakhtin para tentar o desato de alguns fios dessa luta pela hegemonia: uma melhor compreensão de ideologia do cotidiano e ideologias constituídas e a correlação entre grande mídia monopolista privada e discursos dos internautas.

Na leitura de Miotello (2001:149-150),

Bakhtin trata da correlação entre língua, ideologia e visão de mundo ao esclarecer a natureza do enunciado e ao abordar a questão dos “*gêneros do discurso*”, e analisar a inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, e o processo histórico de formulação dos gêneros secundários de outro.

Em nota, Miotello (id.ib) afirma que o jogo entre gêneros primários e secundários é o mesmo daquele entre ideologia do cotidiano e sistemas ideológicos constituídos.

Afinal, a língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam, do mesmo jeito que é através de enunciados concretos que a vida penetra na língua. A individualidade de quem fala se reflete no enunciado, e aparece nas formas típicas de organizar os enunciados, que são os gêneros do discurso, e que refletem, “*de forma imediata, sensível e ágil, às menores*

---

<sup>21</sup> Revemos em ii) e iii) a construção dissimulada do termo “opinião pública”, e toda a discussão em torno da inclusão/exclusão da opinião do povo, ou de parcelas da sociedade.

*mudanças na vida social*” (Bakhtin, 1952-53:285). Logo, os gêneros do discurso “*são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua*”, fazendo com que se tenha impresso nos textos a realidade dos contextos. Ler um texto é entrar em contato com a época e a realidade em que ele foi produzido.

(...)

Desse modo, podemos entender que a variação na carga dos enunciados no dia a dia de pequenos grupos familiares, de trabalho, de lazer etc, pode ser muito intensa e de troca rápida, enquanto que a variação no topo da comunicação global é reduzida ou quase nula e de troca lenta. Daí a utilização nesse estrato mais amplo de uma terminologia consagrada, que é repetida quase à exaustão, e as palavras centrais dessa comunicação assumem caráter poderoso e classista de explicar praticamente tudo o que se passa em toda a esfera social (Miotello, 2001:153).

O que os discursos produzidos pelos que parecem ser os dois estratos da ideologia do cotidiano (internet/inferior e grande mídia monopolista privada/superior) desejam, do ponto de vista do jogo ideológico é, nada mais nada menos do que se manterem enquanto hegemônicos, na medida em que essa hegemonia parece ter sido “tomada” com a chegada a presidência da república de um sujeito que não é dos seus. Constroem então sua arena no jogo pelo monopólio da palavra, a palavra enquanto signo ideológico por excelência, a palavra que tenta ser travada, a palavra quase monologizada: presidente burro, analfabeto e incompetente.

Retornando à questão a tese da despolitização de Lula e do PT: no momento em que Lula se desloca para o que não lhe era próprio: produzir discurso no palco principal do discurso hegemônico (a presidência da república), e só consegue isso devido a uma *possível* despolitização de seu discurso para angariar votos de uma classe média “desorganizada e moralista”, vai sendo massacrado nesse novo lugar que ocupa, e que não poderá ocupar por muito tempo. No entanto, permanecer nesse lugar ainda significa risco e turbulência para o discurso hegemônico. Por quê?

As perguntas que seguem naturalmente são: se querem (internautas e grande mídia monopolista privada) retomar o monopólio da palavra, se querem se constituir novamente como (re)produtores de discurso hegemônico, quem detém atualmente o monopólio? Quais discursos se apresentam como hegemônicos? Tais discursos, por sua vez, tomaram a hegemonia quando, como, e de que outros discursos? Ou ainda, se pudermos falar mesmo de uma hegemonia em risco de quebra, como podemos observar quais discursos estão em risco? Quais eram (e quais são agora) as ideologias constituídas? Elas mudaram?

Retomo novamente o texto de Miotello de 2005, onde são apontados alguns dos discursos hegemônicos produzidos no decorrer da história e as contrapalavras a tais discursos.

Farei uso apenas daqueles que parecem circunscrever o universo dentro do qual estou trabalhando:

Quadro 1: Discursos Hegemônicos e Contrapalavras aos Discursos Hegemônicos

<p><i>Discurso Industrial</i> no século XIX; nesse discurso a narrativa da igualdade se desloca para o mundo do <i>trabalho</i> (vagabundo e miserável é que não trabalha); as chances de todos para obter bens estão postas no trabalho e nos salários; as oportunidades estão aí (se alguns conseguem, todos podem conseguir); nesse discurso o apagamento da diferença é duplo: apaga-se a propriedade dos bens de produção por um lado, e apaga-se a exploração do trabalho, por outro;</p>	<p><i>Contrapalavra ao discurso hegemônico do industrialismo</i>: o marxismo e a denúncia da exploração da mais-valia; os movimentos de luta pela terra; os trabalhadores se organizando em sindicatos; a ciência não dando conta de resolver problemas centrais da sociedade e do homem; a pobreza e o não-consumo;</p>
<p><i>Discurso do Mercado</i> no século XX; aqui se prega a igualdade pelo <i>consumo</i> (os bens estão na vitrine para quem quiser [mesmo quem não possa] consumir; apresentam-se índices gerais de melhoria de qualidade de vida (acesso a bens coletivos); e os bens são multiplicados visualmente à exaustão; mas esse discurso apaga o próprio consumo e o lucro proveniente do consumo dirigido, e as diferenças ficam por conta das necessidades individuais e não das oportunidades possíveis;</p>	<p><i>Contrapalavras ao discurso hegemônico do Mercado</i>: grupos de não-consumo; estímulo à poupança; aquisição de bens duráveis; luta entre Estado e Mercado na sua regulamentação; Estados preocupados com capitais voláteis; regulamentação de remessa de dinheiro ao exterior; mensalão, corrupção, competição desleal; juros;</p>
<p><i>Discurso da Tecnologia</i> das últimas décadas do século XX; esse discurso se apresenta com uma diferença fundamental na produção da hegemonia; não há necessidade de se produzir hegemonia sobre toda a sociedade; a hegemonia é disputada e dada apenas entre os</p>	<p><i>Contrapalavras ao discurso de aparência hegemônica da tecnologia</i>: apelo mundial ao escancaramento das mazelas sociais (fome, moradia, saúde, educação, pobreza em geral); luta pelo perdão das dívidas dos países do III Mundo; Fórum Social Mundial; ataques ao</p>

que participam; e isso porque não há necessidade de se incluir o excluído, e o exército de reserva é absolutamente desnecessário ; o que se precisa aqui é do “funcionário criativo” e não do profissional; o trabalho intelectual criativo ganha status; o extremo valor está depositado no saber criativo; logo é a <i>criatividade</i> que tem que ser apagada, já que é ela é o valor maior e é quem produz o lucro, e os criativos devem ser os últimos a saber (processo de alienação em curso); as diferenças tem o sentido garantido no <i>uso</i> (cada um usa de forma diferente a tecnologia posta à disposição).	FMI; Banco Mundial; países falidos; desemprego; tragédias advindas pela força bruta da natureza e outras tragédias (tsunamis, furacões, New Orleans, ônibus espacial, vírus eletrônicos, Aids – algumas lidas como castigo, até divino!);
--	---

Retomando a linha de reflexão sobre a disputa atual pela hegemonia, o jogo pela monopolização da palavra entre internautas+grande mídia monopolista privada e governo-candidatura Lula, se quiséssemos tomar apenas uma das propostas principais de Lula para seu primeiro governo, qual selecionaríamos? Penso que o combate à fome como consequência da pobreza em geral era sua principal bandeira.<sup>22</sup> De modo que poderíamos localizá-la no quadro acima dentro das “*Contrapalavras ao discurso de aparência hegemônica da tecnologia*”. Seriam “fome” e “miséria” os signos dentro dos quais está sendo travada a batalha? Ou existe apenas o intuito de impedir que acessem os bens tecnológicos esse conjunto de pessoas ao qual está se pretendendo dar de comer e tirar da miséria?<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Em seu primeiro discurso como presidente eleito, em 28/10/2002, Lula enfatizou: “Meu primeiro ano de mandato terá o selo do combate à fome. Um apelo à solidariedade para com os brasileiros que não têm o que comer. Para tanto, anuncio a criação de uma Secretaria de Emergência Social, com verbas e poderes para iniciar, já em janeiro, o combate ao flagelo da fome. Estou seguro de que esse é, hoje, o clamor mais forte do conjunto da sociedade. Se ao final do meu mandato, cada brasileiro puder se alimentar três vezes ao dia, terei realizado a missão de minha vida.”

<sup>23</sup> “De verdade, se a luta de classes é o único motor da história, então o fim das classes sociais (patrões e operários) da sociedade industrial poderia representar também fim da história do industrialismo; afinal, hoje o que domina é o Mercado, a Tecnologia, o Consumo, e não mais a produção. Por isso é bobagem e anacronismo afirmar o fim da história. A historicidade não é a construção do industrialismo e de suas classes sociais. Hoje devemos olhar quem está dentro do mercado (os incluídos) e os que dele não participam (os excluídos). É aí que a historicidade vai se dando. Os que estão dentro do mercado se dividem entre os que têm bens a oferecer ao consumo (vendedores/ou tecnólogos criativos) e os que adquirem bens pelo consumo (consumidores). Todos os excluídos, no entanto, estão absolutamente fora desse jogo. Nem necessários eles são para contraposição. O

Tais questionamentos fundamentam meu olhar para a fala de Lula. Olhar para a linguagem viva na boca de Lula nesse período específico (compreendendo-a dentro da concepção dialógica de Bakhtin) seria uma maneira de encarar a problemática da turbulência das hegemonias, a busca pela hegemonia da palavra, a busca pela hegemonia do acesso a riqueza.

Colocar a palavra como ferramenta inerente no jogo pelo poder, faz-me ampliar o contexto dessa discussão para a constituição daquilo que Angel Rama (1985) chamou de “a cidade das letras”.

Em “A cidade das letras”, Angel Rama configura uma América Latina central para o modo de produção capitalista, a primeira realização material de um sonho que começava a projetar uma nova época do mundo. Observando o modo como as cidades latino-americanas foram fundadas, ou seja, nascendo não organicamente como nasceram as cidades européias em função dos burgos, mas fincadas-projetadas na terra nova segundo uma concepção barroca de mundo, estabelecendo uma lógica de hierarquia social, onde o poder saía do centro e era imposto sobre a periferia, uma imposição que necessariamente passava pelo círculo de intelectuais que se formava entre esses dois pólos, um círculo denominado de **cidade das letras**. A sistemática social desvelada por Angel Rama permite compreender melhor como se deu a produção de contra-palavras no passado recente da América Latina, e como estas foram ou não abafadas pela constituição hierárquica dessas sociedades, e o poder que sempre exerceu um círculo privilegiado, o círculo dos letrados.

**A cidade ordenada** era constituída como uma pirâmide,

em que cada um procurava tirar riquezas dos interiores e ao mesmo tempo proporcionar-lhes normas de comportamento a seu serviço. Todas sabiam que acima delas estavam Sevilha, Lisboa e Madri, mas praticamente ninguém pensou que ainda mais acima destas se encontravam Gênova e Amsterdam. (Rama, 1985:38)

Mas para que isso fosse possível era preciso uma **cidade letrada**:

No centro de toda cidade, conforme diversos graus que alcançavam sua plenitude nas capitais vice-reinais, houve uma *cidade letrada* que compunha o anel protetor do poder e executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e

---

incluído não se constitui pela existência do excluído. O estatuto deste é o da não-existência para o sistema social.” (Miotello, 2005:277).

múltiplos servidores intelectuais. Todos os que manejavam a pena estavam estreitamente associados às funções do poder e compunham o que Georg Friederici viu como um país modelo de funcionalismo e de burocracia. (Rama, 1985:43)

E que essa **cidade letrada** pudesse fazer uso de uma **cidade escriturária**, onde a língua escrita assumiu um papel de coerção talvez mais poderoso do que as armas de fogo:

entre as peculiaridades da vida da colônia, cabe sublinhar a importância que teve um tipo de cordão umbilical escriturário que transmitia as ordens e os modelos da metrópole aos que deviam ajustar-se. Os navios eram portadores permanentes de mensagens escritas que ditava sobre os maiores interesses dos colonos e do mesmo modo estes procediam a responder, a reclamar, a argumentar, (...). (Rama, 1985:59)

Cabe ressaltar aqui as inflexões realizadas por Rama no que diz respeito à força dessa relação entre poder e cidade letrada. Ao mesmo tempo em que o autor diz ter havido uma “desencontro secular entre a minuciosidade prescritiva das leis e códigos e a confusão anárquica da sociedade sobre a que legislavam”, afirma que “isso não diminui em nada a força coercitiva, impartindo instruções para que a elas se curvassem vidas e fazendas”.<sup>24</sup> E apresenta um aparente paradoxo que mistura *escritura*, *liberdade* e *poder*.

Toda tentativa de rebater, desafiar ou vencer a imposição da escritura, passa obrigatoriamente por ela. Poder-se-ia dizer que a escritura termina absorvendo toda a liberdade humana, porque só no seu campo se desenrola a batalha de novos setores que disputam posições de poder.<sup>25</sup> (Rama, 1985:63)

Rama avança as reflexões para o que chamou de **a cidade modernizada** e vai bater na imprensa de maneira extremamente interessante para a discussão sobre a grande mídia monopolista privada:

De todas as ampliações letradas da modernização, a mais notória e abarcadora foi a da imprensa que, ao iniciar-se o século XX, resultou beneficiária direta das leis de educação comum propostas por abnegados pedagogos, tal como para a Inglaterra já observara Arnold Toynbee, proporcionando-nos uma imprensa popular, *elitista* e em certas ocasiões marrom, como em Buenos Aires o diário *Crítica* (Botana, 1913), apesar de que o maior sucesso coube

---

<sup>24</sup> Rama (1985:55).

<sup>25</sup> Passam rapidamente pela minha vista as reflexões sobre os “excluídos” de Miotello (2005), aqueles com estatuto da “não existência para o sistema social”. Aquele ao qual lhes seriam negadas as letras (ou o conhecimento tecnológico, para pensar mais em termos da Terceira Onda de Toffler, no qual Miotello vai buscar alguns indícios para a sua construção), lhe seria negado também a proximidade com o poder e, em último caso, a possibilidade de disputa pelo poder.

aos jornais-empresas que terminaram sendo os pilares do sistema e parte ostensiva da *cidade letrada*: é o caso de *La Nación*, em Buenos Aires, ou *O Estado de S. Paulo*, no Brasil.

O livro de Rama expõe com mais aprofundamento a movimentação da cidade letrada, mas me parece suficiente o exposto para compreender as relações entre a cidade letrada e o poder, relações que parecem promover uma espécie de encontro entre os dois monopólios: o da palavra e o da riqueza. Assim como, por exemplo, a garantia da posse da terra – e conseqüentemente da riqueza – na América Latina esteve sempre atrelada à escritura, a garantia dos sentidos sempre esteve atrelada ao seu fechamento pelos professores, por exemplo, no ensino da fixidez da escrita, na forma e no sentido, ou pela mídia, com seus extensos e detalhadíssimos manuais de redação, ou suas investidas contra um pinga fora do “i”, como parece ser colocado a um sujeito como Lula nos exemplos já citados, ou pelo universo da magistratura, que utiliza a língua para legislar sobre quem fala, tratado como despossuído de língua, pelo menos de sua “forma” economicamente valorizada, ou ainda de maneira mais suja, se utilizando de um jargão quase incompreensível para todo o resto da sociedade, ou ainda pelos menos poderosos mas não menos letrados, grudados à cidade das letras e ansiosos para sempre se verem presentes dentro dela. A estruturação das cidades das letras sempre lhe permitiu o movimento, mas sempre como ponte entre poder e os que obedecem ao poder.

Passando por diversos períodos na história dos últimos 500 anos da América Latina, Angel Rama discorre sobre como o círculo de letrados ora se juntou ao poder constituído, para contribuir com sua manutenção, ora se aproximou do poder que se erguia do outro lado da sociedade em revolta contra os abusos e misérias de uma sociedade hierarquicamente estratificada para favorecer a extração de sangue de suas veias sempre abertas.

Geraldi (1996:102), ao discutir a importância da cidade letrada de Rama, afirma:

Observando sempre sob o ângulo da produção da escritura, Rama aponta, ao longo desta história de convívio com o poder, uma cidade letrada que foi ordenada, foi escriturária, foi modernizada. Politizou-se e pode ser revolucionária. A cada momento, diferentes feitos históricos, mas sempre uma constante: a capacidade paradoxal de, ao mesmo tempo, expandir-se para as periferias supostamente acolhendo novos convivas e manter a distância das distinções: escrita x oralidade; erudito x popular; culto x não-culto; alfabetizado x analfabeto; letrado x alfabetizado.

A constituição e importância da cidade letrada para os movimentos ideológicos indiciam que a manutenção do monopólio da riqueza está entrelaçada com a manutenção do monopólio da palavra.

No interior de um levante aparentemente desorganizado, mas unido na ocasião do voto em 2002, a população brasileira aposta no discurso de “mudança”, e elege pela primeira vez Luís Inácio Lula da Silva<sup>26</sup>. Quando a esquerda acha que tomou o poder com a eleição de Lula, a cidade letrada, ao mesmo tempo em que se esforça em dobrá-lo, emoldurá-lo, aprisioná-lo, torná-lo igual a “uma personalidade política convencional”, num movimento aparentemente contraditório, faz o possível para escorraçá-lo, por talvez ainda se apresentar como o representante do possível processo de mudança.

Aproximando-me do final dessa tentativa de pré-configurar os contextos teórico e social que engajam não somente a produção verbal do presidente Lula (especificamente o recorte que dela farei), mas também as possibilidades de análises de tal recorte, vejo como horizonte social específico as esferas sociais grande mídia monopolista privada, os internautas e os intelectuais de esquerda, constituindo um conjunto de críticos que produzem um discurso contra-Lula.

Na tentativa de compreender um pouco melhor esse movimento contraditório desse conjunto de críticos, exponho abaixo um pequeno resumo dos momentos históricos que essa discussão parece se reportar.

1º MOMENTO: Até as eleições de 2002, podíamos identificar – mesmo havendo discussão forte sobre a pureza esquerdista do PT e de Lula – o discurso (1), hegemônico, congregando, talvez, os exemplos expostos do lado dos *discursos hegemônicos* no quadro que reconstruí a partir do artigo de Miotello (2005), proferido pelos representantes dos partidos PSDB/PFL, defendido e venerado pela grande mídia monopolista privada; e o discurso (2), contra-hegemônico, congregando talvez, os exemplos expostos do lado das *contrapalavras aos discursos hegemônicos* do mesmo quadro, e concentrado na enorme aliança de “centro-esquerda” liderada pelo PT. Seria possível também afirmar, num esforço mais abstrato, sem

---

<sup>26</sup> Não sem antes um enorme esforço do próprio Lula em se ‘enquadrar’ em alguns dos moldes da cidade letrada e se transformar no Lulinha paz e amor, o Lula que fez fonoaudiologia para ‘melhorar’ a língua presa, o Lula que talvez tenha modificado o tom avaliativo de seu discurso, tenha se proposto a se dobrar às ordens econômicas vigentes, o Lula que precisou parar de falar “menas” etc.



buscar nesse momento do texto qualquer base material para corroborar, talvez atendendo a uma leitura do quadro, um embate entre um discurso de Mercado (fundado no discurso 1) e um discurso do Social (formado no discurso 2).

2º MOMENTO: Limpado, esterelizado, modificado, maqueado pelo marketing e pela fonoaudiologia, Lula começa a proferir o discurso “despolitizado”, agregando discursos contraditórios em prol de um “governo para todos”, para os que preferem os discursos hegemônicos e para os adeptos das contrapalavras aos discursos hegemônicos. Por causa da falta de embate, Lula se elege.<sup>27</sup>

3º MOMENTO: Eleito, Lula passa a sofrer dois tipos de críticas: a primeira vinda dos que preferem o discurso 1 (grande mídia monopolista privada e internautas), uma crítica basicamente no nível da moral e dos costumes (corrupção, bebida, falar mal, falta de estudo, gafes de vestimentas); a segunda vinda dos “intelectuais de esquerda”, especificamente no nível do político, criticando a fala “despolitizada”, fora dos embates programáticos.

A pergunta para provocar reflexões, pelo menos para a primeira crítica dirigida à Lula é: quais razões levam os que preferem o discurso 1 a não aceitar que este seja proferido por Lula? Uma pergunta que provoca outras: Lula teria mesmo se deslocado efetivamente do discurso 2 para o discurso 1? Ou os que preferem o discurso 1 estão detectando na fala de Lula ainda o discurso 2 e, por isso, se contrapõem?<sup>28</sup>

O horizonte social mais amplo configura a eleição de Lula como um dos processos em que a cidade letrada age duplamente, como se tivesse aceitado o processo descrito no momento 2, o deturpa, o apaga, o congela, e o faz isso essencialmente sobre a figura de Lula, tensionando o signo imprescindível dessa luta (o discurso do presidente da república), num esforço para torná-lo, por meio de seus discursos e suas ações, uma “figura política convencional”, com uma fala “despolitizada”.

Ou seja, os que não preferem o discurso 1, mas também não apóiam o governo (e a fala) de Lula totalmente, abalizam seus argumentos numa concepção de política vinculada a luta de classes do marxismo. Apoiando-me na reflexão que se refere a nota 23, sobre como a historicidade atual se constrói não a partir da construção do industrialismo (e as classes sociais

---

<sup>27</sup> Aqui já é possível vislumbrar o paradoxo básico que será encarado nas análises da fala de Lula: se a fala de Lula apaga o embate, o que o signo “mudança” estaria fazendo em seus discursos?

<sup>28</sup> Não esqueçamos a conexão inextricável entre discurso e materialidade, palavra e riqueza, a briga é sempre dentro dessas duas esferas.

que fizeram sua base: burguesia e proletariado), mas sim a partir de outros movimentos antagônicos, ligados a composições sociais mais caóticas, como a que representa a categoria de “excluídos” apresentada por Miotello tanto na sua tese de 2001 como no seu artigo de 2005, e aqui discutidas para compor a questão da luta discursiva pelas hegemonias; agregando ainda o valor atribuído por Rama à linguagem, especialmente à escrita (mas de modo geral à linguagem), para as relações de poder entre dominantes e dominados no percurso histórico da América Latina, introduzo a idéia de que temos que tratar da questão da “despolitização” da fala de Lula por outros caminhos.

Trata-se de não apoiar a reflexão sobre a luta pela hegemonia somente no aparelho teórico do marxismo, especificamente sobre o conceito de luta de classes, porque parece-me significativo compreender que teóricos como Marilena Chauí e Ricardo Antunes não enxerguem politização nos discursos de Lula, e ao mesmo tempo perguntar novamente porque os discursos de Lula (e seu governo) causam tantos problemas para o grupo social que reproduzia e fortalecia o discurso hegemônico?

Ou ainda, torna-se significativa a epígrafe de Emir Sader no início desse primeiro capítulo, na qual o autor expressa que vitória do Lula em 2006, apesar de todas as especulações e contradições de seu primeiro governo, representaria uma espécie de quebra de hegemonia, da palavra e da riqueza.

E é talvez aqui que consigo reencontrar os objetivos principais dessa dissertação, momento em que já é possível tratar do esforço pela interpretação específica do conceito de gêneros em Bakhtin. Ao mesmo tempo em que o conceito de gêneros do discurso poderá lançar outras luzes à questão da “despolitização da fala de Lula”, trabalharei com as hipóteses:

- a) De que a fala de Lula, inserida dentro de gêneros do discurso, traz em si possibilidades de análises que levarão ao aprofundamento das questões discutidas sobre a hegemonia e o monopólio da palavra e da riqueza no Brasil atual; sobretudo porque a fala de Lula parece ser constituída (e ser constituidora) desse contexto de questões;
- b) De que a produtividade do conceito de gêneros do discurso (compreendido como processo de intercruzamento de gêneros), especificamente no embate entre o trabalho de estilo do sujeito dentro do estilo do gênero, depende de

sua articulação com a filosofia de linguagem do círculo de Bakhtin, o que nos levaria, necessariamente, mesmo que de maneira não articulada em uma arquitetônica fixa e pré-determinada, a conceitos como excedente de visão, memória/memória do futuro, tema/significação, ideologia/ideologia do cotidiano, acabamento provisório e enunciado, entre outros.

Tratar dos gêneros do discurso a partir da concepção de palavra em Bakhtin é o que se seguirá na terceira parte desse primeiro capítulo. Uma espécie de ponte bakhtiniana que apontará para o fechamento do circuito contextual e, já no segundo capítulo, do circuito teórico que me possibilitará dirigir o olhar para o corpus com perspectivas de análise mais concretas.

## A PALAVRA PROSTITUTA

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin

Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas a exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida.

(...)

Se bem que não tenha também o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

Luís Fernando Veríssimo

A palavra é pura ou prostituta? Apoiando-me em Bakhtin, eu diria que ambas. Ao mesmo tempo em que a palavra é prostituta, no sentido de Luís Fernando Veríssimo, ela é

pura, no sentido de ser “o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”. A palavra é ambigualmente (e ubiquamente) prostituta e pura.

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (Bakhtin, 1929:41).

Não é simplória e sem razão a importância dada à linguagem por Rama na constituição econômico-cultural da civilização latino americana pós colonização. É pelo caminho da palavra pura (sensível) e ubíqua que Miotello (2001:122) evidenciará a importância do conceito de gêneros dentro dessa arquitetura.

...estarão registrados nos palavras todos os seus usos sociais, bem como os valores tidos como importantes e fundamentais naquele determinado momento histórico. Mais tarde, ao tratar dos *gêneros do discurso*, Bakhtin aprofundará essa concepção, fazendo dos gêneros discursivos um outro ponto de ruptura, e utilizando-se deles para estabelecer uma outra determinação, dessa vez para o uso de determinados temas e determinadas formas da linguagem em determinado contexto social...

E mais à frente, discutindo a interpenetração entre enunciados concretos e vida:

Em seu artigo “*A palavra na vida e a palavra na poesia – para uma poética sociológica*” publicado em 1926 sob o nome de V. N. Volochinov (Revista Zvezda, 6:244-267), Bakhtin já abordava essa questão ao analisar a arte e a poesia por suas determinações sociais, e não aceitando separar a palavra da vida, de sua situação extra-verbal, conforme já visto anteriormente. Bakhtin ainda não organizara seu pensamento acerca dos gêneros discursivos, e trata a linguagem pela universalidade do conceito de ‘palavra’ (Miotello, 2001:149-151).

Ao desenvolver mais o conceito de palavra, lá mesmo em Marxismo e Filosofia da Linguagem Bakhtin introduzirá uma diferenciação importante para tratar da questão da palavra: a diferenciação entre tema e significação, que, para mim, só pode ser possível pela específica conceituação de palavra em Bakhtin, retomada por Miotello (2001:122-123):

*“A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”* (Bakhtin, 1929:66). Não há, portanto, rompimento no uso lingüístico e nem na explicitação das cargas ideológicas, e Bakhtin chama isso de *“corrente interminável da comunicação”*, visto que o uso da linguagem se dá de forma contínua, em todos os ambientes sociais, por todas as pessoas inter-agentes, e carregando em si todos os valores sociais tidos como importantes por aquele grupo, que são novamente testados a cada novo uso verbal. A cada novo uso da palavra, ecoa no seu interior uma multiplicidade interminável de vozes e sentidos, que são ajustados no momento da enunciação atual. É a presença da *“polifonia”*, e do outro se fazendo presente na comunicação, mesmo que o locutor tenha assimilado a *“palavra alheia”* como *“palavra própria”*, no dizer de Bakhtin (1952-53:313): *“Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra minha, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou da minha expressividade”*.

Essa conceituação de palavra irá fundamentar a diferenciação e a conexão entre estabilidade e instabilidade, explicitada por Geraldi (2003:259):

Para dar conta deste movimento entre estabilizações e instabilidades, Bakhtin (1929/1981) opõe dois conceitos: aquele de significação e aquele de tema. Se considerarmos que uma língua é um conjunto instável de recursos lingüísticos com que construímos representações com *“acentos apreciativos”* (portanto nunca neutros), cada um destes recursos traz em si *“os murmúrios de sua própria história”* condensados como suas significações que se apresentam em cada uma de suas reiteraões. E nestas reiteraões, estes mesmos recursos se desvestem de suas significações para se revestirem com as vestes que lhe traz o tema específico do discurso.

As perguntas que surgem são: como se instrumentaliza a relação concreta (o *“conjunto instável de recursos lingüísticos”*) entre Tema e Significação, produtora de discurso, tomando como lugar de observação a relação entre gêneros do discurso?

Essa pergunta inicia o caminho das questões teóricas e das conseqüências metodológicas para este trabalho. Essa pergunta geral (que poderia ser feita de outra maneira: se os gêneros são a correia de transmissão entre vida e língua, e se vida, para Bakhtin, envolve uma gama de conceitos de sua arquitetura, então tratar de gêneros isoladamente dessa arquitetura não seria um equívoco? Ou melhor, seria tratar de gêneros não como teria proposto Bakhtin?) poderia ser subdividida em inúmeras outras, como:

- Temos de pensar em gêneros nas suas três partes (tema, composição e estilo)? Temos de pensar em gênero como processo? Mas o que seria isso?

- Como se dá esse processo? Entre temas (ou seria apenas interdiscurso a relação entre temas)? Ou entre todas as partes dos gêneros?
- Qual a relação de gêneros com os meios materiais em que são produzidos (papel, tela, internet, parede, etc) e as semioses (escrita, fala, fala interior, etc)?
- Qual a relação de gêneros com as esferas de utilização?
- Qual a relação de gêneros com a situação concreta em que se realizam?
- Qual a relação de gêneros com a questão da dialogia?
- Qual a relação de gêneros com a questão da memória (passado, futuro e presente)?
- Qual a relação de gêneros com a questão do enunciado (unidade da comunicação verbal)?
- Qual a relação de gêneros com a questão da ideologia?

Entendo que o conceito de gêneros é muito mais poderoso do que conseguimos compreender até agora, e que, no seu cerne, nos leva para toda a arquitetura do pensamento do círculo de Bakhtin, não como uma panacéia teórica, mas como lugar onde a análise é essencialmente dialógica, essencialmente bakhtiniana.

Além disso, no gesto de recostura, será preciso esmiuçar a “multidão de fios ideológicos” e as “tramas das relações” sociais embaralhadas nos inúmeros signos tomados pelos discursos de um presidente, para compreender o uso político do gênero no processo de busca pela – ou quebra da – hegemonia da palavra (o jogo pela construção de uma imagem, pelo cerceamento de um referente, pela predicação de um nome, que se revela também como busca pelo monopólio da riqueza), numa sociedade letrada em que o novo não está somente no campo da palavra sígnica, mas também no campo das atividades que fazem palavra sígnica, o dos gêneros do discurso.

## CAPÍTULO II

### PALAVRAS NA BOCA DE LULA

Objetos

A quietude dos objetos...  
São todos tão cínicos...

Michel Winter

Peço esmola aos objetos.  
Minhas palavras empobreceram...

Michel Winter

Se assumir a análise de enunciados concretos é assumir uma certa dose de empiria neste processo, torna-se preciso nesse início de definição do objeto de pesquisa uma diferenciação básica entre experimento e experiência. Não somente porque há um contexto que se coloca como fundante das possíveis interpretações do objeto, contexto teórico e semântico – aquele tentado no primeiro capítulo e que provavelmente será complementado no interior das análises –, mas porque o que será realizado aqui não se caracteriza como experimento. Larrosa (2001) nos apresenta essa diferenciação:

A ciência moderna, a que se inicia em Bacon e alcança a sua formulação mais elaborada em Descartes, desconfia da experiência. E trata de convertê-la em um elemento do método, isto é, do caminho seguro da ciência. A experiência já não é o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens em sua singularidade, mas o método da ciência objetiva, da ciência que se dá como tarefa a apropriação e o domínio do mundo. Aparece assim a idéia de uma ciência experimental. Mas aí, a experiência converte-se em experimento, isto é, em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência. A experiência já não é o que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido, mas o modo como o mundo nos mostra sua cara legível, a série de regularidades a partir das quais podemos conhecer a vontade do que são as coisas e dominá-las.

Interpretar as contradições no âmbito dos signos ideológicos presentes na fala de Lula será nada mais do que o diálogo de um leitor com o texto, prenhe de expectativas de sentidos; busca singular do pesquisador pelas significações históricas carregadas pelos signos; arriscamentos de sentidos múltiplos só possíveis nessa leitura irrepetível do objeto; entrada na estrada das palavras alheias sem a certeza de todos os caminhos possíveis, sem a previsão de todos os destinos.

Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. Por isso, no compartilhar a experiência, trata-se mais de uma heterologia do que de uma homologia, ou melhor, trata-se mais de uma dialogia que funciona heterologicamente do que uma dialogia que funciona homologicamente. Se o experimento é repetível, a experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (Larrosa, 2001).



Quantas vezes e em quantos momentos diferentes olhei para os discursos de Lula sem interiorizá-los na perspectiva de acabamento como uma dissertação possibilita? Todas elas fazem parte dessa dissertação. O enunciado é sempre um arriscamento, não somente porque o enunciador, juntamente com as contrapalavras ganhadas no percurso de sua vida, carrega o enunciado de *projetos de dizer* constituídos na relação com seu(s) interlocutor(es), mas também porque o enunciado estará sempre arriscando sentidos e esperando por sentidos outros. Ser pesquisador dos enunciados de Lula – produzir um enunciado sobre os enunciados de Lula – é levar para a leitura de tais enunciados, além de minhas contrapalavras, minhas perspectivas, meus *projetos de dizer*. Farei, portanto, arriscamentos<sup>29</sup>.

Essa será a minha experiência, nos dizeres de Larrosa, única e irrepetível, assim como de qualquer outro leitor-ouvinte, mas com a diferença inerente das exigências históricas do gênero dentro do qual me insiro para fazer tais leituras: a dissertação como gênero específico da esfera acadêmica, me provoca, por exemplo, a compor uma espécie de arcabouço teórico, obrigando a definição dos conceitos a serem manuseados. De modo que o resultado de minha leitura (entendida como processo responsivo) poderia se constituir de diversas maneiras (diversas atitudes responsivas, imediatas ou retardadas): posso opinar sobre a fala de Lula numa conversa de bar, posso votar, posso rebater opiniões de outros a partir de minhas opiniões sobre os mesmos enunciados. Mas para escrever uma dissertação de mestrado minha atitude responsiva subordina-se às exigências do gênero, de modo que a leitura apresentada, a compreensão construída deve ser justificada pelos conceitos manuseados e a experiência de leitor reduzida a possibilidades de experiências compartilhadas quando outras leituras operam com os mesmos conceitos.

No ato de escolha do objeto há diálogo com o passado e com o que é porvir. Geralmente, o que é passado é tomado sob o nome de “contexto”, que é colocado como dado (ou condições de produção), e que na maioria das vezes assume formas cristalizadas sobre as quais se poderia assentar uma interpretação mais segura dos sentidos do discurso analisado. É

---

<sup>29</sup> “na elaboração do discurso próprio, para ser enunciado a outrem, há um projeto de dizer, o que Bakhtin (1952-53:300) chama de “*intuito discursivo*” ou o “*querer dizer*” do locutor, que resulta dos cálculos de possibilidades que conferem significância ao dizer, neste momento interlocutivo e neste espaço social” (Miotello: 2001, 139). Também levamos para leitura, para a experimentação do objeto, esses projetos de dizer. Se por vezes os objetos nos aparecem cínicos e quietos, e tendemos arrancar deles sentidos grudados com nossos projetos de dizer, em outros momentos os objetos nos aparecem explodindo sentidos múltiplos, a eles nós pedimos esmolas para preencher nossos desejos (projetos de dizer) carentes. Em ambos os momentos eles dependem de nós. O georgiano Ziggay diz sempre: *as palavras estão grávidas de futuro*.

também o gênero dissertação que se esforça para produzir mecanismos cada vez mais eficientes de evidenciar esse *dado*. No entanto, esse diálogo sofre também interpelação das perspectivas do enunciador, que contem desejos internos, sonhos e vontades também coordenadas pelo cotejamento desta leitura com outras leituras já realizadas dos mesmos enunciados e pelos instrumentos utilizados na realização desta leitura.

Para o analista, seu objeto de estudo está inserido em um todo e, apesar dele não ter a pretensão de dizer o todo – como verdade – ainda sim encerra seu próprio enunciado expondo a sua compreensão e os caminhos que levaram à sua construção. Os critérios com que uma compreensão é avaliada não são critérios de verdade, mas critérios de validade: a compreensão construída está de acordo com os elementos mobilizados no processo de seu fazer, que procuram sempre atender a um projeto de dizer.

Quando digo que o objeto da minha pesquisa circunscreve os discursos do Lula proferidos em momentos específicos (a serem apresentados mais a frente), a pergunta que geralmente ouço das pessoas é: "e o que dizem os discursos do Lula?" Mesmo que tal pergunta fosse importante, não é a ela que estou me dedicando. As perguntas (aquelas que me lançam do futuro e me puxam para frente) que direcionam o meu olhar são: A que discursos Lula responde? Quais respostas são produzidas aos discursos de Lula?

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (Bakhtin: 1952-53, 290)

Na afirmação bakhtiniana a compreensão é sempre um ato de locução “responsivo ativo” e nela encontro duas fundamentações desse trabalho: a atitude do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa e, conseqüentemente, seu material de análise; e a interpretação específica que faço do conceito de gêneros do discurso.

A relação dos pronunciamentos de Lula escolhidos para análise só se justifica dentro da concepção de pesquisa como *compreensão responsiva*, como *experiência* viva do analista dentro do universo histórico que o envolve e do qual participa. Não é possível descrever a

completude das memórias de futuro e das perspectivas gerais que envolvem uma interação. Mas elas podem aparecer no decorrer da leitura e da escritura, se o percurso dessas assim exigir. Pequenos relatos da minha experiência cotidiana de enfrentamento de alguns discursos do Lula revelarão, no momento devido, essas memórias. Memórias de futuro formadas dentro dessa perspectiva de encarar as falas de Lula como locuções “responsivas ativas”, como respostas que poderiam me carregar a inúmeras outras memórias (de passado e de futuro), e me colocar na estrada pela qual caminha a história geral dos acontecimentos atuais da política brasileira. A idéia, com isso, é tentar pegar essa história andando, se fazendo.

Para constituir o corpus deste trabalho, selecionei os seguintes discursos<sup>30</sup>:

- 1) Os dois primeiros discursos de Lula (após os resultados das eleições e como Presidente Eleito) – 27/10/2002 e 28/10/2002.
- 2) Discursos de Posse: Discurso do senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de posse no Congresso Nacional – 01/01/2003; e Discurso do senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a cerimônia de posse, no Parlatório do Palácio do Planalto – 01/01/2003.
- 3) Discursos – Diálogos com a Bolívia: Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de inauguração da ponte “Wilson Pinheiro” – Integração Brasil/Bolívia - Brasília/AC – 11/08/2004; e Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da XVI Reunião Regional

---

<sup>30</sup> Referi-me a fala de Lula como “fala”, como “enunciado” e como “discurso” até agora. Preferi me abster nesse primeiro momento do texto em optar pela definição dessa fala como gênero ‘pronunciamento político’, por exemplo, já que ainda não realizei as análises propriamente ditas. Antes de qualquer especulação, o que Lula fez foi falar, muitas vezes leu, mas falou. Gosto, para esse início de conversa, da definição de ‘discurso’ de Osakabe (1979, 21): “Do ponto de vista de sua natureza, o discurso caracteriza-se inicialmente por uma maior ou menor participação das relações entre um eu e um tu; em segundo lugar, o discurso caracteriza-se por uma maior ou menor presença de indicadores de situação; em terceiro lugar, tendo em vista sua pragmaticidade, o discurso é necessariamente significativo na medida em que só se pode conceber sua existência enquanto ligada a um processo pelo qual eu e tu se aproximam pelo significado; e, finalmente, o discurso tem sua semanticidade garantida situacionalmente, isto é, no processo de relação que se estabelece entre suas pessoas (eu/tu) e as pessoas da situação, entre seus indicadores de tempo, lugar etc. e o tempo, lugar etc. da própria situação. Do ponto de vista de sua extensão, o discurso constitui uma entidade mais ampla do que a frase (a não ser que determinada frase possa ser caracterizada como discurso); em segundo lugar está limitado por dois brancos semânticos, que se devem quer à ausência pura e simples de uma cadeia significativa que o constitui quer à alteração do locutor.” Veremos, quando eu me detiver especificamente sobre as considerações bakhtinianas a respeito do conceito de gênero, que a definição proposta por Osakabe se estabelece aqui como ampla o suficiente para colocar essa dissertação próxima ao campo de estudos chamado de Análise do Discurso e, ao mesmo tempo, fora das filiações possíveis dentro daquilo que convencionou-se chamar de Análise do Discurso de Linha Francesa.

Americana da Organização Internacional do Trabalho - Brasília-DF, 03 de maio de 2006

Retomando a idéia de *locução* como ato responsivo-ativo, fundamentado no complexo jogo entre eu/outro – que pode ser explicitado em Bakhtin (1920-30) por conceitos como **excedente de visão** e **acabamento provisório**<sup>31</sup> –, ao enunciarmos re-produzimos memórias, levando a análise para as situações mais amplas e mais específicas que um discurso reflete e refrata, no que diz respeito a sua fundamentação (passado), mas sempre situados perante uma memória de futuro, um *por-vir*<sup>32</sup>.

O encontro entre a idéia de *incompletude fundante* (proporcionada pelo *diálogo constantemente tenso com a palavra alheia*) e a idéia de *por-vir* (memória de futuro) possibilita, como afirma Geraldi (1996:101), a defesa de um *sujeito* mais próximo daquele que lê o mundo experienciando – lembrando Larossa (2001), a experiência deveria ser “o que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido” – e não experimentando – fazendo com pedaços do mundo experimentos, a procura de sua *cara mais legível*:

---

<sup>31</sup> Miotello (2001:140-141) define “sujeito inacabado” da seguinte forma: “*O sujeito bakhtiniano, que se constitui na relação com o outro, apresenta como característica fundamental o fato de ser sujeito inacabado e que precisa do outro para se constituir, uma vez que é o outro que funda o acabamento do sujeito. A sua completude apenas se dá a partir do exterior, do excedente de visão que o outro tem, pois que o sujeito sempre tem partes do seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar, e todo o mundo ao qual ele dá as costas, além de uma série de objetos e relações inacessíveis, enquanto que o outro o vê nesse ambiente, e tem acesso a recortes de mundo apenas visto de sua posição.*” Para valer-se também da palavra “incompletude”, Miotello traz Geraldi (1996:20) para completar e produzir acabamento provisório para essa relação entre *eu/outro*, entre *excedente de visão/acabamento provisório*: “*Este é um sujeito constitutivamente heterogêneo, de uma incompletude fundante que mobiliza o desejo de completude, aproximando-o do outro, também incompletude por definição, com esperança de encontrar a fonte restauradora da totalidade nunca alcançada, construindo-se nas relações sociais, entendidas estas como espaços de imposições, confrontos, desejos, paixões, retornos, imaginação e construções.*”

<sup>32</sup> Abrindo um caminho bakhtiniano, Geraldi (1996:99) procura trilhar uma terceira via entre os extremos que ele chamou de **metafísica idealista** (religiosa, em que o destino do sujeito é o “reencontro paradisíaco com seu Criador”, portanto, enclausurando a vida dentro da relação bem/mal) e **materialismo mecanicista** (no qual o “sujeito na vida que vive apenas ocupa lugares previamente definidos pela estrutura da sociedade, cujas formações discursivas e ideológicas já estatuíram, desde sempre, o que se pode dizer, o que se pode pensar”). É terceira via, ou entrevia, a da *constitutividade*, que “elege o fluxo do movimento como seu território, um território sem espaço. Lugar de passagem e na passagem a interação do homem com os outros homens no desafio de construir compreensões do mundo vivido. Das histórias contidas e não contadas. Dos interesses contraditórios, das incoerências. De um presente que, em se fazendo, nos escapa porque sua materialidade “inefável” contém no *aqui* e *agora* as memórias do passado e horizontes de possibilidades, uma memória do futuro. Associar a noção de constitutividade à noção de interação é aceitar o fluxo do movimento, cuja energia não está nos extremos, mas no *trabalho* que se faz cotidianamente movido pelas utopias, pelos sonhos, limitado pelos instrumentos disponíveis, construídos pela herança cultural e reconstruídos, modificados, abandonados, ou recriados pelo presente” (Geraldi, 1996:100).

Professar uma tal teoria do sujeito é aceitar que somos sempre inconclusos, de uma incompletude fundante e não casual. Que no processo de nos compreendermos a nós próprios apelamos para um conjunto aberto de noções, de conceitos, de saberes, diferentemente articulados no processo de viver. Somos insolúveis (o que está longe de volúveis) no sentido de que não há um ponto rígido, duro, fornecedor de todas as explicações.

Que papel reservar à leitura neste processo de constituição da subjetividade? Incluída a leitura entre as formas de interação, por isso mesmo lugar de compartilhar e fazer circular sentidos – (...) – com a leitura alargam-se nossos horizontes de possibilidades de construirmos, neste diálogo constantemente tenso com a palavra alheia, nossas próprias palavras de compreensão.

Se, *quando falamos nos inserimos em um gênero*, ou seja, se o gênero discursivo está, em Bakhtin, inexoravelmente ligado a qualquer atividade humana, é preciso levantar duas compreensões: de que os caminhos aqui trilhados (provocados pelos meus projetos de dizer, que devem se revelar nesse trabalho, algumas vezes de maneira mais explícita, como poderemos observar no início de análise de cada conjunto de discursos do Lula) em lembrar, construir e articular as mais diversas palavras alheias, para com elas, em tensão constante, dialogar, fazer circular sentidos, produzir minhas próprias palavras de compreensão, são caminhos necessariamente trilhados dentro de gêneros discursivos, dentre os quais o gênero dissertação acadêmica, se assim quisermos chamá-lo, com suas exigências próprias; de que os próprios discursos do Lula se apresentam para minha leitura dentro de gêneros discursivos.

Considerando tal inexorabilidade, e ainda o fato desse trabalho ser uma *experiência*, e não um *experimento*, na minha interpretação inicial o conceito de gêneros discursivos se elabora considerando o jogo entre o estável e o instável.

A relativa estabilidade de um gênero estaria relacionada a sua historicidade passada (memória do passado). O próprio gênero é um acúmulo da história de suas utilizações, se constituindo *melhor e mais consistente* nessa ou naquela esfera, com esse ou aquele estilo, tratando desse ou daquele tema, se compondo formalmente assim ou assado. Além disso, também contribuiria para trazer os sentidos históricos das palavras, suas significações socialmente consolidadas.

A relativa instabilidade dos gêneros estaria relacionada ao trabalho realizado pelo sujeito preocupado com um projeto de dizer (memória do futuro) frente a uma alteridade inerente (seu interlocutor). O trabalho responsivo do sujeito instabiliza o gênero sem negar a sua historicidade, mas dentro dessa historicidade expõe outros gêneros e, ao mesmo tempo, renova o gênero dentro do qual enuncia. Esse trabalho responsivo, centrado na alteridade, está sempre prenhe de perspectivas, e busca por completudes sempre inconclusas. Esse trabalho

responsivo de renovação do gênero veste novos temas sobre as significações históricas das palavras, faz com que o estilo do gênero se submeta ao estilo individual (e vice-versa), reconfigura sua composição formal.

A procura de elementos desse movimento entre estabilidade e instabilidade é a provocação para as análises.

## O CONCEITO DE GÊNEROS E A FALA DE LULA

*Um governo se exerce com discursos. Discursos que projetam.*

A fundamentação do conceito de gêneros do discurso em Bakhtin é dialógica.<sup>33</sup> É possível perceber a presença da dialogia na tentativa de Bakhtin em estabelecer alguns princípios do conceito, a começar pela definição de enunciado como “*unidade real da comunicação discursiva*”<sup>34</sup>. A natureza dialógica do enunciado, diferenciando-o das formulações abstratas de formas da língua, de oração e de frase, provocam três peculiaridades do conceito de gêneros do discurso que nos ajudarão na interlocução com os pronunciamentos de Lula.

A (1ª) “alternância dos sujeitos do discurso” possibilita limites precisos para cada enunciado<sup>35</sup>, e é provocada por uma certa (2ª) “*conclusibilidade específica do enunciado*”; a 3ª peculiaridade refere-se à *relação entre o autor do enunciado e os outros* participantes da comunicação.

---

<sup>33</sup> Retomo a fundamentação do conceito de discurso tomada de Osakabe (1979:53): “*Se num primeiro nível de análise é o locutor que se coloca em evidência, num nível mais profundo, é possível observar que o ouvinte é um agente por tabela do discurso na medida em que é nele que se justifica o próprio discurso. É do tipo de relação entre locutor e ouvinte que decorre o tipo de ação a ser empreendida pelo locutor através de seu discurso. Um eu não define, por si só, a ação a ser empreendida; é preciso que ele tenha sua imagem do tu ou que o tu forneça essa imagem.*” Vale ressaltar que os caminhos escolhidos por Osakabe para resolver a problemática entre os efeitos *perlocucionários* e os atos *ilocucionários* que decorreriam dessa relação (eu/tu), escolhendo para isso o jogo de imagens tomado de M. Pêcheux, possibilitando, posteriormente, a fundamentação de sua discussão sobre a argumentação (persuasão e convencimento), não são os mesmos caminhos que percorrerei nessa dissertação.

<sup>34</sup> Esta é a tradução da Edição de 2003 (p.269), realizada direto do Russo. A tradução apresentada na coletânea “*Estética da Criação Verbal*”, edição de 2000, feita a partir do francês, expõe esse conceito como “*unidade real da comunicação verbal*” (p.287).

<sup>35</sup> Antes do enunciado estão os enunciados dos outros. Depois do enunciado virão os enunciados dos outros.

Essa conclusibilidade do enunciado está diretamente relacionada com: a) o *projeto de dizer* do autor do enunciado, que não somente força uma b) *exauribilidade* relativa do sentido do enunciado (quando o autor acha que disse tudo aquilo que queria dizer e sente que seu “objeto-semântico” está esgotado), mas também determina a escolha da c) “forma-gênero”, que lhe é pré-dada por diversas condições: especificidade de um campo da comunicação (no nosso caso será o campo político, ao qual me deterei ainda antes de realizar as análises), considerações semânticas (referentes aos temas-assuntos, que aparecerão durante as análises), situação concreta de comunicação discursiva (as quais serão particularizadas em cada análise de cada um dos pronunciamentos) e composição pessoal dos participantes (quem são seus interlocutores diretos e indiretos).

Bakhtin ressalta ainda a atitude valorativa do autor em relação ao sentido de seu objeto. As três peculiaridades revelam imbricações importantíssimas para as questões estilísticas, que em Bakhtin se dão sob a relação entre estilo individual e estilo do gênero:

Complexas por sua construção, as obras especializadas dos diferentes gêneros científicos e artísticos, a despeito de toda a diferença entre elas e as réplicas do diálogo, também são, pela própria natureza, unidades da comunicação discursiva: também estão nitidamente delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso, cabendo observar que essas fronteiras, ao conservarem a sua *precisão* externa, adquirem um caráter interno graças ao fato de que o sujeito do discurso – neste caso o *autor* de uma obra – aí revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da idéia de sua obra. Essa marca da individualidade, jacente na obra, é o que cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um dado campo cultural: das obras dos predecessores nas quais o autor se baseia, de outras obras da mesma corrente, das obras das correntes hostis combatidas pelo autor, etc.

Vemos que o trabalho do *autor* em sua obra não está relacionado somente com as questões formais de um gênero, com sua configuração composicional. A questão estilística guardaria relações com todos os elementos de um gênero, incluindo aí também o Tema, o qual diz respeito às questões sobre o sentido do enunciado, nos levando à concepção bakhtiniana de signo, e o embate entre **significações** e **temas**<sup>36</sup>. Se a hipótese assumida é de que gêneros são processos de intercruzamento de gêneros, surge uma pergunta interessante sobre o estilo: se é verdade o que diz Bakhtin sobre o estilo de um autor estar diretamente relacionado com “todos os elementos da idéia de sua obra”, e se gênero necessariamente só pode ser compreendido na

---

<sup>36</sup> Na tentativa de alinhar duas discussões dispersas, ressalto que uma discussão prévia sobre **significação** e **tema** foi realizada no final do primeiro capítulo.

relação com outro gênero, então os estilos (assim com o próprio tema e a própria composição) também necessariamente só são possíveis nessa relação intergenérica (uma espécie de relação *inter-estilística*).

Estou falando da possibilidade de encarar o gênero (Tema, Estilo e Composição) como o resultado relativamente estável do processo de relações intergenéricas, possibilitado por uma concepção dialógica de linguagem, em que:

- a) O tema de cada discurso, proferido dentro do gênero específico, é resultado do projeto de dizer do locutor, cuja **exauribilidade** é “calculada na relação com outros discursos sobre o mesmo tema (dialogia), independentemente dos gêneros em que foram proferidos<sup>37</sup>;
- b) O estilo próprio do gênero é a condensação dos elementos relativos às **relações entre os participantes** e o rito de participação; o estilo de um gênero se identifica pela diferença com o estilo de outros gêneros (com os quais dialoga) e a similitude com o estilo de outros discursos do mesmo gênero. O estilo individual resulta do diálogo do locutor com o estilo do gênero específico e com o estilo de outros gêneros.<sup>38</sup>
- c) A composição específica de um gênero é o resultado dos inúmeros discursos proferidos nas mesmas condições de (a) e (b) marcado pelo tipo de atividade que o produz e que por ele é identificada. É costurado pelas **formas de alternâncias dos falantes**, pela **exauribilidade do tema pelo locutor e pela possibilidade de responder**.

---

<sup>37</sup> Ainda sim é preciso deixar como pergunta: essa independência do tema em relação aos gêneros é geral, ou é possível que o processo de entrecruzamento de gêneros incida sobre os temas possíveis para cada gênero relativamente estável no interior de uma dada esfera de atividades ? Ou seja, se a escolha da “forma-gênero” é pré-dada por diversas condições, entre elas “considerações semânticas (referentes aos temas-assuntos)”, então podemos supor a possibilidade de relação intrínseca entre tema e gênero?

<sup>38</sup> O gênero, seja ele qual for, pode oferecer melhor a característica da *formalidade*, por exemplo, por causa de fatores como: locutor (Presidente da República), o momento da locução, o rito da tomada da palavra, a definição de um auditório (deputados e senadores), etc. Da mesma forma, ao enunciar em um gênero específico, o locutor, de acordo com o seu projeto de dizer, pode realizar um trabalho com a *formalidade*. Obviamente que não pretenderei resolver todas as questões sobre estilo e gênero, mas acredito que a maneira como procederei nas análises poderiam revelar elementos interessantes para pensar a questão do processo de significação na fala de Lula dentro de gêneros específicos, e quais relações esse processo guarda com estilo do gênero e estilo individual.



Tenho consciência das inúmeras formas com que a alteridade é trabalhada no discurso do autor (a questão do interdiscurso<sup>39</sup>, a questão do discurso relatado<sup>40</sup>, a questão da própria idéia de responsabilidade<sup>41</sup>). No entanto, especificamente para esse trabalho, que tem preocupações de fornecer elementos para fundamentar uma interpretação específica do conceito de gêneros do discurso, as análises dos embates ideológicos no contexto traçado na primeira parte dessa dissertação possibilitarão o cotejamento de conceitos/categorias relacionados à alteridade e à caracterização do conceito de gênero feita até agora.

As análises que se seguirão não são do governo Lula, ou da língua do Lula, ou da personalidade do Lula, mesmo que se tornem possíveis, durante a leitura, elucubrações a respeito de tais aspectos. Serão análises que buscarão indícios das contradições presentes no jogo sócio-ideológico dentro da palavra sógnica proferida por um sujeito específico. O que estarei recosturando são os movimentos ideológicos proporcionados pelo estudo de alguns discursos de Lula.

Todos os discursos poderão ser lidos integralmente no anexo 13. As análises se apresentarão organizadas de acordo com a seqüência estipulada na construção do corpus: os discursos que foram proferidos nas situações já enumeradas (1, 2 e 3). Essas situações circunscrevem sempre dois discursos, que serão diferenciados por letras (1a e 1b, 2a e 2b, 3a e 3b).

---

<sup>39</sup> Que aqui poderá receber atenção dentro das considerações sobre questões temáticas no gênero.

<sup>40</sup> Falo aqui das discussões feitas por Volochinov/Bakhtin na terceira parte de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Bakhtin, 1929).

<sup>41</sup> Conceito derivado de relação da concepção de “alteridade” na definição ética das relações sociais.

## ANÁLISES

- 1) Os dois primeiros discursos de Lula (após as eleições e como Presidente Eleito) – 27/10/2002 e 28/10/2002.

Sempre fico me perguntando se a cena em *Entreatos*<sup>42</sup> de Lula e Marisa esperando o resultado das eleições na frente da TV, com todos os outros caciques petistas formando a torcida organizada atrás, recebeu ou não orientação do diretor João Moreira Salles, assim como Lula recebeu de Duda Mendonça durante a campanha de 2002.



Na verdade, quem filmou a cena foi Mariana, filha do senador Aloísio Mercadante. A equipe de filmagens de *Entreatos* não recebeu autorização para rodar naquele dia, logo o diretor João Moreira Salles pediu a Mariana, que estaria no local no momento, que fizesse a câmera. Nunca saberemos se houve ou não orientações do diretor para Mariana. Ao assistir essa cena, que procura o tom sublime de Lula chorando com a mulher no momento da divulgação do resultado, isolando Lula em um momento de vitória pessoal em relação aos caciques petistas presentes, minha memória sobrevoou aquela outra cena narrada da Introdução em que eu e outros eleitores engolíamos (ou não) algumas lágrimas<sup>43</sup>. Não são os petistas comemorando com Lula, é Lula comemorando com Marisa. Os caciques petistas,

---

<sup>42</sup> *Entreatos* exibe o dia-a-dia da campanha de Lula à Presidência do Brasil, ocorrida em 2002 e foi dirigido por João Moreira Salles (Nelson Freire). Lançado nos cinemas em 26 de novembro de 2004, na mesma data de *Peões*, outro filme que também trata da campanha de Lula à presidência.

<sup>43</sup> Aqui residem os motivos para a escolha desses dois primeiros discursos. Simplesmente porque foram os dois primeiros. Os dois primeiros de Lula no importante momento de um resultado eleitoral que se colocava como inédito. A comoção geral apagando uma possível polarização que pudesse ter ocorrido devido ao processo eleitoral. A expectativa simples de retorno ao início de um processo, uma expectativa possibilitada apenas por esses dois primeiros discursos, de tentar descobrir o que será a partir de agora. Essas perspectivas marcam a minha experiência (Larrosa) desses dois acontecimentos singulares.

atrás, lembram mais uma espécie de atenção de torcedores, comissão técnica e jogadores nos últimos minutos do segundo tempo de uma final de copa do mundo.

Havia pensado na seguinte analogia: o primeiro pronunciamento de Lula como presidente eleito, momentos seguintes à cena exibida no filme, revela um jogador (nesse caso o principal jogador do time, ou o mais famoso, ou o que fez o gol da vitória) se sentindo na obrigação de responder a perguntas do repórter que invade o campo junto com a torcida.<sup>44</sup>

No entanto, seria mais correto pensar em Lula como o técnico, e não como um dos jogadores<sup>45</sup>. Somente o técnico estaria autorizado a falar sobre a vitória de seu time, o que geralmente aconteceria num nível mais oficial, um dia depois do jogo, numa mesa com dezenas de microfones: um pronunciamento. Não é o que acontece no primeiro momento.

Bem, eu quero dizer a todos vocês que amanhã, por volta do meio-dia, nós iremos fazer uma coletiva, onde eu irei fazer um pronunciamento. Hoje é apenas alguns agradecimentos. (1a)

Retirar-se do gênero “pronunciamento” provavelmente se deve ao projeto de dizer de Lula para essa situação concreta. Mesmo que o projeto não apareça claramente, é possível percebê-lo pela própria instauração do novo gênero dentro do qual se quer falar<sup>46</sup>, como também pela convocação de seus interlocutores a se contentarem com aquela nova relação interlocutiva. Eis que a preocupação com a relação com os interlocutores fundamenta a

---

<sup>44</sup> É impressionante as relações entre essas duas situações (a do título de um time e a da vitória das eleições presidenciais): enquanto uma minoria de torcedores consegue comemorar dentro do campo com jogadores e comissão técnica, a maior parte dos torcedores do time, espalhados pelo território nacional, comemoram na frente da televisão. Ao findar a apuração das urnas, Lula, acompanhado de sua ‘comissão técnica’, sente a obrigação de realizar um “pronunciamento” que, assim como o do jogador de futebol, será ouvido pela sua torcida apenas na frente da televisão.

<sup>45</sup> Seria o Parreira na copa de 94, Zagalo na de 98 ou Felipão na de 2002? Se Zagalo tivesse ganhado a de 98 poderíamos eleger qualquer um deles para a analogia, pois ser técnico da seleção brasileira é com ser presidente da república (“A arrogância que a imprensa em geral observa em Luiz Felipe não é nem metade da arrogância que certos jornalistas revelam quando criticam o técnico. Ser técnico da seleção brasileira é um pouco como ser Presidente da República. A agravante é que de política poucos gostam ou tentam opinar. Já sobre futebol” Paulo Ricardo Kralik Angelini [http://www.argumento.net/arquivos/pg\\_argumento89.shtml](http://www.argumento.net/arquivos/pg_argumento89.shtml)). Perde-se o jogo, durante os próximos 4 anos todas as críticas são confirmadas, reafirmadas e/ou retrucadas pelo povo e pela grande mídia privada (que por ser monopolista, quer também monopolizar as palavras sobre futebol, seleção brasileira, enfim, todas as esferas que ela puder impingir seus projetos de dizer). Ganha-se o jogo, anda sim o técnico, ou o presidente, não poderá vomitar todas as respostas que ficaram engasgadas o tempo todo e, com humildade – como veremos em (1a) – realizará entre o banco de reservas e a beira do campo, preso num círculo emaranhado de fios e algozes da cidade letrada (a grande mídia monopolista privada) que lhe exigem algumas palavras, que sairão meio improvisadas, meio guardadas, meio ensaiadas durante muito tempo.

<sup>46</sup> Lula não quer falar oficialmente, também pelo fato de não ter sido oficialmente declarado eleito pelo Tribunal Superior Eleitoral.

escolha por uma “forma-gênero” denominada pelo locutor de “agradecimentos”, o que já indicaria para seus interlocutores menos formalidade do que possivelmente se verá “amanhã, por volta do meio-dia”.

Ontem, o Brasil votou para mudar. A esperança venceu o medo e o eleitorado decidiu por um novo caminho para o país. Foi um belo espetáculo democrático que demos ao mundo. Um dos maiores povos do planeta resolveu, de modo pacífico e tranqüilo, traçar um rumo diferente para si. (1b)

No segundo pronunciamento não há qualquer preocupação inicial em defini-lo explicitamente perante a alteridade presente. Lula começa mais direto e mais formal. Sem “Bem” e “eu quero dizer”.

Se (1a) é marcado por “Primeiro”, “Segundo”, “Por último” e “Por fim”, (1b) não traz essas marcas de início, meio e fim. Em (1b) Lula inicia, percorre e conclui diretamente sobre seus objetos de discurso<sup>47</sup>: “Tivemos”, “A nossa chegada à Presidência da República”, “Celebro hoje”, “O povo brasileiro sabe”, “Vamos enfrentar”, “Meu primeiro ano de mandato terá”, “O país tem acompanhado”, “O Brasil fará”, “O mundo está”, “Nosso governo será”, entre outros.

Se (1a) é marcado por muitos “quero dizer”, “quero dar” e “queria agradecer”, (1b) traz apenas um “Quero homenagear”. Ademais, em (1b), Lula *diz, dá, agradece, celebra*, etc.

## SISTEMATIZANDO AS ANÁLISES

As construções apontadas acima não parecem guardar relações somente com a concepção abstrata que o locutor faz do Estilo do Gênero no qual está se inserindo. Em (1a) as preocupações com os interlocutores parecem produzir a sequência (ritual) da forma-gênero “agradecimentos”. Óbvio, agradecimentos são possíveis quando se tem alguma coisa por agradecer e a alguém para agradecer.

---

<sup>47</sup> Tratarei dos objetos mais a frente. Ressalto apenas as primeiras diferenças entre os dois discursos.

Em (1b) a preocupação com incidência sobre os objetos de discurso (temas)<sup>48</sup> parecem provocar a constituição da forma gênero “pronunciamento”. As primeiras palavras pronunciadas por Lula em (1b) indicam que o foco será outro. Esses eixos aparecem como resposta àquelas preocupações iniciais apresentadas como os motivos que me levaram a escolher esses dois discursos.

#### 1a: A Singularização da Interlocução

Num primeiro momento Lula vai do social para o individual, do todo para as partes, do povo para os indivíduos, numa tentativa de congregação formal de “todos” em prol de uma “unidade”:

Primeiro, eu quero dar parabéns ao povo brasileiro pelo extraordinário espetáculo de democracia que ele deu no dia 27 de outubro de 2002, escolhendo o seu presidente da República e seus governadores.

Segundo, eu queria agradecer e cumprimentar o comportamento das autoridades que cuidaram do processo eleitoral, pelo Tribunal Superior Eleitoral e o seu presidente, Nelson Jobim. Meus agradecimentos ao presidente Fernando Henrique Cardoso pelo fato de ter anunciado à sociedade brasileira que possivelmente tenhamos a mais sensata e a mais democrática transição já vista no nosso país.

Quero agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram em mim e no companheiro José Alencar e agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram no meu adversário, que se abstiveram de votar, porque eu acho que essa atitude, esse comportamento do povo é o que consolida a democracia no nosso país.

Quero dizer para vocês que esse resultado eleitoral me obriga a afirmar a todos vocês que, embora tenha sido eleito pelo meu partido e pelos aliados do PC do B, do PL, do PCB e do PMN, a partir do dia 1º de janeiro, eu serei presidente de 175 milhões de brasileiros.

Queria dizer para vocês que a responsabilidade de governar é muito grande. Eu e minha equipe iremos governar esse país, mas não seria exagero dizer pra vocês que apenas um presidente, o seu vice e a nossa equipe não será suficiente para que a gente governe o Brasil com os seus problemas, portanto nós vamos convocar toda a sociedade brasileira, todos os homens e

---

<sup>48</sup> Dizendo de outra forma, o projeto de dizer (incidir, discutir, esclarecer, propor direções) sobre os principais temas circunscritos em volta do presidente da república devem ser tratados em um pronunciamento oficial.

mulheres de bem desse país, todos os empresários, todo os sindicalistas, todos os intelectuais, todos os trabalhadores rurais, toda a sociedade brasileira, enfim, para que a gente possa construir um país mais justo, mais fraterno e mais solidário.

Por último, eu quero me dirigir à comunidade internacional. Acho que o Brasil pode jogar um papel extraordinário nesse continente americano, para que possamos construir um mundo efetivamente de paz, onde os países possam crescer economicamente e possam crescer do ponto de vista social para todo o seu povo. E farei o que estiver ao alcance do presidente da República do Brasil para que a paz seja uma conquista definitiva do nosso continente.

Não há um encaminhamento formal do tipo “Todo/Parte”. Vemos uma miscelânea em que podemos identificar Todo e Parte misturados: "povo brasileiro", "autoridades", "Tribunal Superior Eleitoral e o seu presidente, Nelson Jobim", "presidente Fernando Henrique Cardoso", "milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes", "todos vocês"<sup>49</sup>, "toda a sociedade brasileira, todos os homens e mulheres de bem desse país, todos os empresários, todo os sindicalistas, todos os intelectuais, todos os trabalhadores rurais, toda a sociedade brasileira" e "comunidade internacional"

Vejo nesse momento do enunciado de Lula o indício daquilo que seria formulado como o slogan do governo Lula: “BRASIL UM PAÍS DE TODOS”. Não que esse slogan tivesse tido seu início nessa fala de Lula. Mesmo que ele já tenha sido formulado anteriormente, é necessário reformulá-lo como pacto dentro dessa nova interlocução: entre o indivíduo eleito e sua alteridade: o todo convocado no excerto acima, “toda a sociedade brasileira”.

Depois da congregação do todo em unidade, Lula particulariza e, ao particularizar a interlocução, conversa diretamente com seu interlocutor, como se estivesse olhando em seus olhos:

Quero dizer ao meu querido companheiro Genoino que você não perdeu a eleição, porque você não era governador, você apenas deixou de ganhar.

Mas você vai perceber, meu companheiro Genoino, que, se você souber tirar proveito, uma derrota vai te deixar muito mais maduro, muito mais preparado e muito mais perto da próxima

---

<sup>49</sup> “Todos vocês” como referência explícita à situação imediata, que lhe fornece, ao mesmo tempo, os interlocutores específicos daquele local e o conjunto de interlocutores possíveis, telespectadores possíveis o assistindo falar nesse determinado momento, e que logo depois vai especificar.

vitória. Para quem veio de Quixeramobim, ter 40 e poucos por cento de votos em São Paulo. Você, Genoino, foi um dos candidatos mais brilhantes que eu conheci. Se todo mundo tivesse o seu bom humor e a sua vontade, meu caro, o Brasil seria infinitamente melhor.

Eu quero aqui agradecer à minha companheira Benedita da Silva. A Benedita que, convencida pelo Zé Dirceu e por mim, foi cumprir um mandato de nove meses, numa situação extremamente difícil. Eu não tenho dúvida nenhuma que a Benedita fez o que era possível fazer no período que ela fez. Eu quero aproveitar e dizer aqui para vocês que o que mais me incentivou a convencer a Benedita a assumir o governo do Rio foi o fato de ela ser negra. E ela assumir o governo do Rio de Janeiro foi a maior conquista dos negros depois da libertação dos escravos neste país.

Lula diz ao seu auditório “quero dizer ao meu companheiro Genoino”, e logo depois diz diretamente ao companheiro Genoino. Lula se dirige ao público e a Genoino ao mesmo tempo. Já com a Benedita Lula particulariza, mas dirige-se diretamente só ao seu “auditório universal”. Interpreto essa diferença de tratamento pela diferença do grau de intimidade entre Lula e esses interlocutores. Ambos os dois são companheiros, mas Genoino parece ser daqueles para quem se diz olhando na cara, provocando uma entonação avaliativa mais pessoalizada, daquelas que se faz dentro da própria casa, numa conversa cotidiana.

Desse modo, não posso deixar de provocar a reflexão de que essa pessoalização, essa particularização diferenciada feita com Genoino indicia o cotejamento da forma-gênero particular de situações cotidianas, mas especificadamente de situações cotidianas entre Lula e Genoino. Nunca será possível descrevê-la, mas é possível percebê-la como indício nesse excerto.

Num terceiro momento Lula parece se dar conta de que não disse aquilo que estava ensaiando como resposta há muito tempo:

Por fim, eu quero dizer pra vocês que o Brasil está mudando em paz. E, mais importante, a esperança venceu o medo. E hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil votou sem medo de ser feliz.

Simples, sem muita reflexão, no meio de uma salada de particularizações e generalizações, de agradecimentos individualizados e universalizados, Lula parece soltar algo

ensaiado no engasgo de anos de tentativas e frustrações. O “Por fim” parece estar mais para ‘*Enfim*’, retomando o que foi o lema da primeira campanha presidencial de Lula: Sem medo de ser feliz. Mas não é nesse momento, nessa situação, nesse gênero específico que a incidência sobre o signo mudança se dará mais fortemente. Lula retoma sua salada de agradecimentos:

Por último, eu quero agradecer essa extraordinária figura. Eu não vou elogiar os meus dirigentes, que estão aí. Já conversei com meu adversário, José Serra, recebi um telefonema dele agora pouco. Já conversei com muitas outras pessoas pelo país afora. Já agradei em público à minha mulher durante muito tempo, durante a campanha. Mas acho que esse companheiro aqui não foi a única mas foi uma das coisas mais extraordinárias que aconteceram nessa campanha de 2002. Zé Alencar e eu não vamos ser um presidente e um vice. Nós vamos ser parceiros nos bons e nos maus momentos, vamos ser companheiros. E vocês sabem que, quando eu falo companheiro, falo companheiro com uma coisa muito forte no coração, porque nem todo irmão é um grande companheiro, mas todo companheiro é um grande irmão. E você é um grande companheiro, meu querido Zé Alencar.

É que eu não posso ficar com o microfone que eu tenho vontade de falar. Nós vamos ter que ir para a avenida Paulista, tem muita gente lá. Amanhã nós vamos ter uma coletiva, mas... que vou fazer um pronunciamento. Eu ainda tenho que cumprimentar algumas delegações de estrangeiros que estão aí.

Quero agradecer do fundo da minha alma a todos os companheiros que no primeiro turno e no segundo turno trabalharam de forma incansável. Quero agradecer à direção do meu partido e a direção dos partidos aliados. Quero dizer que sem vocês eu não seria o Lulinha paz e amor dessa campanha.

Muito obrigado.

Lula recomeça os agradecimentos (ou melhor, termina novamente com um “por último”) dizendo que quer agradecer a uma extraordinária figura. Interrompe, porque se lembra que não agradeceu a outras figuras (“Eu não vou elogiar... ..outras pessoas pelo país afora”), e retoma para colocar Zé Alencar numa categoria muito específica e muito particular para Lula: a de companheiro-irmão.

Se confunde ainda com o término ou não de seus agradecimentos, sente necessidade de dizer mais uma vez que não é um pronunciamento, parece não saber se conseguiu se deslocar



de gênero, do formal para o informal. Especifica (“todos os companheiros”) e generaliza (“direção do meu partido e dos partidos aliados”) mais uma vez e finaliza com uma auto-caracterização (“Lulinha paz e amor”) aparentemente contraditória com o único momento em que sua fala incide sobre signos ideológicos da “mudança”.

Quero ressaltar algumas características dessa fala:

- o trabalho de deslocamento de gênero (pronunciamento para agradecimentos) é possibilitado pelo trabalho do locutor em relação aos seus interlocutores (Todo/Parte);
- esse trabalho é também o trabalho de cotejamento de atividades cotidianas e contribui para a construção de um enunciado informal;
- podemos dizer que esse trabalho pode ser caracterizado como traço de um estilo individual do locutor, que emerge mais facilmente dentro das amarras frouxas desse gênero;
- e que tudo isso necessariamente se deve também ao fato de Lula ainda não ter sido declarado oficialmente eleito pelo Tribunal Superior Eleitoral e, portanto, não poder falar como presidente oficialmente eleito (colocar isto no item anterior) começar o novo item com: o projeto de dizer do locutor em relação aos seus objetos de discurso: o trabalho com os temas do discurso, com as grandes questões sócio-políticas referentes essencialmente ao signo “mudança” são minimamente tratadas, em detrimento do projeto de dizer (agradecer) que centraliza o discurso.

#### 1b: Circunscrevendo Temas (Exauribilidade)

Passada a noite em que o técnico provavelmente deve ter comemorado com seus jogadores e sua equipe técnica em uma festa particular, chega a hora do pronunciamento oficial. Já declarado presidente eleito, Lula se prepara para ler seu pronunciamento, com a preocupação clara de não dar espaço para os improvisos que comandaram a fala do dia anterior.

Ontem, o Brasil votou para mudar. A esperança venceu o medo e o eleitorado decidiu por um novo caminho para o país. Foi um belo espetáculo democrático que demos ao mundo. Um dos maiores povos do planeta resolveu, de modo pacífico e tranquilo, traçar um rumo diferente para si.

O que foi dito em (1a) sem qualquer dedicação temática e de maneira informal, agora é dito formalmente e já no início, o que indica o tom e o projeto de dizer do locutor.<sup>50</sup> É como se o primeiro parágrafo do discurso – agora lido – anunciasse o seu próprio tema: a mudança.

Se na campanha de 1989, o discurso contra a candidatura de Lula fora encampado pela frase emblemática do então presidente da Fiesp Mário Amato “800 mil empresários vão fugir do país”, caso Lula fosse eleito, durante a campanha de 2002 foi a fala de George Soros, “megainvestidor internacional”, “Serra ou o caos” para o Brasil que teve este papel de revelar o medo da mudança. Como se sabe, durante o processo eleitoral de 2002, Soros declarou que uma vitória de Luiz Inácio Lula da Silva sobre o governista José Serra levaria o país ao “caos financeiro”. Juntamente com Regina Duarte<sup>51</sup>, umas das principais atrizes de novelas da Rede Globo de Televisão, Soros levantou a principal bandeira da campanha de 2002, o discurso do medo, prontamente encampado pela grande mídia monopolista privada.

Bernardo Ajzenberg, ombudsman da Folha de São Paulo na época, descreveu a relação entre a declaração do “megaespeculador financeiro” Soros e as preferências editoriais do jornal:

Impulsos a Serra no noticiário já se haviam acumulado, a rigor, no final de semana anterior. No sábado 8, publicaram-se as declarações do megainvestidor George Soros, segundo as quais as alternativas para o Brasil são Serra ou o caos. Furo jornalístico de primeira grandeza -mérito do repórter-, de publicação obrigatória, ninguém tem dúvidas, porém, quanto ao beneficiário de tal “profecia” (mas, até aí, trata-se de fatos, afirmação registrada, e os adversários de Serra que tenham paciência). No dia seguinte, publicou-se pesquisa Datafolha com crescimento de Serra e queda de Lula; redução de sete pontos percentuais na diferença entre os dois. E aqui houve viés.

---

<sup>50</sup> Outro indicio de entrecruzamento de gêneros (ou relações intergenéricas). Parte do primeiro discurso, informal e improvisado dentro de um gênero *auto-denominado* “agradecimentos”, é trazida para do segundo discurso (formal e lido). Se em (1a) aquele trecho pareceu incoerente com o projeto de dizer (agradecer), em (1b) ele proporciona um tratamento diferente do signo “mudança”. Não somente responde aos discursos do “medo” como também introduz a possibilidade de falar sobre: que mudança, mudança de que para que, motivos das mudanças, etc.

<sup>51</sup> Regina Duarte, em julho de 2002, durante a propaganda eleitoral gratuita de José Serra, já discursava com cara de menina assustada: “*Sinto que o Brasil, nesta eleição, corre o risco de perder toda a estabilidade que já foi conquistada. Eu sei que tem muita coisa que ainda precisa ser feita, mas também tem muita coisa boa que já foi realizada. Não dá para ir tudo para a lata do lixo. Nós temos dois candidatos à presidência. Um eu conheço, é o Serra. É o homem dos genéricos, do combate à Aids. O outro, eu achava que conhecia, mas hoje eu não reconheço mais. Tudo que ele dizia mudou muito, isso dá medo na gente. Outra coisa que dá medo é a volta da inflação desenfreada, lembra? 80% ao mês. O futuro presidente vai ter que enfrentar a pressão da política nacional e internacional. E vem muita pressão por aí. É por isso que eu vou votar no Serra. Ele me dá segurança, porque dele, eu sei o que esperar. Por isso eu voto 45, voto Serra, e voto sem medo.*”

Ele não residiu na divulgação do levantamento, claro, mas na forma como se editou o resumo de seus dados num quadro do alto da capa do jornal.

À parte as curvas do total de intenção dos votos, destacaram-se nele variações relativas a aspectos complementares.

O único candidato presenteado com um dado positivo foi Serra (8 pontos a mais no Nordeste). Os demais receberam só dados negativos (Lula caiu 15 pontos entre os que ganham mais de R\$ 2.000; Ciro caiu sete entre os eleitores com mais de 60 anos; Garotinho caiu cinco entre os de nível universitário). Ora, Garotinho, por exemplo, subira 3 pontos na região Centro-Oeste. Por que não ter destacado esse dado?

Pior: os números e as setas coloridas (verde para Serra, vermelhas para os outros) apareciam, no quadro, em tamanho grande, enquanto a especificação ("entre os eleitores do Nordeste", por exemplo) vinha embaixo, pequenininha. Onze leitores reclamaram ao ombudsman dessa indução visual.

Some-se a isso o "sumiço" do caso Ricardo Sérgio (ex-arrecadador tucano) das páginas do jornal, e tem-se um quadro objetivo mais completo.<sup>52</sup>

Naquela época, a Agência Carta Maior, que nasceu por ocasião da primeira edição do Fórum Social Mundial, em janeiro de 2001, em Porto Alegre, já articulava contrapalavras a grande mídia. Bernardo Kucinski foi quem assumiu em dois textos a responsabilidade de travar discussão sobre o episódio do "discurso do medo" de Soros, representante do discurso do "mercado financeiro", discurso que ele classificou como "terror financeiro".<sup>53</sup>

Revivida a luta pela monopolização da palavra e pelo cerceamento de Lula, esses exemplos revelam a quais discursos Lula está respondendo quando inicia seu primeiro discurso como presidente oficialmente eleito com o trecho sobre **medo/mudança/esperança**.

Aprofundando a discussão sobre essa responsabilidade (responsabilidade) inerente no discurso de Lula, procuro observar como que, para tratar de temas específicos, o signo mudança entrelaçará (sistematizará) um diálogo contínuo entre o que está dado e o que se apresenta como perspectiva, como memória de futuro.

As eleições que acabamos de realizar foram, acima de tudo, uma vitória da sociedade brasileira e de suas instituições democráticas, uma vez que elas trouxeram a alternância no poder, sem a qual a democracia perde a sua essência.

Tivemos um processo eleitoral de excelente qualidade, no qual os cidadãos e as cidadãs exigiram e obtiveram um debate limpo, franco e qualificado sobre os desafios imediatos e

---

<sup>52</sup> Disponível em Internet In.: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsma/om2306200201.htm>

<sup>53</sup> Disponíveis em Internet  
[http://agenciartamamior.uol.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna\\_id=1173](http://agenciartamamior.uol.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=1173)  
[http://agenciartamamior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=668](http://agenciartamamior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=668).

In.:  
e

históricos do nosso país. Contribuíram para isso a atitude da justiça eleitoral e do presidente da República, que cumpriram de maneira equilibrada o seu papel constitucional.

A grande virtude da democracia é que ela permite ao povo mudar de horizonte quando ele acha necessário. A nossa vitória significa a escolha de um projeto alternativo e o início de um novo ciclo histórico para o Brasil.

Com algum destaque para a particularização da interlocução, diferentemente da primeira em que os nomes foram citados, aparecem agora apenas os papéis institucionais (“os cidadãos e as cidadãs” e “da justiça eleitoral e do presidente da República”). Se o que coordena o enunciado é a dedicação aos temas, vemos que a definição teórica de “democracia” é usada para fundamentar a “mudança”, abrindo espaço no discurso para especificação e destrinchamento do signo “mudança”:

A nossa chegada à Presidência da República é fruto de um vasto esforço coletivo, realizado, ao longo de décadas, por inúmeros democratas e lutadores sociais. Muitos dos quais, infelizmente, não puderam ver a sociedade brasileira, e em especial as camadas oprimidas, colherem os frutos de seu árduo trabalho, de sua dedicação e sacrifício militante.

Estejam onde estiverem, os companheiros e as companheiras que a morte colheu antes desta hora, saibam que somos herdeiros e portadores do seu legado de dignidade humana, de integridade pessoal, de amor pelo Brasil, e de paixão pela justiça. Saibam que a obra de vocês segue conosco, como se vivos estivessem, e é fonte de inspiração para nós que seguimos travando o bom combate. O combate em favor dos excluídos e dos discriminados. O combate em favor dos desamparados, dos humilhados e dos ofendidos.

Quero homenagear aqui os militantes anônimos. Aqueles que deram seu trabalho e dedicação, ao longo de todos esses anos, para que chegássemos aonde chegamos. Nas mais longínquas regiões do país, eles jamais esmoreceram. Aprenderam, como eu, com as derrotas. Tornaram-se mais competentes e eficazes na defesa de um país soberano e justo.

Celebro hoje aqueles que, nos momentos difíceis do passado, quando a nossa causa de um país justo e solidário parecia inviável, não caíram na tentação da indiferença, não cederam ao egoísmo e ao individualismo exacerbado. Todos aqueles que conservaram intacta a sua capacidade de indignar-se perante o sofrimento alheio. Souberam resistir, mantendo acesa a chama da solidariedade social. Todos aqueles que não desertaram do nosso sonho, que às vezes sozinhos nas praças deste imenso Brasil ergueram bem alto a bandeira estrelada da esperança.

Mas esta vitória é, sobretudo, de milhares, quem sabe milhões, de pessoas sem filiação partidária que se engajaram nessa causa. É uma conquista das classes populares, das classes médias, de parcelas importantes do empresariado, dos movimentos sociais e das entidades sindicais que compreenderam a necessidade de combater a pobreza e defender o interesse nacional.

Para começar a incidência sobre o signo mudança, Lula passa a realizar os agradecimentos para os quais a fala anterior (por suas características peculiares) não abriu espaço. Ao se dedicar novamente a particularizações de suas interlocuções, Lula reconstrói o passado em favor de suas perspectivas de mudança.

As referências à “décadas”, “companheiros e as companheiras” que morreram em combate pela consolidação da democracia<sup>54</sup>, aos “militantes anônimos”, às “longínquas regiões do país”, às “derrotas” que ensinaram<sup>55</sup>, aos “momentos difíceis do passado”, “aos milhares, quem sabe milhões de pessoas sem filiação partidária”, às “classes populares”, “médias”, “parcelas importantes do empresariado”<sup>56</sup>, aos “movimentos sociais” e às “entidades sindicais” constroem um universo “temporal” amplo em que o passado serve à memória do futuro: “compreenderam a necessidade de combater a pobreza e defender o interesse nacional”. Esta é uma passagem em que o resultado das eleições encontra seu fundamento num passado e nos discursos proferidos desde então em busca dos mesmos ideais, ainda que estes possam ter sido atualizados. Aqui Lula funda sua vitória em discursos que lhe são anteriores e que apesar das diferentes fontes e perspectivas acabam sendo canalizados para o mesmo fim: a eleição de um compromisso de mudanças em favor da justiça e dos socialmente excluídos.

Porém, se a vitória se funda num passado, é preciso justificar as derrotas de então ao mesmo tempo que se justifica aquilo que se aprendeu com elas: somente a compreensão dessa necessidade de combater a pobreza não seria suficiente, era preciso algo mais.

---

<sup>54</sup> Com essa referência direta aos mortos na luta contra a ditadura, Lula laça com a corda da memória o processo de redemocratização iniciado na década de 80 para engordar o caldo das memórias de futuro (dos sonhos) que possibilitaram a sua vitória; vitória que será retomada posteriormente como possibilitadora de realizações dos mesmos (e de outros) sonhos.

<sup>55</sup> Ensinaram Lula a ser, talvez, mais “paz e amor” do que “batalha”.

<sup>56</sup> Porque não dizer “classes ricas”? Difícil fazer essa diferenciação carregada ideologicamente de contradições quando se profere um discurso em que “mudança” tentará, como veremos, se aliar em “pacto” signos contraditórios, mas que precisarão conviver juntos.

Para alcançar o resultado de ontem, foi fundamental que o PT, um partido de esquerda, tenha sabido construir uma ampla aliança com outras forças partidárias. O PL, o PC do B, o PMN e o PCB deram uma contribuição inestimável desde o primeiro turno. A eles, vieram somar-se, no segundo turno, o PSB, o PPS, o PDT, o PV, o PTB, o PHS, o PSDC e o PGT. Além disso, ao longo da campanha, contamos com o apoio de setores importantes de outros partidos identificados com o nosso programa de mudanças para o Brasil. Em especial, quero destacar o apoio dos ex-presidentes José Sarney e Itamar Franco e, no segundo turno, o precioso apoio que recebi de Anthony Garotinho e Ciro Gomes.

Eis o que, ao meu ver, seria uma referência formal (constituição da aliança entre diferentes partidos que jamais se aliaram) à constituição de um pacto em prol do “nosso programa de mudanças”, centralizado na figura de um “lulinha paz e amor”.

Os dois parágrafos que seguem expõem o nó principal do signo mudança e a posição ambígua do locutor em relação a esse nó:

Não há dúvida de que a maioria da sociedade votou pela adoção de outro ideal de país, em que todos tenham os seus direitos básicos assegurados. A maioria da sociedade brasileira votou pela adoção de outro modelo econômico e social, capaz de assegurar a retomada do crescimento, do desenvolvimento econômico com geração de emprego e distribuição de renda. O povo brasileiro sabe, entretanto, que aquilo que se desfez ou se deixou de fazer na última década não pode ser resolvido num passe de mágica. Assim como carências históricas da população trabalhadora não podem ser superadas da noite para o dia. Não há solução milagrosa para tamanha dívida social, agravada no último período. Mas é possível e necessário começar, desde o primeiro dia de governo.

A tese geral da mudança se dá sobre a idéia de “modelo econômico e social”, passa pelo discurso liberal da “retomada do crescimento” e, no mesmo esforço, e alia signos “econômico” e “social”<sup>57</sup>, e tenta aliar “desenvolvimento econômico com geração de emprego

---

<sup>57</sup> O último apontamento do programa de estudos da tese de Miotello (2001:266) revela: “*O receituário de medidas produzido pela globalização tem sido imposto com um discurso uníssono e hegemônico e de poucas palavras: superar todas as barreiras ao livre comércio. A imposição desse caminho único tem exigido a utilização de todos os meios de convencimento voltados aos incluídos, e ações sangrentas e anestésicas voltadas aos excluídos. Aqui no Brasil a situação e o comportamento político-econômico do governo é de seguidor dessa cartilha, às custas de dívidas impagáveis e privatização, sangue e vida, pobreza e desigualdade insuportáveis, e mudanças na organização da vida nacional. Aos poucos, os discursos de oposição a esse modelo*

e distribuição de renda”. No entanto, ficam claras a dedicação e a saliva gasta por Lula para explicar com será difícil mudar (“O povo brasileiro.... agravada no último período.”) e a pouca saliva gasta no pequeno dizer sobre a necessidade da mudança (“Mas é possível... de governo”). Se *é possível*, onde será o início da mudança? Se a correlação entre os dois parágrafos acima se faz pelo operador argumentativo “*entretanto*”, utilizando-se do esquema “a mas b”, o que se segue em “b” é já um conjunto de justificativas para não realizar tudo o que se apontava no parágrafo anterior e para esta não realização apresentam-se argumentos como: o desfeito e o não feito na última década (com governos que passam agora à oposição); as carências históricas; a carência da dívida social e a inexistência de soluções milagrosas.

Vamos enfrentar a atual vulnerabilidade externa da economia brasileira – fator crucial na turbulência financeira dos últimos meses – de forma segura. Como dissemos na campanha, nosso governo vai honrar os contratos estabelecidos pelo governo, não vai descuidar do controle da inflação e manterá – como sempre ocorreu nos governos do PT – uma postura de responsabilidade fiscal. Essa é a razão para dizer com clareza a todos os brasileiros: a dura travessia que o Brasil estará enfrentando exigirá austeridade no uso do dinheiro público e combate implacável à corrupção.

Mas mesmo com as restrições orçamentárias, impostas pela difícil situação financeira que vamos herdar, estamos convencidos que, desde o primeiro dia da nova gestão, é possível agir com criatividade e determinação na área social. Vamos aplacar a fome, gerar empregos, atacar o crime, combater a corrupção e criar melhores condições de estudo para a população de baixa renda desde o momento inicial de meu governo.

Antes é necessário reafirmar aos “externos” – para que os pupilos nacionais e internacionais de George Soros saibam que não perderão os privilégios econômicos e durmam tranquilos –, que a mudança será feita de “forma segura”, que os “contratos” e

---

*vão encontrando seus eixos ideológicos. A defesa da vida e do cidadão tem garantido a construção dessa entonação dos ainda incluídos, dirigindo-se a seus pares, falando sobre os excluídos. Os processos de construção de hegemonia não passam ilesos por processos de contra-hegemonia. “Um outro mundo é possível”. Com que palavras este discurso vem sendo forjado?”. O Tema do 1º Fórum Social Mundial de 2001 ganhava força em 2002, assim como, ao mesmo tempo, ganhava força a campanha de Lula pela presidência no Brasil. Enquanto o Fórum Social Mundial discutia se no *outro mundo possível*, signos como “economia” e “social” viveriam juntos, Lula propunha em sua campanha um governo de mudanças, onde acabar com a fome iria deslocar os “excluídos” para a categoria dos incluídos, sem mexer com a “estabilidade econômica”. Eleger Lula foi uma maneira de responder às palavras pronunciadas por Lula na campanha – e que agora se fortalecem na mesma e diferente boca de um presidente –, palavras que, na verdade, parecem carregar as tentativas de forjar o discurso contra-hegemônico sobre o qual Miotello se perguntou.*

“compromissos” assumidos serão mantidos, que a “difícil situação financeira herdada” ditará a velocidade de mudança, que será provocada por “criatividade e determinação”.

Novamente aqui o esquema retórico empregado é aquele do “a mas b”, agora em sentido inverso. No primeiro parágrafo, as palavras-chave são segurança, honrar contratos, austeridade e controle. No segundo, criatividade e determinação. Quero ressaltar que o mote do discurso da mudança circula por dois lados contraditórios: o da economia (que será mantido) e o do social (que será mudado). Somente depois de deixar isso claro, abre-se a possibilidade de falar em acabar com a fome no Brasil:

Meu primeiro ano de mandato terá o selo do combate à fome. Um apelo à solidariedade para com os brasileiros que não têm o que comer. Para tanto, anuncio a criação de uma Secretaria de Emergência Social, com verbas e poderes para iniciar, já em janeiro, o combate ao flagelo da fome. Estou seguro de que esse é, hoje, o clamor mais forte do conjunto da sociedade. Se ao final do meu mandato, cada brasileiro puder se alimentar três vezes ao dia, terei realizado a missão de minha vida.

Como disse ao lançar meu Programa de Governo, gerar empregos será minha obsessão. Para tanto, vamos mobilizar imediatamente os recursos públicos disponíveis nos bancos oficiais – e nas parcerias com a iniciativa privada – para a ativação do setor da construção civil e das obras de saneamento. Além de gerar empregos, tal medida ajudará à retomada gradual do crescimento sustentado.

O signo importante para revelar a mudança, para Lula, é a fome. Uma mudança simples de *nem todo brasileiro consegue ter três refeições por dia* para “cada brasileiro puder se alimentar três vezes ao dia”. Ressalto aqui a rápida abertura do gênero para uma fala que poderia ser tomada como “populista”, mas que, ao meu ver, recebe tom e formulação de um esforço para fazer aparecer uma vontade pessoal de Lula (“terei realizado a missão da minha vida”). Uma missão que não é programa de governo, não está relacionada aos programas de seu cargo oficial, e sim com seus sonhos. O esforço para colocar uma construção como essa dentro da forma-gênero “pronunciamento político” revela um estilo próprio de Lula.



Interessantemente, para dar conta dessa promessa pessoal essencialmente relacionada ao signo social, Lula se volta novamente para o signo economia, e retoma a tentativa de construir aquilo que chamou de “crescimento sustentado”<sup>58</sup>.

O país tem acompanhado com preocupação a crise financeira internacional e suas implicações na situação brasileira. Em especial, a instabilidade na taxa de câmbio e a pressão inflacionária dela decorrente.

Porém, com toda a adversidade internacional, estamos com superávit comercial de mais de 10 bilhões de dólares neste ano. Resultado que pode ser ampliado já em 2003 com uma política ofensiva de exportações, incorporando mais valor agregado aos nossos produtos, aprofundando a competitividade da nossa economia, bem como promovendo uma criteriosa política de substituição competitiva de importações.

O Brasil fará a sua parte para superar a crise, mas é essencial que além do apoio de organismos multilaterais, como o FMI, o BID e o BIRD, se restabeleçam as linhas de financiamento para as empresas e para o comércio internacional. Igualmente relevante é avançar nas negociações comerciais internacionais, nas quais os países ricos efetivamente retirem as barreiras protecionistas e os subsídios que penalizam as nossas exportações, principalmente na agricultura.

Nos últimos três anos, com o fim da âncora cambial, aumentamos em mais de 20 milhões de toneladas a nossa safra agrícola. Temos imenso potencial nesse setor para desencadear um amplo programa de combate à fome e exportarmos alimentos que continuam encontrando no protecionismo injusto das grandes potências econômicas um obstáculo que não pouparemos esforços para remover.

O trabalho é o caminho de nosso desenvolvimento, da superação dessa herança histórica de desigualdade e exclusão social. Queremos constituir um amplo mercado de consumo de massas que dê segurança aos investimentos das empresas, atraia investimentos produtivos

---

<sup>58</sup> Para ressaltar a compreensão de que Lula dialoga com o Fórum Social Mundial, e a tese de que o discurso de Lula parece responder ao apontamento realizado por Miotello (2001), sobre *com quais palavras o discurso “contra-hegemônico” está sendo forjado*, Frei Beto, fazendo referência ao Fórum Social Mundial de 2002, afirma: “Cerca de 60 mil participantes provenientes de uma centena de países estão em Porto Alegre, interessados nas grandes conferências matutinas e em mais de 800 seminários e oficinas, em torno de múltiplos temas, que darão conteúdo ao 2º Fórum Social Mundial. A prioridade não é contrapor-se ao Fórum Econômico Mundial, transferido de Davos para Nova York, nem denunciar os desacertos gritantes do atual modelo de globalização, mas abrir pistas de esperança, a partir de experiências concretas, rumo a um novo modelo de **sociedade sustentável**, solidária, centrada na defesa dos direitos humanos e dos recursos da Terra.”. – 4 de fevereiro de 2002 – a (Disponível em Internet. In: <http://br.geocities.com/mcrost10/fb06.htm>).

internacionais e represente um novo modelo de desenvolvimento e compatibilize distribuição de renda e crescimento econômico.

A construção dessa nova perspectiva de crescimento sustentado e de geração de emprego exigirá a ampliação e o barateamento do crédito, o fomento ao mercado de capitais e um cuidadoso investimento em ciência e tecnologia. Exigirá também uma inversão de prioridades no financiamento e no gasto público, valorizando a agricultura familiar, o cooperativismo, as micro e pequenas empresas e as diversas formas de economia solidária.

O Congresso Nacional tem uma imensa responsabilidade na construção dessas mudanças que irão promover a inclusão social e o crescimento sustentado. Por isso, estarei pessoalmente empenhado em encaminhar para o Congresso as grandes reformas que a sociedade reclama: a reforma da previdência social, a reforma tributária, a reforma da legislação trabalhista e da estrutura sindical, a reforma agrária e a reforma política.

Quero destacar desse excerto a série de compromissos firmados por Lula no que diz respeito à política econômica, e sobre ele tecer dois comentários:

- a) Eles se dão no campo das estratégias<sup>59</sup>. Todos dizem respeito à macro atitudes em universos de difícil negociação e mudanças vagarosas: "competitividade da nossa economia", "FMI, o BID e o BIRD", "negociações comerciais internacionais", "barreiras protecionistas", "investimentos produtivos internacionais", "barateamento do crédito", "inversão de prioridades no financiamento e no gasto público" e "a reforma da previdência social, a reforma tributária, a reforma da legislação trabalhista e da estrutura sindical, a reforma agrária e a reforma política".<sup>60</sup>
- b) Algumas dessas estratégias podem ser confirmadas com índices diversos: competitividade internacional, aumento das exportações, pagamentos de

---

<sup>59</sup> Nos dizeres Certeau (1994:46), "chamo de "estratégia" o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um "ambiente". Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico."

<sup>60</sup> Para salientar, o pouco que a grande mídia monopolista privada dedicou sobre as viagens realizadas por Lula para construir as bases de algumas dessas atitudes estratégicas, principalmente no início seu governo, faziam o esforço de trazer juntamente a reflexão preconceituosa da cidade das letras. Dentre os vários exemplos mostrados no primeiro capítulo, o melhor talvez seja o texto do Joelmir Betting (e), em que as viagens de Lula são interpretadas como viagens de passeio e não de trabalho.

dívidas com os organismos financeiros e barateamento do crédito.<sup>61</sup> O que significa, a priori, que as promessas estratégicas teriam sido parcialmente cumpridas.

Retomando a conceituação de “democracia”, Lula encaixa outro tema:

O mundo está atento a esta demonstração espetacular de democracia e participação popular ocorrida na eleição de ontem. É uma boa hora para reafirmar um compromisso de defesa corajosa de nossa soberania regional. E o faremos buscando construir uma cultura de paz entre as nações, aprofundando a integração econômica e comercial entre os países, resgatando e ampliando o Mercosul como instrumento de integração nacional e implementando uma negociação soberana frente à proposta da ALCA. Vamos fomentar os acordos comerciais bilaterais e lutar para que uma nova ordem econômica internacional diminua as injustiças, a distância crescente entre países ricos e pobres, bem como a instabilidade financeira internacional que tantos prejuízos tem imposto aos países em desenvolvimento.

Nosso governo será um guardião da Amazônia e da sua biodiversidade. Nosso programa de desenvolvimento, em especial para essa região, será marcada pela responsabilidade ambiental. Queremos impulsionar todas as formas de integração da América Latina que fortaleçam a nossa identidade histórica, social e cultural. Particularmente relevante é buscar parcerias que permitam um combate implacável ao narcotráfico que alicia uma parte da juventude e alimenta o crime organizado.

Nosso governo respeitará e procurará fortalecer os organismos internacionais, em particular a ONU e os acordos internacionais relevantes, como o protocolo de Kyoto, e o Tribunal Penal Internacional, bem como os acordos de não proliferação de armas nucleares e químicas.

---

<sup>61</sup> Pipocaram muitos índices, principalmente no final do primeiro quadriênio do governo Lula, sobre as mudanças ocorridas em relação à política econômica e a desigualdade social. Escolho dois que apareceram mais sistematizados no site da Agência Carta Maior no início do segundo quadriênio do governo Lula, como uma espécie de avaliação do período anterior. Em relação à política econômica externa, um texto de André Barrocal de 02 de janeiro de 2006, publicou que “entre 2002 e 2006, concentração das vendas do Brasil nos EUA caiu para 18% e, na UE, para 22%” e “de 2003 a 2006, quase dobrou o peso das vendas do Brasil para o Mercosul”. Em relação à distribuição de renda, outro texto desse autor, dois dias depois, evidenciou uma virada do governo em relação ao “superávit primário”: “O sistema financeiro fica com a fatia mais polpuda dos recursos públicos administrados pelo governo desde o início da política de pagamento sistemático de juros da dívida, conhecida como superávit primário, no fim de 1998. De lá para cá, o orçamento federal permitiu que o “mercado” se apropriasse, em média, de 8% das riquezas nacionais produzidas a cada ano. Em 2007, no entanto, bancos, fundos de pensão, corretoras de valores e especuladores em geral vão perder o troféu de principais favorecidos pela verba pública. Pela primeira vez na era do arrocho fiscal, o orçamento separou mais dinheiro para o governo pagar pessoas beneficiadas pela Previdência Social do que os rentistas do “mercado”, o que sinaliza uma certa distribuição da renda brasileira.”

Estimularemos a idéia de uma globalização solidária e humanista, na qual os povos dos países pobres possam reverter essa estrutura internacional injusta e excludente.

O tema “América Latina” aparece misturado com o tema “democracia”. Generalizações como “cultura de paz” aparecem junto a construir um Mercosul para fazer “frente a ALCA”. Lula se esforça para tocar nos diferentes temas, nesse momento do enunciado. Nação (Amazônia), Região (Mercosul) e Mundo (ONU) se misturam numa fala menos aprofundada do que a anterior.<sup>62</sup>

Se a “estratégia” parece estar mais ligada aos discursos sobre política econômica, *melhor* proferido dentro de um discurso formal, mais aproximado a oficialidade, o tratamento de questões mais delicadas como MERCOSULxALCA e “mudança”, por exemplo, parecem ser trazidos de maneira “tática”.

Mesmo sem se desconectar com a formalidade, é perceptível aqui uma mudança da entonação valorativa do trabalho individual do locutor. No que diz respeito a esses outros temas (América Latina, bilateralidade, Mercosul frente à ALCA, globalização solidária e humanística), o estilo começa a se tornar grandiloquente e, ao meu ver, possibilita um abrandamento da seriedade em relação aos temas, incluindo aí o abrandamento (e/ou apagamento) das próprias contradições e dificuldades imbricados em cada um desses signos. Eis mais um traço do estilo-Lula trabalhando dentro do gênero para que seu projeto de dizer – pacto social pela mudança – se mantenha firme e consistente como memória de futuro.

Não vou decepcionar o povo brasileiro. A manifestação que brotou ontem do fundo da alma dos meus compatriotas será a minha a inspiração e a minha bússola. Serei, a partir de 1º de janeiro, o presidente de todos os brasileiros e brasileiras, porque sei que é isso que esperam os eleitores que me confiaram o seu voto.

---

<sup>62</sup> Como se estivesse dizendo: *nós cuidaremos disso tudo aos poucos, com atividades criativas e táticas*. Em contraposição a conceituação de “estratégia”, Certeau (1994:46-47), denomina de “tática” “um cálculo que não pode contar com o próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo. vigiando para “captar no vôo” possibilidades de ganho. O que ele ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. (...). Ele consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos (...), mas a sua sínteses intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião”.”

Vivemos um momento decisivo e único para as mudanças que todos desejamos. Elas virão sem surpresas e sobressaltos. Meu governo terá a marca do entendimento e da negociação. Da firmeza e da paciência. Temos plena consciência que a grandeza dessa tarefa supera os limites de um partido. Esse foi o sentido do esforço que fizemos desde a campanha para reunir sindicalistas, ONGs e empresários de todos os segmentos numa ação comum pelo país.

Continuaremos a ter atuação decidida no sentido de unir as diversas forças políticas e sociais para construir uma nação que beneficie o conjunto do povo. Vamos promover um Pacto Nacional pelo Brasil, formalizar o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, e escolher os melhores quadros do Brasil para fazer parte de um governo amplo, que permita iniciar o resgate das dívidas sociais seculares. Isso não se fará sem a ativa participação de todas as forças vivas do Brasil, trabalhadores e empresários, homens e mulheres de bem.

Meu coração bate forte. Sei que estou sintonizado com a esperança de milhões e milhões de outros corações. Estou otimista. Sinto que um novo Brasil está nascendo.

Esse excerto é o ápice de uma grandiloquência que não esconde a ambigüidade. Expressões como “minha inspiração e minha bússola”, “momento decisivo e único”, “um governo amplo” e “iniciar o resgate das dívidas sociais seculares” misturam-se com “marca do entendimento e da negociação”, “sem surpresas e sem sobressaltos”.

“Entendimento e negociação”, “firmeza e paciência” são signos ideológicos, prenes da contradição que seu governo começa a enfrentar mesmo antes de ser governo. A proposta de “unir as diversas forças políticas e sociais para construir uma nação que beneficie o conjunto do povo”, além de render ao presidente enfrentamentos diversos no futuro, coloca a idéia de que “um novo Brasil está nascendo” num patamar de dúvidas.<sup>63</sup>

Compreendo a introdução do estilo grandiloquente no final do pronunciamento como uma tentativa de dar um ‘toque pessoal’ ao discurso que até então foi formal e propiciou poucas brechas para a emergência do locutor como sujeito daquilo que diz, assim como não possibilitou ao interlocutor entonações valorativas mais emocionas.

## INDÍCIOS DE CONCLUSÕES EM (1)

---

<sup>63</sup> Os partidos da extrema esquerda não se cansariam de dizer que o governo Lula é um governo de conciliação de classes (apesar da obviedade dessa classificação), e que não passaria de um governo igual aos governos de conciliação de classes da Europa, que acabaram reproduzindo as políticas econômicas liberais vigentes e não contribuindo para um real avanço das questões sociais.

1. Os enunciados revelam projetos de dizer diferentes. Enquanto (1a) pretendeu realizar apenas alguns agradecimentos, (1b) se comprometeu a tratar dos principais temas do programa de governo do novo presidente;
2. Apesar das configurações dos interlocutores entre 1a e 1b serem similares, as concretudes do enunciados são diferentes<sup>64</sup>, forjada em *projetos de dizer* diferentes, constituídas a partir de relações de interlocução diferentes;
3. Podemos falar então da importância do projeto de dizer para a relação entre os interlocutores e, conseqüentemente, para a definição da forma-gênero (ritual/composição) de “agradecimentos” em (1a), em relação à importância do tratamento dos temas para a definição da forma-gênero “pronunciamento político” em (1b);
4. Há indícios de relação intergenérica, pois há partes de outros gêneros (mais relacionados ao cotidiano) dentro dos gêneros e partes de um enunciado em outro (1a em 1b), possibilitando modificações significativas no que diz respeito ao tratamento dos temas;
5. Logo, há indícios de que a relação entre gênero e o processo de significação (temas) é interdependente. Ou seja, as preocupações com o tema e com a forma-gênero se entrecruzam em prol dos projetos de dizer nos diferentes enunciados;
6. O estilo individual parece ser feito de traços do trabalho do locutor dentro do gênero: seria possível dizer que em cada gênero o estilo individual emerge de formas diferentes, como o trabalho do locutor em cima dos três pilares do gênero (tema, composição e estilo) em prol do seu projeto de dizer.

---

<sup>64</sup> Situações concretas em que estão inseridos.

- 2) Discursos de Posse: Discurso do senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de posse no Congresso Nacional – 01/01/2003; e Discurso do senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a cerimônia de posse, no Parlatório do Palácio do Planalto – 01/01/2003.

Marcada pela informalidade, por quebras de protocolo e por pequenos incidentes, a posse de Luiz Inácio Lula da Silva, 57, como 39º presidente da República transformou-se na maior manifestação popular da história das cerimônias do gênero em Brasília. Cerca de 150 mil pessoas tomaram as ruas de Brasília, de acordo com as autoridades de segurança. Na posse de Fernando Collor, em 1990, havia cerca de 20 mil pessoas; na de Fernando Henrique Cardoso, em 1995, cerca de 10 mil.

Folha de São Paulo, Especial 1, quinta-feira, 2 de janeiro de 2003

Dois discursos novamente, um seguido do outro. Neste caso, inverte-se a ordem em relação aos dois primeiros. O primeiro (2a) é o oficial, dentro do Congresso Nacional, para a sessão solene na qual tomou posse Luiz Inácio Lula da Silva. O segundo (2b) é para o povo que festeja sua posse nas ruas da capital do Brasil: 150 mil pessoas, se comparadas as 20 mil da posse de Fernando Collor e as 10 mil na de Fernando Henrique Cardoso, até parece que o povo tomou realmente o poder pela representação democrática.

Entrarei nesses dois discursos pelas portas que me parecem mais pertinentes: as da alteridade. A quem Lula dirigia seu discurso? Pergunta que pode começar a ser respondida pela resposta a outra: quem estava festejando pela posse de Lula e por quais motivos?<sup>65</sup>

Na assinatura do termo de posse, os protagonistas que interromperam o pronunciamento (2a) de Lula 30 vezes para aplaudir configuravam um conglomerado de autoridades internacionais, alguns conhecidos e convidados e, majoritariamente, os congressistas (representantes do poder legislativo, atuantes diretamente sobre a regulamentação **escrita** da sociedade), que receberam Lula com gritos de “Olé olé olá, Lula, Lula”. Todos queriam tirar uma casquinha do momento histórico: o presidente do Congresso,

---

<sup>65</sup> Se as leituras dos discursos do conjunto 1 foram realizadas sob a preocupação com os dois eixos (em 1a “A Singularização da Interlocução” e em 1b “Circunscrevendo Temas (Exauribilidade)”) que se apresentaram como resposta as minhas perspectivas naquele momento, a escolha dos discursos da posse de Lula justifica-se pela perspectiva de encontrar dois conjuntos de pessoas aos quais Lula dirigirá seus discursos, o povo e os congressistas, as pessoas comuns das ruas da capital aos declarados pela lei e pela *caneta* representantes oficiais do povo. Traço como eixo de leitura desse segundo conjunto de discursos a **alteridade**, e sua importância para as questões relacionadas ao conceito de gêneros do discurso.

senador Ramez Tebet (PMDB-MS), festejava orgulhoso o fato de ter fornecido a Luiz Inácio Lula da Silva a caneta usada na assinatura do termo de posse.<sup>66</sup>

A pressão era grande. *“Agora Lula é um dos nossos”* precisava forçar o círculo de letrados em volta do termo de posse escrito e necessitado de assinatura. O primeiro secretário da Câmara, a época, o deputado Severino Cavalcanti (PP-PE), quebrou o protocolo na cerimônia. Sua função era a de apenas ler o termo de posse do presidente. O mesmo caderno da mesma Folha de São Paulo comenta: *“Por ser de Pernambuco, ele decidiu que deveria falar além do previsto. ‘Não posso deixar de dizer a Lula que temos a mesma origem. Por coincidência, há 46 anos fui para São Paulo também num pau-de-arara’”*<sup>67</sup>

Definitivamente e oficialmente empossado, Lula enuncia um discurso muito próximo do discurso (1b): baseados no mesmo projeto de dizer (principais temas do projeto de governo), Lula incide sobre os mesmos signos: “mudança”, “democracia”, “mudança gradativa e com responsabilidade”, “fome”, “desenvolvimento econômico social”, “pacto social”, “América Latina” e *relações bilaterais com os organismos internacionais*, constituindo temas contraditórios conjuntamente; e ainda realiza os mesmos artifícios para sutilmente fazer emergir seu toque pessoal ao pronunciamento: discurso grandiloquente no final do enunciado e incorporação do trecho do pronunciamento (1b) sobre a “missão” de sua vida.

Assim como é possível traçar paralelos entre (2a) e (1b), seria possível traçar paralelos entre (1a) e (2b). No entanto, é possível notar no discurso (2b), pronunciado no parlatório, uma preocupação com a formalidade maior do que no discurso (1a).

Ao tirar a faixa de si, FHC esbarra em seus óculos, que caem. Lula se abaixa para pegar os óculos, enquanto FHC ajeita a faixa para colocá-la em seu sucessor. Lula se levanta e tenta devolver os óculos ao mesmo tempo em que FHC transmite a faixa. No final do

---

<sup>66</sup> A Folha de São Paulo não poderia deixar de notar. No Caderno Especial do dia 2 de janeiro de 2003 sobre a posse de Lula, o jornal teceu o seguinte comentário: “Logo depois de ter sido eleito, Lula recebera uma caneta do deputado federal Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP), com a qual assinaria o termo de posse. Tratava-se de uma caneta encontrada na roupa usada pelo líder metalúrgico paulista Santo Dias, morto em confronto com a polícia nos anos 70. Não se sabe a razão de Lula ter usado a caneta de Ramez Tebet e não a recebida de Greenhalgh.”

<sup>67</sup> Qualquer possibilidade de ficar mais próximo e até mesmo se igualar a Lula desvela, ao meu ver, dois objetivos dessa classe que circunda o poder executivo, o poder legislativo (que tem o poder das letras, de elaborar com elas as leis que controlam o país): a) ser igual à Lula tem um benefício eleitoral e apoio popular imprescindíveis para estes que dependem do voto do povo; e b) num esforço reverso, trazer o homem que veio do povo, “num pau-de-arara”, que lutava pelo povo (líder sindical), para mais perto dos seus interesses particulares (ou interesses que realmente representam por meio de lobbies, conchavos, propinas e jetons).



pronunciamento anterior, no Congresso, Lula enuncia um agradecimento a Deus “por chegar até onde” ele chegou. Símbolo do mito da ascensão social, Lula finaliza essa reflexão com “Sou agora o servidor público número um do meu País.” É mais fácil visualizar FHC como um Chefe de Estado do que como um Servidor Público, assim com também é mais fácil aceitar Lula se abaixando para pegar os óculos de FHC do que ele próprio (ou numa situação inversa que FHC se abaixaria para pegar qualquer coisa para qualquer um).

Entre o serviçal “público” e o Chefe de Estado, sob a imposição da contradição de sua posição em relação a FHC, de ter sido eleito para um cargo que nunca tinha recebido alguém de suas origens e seu percurso distante do letramento educacional, de carregar em suas palavras a “esperança” de milhares de brasileiros e, contraditoriamente, a vontade de uma elite financeira em manter-se como elite, Lula despede-se de um discurso no Congresso Nacional onde – assim com em (1b) –, dirigindo-se para uma alteridade letrada e historicamente marcada pela corrupção, tratou das questões econômicas de maneira **estrategicamente formal** assumindo o compromisso da manutenção e das questões das mudanças sociais de maneira **taticamente grandiloqüente**, e caminha para o discurso no Parlatório.

Visível desde o momento de troca da faixa presidencial, passando pelas diferenças entre as saudações em (2a) e (2b), da qual podemos extrair, como exemplo, a inversão da saudação ao Vice-Presidente José Alencar<sup>68</sup>, a diferença de formalidade entre (2a) e (2b) existe, mas aparece mais como um amálgama entre oficialidade e não-oficialidade do que propriamente como escolha do locutor pela informalidade, observada em (1b). Lula vai falar para o povo, mas não mais como presidente eleito (e prestes a ser declarado oficialmente eleito) como em (1a). Já empossado presidente, Lula procura constituir sua interlocução entre o oficial e o pessoal, entre o formal e o informal de maneira mais explícita.

Alguns exemplos indiciam, ao mesmo tempo, a diferenciação formal entre (2a) e (2b) e entre (2b) e (1a). Para o congresso, quem falava era predominantemente um “nós”: “Reafirmamos”, “Visamos”, “Estamos”, “Enfrentaremos”, etc. Para o parlatório, o predomínio do “eu” fica claro: “não vacilarei”, “estou convencido”, “meu papel”, “quero terminar”, “quero dizer”, “quero propor”. Revelador do caminhar entre o formal e o informal, o que caracteriza (2b) diferente de (1a), é que em (1a), para esses exemplos que citei, só vemos

---

<sup>68</sup> Em (2a), do cargo para a pessoa: “Exmo. Sr. Vice-Presidente da República José Alencar”. Em (2b), da pessoa para o cargo: “Meu querido companheiro José Alencar, meu Vice-Presidente da República”

construções do tipo “quero propor”, “quero dizer”; e em (2b) é possível ver “não vacilarei” (ao invés de *quero dizer que não vou vacilar*) e “estou convencido” (ao invés de *quero dizer que estou convencido*).

## INDÍCIOS DE CONCLUSÕES EM (2)

- 1) O discurso no congresso, tendo como alteridade um auditório formado essencialmente pelo círculo letrado, teve como característica a formalidade das assinaturas e dos termos de posse. Uma formalidade refratada e refletida no próprio enunciado. O discurso no parlatório, tendo como alteridade um auditório popular, constitui-se no embate entre a formalidade que a oficialidade exigida e a informalidade que a alteridade possibilitava e o locutor procurava;
- 2) Ressalto a característica da oficialidade para esse conjunto de enunciados. Mesmo no discurso proferido para o povo, no parlatório, é possível notar o locutor imbuído de uma preocupação com a formalidade;
- 3) Para o congresso, para os representantes máximos da cidade das letras, a assinatura de um termo de posse escrito. Para o povo, a troca de faixa presidencial, da coroa, a entrega do troféu. No congresso, Lula entrega sua assinatura em compromisso com os letrados. No parlatório, é entregue a Lula o símbolo da representação política perante o povo esperançoso, a coroa, a faixa presidencial.

## ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE (1) E (2)

- 1) Atentando para a característica da formalidade, é possível perceber um deslocamento do locutor para o campo da oficialidade. Partindo de (1a) *informal*, se dirigindo para (1b) *formal*, passando para (2a) + *formal*, terminando em (2b) *formal* ⇔ *informal*;
- 2) É possível dizer que para tratar de temas contraditórios, o locutor se lançou a dois tipos de trabalhos diferentes dentro dos gêneros nos quais enunciou: trabalho tático e trabalho estratégico;

- 3) É possível dizer que o gênero pronunciamento político (principalmente em 1b e 2a) possibilitou, pela formalização, a entrada **estratégica** do locutor em temas obrigatórios em função da alteridade para a qual ele estava produzindo discurso responsivamente, concluindo-os (exauribilidade) ideologicamente em tom ameno (mantendo significações em signos importantes como “economia”); e a entrada **tática**, fruto de um trabalho mais evidente do locutor (estilo individual), em temas relacionados com a “mudança”, signo importante para o tema “social”, contraponto em relação ao tema “economia”;
- 4) Avançando um pouco mais essa reflexão, retomando aquilo que Certeau (1994:99-100) chamou de estratégia: “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado”, isolamento que proporciona, segundo o autor, alguns efeitos que devo considerar para a reflexão que estou propondo:

1. O “próprio” é *uma vitória do lugar sobre o tempo*. Permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. É um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo.
2. É também um domínio dos lugares pela vista. A divisão do espaço permite uma *prática panóptica* a partir de um lugar onde a vista transforma as forças estranhas em objetos que se pode observar e medir, controlar portanto e “incluir” na sua visão. Ver (longe) será igualmente prever, antecipar-se ao tempo pela leitura de um espaço.
3. Seria legítimo definir *o poder do saber* por essa capacidade de transformar as incertezas da história em espaços legíveis. Mas é mais exato reconhecer nessas “estratégias” um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio. (...). Noutras palavras, *um poder é a preliminar deste saber*, e não apenas seu efeito ou seu atributo. Permite e comanda as suas características. Ele se produz aí.

O discurso da economia parece atuar no campo das atividades estratégicas. Não parece haver surpresas nos sentidos construídos pela fala de Lula nos signos relacionados à “economia”: “mercado”, “compromissos internacionais” e “inflação”, por exemplo. O locutor se insere formalmente no discurso oficial, o que parece facilitar essa atividade estratégica e *exaurir* sentidos rebatidos, sempre retomados pela sua estabilidade tranquilizada.

- 5) Por outro lado, Certeau (1994:100-101) contrapõe aquilo que ele chamou de tática. Aprofundando esse conceito, o autor chama de

tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não em meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é o movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Bülow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.

Para lidar com a contradição imposta pelo o encontro dos signos “economia” (vinculado à tranquilidade da não mudança de políticas) e “social” (que implica precisamente o conceito de mudança), signos trazidos pelas diferentes alteridades para quem fala (e para quem irá governar), Lula parece agir com astúcia dentro do campo de visão do inimigo. Se tomarmos a enorme pressão exercida pelo discurso do mercado (o “terror financeiro”, o “medo da instabilidade”), que é o discurso hegemônico, fica explícito o cuidado de Lula em lidar com tais signos contraditórios. Ao mesmo tempo que procura acalmar incertezas, projeta taticamente a mudança que lhe foi pedida nas urnas.

- 6) Se para Certeau (1994:98-99) a distinção entre *estratégias* e *táticas* parece apresentar um esquema inicial mais adequado para dar conta da categoria de “trajetória”, em que é possível ver a “unidade de uma *sucessão* diacrônica de pontos percorridos, e não a *figura* que esses pontos formam num lugar supostamente sincrônico ou acrônico”, tornando possível, no que diz respeito aos seus estudos, a compreensão de como “consumidores” não são sujeitos absolutamente passíveis, mas sim sujeitos que transgridem a ordem posta de maneira peculiar; no que diz respeito aos discursos de Lula analisados até agora, o

apoio que esse locutor vai buscar nessas diferentes práticas parece ser resposta a esses dois lados do movimento da sociedade atual.

A trajetória inicial de Lula nesses dois primeiros discursos parece responder a trajetória que a própria sociedade brasileira vem construindo durante anos desde que se iniciou a implantação da cartilha econômica neoliberal do consenso de Washington<sup>69</sup> e a ampliação da miséria e da desigualdade social. Lidar com esses dois lados da batalha de maneira a apaziguá-los parece ser a tarefa proposta por Lula a ele mesmo nesses quatro primeiros discursos. E ainda, no mesmo mês de janeiro, mal começado o governo, Lula vai aos Fóruns Social Mundial (em Porto Alegre) e Econômico Mundial (em Davos) sucessivamente.

- 7) O **Fórum Econômico Mundial (FEM)** é uma reunião anual entre executivos-chefe das corporações mais ricas do mundo, alguns líderes políticos nacionais (presidentes, primeiros ministros e outros) e intelectuais e jornalistas seletos - em torno de 2.000 pessoas no total - que geralmente acontece em Davos, Suíça, desde 1971. O **Fórum Social Mundial (FSM)** é um evento de âmbito mundial, organizado por movimentos sociais com objetivo de celebrar a diversidade, discutir temas relevantes e buscar alternativas para questões sociais. Foi proposto inicialmente como uma contraposição ao **Fórum Econômico Mundial** de Davos na Suíça e originalmente realizado no mesmo período de tempo, anualmente, desde 2001.<sup>70</sup> No início de seu governo, Lula transita de um Fórum (Social em Porto Alegre) ao outro (Econômico em Davos) não apenas para marcar presença.

Se no Fórum de Porto Alegre Lula realiza um discurso cheio de metáforas da vida cotidiana, em Davos isso também acontece, porém, com evidente transformação na espontaneidade. Se em Porto Alegre Lula fala, em Davos Lula lê. Em Porto Alegre Lula enfatiza que governará para os pobres, que realizará as mudanças que o “povo” necessita, mas realça que as mudanças ocorrerão com tranquilidade<sup>71</sup>. Em

---

<sup>69</sup> Retomo as referências feitas à tese de Miotello (2001).

<sup>70</sup> As definições básicas dos dois Fóruns foram tiradas do site <http://pt.wikipedia.org>.

<sup>71</sup> “Qual é a novidade? Qual é a novidade deste ano? É que este ano, por causa de vocês e por causa do Fórum Social Mundial, fui convidado para ir a Davos. Se não fossem vocês, eu não seria convidado. (...) Agora, quando surgiu o convite para Davos, a princípio, falei: o que vou fazer em Davos? E, aí, tomei a seguinte decisão: sou Presidente de um país que é a oitava economia mundial. Sou Presidente de um país que tem 45 milhões de

Davos o percurso é invertido: primeiramente assume a manutenção dos compromissos, mas enfatiza que não será possível a manutenção do modelo econômico mundial vigente.<sup>72</sup>

Lula transita entre dois polos do mundo contemporâneo, o polo dos comandantes do mundo (que trabalham quase que exclusivamente a partir de estratégias e se possibilitam sempre a visão panóptica do mundo) e o polo dos comandados do mundo (que procuram congregar em um encontro mundial os desejos que fundamentam suas atividades cotidianamente “táticas”. Sua trajetória discursiva (sua caminhada dentro dos signos ideológicos) até agora revela um trabalho ao mesmo tempo “estratégico” e “tático”.

---

pessoas que não comem as calorias e as proteínas necessárias. Sou Presidente de um país que tem História e que tem um povo. E não é em qualquer dia, em qualquer mês, em qualquer século que um torneiro mecânico ganha a Presidência da República deste país. Portanto, tomei a decisão. Muita gente que está em Davos não gosta de mim, sem me conhecer. Quero fazer questão de ir a Davos e dizer em Davos exatamente o que eu diria para um companheiro qualquer que esteja aqui neste palanque. Dizer em Davos que não é possível continuar uma ordem econômica onde poucos podem comer cinco vezes ao dia e muitos passam cinco dias sem comer no planeta Terra. Dizer a eles que é preciso uma nova ordem econômica mundial, em que o resultado da riqueza seja distribuído de forma mais justa, para que os países pobres tenham a oportunidade de ser menos pobres. Dizer a eles que as crianças negras da África têm tanto direito de comer como as crianças de olhos azuis que nascem nos países nórdicos. Dizer a eles que as crianças pobres da América Latina têm tanto direito de comer como qualquer outra criança que nasça em qualquer parte do mundo. Dizer a eles que o mundo não está precisando de guerra, o mundo está precisando de paz, o mundo está precisando de compreensão. (...) Entretanto, também aprendi, ao longo da minha trajetória política – e aprendi com vocês – que o técnico importante para um time não é aquele que começa ganhando, mas aquele que termina ganhando o jogo que nos propusemos jogar.”

<sup>72</sup> "Queremos o livre comércio, mas um livre comércio que se caracterize pela reciprocidade. De nada valerá o esforço exportador que venhamos a desenvolver se os países ricos continuarem a pregar o livre comércio e a praticar o protecionismo. (...) Quero convidar a todos os que aqui se encontram, nessa montanha mágica de Davos, a olhar o mundo com outros olhos. É absolutamente necessário reconstruir a ordem econômica mundial para atender aos anseios de milhões de pessoas que vivem à margem dos extraordinários progressos científicos e tecnológicos que um ser humano foi capaz de produzir."

### 3) Discursos: Diálogos com a Bolívia

3a) Discurso da Ponte: Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de inauguração da ponte “Wilson Pinheiro” – Integração Brasil/Bolívia - Brasília/AC – 11/08/2004.

Lembro-me do estranhamento geral quando lemos esse pronunciamento em um dos encontros do GEGE. A “astúcia” de Lula em transformar a inauguração de uma pequena ponte em um acontecimento histórico entre dois países nos propiciou o experimento particular de leitura desse discurso. Compreender como ele faz isso é o que busco dizer na leitura que agora apresento.

Meu querido amigo e presidente da Bolívia, Carlos Mesa,  
Meu querido amigo e presidente do Peru, Alejandro Toledo,  
Minha querida Maria Terezinha Pinheiro, viúva do companheiro Wilson Pinheiro, que dá nome a essa ponte,  
Meu caro Carlos Camacho, prefeito do Departamento de Pando,  
Meu querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre,  
Ministros do meu governo que me acompanham,  
Ministros do governo do Peru,  
Ministros do governo da Bolívia,  
Meus companheiros e minhas companheiras do Pando, do Acre e, sobretudo, mulheres e homens de Brasília,

A maneira peculiar como as saudações são realizadas caracterizam um projeto de dizer que busca na informalidade a constituição das relações entre locutor e interlocutores. “Meu querido amigo”, “Minha querida” e “Meu caro” antecipando os nomes dos interlocutores individuais; e a generalização não sofisticada em “Ministros do governo”, “Meus companheiros e minhas companheiras” e “mulheres e homens” introduzem o tom valorativo ameno para a solenidade oficial de inauguração de uma obra inter-países.

Meu caro Carlos Mesa e meu caro Toledo, em 1980, quando mataram o Wilson Pinheiro de Souza, eu vim a esta cidade e o clima era muito tenso, porque o Wilson Pinheiro era um sindicalista e foi morto dentro de sua casa. E quando eu cheguei aqui tinha uma assembléia de trabalhadores, um clima muito tenso, muita gente armada andando pelas ruas, o nosso querido companheiro Osmarino, que está aqui do nosso lado, estava aqui. E me chamaram para fazer um pronunciamento. Eu não lembro o que eu disse, eu só lembro que disse que estava cansado de fazer discurso na beira de caixão de companheiros que tinham sido assassinado.

E eu me lembro que utilizei uma frase, que é muito usual, aqui, no Brasil, dizendo que estava chegando a hora da “onça beber água.” Eu disse essa frase, voltamos para Rio Branco; estrada totalmente de terra, uma poeira muito grande e, para minha surpresa, alguns dias depois, quando eu estava em São Paulo, eu fui comunicado que eu estava sendo processado porque um delegado da Polícia Federal tinha entendido que a frase que eu utilizei: “está chegando a hora da onça beber água”, era uma senha para que os trabalhadores se vingassem. Aconteceu que, no dia seguinte, eu fui embora, e os trabalhadores mataram uma pessoa que eles consideravam suspeita de ter matado o Wilson Pinheiro.

Por conta disso, eu fui julgado em Manaus, fui condenado a 3 anos e meio de prisão. Obviamente que não cumpri a pena porque era réu primário. Mas o esquisito foi que, na acusação, diziam que eu não tinha que ser condenado porque tinha matado qualquer pessoa, que eu não tinha que ser condenado porque usava revólver ou metralhadora; eu tinha que ser preso porque a minha arma era a minha língua, que era muito ferina, e eu não podia andar por aí dizendo que a onça podia beber água. E ainda hoje eu acho que a onça precisa beber água, porque senão ela morre.

Depois de cumprimentar os convidados como se estivesse abraçando-os na porta da frente da sua casa (“meu querido amigo”, etc)<sup>73</sup>, Lula inicia seu discurso construindo uma narrativa em que está presente a experiência pessoal e ao mesmo tempo remete ao fato histórico de que se originou a homenagem prestada com o nome da ponte, objeto de inauguração. Faz isso como quem conta uma história na sala de estar, aproximando os convidados para um bate papo informal. Poderíamos também retomar esse contar de Lula como aquela atividade mágica realizada em noites enluaradas, em que se reuniam os netos e

---

<sup>73</sup> Novamente, não posso deixar de notar a presença de cumprimentos mais comumente realizados em atividades cotidianas, misturados a cumprimentos mais ou menos oficiais aos “Ministros”. Ao meu ver, isso é indício de relações intergenéricas, mais especificamente ligadas aos gêneros do cotidiano, que Bakhtin chamou de gêneros primários.



o avô em volta de uma fogueira, e o avô, com um linguajar particular, contava histórias simples e encantadoras, que enchiam a vida de memória .

Ao fazer isso, Lula traz para dentro do que era para ser um ‘pronunciamento político’ o gênero ‘contação de história’. O cotejamento do **Estilo**, da **Composição** e do **Tema** do gênero ‘contação de história’ (observação: causo envolve sempre o maravilhoso, o fantástico, o que não é o caso)’ produz discurso: as **significações** históricas retomadas pelo **signo** “morte do sindicalista” (tensão, repressão) são abrandadas com a piadinha final sobre a frase da onça, ou seja, são renovadas, são revestidas por um novo **tema**<sup>74</sup> (suavidade, alegria, tranquilidade). A **configuração composicional** do gênero ‘pronunciamento político’ recebe a configuração do gênero ‘contação de história’, e aproxima os interlocutores para uma relação de alteridade *aconchegante*. Lula investe sobre o **estilo do gênero** ‘pronunciamento político’ ao incorporar o **estilo de outro gênero**. Esse é o trabalho do locutor que indicia traços de **estilização individual** de Lula.

Fica fácil para Lula sair de um acontecimento tão sério e violento como a morte do sindicalista e passar, na seqüência, para um sentimento de alegria. A cronotopia constituída nesse diálogo entre gêneros leva para um passado (morte do sindicalista) e, ao mesmo tempo, produz aberturas. Tais aberturas propiciarão ao locutor a constituição de perspectivas (sejam elas quais forem, perspectivas mais brandas e tranqüilas para as próximas palavras).

Mas quero dizer a todos vocês da alegria de estar, aqui, inaugurando a ponte. Esta ponte, como disse o nosso companheiro Jorge Viana, não é nenhuma ponte Rio-Niterói, não tem 13 quilômetros de comprimento, nem 100 metros de largura. Ela é uma ponte pequena, no tamanho e no custo. Mas, possivelmente, o significado da inauguração desta ponte, em função daquilo que nós acreditamos que está reservado para a América do Sul. Eu quero dizer para vocês que esta ponte não tem tamanho, não tem preço, porque as coisas de muito valor para dois povos ou mais povos, não se mede pela quantidade de cimento, nem pela quantidade de dinheiro, mas pela quantidade de simbolismo que tem a construção dessa ponte, que vai permitir que homens e mulheres possam transitar livremente daqui para a frente entre os dois países, vencendo alguns impasses da burocracia. Viu Jorge, é sempre importante lembrar, porque aí tem Receita Federal, Polícia Federal, tem um monte de coisas que têm que ir se

---

<sup>74</sup> Tema e Significação na língua, retomada das considerações realizadas no final do capítulo 1.

resolvendo, e essas coisas devem ser difíceis na Bolívia, no Brasil, e devem ser difíceis no Peru.

Nota-se a intenção do locutor em apagar as possíveis significações (tensão, tristeza, dificuldade) que o tema do gênero (pronunciamento de inauguração da Ponte Wilson Ribeiro) poderia trazer historicamente, constituindo novos temas (“Mas quero dizer a todos vocês da alegria de estar aqui”) ao introduzir uma série de críticas à burocracia e a fatores menos importantes relacionados à inauguração da ponte (quantidade de cimento ou de dinheiro).

Mas o que importa é que nós queremos resolver, para que o menino do Pando possa namorar a menina do Acre, ou o menino do Acre possa namorar a menina do Pando, sem que haja nenhum problema entre nós, além de trabalhar, estudar e comercializar. Mas não tem coisa mais bonita do que namorar. Então, namorar já é um passo. Enquanto duas pessoas estiverem namorando, não há espaço para divergência, nem para a guerra, só para a paz.

Ressalto a particularização do tema do gênero, conduzindo para outros novos temas, agora relacionados ao sentimento, a integração pessoal e humana. Para isso, transitando entre geral e particular, Lula circunda o tema com referências a possíveis atividades cotidianas possibilitadas pela ponte (namorar-particular, comercializar-geral, namorar-particular, paz-geral).

Por isso, eu, Jorge, não vou sequer ler o meu pronunciamento. Eu acho que o que vale, aqui, para nós, é o que nós estamos vendo. O que vale para nós, aqui, é olhar na cara de cada um de vocês, estudantes, mulheres e homens, e perceber que isso é uma coisa simples. Por ser simples, deveria ter sido feita há 80 anos, 90 anos, 40 ou 30 anos. Eu dizia, em 89, 94, 98, 2002 e continuo dizendo: um dos problemas dos governantes é que eles não conhecem o país que eles governam. Então, muitas vezes, as pessoas ficam presas nas capitais, atendendo apenas à demanda da burocracia e não se dão conta de que, com um gesto simples como este, você une dois países e dá um início extraordinário para a economia, tanto do Pando, quanto para a economia do Acre.

Então, as pessoas não têm interesse em fazer esse trabalho da periferia. É muito mais cômodo ir para a capital; é muito mais cômodo ir para a cidade de 300 mil habitantes, 1 milhão de habitantes. É muito mais cômodo, no meu caso, ir para São Paulo, para Brasília, para Belo Horizonte, para o Rio de Janeiro. Agora, eu sei que é muito mais cômodo, mas é muito mais

necessário eu vir a Brasília ou ir a outra cidade pequena deste país, como vamos agora a Ji-Paraná. Nós vamos sair daqui, os três presidentes, e vamos a Assis Brasil, iniciar o trabalho de uma outra ponte entre o Brasil e o Peru. Porque não tem nenhum sentido a gente morar tão perto, olhando de um lado e vendo outro país, e a gente não ter uma passarela para atravessar.

A integração da América do Sul, a construção de uma nação sul-americana, passa pela integração física. E nós, se Deus quiser, iremos dar a nossa contribuição para que essa integração aconteça. E é importante que todo mundo tenha claro que, como o Brasil é o maior país da América do Sul, e é a maior economia da América do Sul, por conta disso, o Brasil tem mais responsabilidade, o Brasil tem que ter mais solidariedade, o Brasil tem que ser mais companheiro, o Brasil tem que ser mais generoso na sua política de integração.

Portanto, meu querido Jorge Viana, eu sei do trabalho que você fez para esta ponte sair. Eu sei do carinho que você dedicou para que esta ponte saísse. Eu sei da emoção, cada vez que você ia a Brasília e conversava comigo. Ultimamente, ele estava me ligando preocupado: “Olha, Presidente, a ponte não é tão grande.” Pensando que eu ia ficar tão decepcionado. Mas, Jorge, mesmo que fosse um eucalipto fazendo a travessia, feito pelas tuas mãos, com o carinho com que você faz as coisas, ainda assim eu teria vindo a Brasília.

A assunção do locutor logo no início desse trecho em não querer falar dentro do gênero ‘pronunciamento político’ (“Por isso, eu, Jorge, não vou sequer ler o meu pronunciamento”) é possibilitada pelo percurso que Lula vem fazendo desde que iniciou sua fala: desde a incorporação de gêneros do cotidiano até seu trabalho incisivo sobre os signos ideológicos.

E continua seu enunciado como resposta a diversas conversas entre ele e Jorge Viana. Ao trazer para dentro desse novo gênero (ainda indefinido entre a oficialidade da solenidade de inauguração da ponte e a não-oficialidade constituída pelo trabalho do locutor) as inúmeras ‘conversas’ que teve com Jorge Viana, por telefone ou presencial, o locutor as utiliza para travar um debate dentro de diversos signos (burocracia, tamanho, custo, dinheiro, economia, integração, governo e América Latina). Lula recobre as **significações** presentes nas conversas com Jorge Viana com novos **temas**, reforçando o simbolismo da inauguração de uma construção simplória, que possivelmente deve ter custado mais barato do que a viagem dos três presidentes (Brasil, Bolívia e Peru) até Brasília. Depois de ter transformado o passado triste e violento em alegria, o locutor emprenha o **signo** “ponte Wilson Pinheiro de Souza” de **memórias de futuro**.

Entre elas, destaco principalmente a idéia de *integração generosa*. Em outros discursos analisados na dissertação, pudemos observar a defesa de Lula por uma “globalização justa”, por um “pacto sócio-econômico”, por um livre comércio justo, por uma “nova ordem econômica-social internacional mais justa e humanitária”. Trata-se justamente do encontro de articulação entre posições extremamente contraditórias como: públicoXprivado, pobreXrico, exploradoXexplorador, entre outras. E que aqui é trabalhado pelo locutor e colocado no campo das atitudes políticas táticas (inaugurar uma simples ponte).

Lula se esforça para tirar do tema do gênero (inauguração da ponte) significações que revelem a atitude estratégica que seria apenas a integração econômica e o recobre com novas vestes, mas ligadas à integração humana-social. Isso é ser tático. Isso é estilo individual desdobrando um gênero, tornando-o quase inclassificável: é ainda pronunciamento político? Ou é apenas uma fala para amigos numa solenidade? Ou ainda uma mistura dessas duas coisas e de outras mais?

Portanto, eu quero agradecer, aqui, a presença do nosso querido companheiro Toledo, grande companheiro nosso, não apenas companheiro do Brasil, porque é Presidente do Peru, mas companheiro do Lula. E o Lula é companheiro dele.

Quero dizer ao companheiro Carlos Mesa que eu continuo achando que o Presidente da Bolívia tem uma oportunidade histórica, como pouca gente teve, de dar à Bolívia o tamanho econômico que tem o território da Bolívia e a riqueza que a Bolívia tem debaixo do seu solo, que o povo merece experimentar e usufruir.

No que depender de nós, Presidente, pode ter a certeza que seremos mais que parceiros, mais que irmãos, seremos parceiros, irmãos, mas seremos, sobretudo, companheiros, porque eu quero terminar a minha vida vendo a América do Sul transformada numa verdadeira nação sul-americana, onde o povo possa transitar livremente.

Muito obrigado gente, que Deus abençoe a todos vocês.

Carlos Mesa assumiu o cargo de Presidente da Bolívia após a renúncia de Goni, ainda em 2003, devido ao intenso movimento das massas contra o decreto presidencial de outubro de 2003, o qual oferecia vantagens para as multinacionais dos EUA na exploração e exportação do gás e do petróleo boliviano. Lula falava para um ex-vice-presidente soterrado por pressões populares que queriam a nacionalização dos hidrocarburetos.

Nesse trecho Lula insiste na parceria. Aqui não dá para saber se Lula está tomando a posição da Petrobrás como multinacional exploradora ou a posição do povo boliviano. Na sequência Lula fala sobre o direito do povo, mas é presidente do Brasil e detém 31% da Multinacional.

Para finalizar o discurso, novamente a assunção do estilo grandiloquente invocando ares bolivarianos: “porque eu quero terminar a minha vida vendo a América do Sul transformada numa verdadeira nação sul-americana, onde o povo possa transitar livremente”.

Inaugurar uma ponte pequena para que pessoas de dois países diferentes possam namorar, até mesmo comercializar, não é a mesma coisa que rever contratos de integração econômica em que empresas de um país exploram as reservas naturais do outro país. Não posso deixar de notar a ambigüidade entre uma atitude tática de inaugurar uma ponte pequena e simbólica para um projeto de integração econômica em que o *“Brasil tem mais responsabilidade, o Brasil tem que ter mais solidariedade, o Brasil tem que ser mais companheiro, o Brasil tem que ser mais generoso na sua política de integração”* e os sentidos presentes na construção de memórias de futuro no trecho *“Quero dizer ao companheiro Carlos Mesa que eu continuo achando que o Presidente da Bolívia tem uma oportunidade histórica, como pouca gente teve, de dar à Bolívia o tamanho econômico que tem o território da Bolívia e a riqueza que a Bolívia tem debaixo do seu solo, que o povo merece experimentar e usufruir”*:

Quem possui a riqueza é a Bolívia. A riqueza está debaixo do solo. O povo merece “experimentar e usufruir”. A riqueza não é do povo boliviano. A Petrobrás tem um contrato com a Bolívia. Outras empresas multinacionais (norte-americanas e européias) têm contratos com a Bolívia. Nenhuma empresa tem contrato com o povo boliviano. Este só poderá experimentar e usufruir a riqueza da Bolívia por intermédio de acordos comerciais entre a Bolívia e as empresas. Portanto, *“No que depender de nós, Presidente [Carlos Mesa], pode ter a certeza que seremos mais que parceiros, mais que irmãos, seremos parceiros, irmãos, mas seremos, sobretudo, companheiros”*.

3b) Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da XVI Reunião Regional Americana da Organização Internacional do Trabalho - Brasília-DF, 03 de maio de 2006

Quase um ano após o discurso (3<sup>a</sup>), caíram o Presidente Mesa, o presidente do Senado Hormado Vaca Díez e da Câmara dos Deputados Mario Cosío. Na impossibilidade da nacionalização, o povo aceita novas eleições e elege Evo Morales, que havia sido derrotado nas eleições anteriores por Goni. Evo Morales assume com dois objetivos, nacionalização dos hidrocarburetos e a realização de uma assembléia constituinte. Evo nacionaliza os hidrocarburetos e provoca o que pode ser caracterizado como vitória de um povo sobre a exploração multinacional, realizada também por uma estatal brasileira, a Petrobrás.

Como Lula no Brasil (tomou posse e produziu enunciados peculiares no Congresso e no Parlamento), Evo foi empossado duas vezes na Bolívia: “Ontem, sábado, foi a verdadeira posse de Evo Morales.” Em tom emocionante, Emir Sader relata a segunda posse de Evo, longe da cidade letrada, sem papéis, registros escritos e assinaturas, apenas ritos sígnicos.<sup>75</sup>

Não parece ser casual o contentamento (e o relato) de Emir Sader em encontrar Eduardo Galeano e assistir junto a ele a 2ª posse de Evo: “Pude localizar Eduardo Galeano, que chegava de uma acidentada viagem, sem dormir e assistimos juntos às cerimônias.”<sup>76</sup>

Lula demorou para se pronunciar em relação à Nacionalização dos hidrocarburetos da Bolívia. O que Lula, o presidente que pronunciou o discurso de inauguração da ponte Brasil-Bolívia, irá produzir como resposta a esse acontecimento singular na América Latina? Somente 3 dias depois do anúncio da Nacionalização dos Hidrocarburetos na Bolívia Lula aproveita um discurso sobre outro tema para se pronunciar a respeito.

Quero ressaltar especificamente a maneira cuidadosa com que Lula entra na questão da nacionalização dos hidrocarburetos pela Bolívia. Atento para o fato desse discurso não ter

---

<sup>75</sup> Anexo 12.

<sup>76</sup> Apenas para especular, fico me perguntando: será que esses dois acham que estão assistindo o início do fechamento das feridas da América Latina (Galeano, 1991), sendas pelas quais foram sugados milhares de litros de sangue humano e territorial desde o descobrimento? Para arriscar um pouco mais, será que essas sendas começaram a ser fechadas já com as eleições de Lula no Brasil? Ou ainda, que possibilidades abriu o povo brasileiro ao votar em Lula (ex-metalúrgico, ex-sindicalista, um homem que nunca cursou uma universidade, um homem que tem um linguajar peculiar, um linguajar fortemente criticado pelos membros da cidade das letras) para o povo latino-americano se sentir à vontade, a ponto de começarem a pipocar governos denominados de centro-esquerda na maior parte dos países, a começar por Evo Morales (descendente direto de indígenas, ex-cocaleiro, dono de venda de alimentos, um homem fora da cidade das letras)?

como tema específico a questão sobre a qual quero refletir. É um discurso para a “cerimônia de abertura da XVI Reunião Regional Americana da Organização Internacional do Trabalho”. Lula não havia se pronunciado em nenhum momento para tratar especificamente do tema “relação Brasil-Bolívia pós nacionalização”, o que indicia que Lula não objetivava tratar do tema diretamente. Esse projeto de dizer ‘mais específico’ (sobre o tema “crise do gás”<sup>77</sup>) é trazido a ele pela grande mídia monopolista privada que o obriga a responder<sup>78</sup>, envolvido em uma trama de acontecimentos históricos não previstos por Lula naquela tarde em que discursava sobre a inauguração da ponte Brasil-Bolívia.

Ressalto ainda o processo de reação da mídia alternativa ao ataque da grande mídia monopolista privada em relação à reação do governo do Brasil à nacionalização dos hidrocarburetos da Bolívia:

A maior parte da imprensa brasileira não pensou muito. Saiu logo atirando: “Brasil cria corvos na América do Sul” (Eliane Cantanhede) “; “Adiós Petrobrás” (manchete do Diário do Comércio), “Despreparo e improvisação” (Miriam Leitão) e “Golpe letal” (editorial do Estado de S. Paulo). Tudo leva a crer que estamos diante de uma declaração de guerra e da desapropriação unilateral de bens e propriedades do Brasil. Vigorou mais a bilis do que a racionalidade jornalística. Um exame detalhado no Decreto Supremo, assinado pelo presidente da Bolívia, nem de longe aponta para algo semelhante. (Gilberto Maringoni, 03/05/2006 . Disponível em Internet In.: [http://agenciartamainor.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=10771](http://agenciartamainor.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=10771))

Tendo que responder, ao mesmo tempo, a duas pressões (um processo historicamente marcado pela exploração e subordinação da Bolívia desde a colonização<sup>79</sup> e ao discurso mercadológico hegemônico, reforçado por umas das forças dentro da Petrobrás provinda de

---

<sup>77</sup> Nota-se que é assim que a mídia começou a chamar a questão da nacionalização do gás pela Bolívia. O fato de Lula não ter se pronunciado oficialmente sobre isso abre margens para interpretações sobre a posição do Presidente no jogo entre os interesses de uma empresa estatal e suas concepções históricas a propósito da propriedade do povo sobre os bens de seu solo. Veremos que ele precisará desarticular essa significação “crise”.

<sup>78</sup> Não demorou muito, no dia 02 de maio, logo de manhã, quase ao mesmo tempo, a Folha de São Paulo destilou suas opiniões extremamente afinadas com o discurso do mercado. Ainda aproveitou para dar aquela *beliscadinha* nos olhos de Lula: “O Itamaraty, seja ele lulista, tucano ou “bolivariano”, precisa voltar ao seu papel primordial, a defesa do chamado “interesse nacional”. Enquanto isso não acontecer, os corvos seguirão se fartando de globos oculares. Miopes, é verdade, mas ainda olhos.” (Texto disponível em Internet In.: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u107307.shtml>). Em outra passagem fala de cátedra sobre relacionamentos internacionais, sobre os quais a FSP nunca teria poder para “selar” mas que quer dar como coisa já acontecida: “Politicamente, o decreto da nacionalização promulgado ontem sela o distanciamento do presidente Evo Morales de seu colega brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, e reforça o alinhamento da Bolívia com a Venezuela de Hugo Chávez, em menor escala, com a Cuba de Fidel Castro.” (Disponível em Internet In.: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u107305.shtml>).

<sup>79</sup> Cfe. Galeano (1991).

investimentos de capital estrangeiro privado e representado diretamente pelo discurso da ‘crise’ tal com a referenciou a grande mídia monopolista privada), Lula começa articulando o tema “América Latina” incidindo sobre signo “democracia”.

o Somavia ficou um pouco assustado quando viu o tamanho do meu discurso. Ele pensou que eu só ia terminar de falar amanhã. Mas é que eu já tenho mais de 40 e eu fujo um parágrafo por folha, mas não vou ler, até porque o Marinho disse parte das coisas que estão no meu discurso e, portanto, eu não vou repetir aqui.

Mas também eu estou vendo a fisionomia de vocês, eu estou percebendo que vocês são todos especialistas no mundo do trabalho, vocês vão brigar muito pelo trabalho decente e eu queria conversar um pouco com vocês sobre política.

A relação de alteridade, presente não somente na relação eu/tu (locutor/interlocutores), mas também na relação com os outros discursos anteriores (sua forma, estilo e tema), atentando para o percurso do locutor até focar seu tema principal (América Latina sob o signo da democracia), provoca Lula a fazer referência a três fatores relacionados ao gênero dentro do qual acabou de iniciar sua fala<sup>80</sup>, o que nos leva às três peculiaridades dos gêneros discursivos para Bakhtin: (1º) **forma de alternância dos falantes** (“mas não vou ler”), que seria a forma utilizada pelo locutor anterior, adicionado ao fato de já ter recebido avaliações prévias sobre o seu discurso (“o Somavia ficou um pouco assustado quando viu o tamanho do meu discurso. Ele pensou que eu só ia terminar de falar amanhã.”)<sup>81</sup>, abrindo a possibilidade de resposta; (3ª) **possibilidade de responder** (“até porque o Marinho disse parte das coisas que estão no meu discurso e, portanto, eu não vou repetir aqui.”); tendo o locutor anterior já dito tudo o que tinha para dizer, e ainda proporcionando ao próximo locutor não dizer as mesmas coisas sobre temas já tratados (2ª) **exauribilidade do tema**, que aqui se inicia com a necessária apresentação do novo tema (política), tendo em vista seu horizonte social mais específico (“Mas também eu estou vendo a fisionomia de vocês, eu estou percebendo que vocês são

---

<sup>80</sup> As saudações, pela configuração que já observamos em outros discursos (nome, cargo, “Meu caro” e “meus amigos”), revela a entrada no gênero pela informalidade.

<sup>81</sup> Esse excerto também revela que o discurso de Lula estava escrito, e que ele deveria ler, o que lhe proporcionaria um discurso talvez mais adaptado a formalidade do gênero “pronunciamento político”, que já pudemos ter contato anteriormente.



todos especialistas no mundo do trabalho, vocês vão brigar muito pelo trabalho decente e eu queria conversar um pouco com vocês sobre política.”).

Constituída então a circunscrição dos pilares do gênero dentro do qual Lula profere seu discurso, inicia-se o tratamento do tema América Latina à procura de uma entonação valorativa para a democracia por meio da constituição, de início de uma remissão ao passado da América Latina:

Muitas vezes, discutimos política em função do nosso imediatismo e não discutimos política em função do tempo histórico em que temos que discutir a política. E se nós quisermos valorizar um pouco o que está acontecendo em toda a América Latina, nós temos que saber o que era a América Latina 20 anos atrás, para que a gente possa perceber a evolução política e democrática que houve no nosso Continente.

De 20 anos atrás para cá, parece que Lula refere-se apenas aos momentos posteriores à fundação do Partido dos Trabalhadores. É preciso ressaltar também a habilidade de Lula no tratamento do tema, ao começar a desconstrução das contradições ideológicas presentes na diferenciação *esquerda/direita*:

Se pegarmos lá de Santiago do Chile, desde o Lagos até Michelle Bachelet, e formos perpassando todos os países da América Central, do Caribe, da América do Sul, nós vamos percebendo que há um avanço sistematizado na conquista de espaços pelos trabalhadores, pela democracia, pelas mulheres, pelos índios e pelos negros. E muitas vezes não depende sequer do governo ser de esquerda ou de direita, depende muito mais dele ser humano, com sensibilidade humanística ou não, depende muito mais dele decidir que legado pretende deixar para aqueles que vierem depois de nós. E a evolução é, na minha opinião, extraordinária.

Após uma longa elocubração sobre a tal “evolução extraordinária”, tentando articular “conquistas dos trabalhadores”, “educação” e “realizações de seu governo”, Lula enxerga a possibilidade de gancho com a tese da “evolução na democracia na América Latina”, e logo percebemos que é por ela que Lula pretende entrar no tema “crise do gás”:

As crianças entravam na escola com sete e agora estão entrando com seis. É por isso que nós acabamos de aprovar na Câmara, vai aprovar no Congresso Nacional, um projeto de lei

colocando mais 4 bilhões e 300 milhões de reais para o ensino fundamental, o ensino básico neste país, para garantir que a gente cuide, desde a creche até a pessoa terminar o segundo grau.

Eu penso que isso deve estar acontecendo em muitos países da América Latina. De vez em quando eu fico vendo as disputas políticas que nós temos, e é importante que a OIT saiba... a América Latina, se a gente for analisar corretamente, uma boa parte dela, do ponto de vista geológico, do ponto de vista físico, o solo... é um solo garantido, acho que nós não vamos ter tsunami aqui nunca, porque o solo está garantido. Mas, do ponto de vista político e democrático, nós somos um Continente em formação e, muitas vezes, as divergências que aparecem não são para assustar ninguém, são divergências próprias de nações que estão vivendo um outro estágio na sua relação política interna e na sua relação política externa.

Lula tenta estabelecer um paralelo sem muito aprofundamento entre “continente físico” e “continente político”. Esse “sem muito aprofundamento” torna-se importante se atentarmos para os indícios de entonação valorativa de Lula sobre o tema, a tentativa de amenizar as questões contraditórias entre os países, que vai revelando parte de seu projeto de dizer sobre a “crise” com a Bolívia: *é normal ter divergências*.

Durante muito tempo, vários países da América do Sul viam o Brasil com imperialismo. Eu digo sempre que, quando fomos construir Itaipu, a Argentina nos ameaçou com a bomba atômica, achando que Itaipu era para inundar Buenos Aires. Tivemos conflitos e mais conflitos em vários momentos da nossa história e eu, de vez em quando, chamo os meus companheiros presidentes à responsabilidade, porque muitas vezes eles ficam discutindo coisas que aconteceram no século XVIII, ou no século XIX, e eu falo: pelo amor de Deus, nós somos a geração de governantes que tem que pensar no século XXII e não no século XIX ou no século XVIII, no que aconteceu. O que aconteceu já está cicatrizado, a gente não pode ficar remoendo, mexendo, para arrumar uns conflitos que foram resolvidos há 200 anos.

Se antes Lula provocou uma referência para trás de 20 anos a favor das significações com as quais quis trabalhar, agora ele procura apagar um lançamento de memória feito por Evo sobre as relações Brasil-Bolívia<sup>82</sup>, e sobre as relações Bolívia-Europa, projetando o futuro

---

<sup>82</sup> Grande foi a repercussão da mídia sobre a fala de Evo. A pequena notícia que se segue da conta de expor o fato: “Fato é que rancor não faltou no discurso de Morales, que alegou a exploração dos indígenas por vários séculos pelos europeus – depois do já mencionado negócio “cavaleiro” com os brasileiros – , justificando assim

e, ao mesmo tempo, um conjunto de interlocutores que não estão ali presentes – os governantes da América Latina (“pelo amor de Deus, nós somos a geração de governantes que tem que pensar no século XXII e não no século XIX ou no século XVIII, no que aconteceu”).

A mim incomoda... eu fiz uma reunião, por exemplo, com o Kirchner e com o Chávez na semana passada, amanhã tem outra reunião. A mim incomoda saber da discussão da “papeleira”, eu acho que nós temos que encontrar uma solução e quem vai encontrar a solução é a Argentina e o Uruguai. Nós estamos vendo a imprensa brasileira falar da crise Brasil/Bolívia. Não tem crise Brasil/Bolívia e não existirá crise, existirá um ajuste necessário de um povo sofrido e que tem o direito de reivindicar ter maior poder sobre a maior riqueza que tem.

No entanto, para justificar a atitude do governo brasileiro em relação à nova posição da Bolívia no que diz respeito às relações comerciais entre Petrobrás e os hidrocarbonetos bolivianos, Lula lança mão de uma referência ao passado ‘implícita’, trazida pelo trecho “povo sofrido e que tem o direito de reivindicar ter maior poder sobre a maior riqueza que tem”. Por não ser explícita, ser subentendida, precisa ser reconstruída com as perguntas: *porque o povo da Bolívia é sofrido? Porque o povo da Bolívia tem o direito de reivindicar ter maior poder sobre a maior riqueza que tem?*<sup>83</sup>

Para fortalecer a sobreposição de novos temas sobre as significações impostas pelas grande mídia monopolista privada no signo “relações internacionais”, Lula faz uma analogia ao tipo de relações internacionais exercido pelos EUA:

---

*suas ações de nacionalização que, segundo o próprio, devolveram os pertences aos seus legítimos donos – os bolivianos.”* - Morales, o Acre e o Cavalo Branco - Por Blog legis (<http://legis.zip.net>) 11/05/2006 às 23:53. O rancor boliviano, com exceção da provocação sobre a troca do Acre (então território boliviano) por um cavalo, e mais concretamente sobre a posição imperialista da Petrobrás em relação a exploração das reservas de petróleo e gás bolivianos, joga o Brasil e a Bolívia dentro de um conjunto de relações historicamente construídas sob o signo da exploração do sangue da América Latina. Não há trecho do livro de Eduardo Galeano (1991) que possa ser selecionado para descrever quais pertences precisam ser devolvidos “aos seus legítimos donos”, nem quais e como foram os séculos de exploração européia, a não ser que se cite toda a obra. Mas há o último parágrafo de seu livro: “*É muita podridão para lançar ao fundo do mar no caminho da reconstrução da América Latina. Os despojados, os humilhados, os miseráveis têm, eles sim, em suas mãos a tarefa. A causa nacional latino-americana é, antes de tudo, uma causa social: para que a América Latina possa renascer, terá de começar por derrubar seus donos, país por país. Abrem-se tempos de rebelião e mudança. Há aqueles que crêem que o destino descansa nos joelhos dos deuses, mas a verdade é que trabalha, como um desafio candente, sobre as consciências dos homens*” (p.281).

<sup>83</sup> Eduardo Galeano (1991) já respondeu a essas perguntas na nota anterior.

Não vamos descobrir uma arma qualquer na Bolívia para justificar uma briga com a Bolívia, não. Eu faço política, eu aprendi a negociar muito antes de ser político. E as nossas divergências serão tiradas em torno de uma mesa, conversando.

A resposta de Lula à grande mídia monopolista privada se caracteriza nesse trecho pela tentativa de imbricar dois tipos de direitos diferentes, o direito da Bolívia (que agora também é do povo boliviano) e o direito do Brasil (da Petrobrás, da empresa público-privada).

O fato de os bolivianos terem direito não significa negar o direito do Brasil, o que não pode é uma nação tentar impor a sua soberania sobre as outras sem levar em conta que o resultado final da democracia é o equilíbrio entre as partes. E eu tenho certeza que todos nós iremos nos acertar... de vez em quando eu vejo conflito entre Venezuela e Colômbia... eu mesmo já viajei duas vezes para conversar com o Uribe, para conversar com o Chávez. Essas coisas são próprias da democracia. O que a gente não pode é maximizar isso, dar uma dimensão que não tem. O Brasil tem interesse na Bolívia e a Bolívia tem interesse no Brasil.

É o esforço de Lula em relacionar dois signos que aqui já se apresentaram contraditórios: economia (mercados de capital privado) e social.

Eu me lembro que quando eu tomei posse, brasileiros e argentinos quase nem conversavam, era uma luta preconceituosa de brasileiros com argentinos. Eu não sei, mas eu duvido se em algum momento a gente teve uma harmonia tão grande entre Argentina e Brasil como nós temos agora. Por quê? Porque não prevalece o interesse de um empresário que quer vender para a Argentina, mais do que comprar; porque não prevalece o interesse de um diplomata, porque não gosta da diplomacia da Argentina. Não é política de diplomata e nem política de empresário, nem política de sindicato, é política de Estado. E na política de Estado nós precisamos estar bem com todos os países do nosso Continente, e vamos estar.

E fizemos tudo isso, Somavia, sem brigar com ninguém. A nossa relação com os Estados Unidos é extraordinária, a nossa relação com a Europa é extraordinária, com a China, com a Índia, por quê? Porque não é necessário você fazer uma amizade nova, uma relação nova e ter que romper com a velha. Nós temos clareza da importância dos Estados Unidos para o Brasil, para a Argentina e para a América Latina. E nós temos a importância também do que nós representamos para eles, vemos a importância da Europa. É com esse jogo de cintura, eu diria,

que nós iremos consolidar um processo democrático na América do Sul sem mentiras, sem mágicas, mas enfrentando os problemas como se fôssemos companheiros. Se tiver problema, ligamos um para o outro, colocamos na mesa de negociação e negociamos. Todos nós temos direitos e todos nós temos deveres. Isso vale no mundo do trabalho, vale no mundo político.

E eu quero dizer para vocês que nesses 39 meses, 36 deles eu dediquei para viajar para a América do Sul e América Latina. Foram 29 países que eu visitei e recebi 19 chefes de Estado aqui. E ainda não está completo, porque não depende só da minha vontade ou do Kirchner, ou do Chávez, ou do Fidel, depende de um conjunto de forças políticas, de um conjunto de interesses. E a evolução desses governos e a consolidação da democracia é que vai permitir que a gente possa consolidar um mundo do trabalho decente, em que a gente não tenha a prostituição infantil, em que a gente não tenha o trabalho escravo, em que a gente não tenha crianças tendo que pedir dinheiro na rua para poder sobreviver.

Outro traço interessante é o deslocamento promovido por Lula em direção aos seus interlocutores. Já vimos um direcionamento para os “governantes da América Latina”. Nesse trecho Lula pessoaliza (“E fizemos tudo isso, Somavia, sem brigar com ninguém”), e logo depois generaliza (“E eu quero dizer para vocês”). Trata-se, ao meu ver, de um trabalho estilístico de coordenação da interlocução em prol de um projeto de dizer (que pode vir do mais amplo pro mais específico: evolução da democracia na América Latina → boas relações internacionais).

## INDÍCIOS DE CONCLUSÕES EM (3b)

Trabalhar a interlocução é trabalhar o gênero. Talvez aí resida o problema da não-definição desse discurso de Lula como gênero “pronunciamento político”. Se definir não é o objetivo, e se estilo não diz respeito somente às formas composicionais de um gênero (e o trabalho do locutor para modificá-las, ou nelas incorporar outras), importante é perceber o trabalho do locutor dentro das características peculiares que todo enunciado possui. Estamos vendo, desde o discurso (2b) um locutor enunciando/trabalhando dentro de gêneros preocupado com ambigüidades, com contradições, com os problemas que isso pode provocar para o projeto de um governo *pactualista* (“Brasil um país de todos”), e como essa

preocupação tem possibilitado a flexão do locutor dentro dos gêneros aos quais ele se integra para enunciar.

#### ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE (3a) E (3b)

A riqueza pertence ao povo da Bolívia? Retomo o trecho de (3a) para ouvir novamente Lula dizer *que a riqueza é da Bolívia e que o povo pode aproveitar essa riqueza*. Lembrar isso nos faz retomar questões e ressignificá-las.

Tratar desse tema tendo Carlos Mesa como seu interlocutor principal não é mesma coisa que tratar desse tema tendo como interlocutor principal Evo Morales. Por que? Carlos Mesa, no que diz respeito aos hidrocarburetos bolivianos, estava representando mais interesses comerciais do que sociais. Pelo decreto presidencial de outubro de 2003, vantagens seriam oferecidas para as multinacionais dos EUA na exploração e exportação do gás e do petróleo boliviano. Evo Morales, que havia perdido as eleições anteriores para Mesa, fora eleito com a promessa de nacionalização das reservas de gás e petróleo bolivianas, prometendo, com isso, maior justiça social. Se, num primeiro momento nós podemos ver um Lula preocupado com justiça sociais, inaugurando taticamente uma pequena ponte, e se dirigindo a Mesa estrategicamente para tentar reverter o privilégio que Mesa estava dando às multinacionais norte-americanas, com claros interesses comerciais em benefício da Petrobrás, também podemos ver um Lula, num segundo momento, sofrer críticas da esfera econômica por deixar de lado interesses econômicos em favor de interesses sociais, tentando fazer coerência dentro de seu ambíguo projeto de “globalização justa”, de “relações bilaterais responsáveis”.<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> A Folha de São Paulo simplesmente papagaia a avaliação da revista britânica “The Economist”, obviamente, a favor de um discurso protecionista do mercado de capitais privados, e ainda aproveita para lançar mão do discurso da *debilidade* de Lula e do discurso do *medo das mudanças*: “O presidente Luiz Inácio Lula da Silva está sendo transformado pelo seu colega venezuelano, Hugo Chávez, em um “espectador irrelevante” diante dos últimos acontecimentos na América do Sul, diz reportagem desta quinta-feira da revista britânica “The Economist”. “O presidente do Brasil, [Luiz Inácio] Lula da Silva, foi humilhado por Hugo Chávez, da Venezuela”, diz o subtítulo da reportagem “A diminuição do Brasil”, da revista britânica. “Muitos brasileiros reclamam que seu presidente está se tornando um espectador irrelevante em seu próprio quintal”, diz o texto. Segundo a reportagem, a resposta do presidente Lula à nacionalização das reservas de petróleo e gás da Bolívia foi “débil”. (...) O projeto de Chávez para a América do Sul é diferente daquele do Brasil, lembra a revista. “Onde o Brasil quer integrar, a Venezuela quer dividir. Sob Chávez, a Venezuela não respeitou nem contratos nem regras democráticas. O Brasil não apenas ficou em silêncio sobre tal conduta, como encorajou a Venezuela a entrar no Mercosul.” “O Brasil falhou em articular uma alternativa clara ao ‘chavismo’”, acrescenta a reportagem. “Há não muito tempo, os líderes [do Brasil] tinham uma visão de integração regional baseada na democracia (...) Não é difícil concluir que essa visão está sendo sacrificada em nome de um impulso pueril de envolver aqueles

Se até agora vimos um locutor preocupado em lidar com contradições em seu discurso que vêm de fora para dentro: vêm da interlocução que o obriga a responder, vêm das significações históricas carregadas pelos signos que o obrigam a revesti-los, vêm das construções formais mais ou menos aptas a determinado projeto de dizer –, contradições passíveis de serem circunscritas em jogo entre signos como economia/social; e se olhar para a linguagem é observar as contradições sociais imanentes na infraestrutura<sup>85</sup>, torna-se possível – e se retomarmos ainda as reflexões já realizadas sobre a responsabilidade de Lula nos seus quatro primeiros discursos à polarização entre os discursos do *mercado econômico* e do *social* – novamente vislumbrar dois lados da vida contemporânea que se apresentam opostos e contraditórios nesse momento específico da história do Brasil e da América Latina.

No seu trabalho de doutoramento, Zoppi-Fontana (1997), ao analisar os “processos discursivos que organizaram a prática discursiva do governo de Raúl Alfonsín (1983-1989)”, pôde observar que, junto com o renascimento da democracia no continente latino-americano pós-ditaduras das décadas de 60 e 70, anunciava-se uma modernidade, sustentada discursivamente numa ambivalência semântica, enunciativa e ideológica.

... pudemos observar que, embora ancoradas nos funcionamentos enunciativos que constituem a *dupla visibilidade* do sujeito do DAL [discurso alfonsinista] como porta-voz dos argentinos, as diferentes formas de representação do sujeito do DAL apresentam uma contradição referencial, cuja causa efetiva se encontra nos processos de interpelação ideológica que determinam/constituem o sujeito do discurso como forma-sujeito em relação a uma determinada FD. A *dupla visibilidade* de representação do sujeito do DAL como porta-voz funciona, então, como sintoma de sua inscrição em posições de sujeito ideologicamente opostas, estabelecidas em FDs contrárias.

Os efeitos dessa contradição se manifestam tanto no funcionamento das formas de

---

que vendem a retórica populista do 'antiimperialismo'. Os brasileiros podem pagar um preço por isso em breve.”” (Disponível em Internet In.: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u107621.shtml>).

<sup>85</sup> “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sócias em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sócias” (Bakhtin, 1929:41). E ainda: “A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais” (Bakhtin, 1929:66).

representação do sujeito do DAL quanto no funcionamento das formas de representação da que estruturam as formulações (Zoppi-Fontana: 1997, 192).

Guardada as proporções teórico-metodológicas entre aquele trabalho e este, parece-me possível encontrar paralelo pelo menos entre as necessidades de ambos os governos em lidarem com uma luta social e política diametralmente oposta. Continuemos:

... o *discurso sobre a modernização* impõe uma representação da luta social e política como racionalização do conflito, produzida a partir de mecanismos institucionais atualizados e de uma *nova cultura política*, fundada num conjunto de valores ético-morais universalmente aceitos. Logo, a *democracia* deixa de ser interpretada como uma condição para as demandas sociais, para representar-se como *uma demanda do Estado aos cidadãos para possibilitar a ação de governo*. Os princípios de legitimação do fazer político em “democracia” são, assim, reformulados a partir de uma ressignificação do conceito de *modernização*, que enfatiza os aspectos culturais e institucionais sobre os econômicos e tecnológicos, tradicionalmente predominantes nos *discursos sobre a modernização* de cunho liberal e/ou desenvolvimentista. Por outro lado, os enunciados do DAL, que desenvolvem o núcleo temático da *modernização*, recuperam as representações temporais que caracterizam a filosofia da história fundada pela *modernidade*, que desenha uma imagem do “tempo histórico” como seqüência linear, homogênea e progressiva, na qual o “fim” – *o progresso indefinido* –, sempre fugidio, orientaria evolutivamente os processos históricos (Zoppi-Fontana: 1997, 192).

Se lá o diâmetro das relações sociais em prol da democracia, tendo como futuro uma “modernização” naturalmente imposta pelo “tempo histórico linear e progressivo”, eram postos no discurso pelos signos “econômicos e tecnológicos” versus “culturais e institucionais”, aqui, os discursos de Lula tentam impedir que signos quase exatamente paralelos em sua relação de contradição, “economia” versus “social”, se choquem de tal modo a ponto de produzir, por exemplo, impossibilidade de governar<sup>86</sup>. Ainda:

---

<sup>86</sup> Uma das características da campanha de 2002 era a intenção de acalmar “os mercados” que diziam, por meio de seus porta-vozes mais ferozes (George Soros, como vimos) “ou Serra ou o caos”. E pode ser deslocada para o conjunto de compreensões dos discursos de Lula realizadas até agora: as constantes afirmações de manutenção dos compromissos econômicos. Bastaríamos lembrar o medo daquelas que defendiam a manutenção do governo neoliberal no Brasil. De um Jorge Soros a uma Regina Duarte – que bradava nas telas globais o medo de Lula –, se o candidato de Fernando Henrique Cardoso não ganhasse as eleições em 2002, o caos se estabeleceria sobre a “ordem” e o “progresso” que estava, com sempre, apenas engatinhando abaixo da Linha do Equador.



No DAL, a essa representação da temporalidade se acrescenta uma justificação mítica para a suposta “orientação da história”, cuja teleologia estaria já inscrita nas mesmas origens. A proposta de modernização do país fica assim naturalizada: 1- como “necessidade histórica”, a partir da representação de um futuro imanente ao presente (e ao passado); 2- a partir de um passado (e uma “história”) comum(ns) legitimados(s) por vínculos de sangue. Assim, a incompletude e indeterminação temporal mobilizadas pelo imaginário político da *transição* são preenchidas pelos funcionamentos que configuram o *gesto fundacional* dos enunciados do DAL: a temática da modernização se impõe como novo relato da história política Argentina. Relato que, pela desqualificação e apagamento do passado recente, invalida projetos de futuro diferentes (Zoppi-Fontana: 1997, 192-193).

Se lá se tornava importante apagar o passado recente de lutas contraditórias (lutas pela democracia contra a ditadura), para poder invalidar projetos de futuros diferentes, e assim talvez fazer valer os valores “econômicos e tecnológicos” em detrimento dos “culturais e institucionais”<sup>87</sup>; o que parece haver atualmente no Brasil, observando a movimentação sígnica nos discursos de Lula, é uma espécie de inversão da flecha: a partir de uma proposta de futuro diferente, a qual podemos observar pelo trabalho do locutor dentro de gêneros especificamente ligados a sua posição institucional – cunhada num primeiro momento dentro do signo “mudança”, e posteriormente trabalhada dentro de outros signos (uma junção de *economia* e *social* dentro de uma espécie de *crecimento sustentável*) –, ressignificar contradições historicamente constituídas (luta pela redemocratização e justiça social em oposição a discursos elitistas que apoiaram a ditadura) e submetidas posteriormente ao projeto neo-liberal de apagamentos.

---

<sup>87</sup> Pois, desde a redemocratização observamos o surgimento de governos chamados “neoliberais” na América Latina. Com algumas possíveis diferenças, pode-se citar os últimos exemplos de governos brasileiros pós-redemocratização, as tentativas mais recentes com Fernando Collor e, posteriormente, o início da implantação de políticas neoliberais pelo governo de Fernando Henrique Cardoso.

É nesse presente, onde passado e futuro se encontram, para recordar Santo Agostinho, que os *Projetos de Dizer*, os caminhos escolhidos para ser e viver podem fazer de cada um e de todos nós sujeitos melhores ou piores do que todos já conseguimos ser até hoje. E como somos em coletividade, melhoramos ou pioramos a vida de todos os que conosco dividem essa aventura humana, que é ser em devir, jogando o presente nas águas translúcidas do futuro. Arrisquemos a produção de novos sentidos em vidas renovadas, até o limite máximo, companheiros, pois nosso tempo é somente o agora!

Valdemir Miotello

## **CAPÍTULO III**

### **PALAVRAS GRÁVIDAS DE FUTURO**

“Tudo o que nós não esperávamos era que o poder pudesse ser exercido por outro, mas que outro poder pudesse ser exercido”.

João Wanderley Geraldi

Na Apresentação dessa dissertação constituí dois eixos de perguntas provocadoras. O primeiro eixo tentava abarcar o conjunto de reflexões possíveis para a produtividade do conceito de gêneros do discurso. O segundo eixo procurava circunscrever o conjunto de questionamentos relacionados ao momento político brasileiro atual, especificamente referente às eleições presidenciais de 2002. De modo que a interpretação específica do conceito de gêneros do discurso da qual falei na Apresentação é provocada justamente pelo encontro entre esses dois eixos como percurso de leitura (percurso de experimentação) dos discursos do Lula.

Se quando recebemos as palavras em nossa leitura elas estão grávidas de futuro, nesse terceiro capítulo assumo definitivamente a situação das minhas palavras dentro dessa dissertação: elas estão grávidas dos futuros de seus leitores.

## NO QUE DIZ RESPEITO À PRODUTIVIDADE DO CONCEITO DE GÊNEROS DO DISCURSO

Se um gênero discursivo é composto de Tema, Composição e Estilo, e se o jogo ideológico possibilitado pelo trabalho do enunciador dentro do gênero passa necessariamente pelo jogo entre ideologia do cotidiano (caracterizada essencialmente pela maior **instabilidade**) e sistemas ideológicos (caracterizados essencialmente pela maior **estabilidade**), as primeiras afirmações que podemos fazer a respeito do trabalho do enunciador dentro dos gêneros discursivos dizem respeito justamente a esse jogo entre estabilidade e instabilidade:

- a) É possível circunscrever uma gama de conceitos sob o signo da **estabilidade**: para o Estilo (estilo do gênero, exigindo um trabalho *estratégico* do enunciador); para o Tema (significação, colaborando com os sistemas ideológicos, servindo melhor os discursos fundadores<sup>88</sup>, aptos para trabalhar com as memórias de passado); e para a Composição (forma-gênero imposta

---

<sup>88</sup> “Olhando a situação apresentada socialmente, a forma como a sociedade se organiza e a estrutura que ela mantém, vemos que há por trás um discurso fundador, que se apresente sempre como um discurso explicador, nunca exaurido, e que vem pelo baú da história e das interações havidas, e recriadas como possibilidade a todo instante; por outro lado, há em perspectiva de jogo social e interativo um discurso formador que toma como parâmetro o futuro, o por-vir, os projetos de ser” (Miotello, 2005:120)

historicamente pela cadeia de enunciados proferidos dentro de determinado gênero).

- b) É também possível circunscrever uma gama de conceitos sob o signo da **instabilidade**: para o Estilo (estilo individual, possibilitado pelo trabalho *tático* do enunciador); para o Tema (os temas – as novas vestes sobre a palavra *sígnica* – apoiados nas ideologias do cotidiano, prenes de memórias de futuro, engendrando discursos formadores) e para a Composição (as relações intergenéricas, o entrecruzamento de gêneros, a incorporação de gêneros).

Torna-se possível a apresentação do conceito de gêneros do discurso como caminho dialógico de análise<sup>89</sup>, trazendo-o para um lugar dentro de uma possível arquitetura bakhtiniana, um lugar do qual nunca deveria ter saído<sup>90</sup>, o lugar de articulador das atividades humanas, um lugar da palavra ubíqua e neutra, o lugar da palavra *sígnica*, enfim, o lugar de entrelaçamento entre vida e língua.

No que diz respeito ao *boom*, Gomes-Santos (2004, p.131-132) revela a diversidade de áreas nas quais se estabeleceram as apropriações do pensamento bakhtiniano, principalmente no tocante à reflexão sobre gênero no Brasil, e à conciliação das discussões sobre duas dimensões da linguagem (texto e discurso). Além disso, complementa que:

O conceito de gênero não se configura como o único vetor da circulação das percepções bakhtinianas no Brasil. Mesmo uma verificação assistemática do conjunto de trabalhos acadêmicos que fazem referência a e/ou pressupõem as reflexões do autor explicitaria que ele é relevante não apenas para os estudos linguísticos como também para estudos ligados a outras disciplinas das chamadas ciências humanas e sociais, incluindo desde os estudos literários, até aqueles localizados no campo da sociolinguística, da etnologia da comunicação, da filosofia da linguagem, da didática de línguas, entre outros.

E ainda acrescenta, em nota que parafraseio, que uma breve observação do conjunto de trabalhos inscritos na XI Conferência Internacional sobre Bakhtin (realizada no período de 21 a 25 de julho de 2003, na Universidade Federal do Paraná) dá a medida da pluralidade de

---

<sup>89</sup> Também é aquele pelo qual o próprio pesquisador inexoravelmente tem de percorrer, pois “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (Bakhtin, 1952-53b:261). O que produz a interessante situação de, ao mesmo tempo em que estou analisando a linguagem em gêneros do discurso, o faço produzindo linguagem dentro de gêneros do discurso. Vivencio o próprio conceito com o qual trabalho, experimento, e ele faz parte da sua própria construção científica.

<sup>90</sup> Refiro-me especificamente ao *boom* que o conceito de gêneros sofreu nos estudos acadêmicos sobre a linguagem.

campos de investigação que se apropriam do pensamento bakhtiniano como referencial teórico, metodológico e epistemológico.<sup>91</sup>

Entendo que a problemática da conceituação de gêneros do discurso, no campo de atenção desta dissertação, se encontra em um universo mais amplo, explicitado pela convergência de duas preocupações: uma mais atual, a de compreender globalmente (dar unidade) à filosofia de linguagem do círculo de Bakhtin – até agora motivada pela diversidade de áreas de conhecimento – e outra mais antiga, a preocupação tradicional do universo acadêmico por um certo **rigor científico** nas construções teóricas, opções metodológicas e analíticas.

A caracterização de Maingueneau, logo no início de seu *Gênese dos Discursos* (2005), das concepções de linguagem do círculo de Bakhtin como “variações sobre algumas idéias força”, “orientação geral”, em oposição à “sistema rigorosamente articulado”, “quadro restrito” e “domínio de validade muito mais preciso” exemplifica o que talvez se tenha dito amplamente (não oficialmente) sobre o tema *estudos bakhtinianos* desde que seus escritos ancoraram no Brasil. A colocação de Maingueneau sobre a falta de rigor nas obras do círculo de Bakhtin talvez guarde relações com o que Brait (2005, p.8) chamou de *necessidade de uma publicação de caráter pontual e indicativo*:

Mesmo diante de tantos trabalhos, de tantas publicações especializadas, ou justamente pela existência delas, pareceu necessário, a partir de um determinado momento, organizar uma publicação que, tendo um caráter pontual e indicativo, pudesse responder a insistentes e constantes questões que dizem respeito à maneira como conceitos, categorias e noções foram ganhando especificidade no conjunto dos trabalhos do Círculo e, ao mesmo tempo, em que esse conjunto se aproxima ou se distancia de outras importantes abordagens da linguagem. Além disso, uma obra desse teor deveria sugerir formas de como essa perspectiva poderia contribuir para análises e teorias que tenham nos textos e nos discursos, independentemente de sua natureza verbal ou não, um ponto de reflexão.

Duas observações se fazem necessárias. Primeiramente, o reconhecimento por Brait de que a tomada das idéias de Bakhtin por uma infinidade de especialidades produziu a necessidade de responder a questionamentos sobre uma possível *unidade* dos estudos do círculo. Em segundo lugar, a compreensão de que não é característica *ruim* (nem da filosofia

---

<sup>91</sup> Para maiores detalhes da emergência do conceito de gêneros do discurso na pesquisa acadêmica brasileira e a relação dessa emergência com os estudos do círculo de Bakhtin, os trabalhos de Gomes-Santos (2004; 2003; 2004b; 2005) são referências essenciais.

do círculo, nem das diversas especialidades), terem se apropriado das idéias do círculo em suas análises e teorias.<sup>92</sup>

É preciso ainda agregar a essa linha de pensamento a compreensão de que o Círculo de Bakhtin desenvolveu uma filosofia de linguagem extremamente preocupada com as questões de seu tempo, mas ao mesmo, estabeleceu discussões - embates que revelam sim possibilidades de diálogos conciliatórios, mas sobretudo, fundamentais discordâncias de base – com as grandes vertentes de pensamento que fundaram a maior parte das teorias das áreas de conhecimento em que a nossa sociedade atua.

Por esses motivos, compreendo a procura por uma unidade da filosofia do Círculo de Bakhtin e a julgo importante. Assim como julgo importante não desconsiderarmos aquele que se apresenta como seu principal conceito – dialogia – e fechar os olhos para as múltiplas possibilidades de diálogos aos quais a filosofia do Círculo, dentro de uma possível unidade, pode se abrir. Mas que se produza, aos poucos e cada vez mais, um caminho diferente do que foi trilhado até agora pelos leitores de Bakhtin. Que conceitos diversos encontrados nos diversos textos do Círculo intercruzem com a compreensão da filosofia do Círculo de Bakhtin como unidade, uma arquitetônica rigorosa e precisa, mas um rigor só possível dentro daquilo que chamamos de ciências humanas.

Clark e Holquist (1984, p.33), que, em referência a uma percepção especial de Bakhtin, alegaram – metaforicamente – a possibilidade de Bakhtin ter tido um terceiro ouvido<sup>93</sup>, um que lhe permitiria ouvir diferenças lá onde outros percebiam apenas mesmices:

Essa percepção o levou a repensar os modos pelos quais tradicionalmente foi atribuída à heterogeneidade a aparência de unidade. Em suas diversas tentativas de encontrar um único nome para a variedade, tais como *heteroglossia* ou *polifonia*, deu-se ao trabalho de nunca asfixiar por completo o papel energizador do paradoxo e do conflito que estava no coração de sua empreitada. Sempre buscou o grau mínimo de homogeneização necessário a qualquer esquema conceitual. Empenhou-se em preservar a heterogeneidade que pensadores menos escrupulosos ou pacientes julgaram amiúde intolerável e à qual se apressaram, como consequência, a consignar um rótulo unificador. Uma paciência assim, como a de Bakhtin, em face de uma multiplicidade que ameaça iludir até as mais elásticas categorias, é o seu

---

<sup>92</sup> Nota-se que a própria escolha e organização dos autores do livro organizado por Beth Brait é indício da grande variedade de áreas do conhecimento em linguagem que se dedicaram e se dedicam aos estudos da filosofia do círculo de Bakhtin. Uma simples olhadela para as áreas de trabalho dos autores revela: Linguística Aplicada, Tradução, Língua Portuguesa, Linguística Românica, Comunicação, Semiótica, Teoria Literária, Estudos Literários, Linguística e Filosofia.

<sup>93</sup> Referência em tom de brincadeira ao *terceiro olho* do budismo tibetano, o qual conferiria àqueles que o possuíssem uma visão da unidade secreta que mantém a criação junta.

próprio tipo de coragem. (...) Essa sensibilidade para a variedade coloca uma carga a mais sobre aqueles dentre nós que procuram achar um desígnio abrangente na própria obra de Bakhtin. Cumpre-nos aprender a caracterizar seu pensamento continuando a atentar a sua constante injunção para que resistamos à finalização.

A interpretação do conceito de gêneros do discurso que tentei problematizar procura a articulação desse conceito com outros já citados da filosofia do Círculo de Bakhtin – apesar de já existirem trabalhos que tentaram percorrer esse caminho (RIBEIRO (2005), MANFRIN (2006))<sup>94</sup>, também se situa no lugar do cuidado bakhtiniano apresentado por Clark e Holquist, por isso a chamo de particular, e se revelou extremamente produtiva para o tratamento de questões sobre a multiplicidade de sentidos imbricada em uma enunciação, principalmente porque possibilitou o tratamento de diferenças, de contradições, de ambivalências dentro da relação estável/instável.

A compreensão dos discursos do Lula como *quimera* é consoante com a concepção dialógica de linguagem bakhtiniana, que agrega novas compreensões àquela concepção dialética, onde as diferenças se excluem para dar lugar a um terceiro ente totalmente novo.

A concepção dialógica de linguagem revelada no poema (símbolo do primeiro livro do GEGE)<sup>95</sup> não exclui, aglomera diferenças em luta constante dentro dos signos. Não há tranquilidade, há turbulência. Ser único e ser muitos ao mesmo tempo é se possibilitar o trânsito, o deslizamento, a mudança. É poder ser ambivalente ideologicamente para, justamente desse ponto ambíguo, desse lugar onde os pés caminham por caminhos sempre múltiplos, lutar pelos caminhos (nunca um único caminho) que levem aos lugares construídos por memórias de futuro, lugares ainda por-vir.

---

<sup>94</sup> Vale ressaltar o esforço de Ribeiro na tentativa de articulação entre o conceito de gêneros formulado por Bakhtin e os principais conceitos da filosofia de linguagem do círculo de Bakhtin. Pensando sobre o gênero *aula*, Ribeiro busca indícios desse gênero em outros gêneros que circulam na esfera acadêmica. No entanto, faz esse trabalho diferentemente do que foi realizado aqui. A autora procura caracterizar previamente o gênero aula, com o qual está trabalhando, para depois verificar os imbricamentos com outros gêneros. Não é o que ocorre aqui, haja visto que não houve caracterização prévia de nenhum gênero específico. O caminho de leitura que percorri, sempre atento para minhas perspectivas e projetos de dizer, possibilitou a compreensão dos discursos de Lula como *quimeras discursivas*. O trabalho de Manfrin parece buscar essa mesma interpretação. Afinada com a concepção de escrita heterogênea proposta por Corrêa (2004), ela encontra lugar para dar ao conceito de gêneros o tratamento específico que o GEGE vinha tentando desde que foi fundado.

<sup>95</sup> (... SOMOS TODOS. / SOMOS QUIMERA. / Poeira, soluço, cheiro, carvão, pena da asa do Fernão Capelo Gaivota, observando a mesma massa do que sou formado: multidão... / Universitários, sujeira no canto da sala... / ... Juntos somos melhores do que a soma de nossas individualidades. ...) (Aline et all, 2004).



Lula transitou entre gêneros. Ao mesmo tempo em que, em momentos específicos assumiu o aprofundamento de uma maior formalidade, em outros procurou subverter essa formalidade. Ao mesmo tempo em que aceitou a entrada inexorável dentro de um gênero constituído historicamente como oficial (podemos pensar no gênero pronunciamento político, se tivéssemos objetivos classificatórios), driblou essa oficialidade trazendo gêneros produzidos nas esferas de atividade cotidianas.

No momento que tinha que ler, leu. Em outro momento que também tinha que ler, improvisou. E quando assumiu a leitura, no meio da leitura improvisou. Se compreendermos que Lula assumiu o estilo oficial de gêneros que lhe chegavam pela sua posição institucional, e por isso ouvimos a todo tempo que *Lula mudou*, que *Lula se subordinou*, que *Lula se dobrou*, também precisamos compreender que, ao realizar esse trabalho de trânsito, de deslizamento, impôs com isso um estilo peculiar, forçando o aparecimento da sua individualidade, também múltipla e ambivalente.

Chegando a esse ponto<sup>96</sup>, podemos então nos perguntarmos se esse trabalho de deslizamento, se essa posição ambivalente assumida por Lula – posição de locutor arguto que encarou como quimeras os gêneros discursivos dentro dos quais enunciou – colaborou ou não para o processo de mudanças para os quais foi eleito presidente.

Entendo que tornou-se possível, investindo nessa concepção de gêneros do discurso como *quimera*, desvelar os principais *pontos* do jogo ideológico presente no contexto das eleições brasileiras de 2002 e talvez até alguns acontecimentos recentes na América Latina. São esses desvelamentos que nos levam ao segundo eixo de questões provocadoras dessa dissertação.

## NO QUE DIZ RESPEITO AOS DISCURSOS DO LULA

Lula foi eleito firmando um pacto social, um “governo para todos”, pregou o equilíbrio entre economia e social. Uma espécie de *globalização justa* para acabar com a desigualdade, a instauração de uma geopolítica dupla, que desse conta de atender a dois lados que se apresentaram como contraditórios

---

<sup>96</sup> E me preocupo especialmente com as leituras que focalizam e se esforçam pra evidenciar somente um dos lados desse processo.

Lula tem sido caracterizado comumente como “falador” (Luís Inácio Fala-Fácil da Silva), às vezes pejorativamente, às vezes (raras) positivamente. Essa característica está sendo abordada na dissertação como ponto de reflexão sobre a habilidade do locutor ao transitar por diversos gêneros e, ao mesmo tempo, por discursos contraditórios (“econômico” e “social”, por exemplo).

Os discursos do Lula constituídos quimERICAMENTE dentro de um processo de intercruzamento de gêneros acabam revelando essa luta: estar à esquerda e ao mesmo tempo à direita; realizar um governo de esquerda e de direita; dialogar com mais intensidade ora com um lado, ora com outro; tentar não estar nem à esquerda nem à direita; promover um *governo para todos*, promovendo algumas vezes um apagamento das significações contraditórias que incidem sobre os signos, e em outras fazendo uso delas; ou ainda, promovendo outros sentidos contraditórios em outras instâncias. Seu governo parecer ter conseguido governar para todos, a seu *modo específico*: enquanto os grandes bancos bateram *records* de lucro aqui no Brasil e o Mercado, apesar de manter a pressão, não crucificou Lula nos primeiros anos de seu governo<sup>97</sup>, os índices de pobreza, miséria, emprego e renda, por exemplo, demonstram diferenças significativas em relação aos últimos 20 anos no que diz respeito à diminuição das desigualdades sociais no Brasil.

Sobre o “modo específico”, é preciso ressaltar a característica de liberdade peculiar com a qual o locutor lida com os gêneros historicamente constituídos que recebe da corrente ininterrupta da comunicação social, e neles incorpora outros gêneros para constituir-se dentro

---

<sup>97</sup> O que deixou de acontecer no processo eleitoral de 2006, quando Lula disputou a reeleição e ganhou fundamentando sua campanha, principalmente no segundo turno, numa polarização não vista quatro anos antes, em 2002. A Agência Carta Maior fotografou como o próprio discurso do Mercado se colocou em lugar oposto às preferências do governo Lula assim que as urnas lhe deram o segundo governo: “Começou a disputa pela agenda do segundo mandato do presidente Lula. Primeiro foi o debate sobre os rumos da política externa, que ganhou as páginas dos jornais na semana passada. Agora, é a questão econômica começa a pegar fogo. (...) Se Mantega [Ministro da Economia] realmente ficar, os defensores do ortodoxismo dificilmente verão cortes drásticos no orçamento. Mais de uma vez, o ministro se manifestou dizendo que é possível melhorar a qualidade dos gastos do governo e fazer cortes pontuais, mas sem choques fiscais, porque isso atingiria inevitavelmente os programas sociais. Mantega se comprometeu, porém, a estabelecer um redutor de gastos correntes sobre o orçamento. O objetivo seria reduzir, a cada ano, de 0,1 a 0,2 ponto percentual os gastos correntes, que representam cerca de 18% do PIB. O objetivo é derrubar esse percentual gradativamente. Mas essa proposta não agrada a muitos no mercado financeiro. A opção seria convencer Lula de que é melhor para o país colocar no cargo alguém mais afinado com as idéias do ex-ministro Antonio Palocci, para quem a questão fiscal era chave. Mas Lula, ao longo da campanha, deixou claro que sua prioridade no segundo mandato seria elevar o crescimento econômico. Com esse horizonte à vista, o perfil mais indicado para a Fazenda seria a manutenção do próprio Mantega ou a indicação de um outro economista fiel ao desenvolvimentismo. A queda-de-braços com o mercado financeiro está apenas começando.” In.: [http://agenciartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=12715](http://agenciartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12715).

dele, manejar o jogo de sentidos dentro dos signos, possibilitando assim jogos ideológicos consoantes com seus projetos de dizer.

Mas esse modo específico não é próprio de uma consciência única e criadora, separada de uma textura social não menos específica. Preocupado com a politização da história enquanto área específica de conhecimento, mas não a politização que diz respeito somente aos “processos efetivos de produção”, Certeau (1994:52) inicia o que para mim é re-invenção do cotidiano, quando procura colocar em causa, “sob uma forma diferente, o *estatuto do indivíduo* nos sistemas técnicos, pois o investimento do sujeito diminui à medida de sua expansão tecnocrática”. E enfatiza:

Cada vez mais coagido e sempre menos envolvido por esses amplos enquadramentos, o indivíduo se destaca deles sem poder escapar-lhes, e só lhe resta a astúcia no relacionamento com eles, “dar golpes”, encontrar na megalópole eletrotécnicizada e informatizada a “arte” dos caçadores ou dos rurícolas antigos. A atomização do tecido social dá hoje uma pertinência *política* à questão do sujeito. Comprovam-no os sintomas que são as ações individuais, as operações locais e até as formações ecológicas pelas quais se preocupa, no entanto, de modo prioritário, a vontade de administrar coletivamente as relações com o meio ambiente. Essas maneiras de se reapropriar do sistema produzido, criações de consumidores, visam uma terapêutica de socialidades deterioradas, e usam técnicas de reemprego onde se podem reconhecer os procedimentos das práticas cotidianas. Deve-se então elaborar uma política dessas astúcias. Na perspectiva aberta por *Mal estar na civilização*, ela deve também interrogar-se sobre aquilo que pode ser hoje a representação pública (“democracia”) das alianças microscópicas, multiformes e inumeráveis entre *manipular* e *gozar*, realidade fugidia e massiva de uma atividade social que joga com sua ordem.

Compreender que o deslizamento de Lula pelos gêneros é quimerização é também compreender que, ao quimerizar gêneros mais ligados às atividades quase efêmeras do cotidiano a gêneros conectados às atividades oficiais, Lula aproximou essas duas esferas (do cotidiano e oficial) e nos colocou diante de uma “política das astúcias”, não realizada apenas de cima para baixo (de Lula para sua alteridade), mas dessa alteridade que elegeu e que mantém no poder um anti-herói.

Visionário afiado, Witold Gombrowicz atribua a esta “política” um herói – este anti-herói que batia nossa pesquisa – quando dava a palavra ao pequeno funcionário (“o homem sem qualidades” de Musil, “o homem ordinário” a quem Freud consagra o *Mal-estar na civilização*), que tem o seguinte estribilho: “Quando não se tem o que se ama, é preciso amar o que se tem”. “Tive que percorrer, queiram me compreender, sempre mais a pequenos prazeres, quase invisíveis, substitutos... Vocês não fazem idéia como, com esses detalhes, alguém se torna imenso, é incrível como se cresce”. (Certeau, 1994: 52-53)

Se a compreensão marxista de uma sociedade dividida em burgueses e proletários não consegue mais dar conta de empurrar a civilização para dar o golpe final no sistema capitalista e se nenhuma organização revolucionária, herdeira direta das revoluções trotskystas-leninitas conseguem incorporar na sua revolução programática uma política cotidiana, uma “política das astúcias”, o povo, caminhando por caminhos táticos, rascunhando o futuro da vida cotidianamente<sup>98</sup>, ergue a oficialidade seu herói não-letrado<sup>99</sup> e impõe a democracia (política de representação) seu espaço e seu tempo.

Se é uma específica parcela da sociedade que empurra um país para a eleição de um presidente peculiar, e se esse presidente produz discursos como os que observamos nesse trabalho, para que possamos avançar a provocação feita por aquelas perguntas originais (perguntas sobre a mudança), precisamos nos perguntar que parcela específica da sociedade é essa que age taticamente no cotidiano e atinge as esferas oficiais de uma nação?

Antes havia um exército de reserva para garantir a exploração da mais valia; agora trabalhamos com o excluído. Este não é mais necessário no sistema organizado da sociedade globalizada. Ele é dispensável em todos os sentidos. Ele não é mais necessário para constituir o Outro, incluído. A relação de classes se dá apenas entre incluídos? Quais as diferenças nestas relações, comparando-as com o sistema anterior? Como os discursos organizam essas novas relações? (Miotello, 2001:264).

---

<sup>98</sup> “O lugar é o palimpsesto. A análise erudita só conhece o seu texto final; e ainda é para ela apenas o efeito de suas decisões epistemológicas, de seus critérios e de seus objetivos. Não é de espantar que as operações concebidas em função dessa reconstituição tenham um caráter “fictício” e devam menos ao seu sucesso (provisório?) a sua perspicácia que a seu poder de esmagar a compleição desses jogos entre forças e tempos confusos.” (Certeau, 1994:310). Jamais os intelectuais de esquerda e os grupos revolucionários marxistas aceitarão (enxergarão) as práticas cotidianas como práticas políticas de mesmo peso que as práticas institucionalizadas.

<sup>99</sup> “O tempo acidentado é o que se narra no discurso efetivo da cidade: fábula indeterminada, melhor articulada em cima das práticas metafóricas e dos lugares estratificados que o império da evidência na tecnocracia funcionalista”. (Certeau, 1994:312). Retomando a reflexão sobre os níveis da ideologia do cotidiano e os níveis superiores de ideologia (os sistemas ideológicos), parece que a imprensa (grande mídia monopolista privada) ocupa o lugar de circulação de ambas as ideologias. Compreendendo que a existência das ideologias são interdependentes, a imprensa age duplamente, divulgando as ideologias sistematizadas, e usando as categorias da ideologia do cotidiano (quando ela dialoga, por exemplo, com as construções dos internautas) para ser lida por todo mundo. A imprensa parece ser o grande lugar da circulação, onde procura, a serviço estratégico dos discursos hegemônicos, sistematizar a ideologia do cotidiano. No entanto, mesmo que a cidade letrada haja duplamente, como ligação estratégica entre os lugares institucionalizados (lugares preferidos dos discursos hegemônicos da economia de mercado) e a cotidianidade pública (lugares onde nascem taticamente as contrapalavras aos discursos hegemônicos), o **tempo** da mudança é imposto pelo discurso narrado confuso e desarrumado por letras de uma cidade fora do círculo dos letrados.

A compreensão da “despolitização” da fala de Lula se baseia na compreensão de mundo exposta na citação acima. Já vimos que tomando a reflexão apenas pelos instrumentos teóricos fornecidos pelo marxismo não conseguiríamos encontrar lugar para esse grupo de excluídos no processo de mudanças nas sociedades. Também não conseguiríamos enxergar nos discursos de Lula os lugares que ecoam dialogicamente as vozes caóticas e desreguladas desse grupo de excluídos. Apenas apoiados em uma concepção de política ambivalente, onde a oficialidade está intrinsecamente conectada a cotidianidade, sobretudo por causa do estatuto de nascedouro das ideologias que Bakhtin dá as ideologias fortuitas do cotidiano, é que podemos compreender a fala ambivalente de Lula como politizada.

Uma política da ambivalência análoga à interpretação específica do conceito de gêneros do discurso que tentei realizar aqui. Se olhar para o discurso é enxergar o mundo em movimento, porque “*a palavra é o indicador mais sensível de todas as transformações sociais*”, está aqui o poderio dos gêneros discursivos: práticas sociais de ação de transformação da realidade, também são lugares onde podemos enxergar o movimento de mudança.

Sobretudo porque conseguimos observar a ambivalência (composicional, estilística, temática) não somente nos gêneros do cotidiano, mas ela se espalhando e emprenhando discursos proferidos pelo Presidente do Brasil em gêneros discursivos oficiais. Se antes, nesses gêneros oficiais, nós ouvíamos o discurso voltado para o social, geralmente apresentando como promessa eleitoreira ou utilizado na construção mentirosa de um possível governo para o povo; ou conseguíamos observar apenas o discurso voltado para o mercado econômico proferido apenas para os especialistas, o que estamos vendo na quimerização trabalhada por Lula nos gêneros em que enuncia é o jogo entre diferenças se dando efetivamente. Nem um, nem outro: ambos. Talvez essa seja a mudança

Talvez mudança não seja o processo linear de transformação de uma realidade em outra, e sim as duas juntas no mesmo discurso brigando para construir uma outra realidade que não destrua (por um processo puramente dialético), pelo menos *a priori*, as outras duas.

Talvez essa seja uma revolução não somente das relações entre as diversas esferas das atividades sociais. Talvez seja preciso encarar essa realidade ambivalente como uma intimação para uma revolução na nossa própria maneira de caminhar. Enquanto caminhantes cotidianos, valorizarmos cada vez mais nossas atitudes táticas, reaprender a produzi-las, reaprender a vê-

las nos olhos da alteridade. Enquanto ocupantes do lugar científico privilegiado pela possibilidade de construirmos estratégias em relação à sociedade, colocarmos como dever para nós mesmos a assunção de que somos necessariamente constituídos por essa política das astúcias, que é de lá que vêm a água que bebemos para nossas elucubrações científicas, que é de lá que vêm as ondas (as vezes como marolas, outras *tsunâmicas*) que revolucionam as construções institucionais que tanto valorizamos e lutamos dissimuladamente para mantê-las intactas por fazermos parte da cidade das letras.

## INCLASSIFICÁVEIS

Da interpretação específica de gêneros do discurso

Arnaldo Antunes – 1996

André Luiz Covre – 2007

Em algum momento comecei a ter mais contato com o textos: poesias, mini contos, pequenas crônicas, frases legais, poesias adolescentes que copiava do caderno das colegas mais íntimas dentro da escola ou dos cadernos das irmãs e primas. Cheguei a juntar uma pasta de textos copiados a mão. A grande fonte das cópias, algum tempo depois, já no colegial, seria o livro didático “Língua Literatura e Redação”, do José de Nicola, para o 2º grau. Foi nesse período em que entrei em contato com os autores cânones da literatura nacional e, ao mesmo tempo, arranjei uma máquina de escrever muito pequena, portátil e velha (charmosa, portanto), chamada Ermes Baby (um dia desses até escrevi um poema pra ela). Então eu copiava no caderno e depois datilografava e formava uma pasta, copiava e datilografava e formava. Eu acho que foi aí que eu comecei a escrever... ler e reler, porque é claro que quando eu datilografava eu relia os textos. Eu achava muito legal fazer isso, era tão bonito, tão... aquilo lá parecia que era uma massa da qual eu me alimentava, eu me alimentava datilografando. Noites passavam e eu datilografava quatro textos, às vezes eu errava uma letra e começava a datilografar de novo, às vezes eu não gostava do formato e eu datilografava de novo, eu passava horas das madrugadas fazendo isso...cuidando daquela minha pasta de textos... colecionador de palavras eu era, colecionador de textos...Há um momento, um salto, um pulo qualquer na dança toda da minha vida com esses textos, depois do qual eu já não encarava aqueles textos como somente dos outros, os outros que os assinavam. Eram meus também; eu os manipulava, na cópia e na memória, no papel e na vida. Faziam parte da minha vida, das minhas atividades, e minhas atividades já estavam neles, minha vida estava dentro daqueles textos.<sup>100</sup>

que preto, que branco, que índio o quê?  
que branco, que índio , que preto o quê?  
que índio, que preto, que branco o quê?

que preto branco índio o quê?  
branco índio preto o quê?  
índio preto branco o quê?

*que texto, que gen que erro o que?  
que gen, que erro, que texto o que?  
que erro, que texto, que gen o que?*

aqui somos mestiços mulatos  
cafuzos pardos mamelucos sararás  
crilouros guaranisseis e judárabes

---

<sup>100</sup> Pequena descrição da minha relação específica com os textos escritos, momentos em que descobri o *ser* texto, quimerizando-me com eles. Relação que fundamenta a brincadeira sobre gêneros do discurso e a música “Inclassificáveis” de Arnaldo Antunes. Trecho retirado de Manfrim & Covre (2004). In.: Manfrim et. all. (2004).

orientupis orientupis  
ameriquítalos luso nipo caboclos  
orientupis orientupis  
iberibárbaros indo ciganagôs

*prático tático estratégico  
estratática ébria politicotidiana*

*contradigêneros  
textórios*

somos o que somos  
inclassificáveis

não tem um, tem dois,  
não tem dois, tem três,  
não tem lei, tem leis,  
não tem vez, tem vezes,  
não tem deus, tem deuses,

*não tem uma, tem duas,  
não tem duas, tem três  
não tem três, tem quadratividades  
humanísticamente testáveis*

não há sol a sós

*não há gênero a sós  
há sóis  
a língua é terra de muitos sóis  
inclassificáveis*

aqui somos mestiços mulatos  
cafuzos pardos tapuias tupinamboclos  
americarataís yorubárbaros.

somos o que somos  
inclassificáveis

que preto, que branco, que índio o quê?  
que branco, que índio, que preto o quê?  
que índio, que preto, que branco o quê?

*que texto, que gen que erro o que?  
que gen, que erro, que texto o que?  
que erro, que texto, que gen o que?*

não tem um, tem dois,  
não tem dois, tem três,  
não tem lei, tem leis,



não tem vez, tem vezes,  
não tem deus, tem deuses,  
não tem cor, tem cores,

*não tem uma, tem duas,  
não tem duas, tem três  
não tem três, tem quadratividades  
humanisticamente testáveis*

não há sol a sós

egipciganos tupinamboclos  
yorubárbaros carataís  
caribocarijós orientapuias  
mamemulatos tropicaburés  
chibarroados mesticigenados  
oxigenados debaixo do sol

*não há gênero a sós  
há sóis  
a língua é terra de muitos sóis  
inclassificáveis*

## **BIBLIOGRAFIA**

BRAIT, B. (org) (2005). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto.

CERTEAU, M. (1994). A invenção do Cotidiano: Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes.

CHAUÍ, M. (2005). Por trás da crise está a luta de classes. In: Entrevista Explosiva - Marilena Chauí. Revista Caros Amigos - Edição 104 - Novembro de 2005: Editora Casa Amarela.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. (1998). Mikhail Bakhtin: Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva.

CORRÊA, M. (2004). O modo heterogêneo de constituição da escrita. São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, M. M. (1927). Freudianism. A critical Sketch. New York: Academic Press.

\_\_\_\_\_. (1929). Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

\_\_\_\_\_. (1920-30). O autor e o herói. In: Bakhtin, M. M. (1979) Estética da Criação verbal. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. (1952-53). Os gêneros do discurso. In: Bakhtin, M. M. (1979) Estética da Criação verbal. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. (1952-53b). Os gêneros do discurso. In: Bakhtin, M. M. (1979) Estética da Criação verbal. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. (1975). Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Editora Hucitec.

\_\_\_\_\_. (1977). A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Editora Hucitec

\_\_\_\_\_. (1979) Estética da Criação verbal. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. (1997). Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos. Editorial de la Universidad de Puerto Rico/Anthropos.

\_\_\_\_\_. (Voloshinov). (1926). Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics, publicada em Freudism, New York. Academic Press, 1976. (Discurso na vida e Discurso na arte –sobre poética sociológica – tradução para uso didático de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza).

\_\_\_\_\_. (Volochinov). (1929). Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

GALEANO, E. (1978). As veias abertas da América Latina: tradução de Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991

- GERALDI, J. W. (1996). *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras.
- \_\_\_\_\_. (2003). A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, M. T.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Orgs). (2003). “Ciências Humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin”. São Paulo: Cortez (p. 39-56).
- \_\_\_\_\_. (2006). É possível investir nas enunciações, sem as garantias dos enunciados já firmados? In: *Veredas Bakhtinianas - de objetos a sujeitos*. São Carlos: Pedro & João Editores (p. 129-139).
- GOMES-SANTOS, S. N. (2003). A lingüística textual na reflexão sobre o conceito de gênero. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos 44*. Campinas: UNICAMP/IEL. – (p.315-323).
- \_\_\_\_\_. (2004). A questão do gênero no Brasil: teorização acadêmico-científica e normatização oficial. Tese de doutoramento. Campinas: UNICAMP/IEL.
- \_\_\_\_\_. (2004b). A circulação de saberes no domínio acadêmico-científico: o conceito de gênero em/como questão. In: MANFRIM, A. M. P. et all. *Quimera e a peculiar atividade de formalizar a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin*. São Carlos: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. – (p.37-62).
- \_\_\_\_\_. (2005). 'Preciso me manter imparcial': saberes sobre gênero em práticas de letramento escolar. In: MANFRIM, A. M. P. et all. *Triboluminescência: Gegelianos e Bakhtin ainda à sombra*. São Carlos: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. – (219-242).
- LAROSSA, J. (2001). *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Trad. João Wanderley Geraldi. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME; Textos-subsídio ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC.

- MAINGUENEAU, D. (2005). *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Campinas: Criar Edições.
- MANFRIM, A. M. P. (2006). Pichação: uma outra história. In: *Veredas Bakhtinianas - de objetos a sujeitos*. São Carlos: Pedro & João Editores (p. 15-25).
- \_\_\_\_\_. et. all. (2004). Quimera. In: *Quimera e a peculiar atividade de formalizar a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin*. São Carlos: Grupo de Estudos dos gêneros do Discurso - GEGE (p. 13-15).
- \_\_\_\_\_. & COVRE, A. L. (2004). Práticas discursivas de gêneros de letramento - A dança. In: *Quimera e a peculiar atividade de formalizar a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin*. São Carlos: Grupo de Estudos dos gêneros do Discurso - GEGE (p. 17-36).
- MIOTELLO, V. (2001). *A construção turbulenta das hegemonias discursivas. O discurso neoliberal e seus confrontos*. Tese de doutoramento. Campinas: UNICAMP/IEL.
- \_\_\_\_\_. (2005). A questão da relação dos discursos fundadores com os discursos formadores. In: *Triboluminescência: Gegelianos & Bakhtin - Ainda à sombra*. São Carlos: Grupo de estudos do Gênero do Discurso - GEGE (p. 271-281)
- \_\_\_\_\_. (2006). A memória do passado em jogo com a memória do futuro constitui sentidos agora. Daí que os projetos de dizer dos sujeitos têm importância. In: *Veredas Bakhtinianas - de objetos a sujeitos*. São Carlos: Pedro & João Editores (p. 277-286).
- RAMA, A. (1985). *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense.
- RIBEIRO, N. B. (2005). *Entrecruzamento de gêneros discursivos na universidade: esferas do político, do científico e do ensino*. Tese de doutoramento. Campinas: UNICAMP/IEL.
- OSAKABE, H. (1979). *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Kairós
- ZOPPI-FONTANA, M. G. (1997). *Cidadãos modernos: discurso e representação política*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

## ANEXOS

ANEXOS (1 a 8):

1) A quem derrota Lula?

Blog do Emir

28/08/2006

A quem derrota Lula?

A quem Lula derrota – caso se confirmem as pesquisas atuais e ele seja reeleito no primeiro turno?

Há quem diga que derrota a “ética na política”. Se disseminou, como em nenhuma campanha de denúncias anteriores de corrupção, a imagem do “mensalão” pegada ao PT e ao governo. Os efeitos parecem ter se restringido a setores de classe média e especialmente dos estratos mais ricos da população. O efeito formador da opinião por parte da mídia parecia arrasador, mas quando o circuito de opinião pública se alargou, com o início da campanha eleitoral, a massa pobre da população desequilibrou, de forma extremada, a favor de Lula, que não apenas obtém dados que fazem esperar

sua vitória no primeiro turno, como assentada em um impressionante caudal de votos populares, que se afirmam como sólido apoio para o presidente.

A campanha contra Lula não o derrotou, embora tenha provocado desgastes significativos na imagem do PT e tenha concentrado os votos do presidente em áreas populares que o partido tem dificuldades grandes em organizar e em transformar em votos petistas. Daí o destaque da liderança de Lula – “populismo”, “lulismo”, para as análises tradicionais e conservadoras – em contraste com o enfraquecimento do PT.

Pode-se dizer que Lula derrota assim a capacidade de formação de opinião pública por parte da grande mídia. O voto que pode reeleger Lula é sobretudo um voto social, pelo efeito de suas políticas sociais que, pela primeira vez na história do Brasil, fazem reverter – ainda que tenuemente – o ponteiro da desigualdade na direção da igualdade.

Mas pode-se também dizer que Lula derrota especialmente a elite tradicional brasileira. Suas políticas sociais não seguem as propostas históricas do PT de universalização de direitos, são políticas assistenciais. Porém, sua escala, nunca conhecida no Brasil, permite um processo de redistribuição de renda e de acesso a bens – de que a eletrificação rural é um exemplo claro – que dificilmente poderia ser reduzida a “assistencialismo”.

Longe de ser uma política revolucionária, que reverta estruturalmente a desigualdade brasileira – para o que seria necessário, entre tantas outras iniciativas, uma política sólida de emprego -, ela revela como os governos anteriores nem sequer fizeram. Todo o discurso “social” do governo FHC, materializado no que se promoveram como as políticas levadas a cabo pela então primeira dama, Ruth Cardoso, durante 8 anos, não impediram que o ex-presidente tenha ficado para a história e para a consciência popular, como um governante dos ricos. O selo mais marcante do governo FHC, do ponto de vista social, foi o da acentuação da concentração de renda, pela retração das responsabilidades estatais na área social, pelos processos de privatização e de precarização das relações de trabalho.

A eventual vitória de Lula – até mesmo no primeiro turno – se volta assim contra dois pilares do poder no mundo contemporâneo: o monopólio da palavra e o monopólio da riqueza. A consciência disso pode levar a um segundo governo com uma consciência social clara do projeto que o Brasil precisa para superar o principal estigma herdado – a verdadeira “herança maldita”: as desigualdades, as exclusões e as injustiças sociais.

Postado por Emir Sader às 17:05

[http://agenciartamainor.uol.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog\\_id=1&post\\_id=39](http://agenciartamainor.uol.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=39)

## 2) A solidão dos jornais

29/08/2006

### DEBATE ABERTO

#### A solidão dos jornais

Os comentaristas da mídia conservadora bem que se esforçaram para desqualificar a reunião de Lula com artistas, no Rio, semana passada, e com intelectuais, em São Paulo, nesta segunda (28). Não funcionou. Eles não conseguem mais pautar a discussão em lugar nenhum, nem embaixo, nem no meio, nem em cima da pirâmide social.

Flávio Aguiar

Na semana passada registraram-se reações algo iradas na mídia, sobretudo impressa, de que a reunião do presidente Lula com artistas, na casa do ministro Gilberto Gil no Rio de Janeiro, não dera os resultados esperados, ou desejados. Frases descontextualizadas pontuaram os comentários em tomo de indignação ou decepção, como a de que quem faz política acaba tendo que sujar as mãos, que pode ter vários significados, dependendo do contexto em que foi dita. A indignação veio do fato de que a

campanha na mídia conservadora em torno de mensalão, sanguessugas e outras coisas desse tipo não chegaram sequer a ser considerados relevantes para aquela discussão, que se centrou nas questões e programas sociais.

Nesta semana, na segunda-feira, foi a vez da reunião do presidente com intelectuais em São Paulo. Fontes bem informadas (termo de um jornalismo antigo...) me garantiram que houve, sim, questões de natureza ética levantadas, mas todas com o norte de garantir continuidade e aprofundamento de programas adequados do governo que, no dizer de uma das pessoas presentes, tinha conseguido transformar carências em direitos universalizáveis e combater privilégios privatizantes.

Já se notava um certo ranger de dentes por parte de comentaristas na mídia sobre a dificuldade que tiveram de enfrentar, pois até agora suas reclamações não tinham conseguido despertar a animosidade da população de baixa renda. Inicialmente, quando o espetáculo midiático das CPIs estava no auge, quase todos eles consideravam entusiasticamente que a desagregação política da base de sustentação do governo Lula ia começar pelos setores e regiões “mais bem informados” e depois, como vaga irreversível, chegaria fatalmente aos bolsões, regiões, classes “menos informadas”, ou seja, a plebe.

Sucedeu o oposto: a vaga bateu num rochedo e reverteu, provocando nos mesmos comentaristas expressões furiosas como “populismo”, “políticas eleitoreiras”, “ignorância”, “não tem jeito”, “crise moral”, quando não desqualificam de todo o voto popular. Lembra tal moda campanhas da finada (finada?) UDN no passado remoto (remoto?) sobre como podia o voto de um médico, de um empresário, de um engenheiro, valer o mesmo do que o voto de um peão ou agricultor de região pobre.

As reuniões referidas foram o quod erat demonstrandum de que as campanhas conservadoras dos ou nos grandes jornais, ou mesmo as campanhas moralistas na TV não conseguem mais pautar a discussão em lugar nenhum, nem embaixo, nem no meio, nem em cima da pirâmide social, sempre espertamente confundida com uma pirâmide do bom saber e da boa informação, a não ser naqueles meio-ambientes que se sintam diretamente prejudicados pelas políticas sociais empunhadas pelo atual governo. Por quê? Porque basta ter-se acompanhado algumas discussões em todos esses ambientes para se perceber que o envolvimento de petistas e governistas com atividades que hoje estão sob investigação e julgamento da justiça e inclusive de órgãos do próprio governo provocou consternação sim, e até um período de luto. Mas isto não pautou a disputa eleitoral, que se deu até o momento mais em cima de projetos e prospecções para o futuro do que outra coisa.

Mesmo com acusações de inconsistências e as polêmicas críticas levantadas pela esquerda, a base de sustentação política do governo não encolheu, nem se ampliou a base de sustentação política de quem defende o ideário neoliberal que fracassou ou com ele seja confundido apesar de declarações em contrário.

Os auto-proclamados “formadores de opinião” hoje pautam sobretudo a própria opinião, ou ainda um sentimento antidemocrático difuso de que “povo” e “eleição” são expressões que deviam guardar alguma distância cautelosa entre si. Só isso pode explicar a súbita saudade que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso manifestou em relação à presença de um novo Carlos Lacerda entre nós – e logo na semana em que aniversariava o suicídio de Getúlio. Mas há um equívoco na saudade. Lacerda era um grande orador, mas jamais seduziu o povo, a plebe, cuja presença é que faz o desespero conservador hoje em dia. Seduziu largos setores de classe média, impressionados com a ascensão dos trabalhadores ao primeiro plano da política brasileira de então. Quem seduziu os trabalhadores, o povo brasileiro, foi Vargas, que, em que pese seu autoritarismo, tinha uma ousadia que, essa sim, faz falta nos dias que correm.

Flávio Aguiar é editor-chefe da Carta Maior.

[http://agenciacartamaior.uol.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna\\_id=3295](http://agenciacartamaior.uol.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=3295)

3) Jornais são mais críticos com Lula do que com Alckmin, diz pesquisa

30/08/2006

ELEIÇÕES 2006



Jornais são mais críticos com Lula do que com Alckmin, diz pesquisa

Enquanto o presidente recebeu 595 menções negativas na grande imprensa, entre julho e agosto, candidato tucano é “poupado” e recebe 254, segundo pesquisa do Observatório Brasileiro de Mídia.

Rafael Sampaio – Carta Maior

SÃO PAULO - Uma pesquisa divulgada terça-feira (29) pelo Observatório Brasileiro de Mídia <<http://www.observatoriodemidia.org.br/>> (OBM) avalia o espaço dado pelos jornais impressos aos quatro principais candidatos à Presidência da República. Os nomes de Lula, Geraldo Alckmin, Heloísa Helena e Cristovam Buarque foram mencionados 3.667 vezes em reportagens nos seguintes veículos analisados: *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Correio Braziliense*. Ao todo são 2056 menções, em reportagens, aos dois principais candidatos à Presidência. Geraldo Alckmin responde por 798 delas, sendo que 544 menções são positivas ou neutras, e 254 são negativas. Já Lula, como “candidato”, é citado 1.258 vezes nas matérias avaliadas, sendo que 439 citações são positivas e 740, negativas. A pesquisa tem um índice semanal de avaliação das notícias positivas, negativas e neutras, que vai de 7 de julho a 25 de agosto.

O número de menções a Luiz Inácio Lula da Silva nas reportagens tende a ser maior, por ele ser presidente da República. Segundo Kjeld Jakobsen, membro do Observatório de Mídia, Lula não deve reclamar da falta de espaço na imprensa, mas do tipo de atenção que recebe. “Ele é o alvo da mídia, justamente por ser presidente e ter origem de esquerda”, analisa.

Os dados permitem dizer que, no total, o Lula “candidato” tem 47,30% de notícias negativas e 52,70% de notícias neutras ou positivas na imprensa, no período avaliado. Já Alckmin tem um saldo maior de menções positivas ou neutras: 68,18% de todas as reportagens avaliadas. As citações negativas endereçadas ao candidato correspondem a 31,82% do total.

Para Jakobsen, os dados refletem a preferência da grande imprensa por Geraldo Alckmin, que é do PSDB. Ele cita três veículos em que considera existir apoio explícito à candidatura tucana: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*.

Na sua opinião, “um meio de comunicação pode apoiar este ou aquele candidato. Mas nenhum dos três deixa explícito aos leitores quem apóia, seja em editoriais ou outros espaços”. Para Jakobsen, que preside o Instituto Observatório Social, ligado à Central Única dos Trabalhadores (CUT), esta prática da imprensa prejudica a democracia.

“Houve casos de eleições em que a ajuda da mídia literalmente levou candidatos ao poder, como foi o caso do ex-presidente Fernando Collor de Mello”, diz ele. Mas hoje, em sua opinião, esse impacto se reduziu porque a população tem mais esclarecimento quanto à política e eleições do que possuía há 18 anos.

Jakobsen acredita que os meios de comunicação impressos perderam a capacidade de mudar os resultados de uma eleição, “ao contrário da televisão e do rádio, que ainda pautam muitos eleitores”. O especialista, porém, descarta que haja uma “guinada à esquerda” por parte das emissoras de TV que demonstram imparcialidade ou apoio a Lula. “Os proprietários dos grandes meios impressos são conservadores, e eles também dominam as emissoras de rádio e televisão, como é o caso do Globo”.

Os gráficos fornecidos pelo OBM diferenciam o “candidato” Lula do “presidente” Lula. A pesquisa em termos relativos para cada semana aponta que, em média, o “presidente Lula” têm o mesmo número de notícias negativas (49,50%) que as neutras e boas somadas (50,50%). Ou seja, há um equilíbrio na imprensa entre “bater” e “elogiar”, ou “não maltratar” o presidente.

Porém a “condescendência” com seu principal adversário, Alckmin, é maior se avaliada por este ângulo: ele tem 72,29% da soma de notícias positivas (41,29%) e neutras (31%) a seu respeito, enquanto as notícias negativas sobre o tucano, que esteve à frente do governo de São Paulo por seis anos, correspondem a 27,71% do total.

Outros candidatos

No que tange as reportagens positivas, os candidatos Geraldo Alckmin e Heloísa Helena são os “queridinhos” da grande imprensa. Em nenhum momento as menções negativas superam as positivas no caso de Heloísa Helena, que é citada positivamente em 56,76% das reportagens publicadas entre os dias 11 e 18 de agosto. Já Alckmin aparece bem em 41,86% das reportagens no mesmo período. É no momento imediatamente posterior ao dia 18, medido até o dia 25 de agosto, que o candidato recebe o maior número de reportagens negativas – 57,65%, de acordo com a pesquisa do Observatório de Mídia. “Com certeza as notícias negativas surgem porque a campanha dele vai mal”, diz Jakobsen. Ele menciona a falta de apoio que Alckmin têm do candidato ao governo do Ceará, Lúcio Alcântara, como um exemplo. “Essa é uma reportagem reproduzida por todos os jornais, péssima para o candidato tucano”, explica.

Para ele, o reduzido número de reportagens sobre Heloísa Helena e Cristovam Buarque leva o foco das citações para as propostas de governo e outras menções positivas. A melhor avaliação de Cristovam Buarque foi feita entre 11 e 18 de agosto, quando atingiu 66,67% de boas menções na imprensa. Já a semana entre 21 e 27 de julho inverteu a lógica: as notícias negativas sobre ele foram de 52,63%, bem maiores do que na semana anterior, quando eram 28,57%.

#### Criação

O Observatório de Mídia teve sua primeira pesquisa elaborada em 2004, “sob caráter experimental” nas palavras de Jakobsen, para as eleições da prefeitura de São Paulo. Na época, foram analisadas reportagens sobre os candidatos à Prefeitura de São Paulo, de forma similar à que hoje se configura para as eleições de presidência da República.

Criado formalmente no Fórum Social Mundial, em janeiro de 2005, o OBM terá uma atuação permanente a partir deste ano, segundo o especialista. “Queremos avaliar a forma como a mídia impressa trata temas relevantes, como a educação, a saúde e o trabalho”, diz Jakobsen. Ele explica que a metodologia desenvolvida pelo Observatório não pode ser aplicada às emissoras de televisão e rádio, “muito mais difíceis de acompanhar”.

Leia mais sobre a pesquisa na página na internet do Observatório Brasileiro de Mídia <<http://www.observatoriodemidia.org.br/>>.

#### 4) O povo não acredita na imprensa

##### Blog do Emir

17/09/2006

##### O povo não acredita na imprensa

Periodicamente a imprensa publica elogios de si mesma, que expressariam o alto índice de confiabilidade que ela teria, em comparação com o desprestígio de políticos, de governos, de partidos. Pesquisas totalmente inócuas indicariam que os leitores estariam muito satisfeitos com o que lêem nesses jornais. Mas tudo depende da forma de fazer a pergunta, de a quem ela é dirigida e de como é interpretada.

Consultado, várias dezenas de vezes pelas pesquisas eleitorais, neste ano, o povo está opinando de forma totalmente contraditória com o que a imprensa disse e segue reiterando diariamente. Ninguém têm dúvidas de que jornais como a *Folha de São Paulo*, o *Estado de São Paulo*, o *Globo*, entre outros, assim como uma revista como a *Veja* e uma rede televisão como a *Globo*, apóiam claramente a Alckmin. Se não conseguem encontrar excelências no seu candidato – por maior capacidade de

mistificação que tenham, não conseguem tirar água de pedra -, se concentram em atacar diariamente a Lula, a seu governo, ao PT e à esquerda. Mas não encontram eco algum no povo.

Não fosse assim, os artigos de alguém como Clóvis Rossi, que expressam o ceticismo/cinismo típico da *FSP*, atacando a Lula todo o tempo, com um ar de desencanto de quem nunca esteve deste lado, teriam ampla repercussão. Mas nem a classe média paulista deixa de votar majoritariamente em Lula.

Não fosse assim, as diatribes raivosas de Miriam Leitão, de Dora Kramer, de Merval Pereira, de Eliane Catanhede, de Arnaldo Jabor, entre outros, teriam eco imediato, senão no povo, que não lê esses jornais, pelo menos entre a classe média brasileira, que insiste em votar majoritariamente em Lula.

As pesquisas eleitorais, caso se confirmem na eleição presidencial do dia primeiro de outubro, são a melhor pesquisa sobre o que pensa o povo brasileiro da imprensa: não acredita nela, não lhe tem confiança, não aceita seus argumentos, sua informação editorializada, suas manchetes sensacionalistas, seus colunistas identificados com a direção – reduzida a 6 famílias – dos órgãos da grande mídia monopolista privada. O povo pensa uma coisa do governo Lula, a grande mídia pensa outra.

Se acreditasse no que a imprensa diz, se tivesse confiança nela, seria Alckmin quem estaria por triunfar no primeiro turno e não Lula. Mas o povo acredita em Lula e não nesses colunistas, nos editoriais desses jornais, na cobertura da Rede Globo e sim no PT e no governo.

Essas vozes perdedoras estão desconcertadas, vivem uma das piores crises de identidade de sua história. É certo que todos esses órgãos da imprensa propagaram o golpe militar antes de 1964, depois apoiaram a ditadura militar, reproduzindo seus comunicados falsos que acobertavam as prisões ilegais, os seqüestros, as torturas, os fuzilamentos, os “desaparecimentos” – de que o filme *Zuzu Angel* recorda, em parte. Mas tentaram se reciclar sem qualquer tipo de autocritica, de arrependimento ou de justificativa que buscasse distanciá-los do pior momento vivido pela história brasileira desde o fim da escravidão. Nada isso levou-os à crise de identidade atual, em que se sentem impotentes – ao contrário do que acreditavam ser.

Não vão aprender, colocaram culpa no povo, com a esperança – como disse Lula – de dissolver o povo, de substituir o povo por outro, dos seus sonhos. Quem é essa imprensa, para se reivindicar a missão de fiscalizar os governos? Que moral tem para isso? Quem lhes entregou esse mandato? Pelo voto popular, ninguém. Eles se reivindicam a si mesmos.

Com que direito se reivindicam o direito de organizar debates públicos, com as pessoas que lhes interessam, no cenário que preferem, com as perguntas que privilegiam? Como pode a TV Globo, depois daquele debate final Lula/Collor de 1989, ter moral para organizar um debate poucos momentos antes do final da campanha pública – de forma similar ao que fizeram em 1989 – querer ter o direito de impor um debate aos candidatos? Existirá algo similar, com tentativas de criminalização do ausente, em estados onde seus candidatos são favoritos e não aparecerão nos debates?

Tentam utilizar desesperadamente uma representação que ninguém lhes atribuiu, para buscar encontrar um espaço de influencia sobre o eleitorado, que se dão conta que perderam, diante das políticas sociais e o instinto social consolidado no voto do povo – em que mais de 80% dos que escolheram Lula afirmam que não mudarão sua opção.

O povo não acredita na imprensa. (As exceções são conhecidas: Carta Capital, Carta Maior, Caros Amigos, Brasil de Fato e várias outras vozes dissonantes, alternativas, embora minoritárias em termos de circulação e de leitores.). Vota contra os que tentam inculcar diariamente na sua cabeça idéias alheias a seus interesses e valores. Se não se pode dissolver o povo, que tal democratizar a imprensa? Assim o povo teria a imprensa que merece, com os valores pelos quais vota, que pode representá-lo e em que poderá vir a confiar.

Postado por Emir Sader às 10:27

[http://cartamaior.uol.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog\\_id=1&post\\_id=49](http://cartamaior.uol.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=49)

## 5) Operação Segundo Turno

25/09/2006

### ANÁLISE DA NOTÍCIA

#### Operação Segundo Turno

A impressão que ficou da observação da mídia neste fim de semana foi a de que pela primeira vez houve uma operação concatenada entre vários órgãos de informação: a “operação segundo turno”.

Flávio Aguiar - Carta Maior

SÃO PAULO - Tudo começou na sexta-feira (22). Uma frase pinçada de um discurso do presidente, em que aludia a uma vitória no primeiro ou no segundo turno, virou manchete e chamada: “Lula admite a possibilidade de segundo turno” ou “pela primeira vez Lula admite segundo turno”, no *Estadão* e na Rede Globo. Na verdade, desde o começo da campanha, Lula e dirigentes petistas, apesar de almejarem uma decisão em 1º de outubro, sempre falaram em se preparar para a eventualidade de um segundo turno. A novidade foi a falta de luz própria na candidatura de Alckmin, o que levou à suposição de uma possível vitória no primeiro turno. A fala de Lula, portanto, não era novidade.

Depois, inexplicavelmente e contrariando uma tradição longa, a *Folha de S. Paulo* antecipou para o sábado (23) a divulgação da pesquisa Datafolha para a eleição presidencial. Nela, as variações eram mínimas: Alckmin subia dois pontos (31), Lula descia um (49), mas Heloisa Helena também descia dois pontos (7). Essa variação permitia a interpretação de que os votos que Heloisa Helena tinha tirado de Alckmin durante sua farta exposição na mídia (na esperança de que ela tirasse votos de Lula) estavam agora retornado a seu lugar de origem.

A partir do sábado à noite e no domingo, foi a vez da divulgação da pesquisa do Ibope, com números menores para Lula (47, queda de 2 pontos) e maiores para Alckmin (33, subida de 3), com Heloisa Helena caindo apenas um ponto (para 8). A pesquisa do Ibope, ao contrário da do Datafolha, acentuava a idéia de que Alckmin começaria a tirar votos diretamente de Lula. A *Folha*, por seu turno, divulgava uma pesquisa estadual em que Serra subia e Mercadante descia nas intenções voto.

A divulgação das duas, a do Ibope (presidência) e do Datafolha (estado de S. Paulo) no mesmo domingo criava a impressão de que a disputa em torno das questões do dossiê Vedoin/Serra, e de sua compra e venda frustrada, traziam prejuízo só para Lula e potenciavam a candidatura de Serra.

Além disso, e mais importante, a divulgação do Datafolha presidencial no sábado e do Ibope no domingo criava a impressão de uma queda em cascata, denotando desde logo que as oscilações configuravam uma tendência, para quem visse as manchetes.

Um detalhe significativo era o das datas das pesquisas. A do Ibope fora feita entre os dias 20 e 22; a do Datafolha, somente no dia 22. A do Ibope, portanto, fora feita antes da do Datafolha. Mas a antecipação da publicação do Datafolha para sábado criava a impressão de que esta fora feita antes, e a do Ibope logo em seguida.

Este arranjo na divulgação das pesquisas reforçava bastante a possibilidade ou até “a certeza” de que se caminharia para um segundo turno, criando um clima capaz de sugestionar eleitores indecisos ou pouco decididos. Num clima em que trovejaram novamente ameaças quanto à governabilidade de um segundo mandato de Lulas, em que o Presidente do TSE já fala em impugnações de uma possível vitória de Lula, a criação dessas impressões pode ser decisiva para abrir o caminho a um segundo turno.

Some-se a isto as mensagens que varam a internet e a telefonia de que nas redações da mídia conservadora reina um clima de “ordem unida”. Ainda que não haja provas cabais nem testemunhos diretos, fica a forte impressão de que houve uma “operação segundo turno” concatenada. E como se sabe, em política a impressão é a última que morre.

[http://agenciacartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=12336](http://agenciacartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12336)

## 6) Atuação da imprensa volta à ordem do dia na reta final das eleições

25/09/2006

### MÍDIA E PODER

#### Atuação da imprensa volta à ordem do dia na reta final das eleições

Estudiosos, analistas e profissionais do ramo identificam a ocorrência de um fenômeno de descolamento da influência dos veículos da mídia na definição das intenções de voto. Cobertura em curso do caso dossiê recoloca tema na berlinda.

Jonas Valente – Carta Maior

BRASÍLIA - A contagem regressiva para as eleições gerais de 1º de outubro fez brotar, há algumas semanas, textos, editoriais e comentários na chamada grande mídia (conjunto de veículos comerciais de alcance nacional) que expressaram um sentimento de perplexidade. De diferentes formas, as ‘vozes’ iniciaram uma reflexão pública - embora não explícita - sobre o porquê da força da candidatura petista apesar da exposição negativa em jornais e emissoras de TV.

Uma das justificativas dadas foi a falta de ‘informação’ da base que pretende votar em Lula, majoritariamente de renda mais baixa. Por ‘informação’, leia-se as reportagens veiculadas pelos mais poderosos meios de comunicação. Mas que informação é esta? Segundo pesquisa do Observatório Brasileiro de Mídia sobre a cobertura dos principais jornais e revistas do País realizada entre julho e agosto, Lula, o candidato, é retratado de forma negativa em 47,41% das matérias, contra 31,2% oportunidades em que o tratamento é positivo. No caso de Alckmin, a situação se inverte, com a abordagem positiva significando 44,56% das notícias onde o presidenciável aparece, contra 31,42% de citações negativas.

A comparação com outras eleições em que a grande mídia exerceu grande influência - como na de 1989, quando construiu um candidato sem história como no caso de Fernando Collor de Melo, era prova de que algo estaria dando errado. Durante algumas semanas, vigorou o argumento do “povo desinformado”, do povo “que não sabe votar” (leia [análise sobre o tema](#)). O povo, neste caso, seria a maioria mais pobre que vota em Lula. Segundo pesquisa do Datafolha de 18 e 19 de setembro, entre as famílias com renda de até dois salários mínimos (SMs), o índice de voto do atual presidente chega a 57%, enquanto nas famílias que ganham mais de 10 salários mínimos as intenções caem para 30%. Com Alckmin, novamente os índices se invertem. Nas famílias de mais de 10 SMs, 42% dizem votar no candidato do PSDB, enquanto nas famílias de até dois salários mínimos o índice cai para 24%.

Os discursos diante da perplexidade dos colunistas de grandes veículos passaram a ver um descolamento da população com a “opinião pública”. Para intelectuais e analistas, no entanto, este grupo não consegue distinguir as opiniões de seus veículos da opinião da população. “Analistas políticos sempre acreditaram que são formadores de opinião. Gostam da idéia de que a opinião deles é a que normalmente vai prevalecer. Eles pensam que são opinião pública”, disse o professor da Universidade de Brasília, Venício Lima, em debate com o tema ‘Mídia e Poder’ realizado no Sindicato dos Bancários de Brasília na semana passada. Lima lançou recentemente livro sobre a cobertura da imprensa durante a crise política originada com as denúncias do ex-deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ).

Em seu blog, o sociólogo e colunista da Carta Maior Emir Sader criticou duramente a posição dos colunistas trazendo como causa da força de Lula o conjunto de políticas promovido pelo governo. “Não vão aprender, colocaram a culpa no povo, com a esperança – como disse Lula – de dissolver o povo, de substituir o povo por outro, dos seus sonhos. Quem é essa imprensa, para se reivindicar a missão de fiscalizar os governos? Que moral tem para isso? Quem lhes entregou esse mandato? Pelo voto popular, ninguém. Eles se reivindicam a si mesmos”.

Em entrevista concedida à revista *Caros Amigos*, o jornalista Franklin Martins, ex-comentarista político da TV Globo e atual contratado da TV Bandeirantes, tenta explicar a perda de influência da mídia usando a teoria da “pedra no lago”. A opinião deste grupo de jornalistas irradiaria para o conjunto da população a visão das pessoas sobre os fatos. Para Martins, os primeiros anéis da onda, para usar a referência da imagem, deixaram de ser as classes ricas e médias e passaram a ser as classes C e D, mais diretamente afetadas pelas políticas governamentais e pela redução da miséria e da pobreza. No raciocínio do jornalista, não só houve um deslocamento como o voto das classes mais pobres passou a influenciar o da classe média, fazendo referência ao crescimento da candidatura Lula entre este segmento. Para Venício Lima, o mais correto seria usar a ‘teoria do espelho’, na qual os colonistas da grande mídia viam tamanha identificação entre o que escrevem e o que ‘opinião pública’ pensa que imaginavam serem suas análises e linha editorial apenas reflexos da posição da população. Lima avalia o quadro atual, no entanto, com outro referencial: a ‘teoria da cascata’, do intelectual italiano Giovanni Sartori. Segundo ela, há um processo de irradiação das idéias das elites econômicas e políticas, além da mídia, para o conjunto da população. Mas a medida em que a ‘água’ desce, ela é ‘contaminada’ pelos variados níveis da cascata, numa nova referência visual para explicar o fato de que a população interpreta as idéias dominantes de acordo com os seus valores. A teoria ajudaria a explicar como as condições da população teriam papel importante na formação da opinião, mas para Venício Lima o fenômeno da candidatura Lula é algo “novo, ainda a ser melhor compreendido e explicado”. Apesar deste caráter novo, é possível apontar alguns elementos que compõem este quadro. O mais citado é o impacto das ações de governo. “Embora tenha sempre havido em outros governos programas sociais, não só eles sempre foram fragmentados como foram mínimos e não definiram perfil. No governo Lula houve política social, camadas populares viram o Estado trabalhar com elas e para elas”, analisou a professora da Universidade de São Paulo, Marilena Chauí, no debate promovido pelo Sindicato dos Bancários. De acordo com dados da pesquisa “Miséria, Desigualdade e Estabilidade: O Segundo Real”, feita com base na Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio (Pnad), o índice da população em condição de miséria caiu entre 2003 e 2005 de 28,2% para 22,7%.

Mas o fenômeno se estenderia para campos além da eleição presidencial? Para o sociólogo e colonista da Carta Maior Emir Sader, o bom desempenho de Lula não consegue se traduzir nas candidaturas ligadas ao presidente que disputam governos estaduais em posição oposicionista. “Não dá para comparar com candidatos estaduais, pois são pregações [as candidaturas]. A força do Lula não são argumentos, são políticas sociais concretas, pois palavra contra palavra ganha a direita e não houve candidaturas regionais que tivessem se contraposto ao consenso existente enquanto ele [Lula] conseguiu políticas concretas. Não é discurso político com força vigorosa que se contrapõe ao lobby da mídia”(do texto, o povo não acredita na mídia), analisa. Na avaliação do sociólogo, a mídia continua promovendo a ideologia liberal e mantendo sua influência junto à população, mas não consegue incidir na formação do voto, que no caso de Lula deixa de ser “ideológico” e passa a ser “social”.

A perda de influência da mídia no caso Lula não significa a alteração do papel dos meios de comunicação na formação de valores e da agenda pública, concorda Flavia Biroli, professora de Ciência Política da UnB. “A mídia torna visíveis fenômenos sociais, eventos e atores que compõem o que chamamos de atualidade, que no nosso sistema político, a democracia, tem na visibilidade elemento importante para sua existência, dependendo portanto da mídia como espaço pelo qual a política se faz visível”, argumenta. Um exemplo disso, acrescenta Venício Lima, é o fato de o quadro eleitoral apontar a reprodução de uma maioria conservadora na disputa pelos governos estaduais. Esse grupo dirigente, não por acaso, tem ligação direta (e indireta) com os donos das redes de televisão, rádio e dos jornais nos estados. Exemplos nítidos são os candidatos líderes nas pesquisas Roseana Sarney (PFL), cuja família é detentora da retransmissora da Rede Globo no Maranhão, e Paulo Souto (PFL), ligado ao grupo de Antônio Carlos Magalhães, que também possui a retransmissora da Globo na Bahia, além de jornais e emissoras de rádio.

A cobertura jornalística do caso da prisão de petistas tentando comprar um dossiê com informações sobre um suposto envolvimento de José Serra com a “máfia das sanguessugas” também se encaixa nesse esquema, segundo Venício Lima. “Há uma unanimidade midiática que nunca vi. Na grande

mídia, o que prevalece tanto na edição das matérias quanto nas colunas de opinião e no enquadramento é a condenação do governo e do candidato, sem qualquer contraponto. É presunção de culpa (expressão, que se opõe ao direito constitucional à 'presunção de inocência')".

A questão da cobertura dos caso dossiê foi tema da coluna dominical do ombudsman da *Folha de S. Paulo*, Marcelo Beraba, no último domingo (24). Na opinião dele, a opção pelo destaque prioritário à compra em detrimento do conteúdo do tal dossiê - "foi a correta e se justifica por critérios jornalísticos", especialmente pelo flagrante da operação envolvendo integrantes da coordenação da campanha presidencial petista e uma bolada de R\$ 1,7 milhão, com indícios de participação de veículos de comunicação, às vésperas das eleições. "O fato de considerar a conspiração para a obtenção do dossiê mais importante do que o dossiê não significa que esteja de acordo com o pouco empenho dos jornais na apuração das denúncias contra Serra e Barjas Negri. Uma cobertura não anula a outra. Os jornais têm profissionais e espaço suficientes para tocarem duas investigações simultâneas. Não quer dizer que devam ter o mesmo peso na edição, mas deveria haver lugar para as duas", ponderou.

Para o professor Venício Lima, a mudança deste quadro parece distante, pois junto com a condenação uníssona do governo vem a crítica a priori de qualquer tentativa de constituir um sistema de mídia nacional plural e democrático, o que significaria perda de poder para o restrito e concentrado clube dos grupos que detém o controle dos meios de comunicação do País.

[http://agenciartamainor.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=12340](http://agenciartamainor.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12340)

7) Lula, a imprensa e a voz das ruas

26/09/2006

ELEIÇÕES 2006

Lula, a imprensa e a voz das ruas

No comício realizado em Porto Alegre, Lula dirigiu-se à imprensa, dizendo: "Se a nossa querida imprensa brasileira tivesse tido comigo 10% da condescendência que teve com o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso hoje eu teria 70% dos votos nestas eleições".

Marco Aurélio Weissheimer - Carta Maior

PORTO ALEGRE - Noite de 25 de setembro. O presidente Lula inicia seu discurso no encerramento do comício da Frente Popular (PT-PC do B), no Largo Glênio Peres. Após as saudações iniciais, ele volta o olhar para o local onde estava a imprensa e fala: "Eu tenho consciência de que as coisas que fiz no Brasil e as coisas que fiz neste Estado nem sempre foram divulgadas com a isenção que mereciam. Vocês sabem que não sou de reclamar. Não fico lamentando as coisas que não aconteceram comigo e parto para a luta para ver as coisas acontecerem. Mas tem uma coisa que hoje vou dizer aqui. Se a nossa querida imprensa brasileira tivesse tido comigo 10% da condescendência que teve com o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso hoje eu teria 70% dos votos nestas eleições. Não tenho dúvida de que, poucas vezes na história do país, um presidente foi tão massacrado como fui". Com seus blocos em punho, os jornalistas anotam as palavras do presidente. Alguns sorrisos irônicos. Ou de escárnio. Difícil precisar. Uma jornalista faz cara feia e reclama do volume do alto-falante.

Não é a única a reclamar. Atrás dela, é o povo que reclama. E reclama dos jornalistas. Com o Largo Glênio Peres lotado, muita gente não tinha uma boa visão do palco principal. Um palco auxiliar montado para a imprensa acabou encobrendo a visão de uma pequena multidão que se aglomerou junto a uma das paredes do Mercado Público. Em sua esmagadora maioria composta por moradores da periferia de Porto Alegre e da Região Metropolitana, essa multidão queria ver Lula. Mas havia um pequeno batalhão de repórteres e fotógrafos à sua frente. E os gritos de protesto saíram naturalmente.

"Sai da frente que eu quero ver o Lula", gritou uma mulher negra, de aproximadamente 40 anos. - "Isso é uma barbaridade", emendou um homem de uns 50 anos, encolhido atrás de um fino casaco de pano e sob um velho boné. - "Nós estamos aqui trabalhando", respondeu um jornalista, virando as costas para os reclamantes.

Não foram os jornalistas que escolheram aquele lugar para ficar, mas a simbologia da cena transcende a geografia do comício. Lula dirigiu a palavra à imprensa, olhando diretamente em sua direção. Os jornalistas anotavam algumas frases que, no dia seguinte, resumiriam todo o conteúdo do comício. Atrás deles, o povo queria ver Lula. E os jornalistas atrapalhavam sua visão.

Getúlio, JK, João Goulart

E Lula seguiu falando, lembrando outros períodos históricos quando a imprensa desempenhou um papel decisivo na política nacional. "Tenho muito vivo na memória o sofrimento de Getúlio Vargas, de 50 a 54, quando foi levado a dar um tiro no próprio peito porque não agüentava a pressão. Tenho muito em mente o que se falava de Juscelino Kubitschek, de 1955 a 1960, quando ele governou esse país. Hoje, Juscelino virou unanimidade nacional, tem até novela dele. Mas ele era esculhambado todo o santo dia, era chamado de ladrão todo dia, era escorraçado todo dia. Cinquenta anos depois, se reconheceu que ele foi um dos melhores presidentes do Brasil. Não vou falar de todos, mas queria lembrar também o João Goulart, que teve que passar por todas as humilhações. Era vice-presidente da República, estava na China, e quando Jânio Quadros renunciava era seu direito legítimo assumir a presidência. Inventaram o parlamentarismo para não deixar ele assumir o cargo na sua plenitude. Ele assumiu, foi feito um plebiscito e o povo derrotou o parlamentarismo. João Goulart assumiu e pouco tempo depois foi retirado do país".

"Nunca reivindiquei que alguém fale bem de mim", acrescentou. "A única coisa que quero é um comportamento republicano, onde a gente seja justo na crítica e no reconhecimento das coisas que um governo faz. E nem sempre isso é verdadeiro no nosso país". A partir daí, Lula passou a relacionar alguns dos investimentos do governo federal no Rio Grande do Sul e afirmou categoricamente que nunca um governo investiu tanto no Estado. Criticou a postura do governo Germano Rigotto (PMDB), que apresenta algumas dessas obras como se fossem iniciativas suas e o silêncio da mídia a respeito. E desafiou os jornalistas a provar o contrário. De fato, em sua campanha eleitoral na TV, Rigotto apresenta projetos como o Biodiesel e a construção da plataforma marítima P-53 em Rio Grande como se fossem conquistas de seu governo, omitindo qualquer participação do governo federal. E a mídia gaúcha silencia a respeito, dando muito mais espaço às críticas do governo estadual à "omissão do governo federal".

A seletividade da mídia

O caso do Programa Luz para Todos, idealizado durante a gestão de Dilma Rousseff no Ministério das Minas e Energia, é paradigmático. No dia 18 de dezembro de 2005, o jornal Zero Hora publicou uma matéria, com destaque e foto na capa, sobre como a luz estava chegando a pequenas comunidades rurais e mudando a vida da população. Intitulada "A luz chega e muda a vida", a matéria fala sobre a revolução que ocorreu na vida da família Thurow, que vive na localidade de Potreiro Grande, com a chegada da energia elétrica. A matéria não trouxe uma linha sobre o programa Luz para Todos, que, somente em 2005, já havia repassado R\$ 15,6 milhões para obras de eletrificação no interior do RS, obras como a que levaram luz para a família Thurow. Mais ainda, todo o dinheiro investido na implantação do programa no RS veio do governo federal. O governo estadual não colocou até hoje um real neste programa, lembrou Lula no comício. Ele lembrou outros investimentos federais no Estado que não são de conhecimento da maioria da população.

"Estou vindo de dois momentos importantes. Fui a Candiota dar início ao processo de construção de mais uma termelétrica, onde iremos explorar aquela mina que tem 40% de todas as reservas de carvão do Brasil. Desde 1983, todo mundo reivindica essa obra, mas apenas nós resolvemos recuperar essa



capacidade de produção de energia. Em uma parceria com os chineses e graças aos estudos que começaram no governo Olívio Dutra, conseguimos anunciar agora um investimento de 950 milhões de reais para produzir mais 375 megawatts de energia. Também acabo de chegar de uma visita à primeira fábrica de semi-condutores da América Latina, que está sendo instalada aqui no Rio Grande do Sul, financiada pelo governo federal, também um projeto que começou quando você (Olívio Dutra) era governador do Estado. É um investimento de 150 milhões de reais do governo federal, que representará uma revolução tecnológica para o Estado do RS".

A população, prosseguiu Lula, muitas vezes não é informada corretamente do que o governo investiu no RS em 45 meses de mandato. "Só na ampliação da Refap (Refinaria Alberto Pasqualini), aqui na cidade de Canoas, foram investidos 970 milhões de dólares. Na indústria naval gaúcha, que não tinha nada, estamos investindo 1,4 bi de reais, fazendo um dique seco na cidade de Rio Grande e construindo a plataforma P-53, da Petrobrás. Quantas vezes prometeram duplicar a BR 101? Pois bem, nós que nunca tínhamos prometido, estamos fazendo, um investimento de 230 milhões de reais. No setor elétrico, além de Candiota, estamos fazendo o Parque Eólico, um investimento de 1,5 bilhão de reais. Eu tive que vir aqui com a Dilma, pois andavam falando que o projeto era de outra pessoa. Tive que vir aqui para mostrar que era um projeto pensado por nós, ainda no tempo do Olívio Dutra. Em três anos e meio, fizemos 22% de tudo o que foi feito de linhas de transmissão no Brasil em 122 anos".

#### "A Voz das Ruas"

Lula lembrou, por fim, os investimentos na área social. "O ProUni propiciou 19.504 vagas na universidade para estudantes pobres. A Universidade do Pampa (Unipampa), que já tem 2 mil alunos, terá 25 mil estudantes no RS. No setor da habitação, foram 2,3 bilhões de reais para beneficiar 158 mil famílias. Eu duvido que tenha havido algum presidente da República que, em apenas 45 meses de mandato, tenha feito os investimentos que o nosso governo fez aqui no RS. Aqui neste Estado toda política que cuida dos pobres é do governo federal. A imprensa pode me desmoralizar se eu estiver mentindo", desafiou. Essa desmoralização pode se dar de muitas maneiras, entre elas, através do silêncio. No dia seguinte ao comício de Porto Alegre, os jornais da cidade destacavam o uso da palavra "aloprado" por Lula, referindo-se aos petistas que envolveram-se no episódio do dossiê contra Serra.

O jornal *Zero Hora*, em uma seção intitulada "Voz das Ruas", fez a seguinte descrição do comício: "Clichezão brabo, tudo bem, mas funciona em Hollywood. Ou o PT não teria montado aquela megaestrutura de ontem no Largo Glênio Peres e nem buscado de ônibus milhares de militantes em todos os cantos do Estado para fazer exatamente isso: colocar a câmera num ponto elevado e encerrar o programa eleitoral na TV com o mar de bandeiras a homenagear Lula". Na capa uma foto de Lula, Olívio Dutra (candidato ao governo do Estado), Miguel Rossetto (candidato ao Senado) e José Alencar, com o título: "Lula chama ex-auxiliares de bando de aloprados por compra de dossiê". Logo abaixo, duas fotos maiores que a do comício, com Geraldo Alckmin e Heloísa Helena, fazendo "ataques em sintonia". A cobertura do comício ficou diluída entre denúncias de corrupção e espetáculo montado. Bem diferente da edição do comício de encerramento da campanha do governador Germano Rigotto (PMDB), que ganhou foto de meia página com a família no palanque. As escolhas editoriais que pretendem traduzir a "voz das ruas" foram atrapalhadas no comício pelo grito de uma mulher da periferia de Porto Alegre que reclamava dos jornalistas que atrapalhavam sua visão: "Sai da frente que eu quero ver o Lula".

[http://agenciartamainor.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=12353](http://agenciartamainor.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12353)

8) Viva a Liberdade de Imprensa!

05/10/2006

DEBATE ABERTO

Viva a Liberdade de Imprensa!

Nesta fantasia política, nosso colunista narra um discurso que poderia ter acontecido: “Quero agradecer a meus irmãos da Opus Dei. Mas quero agradecer acima de tudo aos jornalistas brasileiros, sem os quais seria impossível desconstruir esse mito da política”.

Bernardo Kucinski

“Quero agradecer em primeiro lugar aos meus companheiros de partido de São Paulo. Foi graças a São Paulo que estamos virando o jogo. E agradecer a meus irmãos da Opus Dei que me confortaram nos piores momentos da campanha até aqui. Mas quero agradecer acima de tudo aos jornalistas brasileiros, sem os quais seria impossível desconstruir esse verdadeiro mito da política que estamos enfrentando. Parecia uma tarefa impossível. O arquétipo do “pai dos pobres” estava profundamente enraizado no imaginário popular. Mas certos preconceitos também estavam e a imprensa foi muito feliz em fazer aflorar esses preconceitos. Lembro a todos a associação dos petistas a ratos através do poder da imagem, na capa de VEJA que vocês todos conhecem (1). Vários jornalistas, trabalharam essa associação depois por escrito, com grande sucesso.(2) Foi um risco calculado, usar mesma técnica que Goebbels usou no seu filme “O judeu eterno”, para convencer os alemães de que os judeus deveriam ser exterminados. Mesmo porque, não se trata da eliminação física dos nossos adversários ou dessa raça, como disse equivocadamente, o nosso amigo senador Bornhausen. Mas se trata, sem dúvida, de sua erradicação da política brasileira. Outra associação importante foi com o conceito de “quadrilha.” Arnaldo Jabor foi muito eficaz quando escreveu que “com a eleição de Lula, uma quadrilha se enfiou no governo e desviou bilhões de dinheiro público para tomar o Estado e ficar no poder 20 anos. “ A própria palavra “petista” já está adquirindo uma conotação pejorativa. É, sem dúvida uma grande vitória na batalha pelas mentes e corações dos brasileiros... (interrupção por aplausos prolongados).

“Não importa se no final dos inquéritos em curso, não ficar provada corrupção no governo, ou que o dinheiro do mensalão não veio dos cofres do Estado, ou que a maioria dos esquemas de corrupção começou no governo anterior. Os jornalistas brasileiros agiram bem ao ignorarem formalismos como o da presunção da inocência ou o do direito à auto- imagem. E mais ainda ao cunharem a expressão “mensaleiro” que estigmatiza por igual toda uma categoria de políticos, independente do grau ou tipo de envolvimento de cada um. Foi através de abordagens corajosas como essas, ignorando a superada ética jornalística liberal, que conseguimos inculcar em grande parte do eleitorado a idéia da quadrilha (3) (aplausos).

“Da mesma forma, com a expressão “Nosso guia”, a imprensa conseguiu associar sutilmente a figura desse falso “pai dos pobres” à dos ditadores comunistas, Stalin, Mao e Enver Hoxa. (4) Com isso personalizamos a idéia geral , que já havíamos conseguido disseminar antes, de que essa gente é autoritária por natureza . Também conseguimos convencer boa parte do eleitorado de que esse “pai dos pobres”, não tem educação nem cultura, é um ignorante.E não foi fácil, dada a propensão do povo de respeitar as autoridades. Muitos jornalistas contribuíram para isso e todos eles eu agradeço.(5) A idéia de que se trata de um ignorante pegou fundo e hoje é encampada inclusive por intelectuais, como o dramaturgo Lauro Cezar Muniz que em declaração de grande destaque na Folha Ilustrada, explicou como “ a falta de escolaridade impede a pessoa de entrar em contato com a lógica” e que por isso nosso adversário “não tem clareza para governar o Brasil.”(6)

“A imprensa estrangeira também ajudou. Quero lembrar a vocês o artigo do New York Times sugerindo que o mito é um alcoólatra. A primeira reação do povo foi repudiar o jornalista americano, por aquele motivo que já mencionei, o respeito à autoridade, ainda mais quando atacada por um estrangeiro. Mas graças ao desastrado gesto de sua expulsão e posterior ajuda de alguns de nossos mais brilhantes jornalistas, conseguimos reverter esse quadro e hoje posso assegurar a vocês, são muitos os brasileiros que acreditam na tese do alcoolismo. Agradeço em especial ao diretor da sucursal da Folha em Brasília , que através de pesquisa cuidadosa nos mostrou que o alcoolismo está no DNA da família Silva. (7) Finalmente quero mencionar o brilhantismo com que alguns jornalistas trabalharam a delicada idéia de esse pai dos pobres e os petistas em geral são tipos patológicos. VEJA foi pioneira ao

dizer que “Lula tem dificuldades patológicas em compreender o que lhe pertence e o que pertence e ao Estado.” (8) E Diogo Mainardi, comparou Lula ao Papa Léguas, “uma besta primária, um oportunista microcéfalo perfeitamente adaptado ao seu meio, que sabe apenas fugir das ciladas preparadas pelo coioite.” (9) Quero mencionar, em especial o artigo de José Neumann Pinto: “Freud, Lombroso e Jung no Planalto”, publicado às vésperas da eleição, no jornal mais importante do país, O Estado de S.Paulo.<sup>10</sup> Hoje, como vocês sabem, há um retorno ao paradigma genético, portanto ao modelo lombrosiano. Meus irmãos da Opus Dei, a propósito, nunca abandonaram a abordagem lombrosiana. O artigo de Neumann foi tão importante, que o colocamos no nosso site. Enfim, sei que deixei de mencionar dezenas de jornalistas que também contribuíram para o combate ao mito. A todos agradeço de coração. E os conclamo a continuar a luta. O mito foi duramente atingido, mas ainda não morreu. Nossa tarefa é destruí-lo. (aplausos prolongados, gritos de Viva a Liberdade de Imprensa, Viva São Paulo.)

- Fim do discurso de agradecimentos.

(1) VEJA, 25/05/2005.

(2) Entre eles, André Petry em VEJA, de 24/06/06( “ De ratos e homens”) .e Rubens Alves na Folha de S. Paulo, de 18/04/2006 (“ Os ratos e os elefantes”)

(3) O Código de ética dos jornalistas brasileiros, aprovado em congresso nacional da categoria e em vigor desde 1987, diz nos seus artigos 14 e 15: Art. 14. O jornalista deve: a) Ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, todas as pessoas objeto de acusações não comprovadas, feitas por terceiros e não suficientemente demonstradas ou verificadas. b) Tratar com respeito a todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar. Art. 15 - O jornalista deve permitir o direito de resposta às pessoas envolvidas ou mencionadas em sua matéria, quando ficar demonstrada a existência de equívocos ou incorreções.

(4) A expressão foi repetidamente aplicada por Elio Gaspari em sua coluna e hoje já é usada por outros jornalistas.

(5) Reinaldo Azevedo chama o presidente de “analfabeto”, na epígrafe de seu site; Miriam Leitão, no O Globo, de 11/09/05, dedicou toda uma coluna à “falta de escolaridade do candidato do partido dos Trabalhadores”; e Sonia Racy, no Estadão de 19/01/06, concluiu que ao se referir ao Uruguai e Paraguai como “ nossos irmãos mais pequenos”, Lula revelou sua ignorância do vernáculo, quando a ignorância na verdade era dela, pois segundo a gramática de André Hildebrando de Afonso a expressão é correta e de uso corrente em várias regiões.

(6) Folha Ilustrada, 07/03/2006. Cezar Muniz parece ignorar que o raciocínio lógico é inerente ao cérebro humano. Até mesmo os loucos raciocinam com lógica. O que muda é o conteúdo do raciocínio, conforme se trate de um saber científico, ou religioso, popular, ou supersticioso.

(7) Josias de Souza, Folha de São Paulo, 16/05/04: “Alcoolismo marca três gerações dos Silva.”

(8) VEJA, 12/07/06.

(9) 28/06/06

(10) OESP, 20/09/06

Bernardo Kucinski, jornalista e professor da Universidade de São Paulo, é editor-associado da Carta Maior. É autor, entre outros, de “A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro” (1996) e “As Cartas Ácidas da campanha de Lula de 1998” (2000).

[http://agenciacartamaior.uol.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna\\_id=3339](http://agenciacartamaior.uol.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=3339)

Anexo 9 (Outros e-mails recebidos entre 2003 e 2006):



Em um e-mail cujo assunto era “pesadelo”:

Um pesadelo terrível !!!

Nele, me levanto da cama, me olho no espelho e descubro que sou vesgo.

Procuro freneticamente nos bolsos, para ver minha foto na identidade, para ver se na foto sou realmente daquele jeito, acho um passaporte e descubro... que sou argentino...!

- Não pode ser, meu Deus!!!

Sento-me inconsolável em uma cadeira.

- Mas que porra!!! É uma cadeira de rodas, o que significa que, além de ser vesgo e argentino, sou também deficiente físico!

É impossível, digo para mim mesmo, que eu seja vesgo, argentino e deficiente físico...

- "Pois é verdade!", grita uma voz atrás de mim. É o meu namorado...

Cacete! Sou também viado...!

- "Foi você que pegou a minha seringa?"

Ó Deus! Vesgo, argentino, deficiente físico, viado, viciado e soropositivo!

Desesperado, começo a gritar, a chorar, a arrancar os cabelos e...Nãooo!!!! Sou careca!

Toca o telefone. É meu irmão:

- "Desde quando mamãe e papai morreram, você só faz se entupir de drogas, vagabundeando o dia inteiro! Procura um emprego, arranja algum trabalho!"

Que merda, descubro que também sou desempregado!!!

Tento explicar ao meu irmão que é difícil encontrar trabalho quando se é vesgo, argentino, deficiente físico, viado, viciado, soropositivo, careca e órfão, mas não consigo, porque..... porque sou gago!!!!

Transtornado, desligo o telefone, com a única mão que tenho, e, com lágrimas nos olhos, vou até a janela olhar a paisagem.

Milhões de barracos ao meu redor...

Sinto uma punhalada no marca-passo: além de vesgo, argentino, deficiente físico, viado, viciado, soropositivo, careca, órfão, gago, maneta e cardíaco, sou também favelado...

Nesse momento, volta o meu namorado e diz:

- "Amor, vamos, senão chegaremos atrasados a convenção nacional do PT..."

NÃÃÃÃÃOOOOOOO!!!!!!!! NÃÃÃÃOOOOOOO!!!!!!!! ISSOO NÃAOOOOOOO!!!!!!!!

Em e-mail cujo assunto era “brasileira de verdade”:

**CORAJOSA - Digna de elogios - Brasileira de verdade**

*Adriana Vandoni Curvo*

é professora de economia, consultora, especialista em Administração Pública pela FGV/RJ.  
Blog <http://argumento.bigblogger.com.br/>

**PRESIDENTE, VÁ SE DANAR!**

Por Adriana Vandoni Curvo

Não sei se é desespero ou ignorância. Pode ser pelo convívio com as más companhias, mas eu, com todo o respeito que a "Instituição" Presidente da República merece, digo ao senhor Luis Inácio que vá se danar.

Quem é ele para dizer, pela segunda vez, que tem mais moral e ética "que qualquer um aqui neste país"?

Tomou algumas doses a mais do que o habitual, presidente?

Esta semana eu conheci Seu Genésio, funcionário de um órgão público que tem infinitamente mais moral que o senhor, Luis Inácio.

Assim como o senhor, Seu Genésio é de origem humilde, só estudou o primeiro grau e sua esposa foi babá.

Uma biografia muito parecida com a sua, com uma diferença, a integridade. Ao terminar um trabalho que lhe encomendei, perguntei a ele quanto eu o devia. Ele olhou nos meus olhos e disse:

- Olha doutora, esse é o meu trabalho. Eu ganho para fazer isso. Se eu cobrar alguma coisa da senhora eu vou estar subornando. Vou sentir como se estivesse recebendo o mensalão.

Está vendo senhor presidente, isso é integridade, moral, ética, princípios coesos. Não admito que o senhor desmereça o povo humilde e trabalhador com seu discurso ébrio.

Seu Genésio, com a mesma dificuldade da maioria do povo brasileiro, criou seus filhos. E aposto que ele acharia estranho se um dos quatro passassem a ostentar um patrimônio exorbitante, porque apesar de tê-los feito estudar, ele tem consciência das dificuldades de se vencer. No entanto, Lula, seu filho recebeu mais de US\$ 2.000.000,00 (dois milhões de dólares) de uma empresa de telefonia, a Telemar. E isso, apenas por ser seu filho, presidente! Apenas por isso e o senhor achou normal. Não é corrupção passiva? Isso é

corrupção Luis Inácio! Não é ético nem moral! É imoral!

E o senhor acha isso normal? Presidente, sempre procurei criar os meus filhos dentro dos mesmos princípios éticos e morais com que fui criada.. Sempre procurei passar para eles o sentido de cidadania e de respeito aos outros. Não posso admitir que o senhor, que deveria ser o exemplo de tudo isso por ser o representante máximo do Brasil, venha deturpar a educação que dou a eles. Como posso olhar nos olhos dos meus filhos e garantir que o trabalho compensa, que a vida íntegra é o caminho certo, cobrar o respeito às instituições, quando o Presidente da República está se embriagando da corrupção do seu governo e acha isso normal, ético e moral?

Desafio o senhor a provar que tem mais moral e ética que eu!

Quem sabe "vossa excelência" tenha perdido a noção do que seja ética e moralidade ao conviver com indivíduos inescrupulosos, como o gangster José Dirceu (seu ex-capitão), e outros companheiros de partido, não menos gangsteres, como Delúbio, Sílvio Pereira, Genoíno, entre outros.

Lula, eu acredito que o senhor não saiba nem o que seja honestidade, uma prova disso foi o episódio da carteira achada no aeroporto de Brasília. Alguém se lembra? Era início de 2004, Waldomiro Diniz estava em todas as manchetes de jornal quando Francisco Basílio Cavalcante, um faxineiro do aeroporto de Brasília, encontrou uma carteira contendo US\$ 10 mil e devolveu ao dono, um turista suíço. Basílio foi recebido por esse senhor aí, que se tornou presidente da república. Na ocasião, Lula disse em rede nacional, que se alguém achasse uma carteira com dinheiro e ficasse com ela, não seria ato de desonestidade, afinal de contas, o dinheiro não tinha dono. Essa é a máxima de Lula: achado não é roubado.

O turista suíço quis recompensar o Seu Basílio lhe pagando uma dívida de energia elétrica de míseros 28 reais, mas as regras da Infraero, onde ele trabalha, não permitem que funcionários recebam presentes. E olha que a recompensa não chegava nem perto do valor da Land Rover que seu amigo ganhou de um outro "amigo".

Basílio e Genésio são a cara do povo brasileiro. A cara que Lula tentou forjar que era possuidor, mas não é. Na verdade Lula tinha essa máscara, mas ela caiu. Não podemos suportar ver essa farsa de homem tripudiar em cima na pureza do nosso povo. Lula não é a cara do brasileiro honesto, trabalhador e sofrido que representa a maioria. Um homem que para levar vantagem aceita se aliar a qualquer um e é benevolente com os que cometem crimes para benefício dele ou de seu grupo e ainda acha tudo normal! Tenha paciência!

"Fernandinho beira-mar", guardando as devidas proporções, também acha seus crimes normais.

Desculpe-me, 'presidente', mas suas lágrimas apenas maculam a honestidade e integridade do povo brasileiro, um povo sofrido que vem sendo enganado, espoliado, achacado e roubado há anos. E é por esse povo que eu me permito dizer: Presidente, vá se danar!

Adriana Vandoni Curvo

E-mail: [avandoni@uol.com.br](mailto:avandoni@uol.com.br)

Blog: <http://argumento.bigblogger.com.br/>

Cuiabá / MT

Não posso segurar este e-mail...faça o mesmo...repasse.

Em um e-mail cujo assunto era “agora fudeu tudo”:

## ENSINO PRÁTICO

APLICAÇÃO DE EXPRESSÃO  
IDIOMÁTICA AOS FATOS DO  
QUOTIDIANO

➤ Pergunta:

➤ Em quais circunstâncias pode ser  
usada a expressão:

➤ “Agora fodeu tudo!” ?

➤ Seguem os exemplos



## REELEITO



Anexo 10 (10.1, 10.2 e 10.3):

10.1 As domésticas, segundo o desembargador<sup>101</sup>

O desembargador aposentado Caio Graccho decidiu criar o "Pequeno Dicionário da Empregada Doméstica" para o jornal "Tribuna da Magistratura", da (Apamagis) Associação Paulista dos Magistrados. Ele diz que o lançamento será "no saguão principal da sede das Casas Bahia, ao lado do "Crediário" (que eu não sei onde fica)".

No artigo, Graccho relata a dificuldade de um amigo de entender o que dizia uma "serviçal" que havia contratado. "A moça era do norte. De Garanhuns. Nada contra, mas... sabe como é. Nós, brasileiros, sabemos", diz, citando a cidade-natal do presidente Lula. Graccho disse à coluna que sua empregada gostou muito das piadas: "Li para ela e ela achou bom". E os moradores de Garanhuns, não ficarão chateados? "Nós, brasileiros, também estamos [chateados] com os homens de lá". Abaixo, expressões do "dicionário":

Ãnsdionti - Antes de ontem  
Asmininxegaro - As meninas chegaram  
Badacama - Debaixo da cama  
Badapia - Debaixo da pia  
Cásperdi - Caso perdido  
Dendapia - Dentro da pia  
Dôdistongo - Dor de estômago  
Iscodidente - Escova de dente  
Issokipómoiá - Isto aqui pode molhar  
Lidileite - Litro de leite  
Mardufigo - Mal do fígado  
Oncotô - Onde que eu estou  
Olunumpré - O Lula não presta  
Sinborntão - Vamos embora então  
Tirdiguerra - Tiro de guerra  
Unkidicarne - Um quilo de carne  
Uventátáondi - O avental está aonde (sic)

10.2 Pequeno dicionário da empregada doméstica<sup>102</sup>

Caio Graccho

*Desembargador aposentado e membro da UBE - União Brasileira de Escritores*

Foi por causa do Alfredo. Ele ligou para sua própria casa. A empregada era nova. Ele não a conhecia. Sua mulher, a Esther, digo (ou ele diz), dona Esther, tinha acabado de contratar. A moça era do norte. De Garanhuns. Nada contra, mas...sabe como é. Nós, brasileiros, sabemos! O Alfredo morava num sobrado. O telefone da residência ficava num nicho, embaixo da escada. No décimo segundo toque a Adamacena, a tal da empregada, atendeu: "Alonso!" Na dúvida, o Alfredo perguntou: "De onde falam?" Ao que a Adamacena respondeu: "Debaixo da escada!" Foi aí que o Alfredo começou a catalogar as expressões da serviçal e, na próxima semana, estará lançando, no saguão principal da sede das Casas Bahia, ao lado do "Crediário" (que eu não sei

<sup>101</sup> Bergamo, Mônica. *As domésticas, segundo o desembargador*. Folha de São Paulo, São Paulo – Ilustrada. Disponível em Internet. In: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0607200609.htm>



onde fica), o “Pequeno Dicionário da Empregada Doméstica”, com esta breve dicção:

Ãnsdionti — antes de ontem  
Asmininxegaro — as meninas chegaram  
Badacama — debaixo da cama  
Badapia — debaixo da pia  
Cáasperdi — caso perdido  
Dendapia — dentro da pia  
Dendufofno — dentro do forno  
Dôdistongo — dor de estômago  
Doidimai — doido demais  
Dôsitamu — dor de estômago  
Gáscabô — o gás acabou  
Iscodidente — escova de dente  
Issokipómoiá — isto aqui pode molhar  
Ládoncovim — lá de onde que eu vim  
Lidialcom — litro de álcool  
Lidileite — litro de leite  
Mardufigo — mal do fígado  
Mastumate — massa de tomate  
Nossinhora — nossa senhora  
Óikichero — olha que cheiro  
Óiprocevê — olha pra você ver  
Óiuchêro — olha o cheiro  
Oncotô — onde que eu estou  
Onquiê — onde que é  
Onquitá — onde está  
Olunumpré — o Lula não presta  
Pingumel — pinga com mel  
Pójogáfô — pode jogar fora  
Pondiôns — ponto de ônibus  
Pópegacasmão — pode pegar com as mãos  
Pópicauíão — pode picar o alho  
Pópô-opó — pode pôr o pó  
Proncovô — para onde eu vou  
Quainaora — quase na hora  
Sapassado — sábado passado  
Secetembro — sete de setembro  
Simborntão — vamos embora então  
Tirdiguerra — tiro de guerra  
Tirisdaí — tira isso daí  
Tradaporta — atrás da porta  
Trudia — outro dia  
Unkidicarne — um quilo de carne  
Usmininxegaro — os meninos chegaram



<sup>102</sup> Graccho, Caio. *Pequeno dicionário da empregada doméstica*. Tribuna da Magistratura. Informativo da Associação Paulista de Magistrados. Ano XVI - Número 147 - Junho de 2006. Página 14. Disponível em Internet. In: <http://www.apamagis.com.br/tribunadamagistratura/TM147.pdf>

Usvididetro — os vidros de dentro  
Usvidifora — os vidros de fora  
Uventátáondi — o avental está aonde  
Vidiperfum — vidro de perfume

Mesmo assim, o Alfredo, ainda hoje, continua a se comunicar com sua empregada por meio de sinais de fumaça. Coisa que Esther, sua mulher, reprova com sofreguidão. Mais por causa da pintura do sobrado e para a manutenção da Adamacena, sô!

### 10.3 Deixem as empregadas domésticas falarem em paz<sup>103</sup>

"Pequeno Dicionário da Empregada Doméstica", escrito por um ilustre magistrado paulista, evidencia a única forma de discriminação que é amplamente aceita em nossa sociedade: o preconceito lingüístico.

Carlos Juliano Barros – Especial para a Carta Maior

SÃO PAULO - Ninguém é obrigado a conhecer alguma coisa de lingüística. E não é preciso ser especialista em semiótica ou coisa que o valha para perceber que existe algo de errado, no mínimo estranho, com a seguinte passagem: “a moça era do norte. De Garanhuns. Nada contra, mas... sabe como é. Nós, brasileiros, sabemos!”. Torço, do fundo do coração, para que esse trecho seja apenas um momento de infelicidade do desembargador aposentado Caio Graccho, que publicou seu “Pequeno Dicionário da Empregada Doméstica” em um jornal destinado aos seus colegas magistrados, como noticiou a colunista Mônica Bergamo na edição de hoje da Folha de S. Paulo.

Espero também que a iniciativa do desembargador de compilar algumas expressões usadas pelas empregadas domésticas e reuni-las em "dicionário", a fim de torná-las supostamente compreensíveis, seja fruto de um desejo irrefutável de contribuir para o desenvolvimento científico desse campo do conhecimento. Mas tenho lá minhas dúvidas. Acho que não foi essa a intenção de Caio Graccho.

O professor da Universidade de São Paulo e da Universidade de Brasília, Marcos Bagno, disse certa vez que o preconceito lingüístico é a única forma de discriminação aberta em nossa sociedade. Ninguém ousa falar mal publicamente de negros, homossexuais ou nordestinos, sob a pena de ser tachado de nazista, mesmo que nutra esse sentimento tão baixo. Afinal de contas, pega mal soar como um fascista. Mas poucos hesitam em afirmar categoricamente que o brasileiro não sabe falar português e até zombar – publicamente, se possível – de quem não domina a norma culta do nosso idioma. Nesse sentido, o livro do desembargador é exemplar.

Mas o que está por trás desse tipo de preconceito? Em primeiro lugar, aparece o total desconhecimento sobre os estudos de lingüística desenvolvidos nas últimas décadas. Infelizmente, por muito tempo ainda seremos reféns da idéia de que o ensino da língua materna deve seguir à risca os ensinamentos contidos nas gramáticas normativas, formuladas por uns poucos iluminados que se julgam no direito de rotular o que é e o que não é português. E pior: como um médico, sentem-se no dever cívico de prescrever receitas para curar esse problema. Há

<sup>103</sup> Barros, Carlos Juliano. *Deixem as empregadas domésticas falarem em paz*. Agência Carta Maior. – Análise da Notícia. Disponível apenas em site. In: [http://agenciapcartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=11615](http://agenciapcartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11615)

algum tempo já se aboliu a dicotomia certo versus errado, no meio acadêmico, mas atravessaremos gerações até que o sonho de Paulo Freire se reproduza efetivamente nas salas de aula.

Um dos atributos mais bonitos de uma língua é justamente a sua capacidade de variar. Ela difere de região para região, é só pensar no sotaque de um baiano e de um gaúcho. Ela também se modifica ao longo do tempo, basta lembrar daquelas expressões da época da Jovem Guarda consagradas por Roberto Carlos e que hoje saíram de moda. E ela também se adapta às condições sociais dos falantes, como mostram as gírias dos jovens de periferia de São Paulo ou a linguagem das rodinhas das galerias de arte da maior metrópole do país.

E é justamente esse terceiro tipo de variação lingüística – que os lingüistas chamam pelo palavão de “diatrática” – que mais suscita preconceito. Porque, no final das contas, quando alguém é estigmatizado pela sua maneira de falar, não são apenas a beleza das palavras ou a clareza do discurso que estão em jogo, mas a própria pessoa. Porteiros, pedreiros, faxineiros e todo tipo de gente pobre e sem formação escolar consistente são as principais vítimas. Mesmo inconscientemente, julgamos um sujeito pela maneira como ele fala. E, via de regra, quem conhece as regras da gramática leva a melhor, seja numa disputa de emprego ou numa conversa de botequim. Assim, somos facilmente induzidos a crer que um cidadão que nasceu, cresceu e nunca saiu do Brasil não sabe falar português! Mas será possível? Alguém teria a coragem de dizer que um alemão nativo não sabe falar alemão?

Ninguém é obrigado a conhecer nada de lingüística, assim como ninguém tem a obrigação de ser perito em leis. Uma língua não pode ser aprisionada em livros, e nem ditada por quem se julga acima do bem e do mal. A língua é reinventada no dia-a-dia, na boca de jovens e velhos, de ricos e miseráveis, de sulistas e nortistas. Por favor, nobre desembargador Caio Graccho, não prive as empregadas domésticas do direito de falar sem culpa. Elas já foram muito expropriadas.

\* Carlos Juliano Barros integra a ONG Repórter Brasil ([www.reporterbrasil.org.br](http://www.reporterbrasil.org.br))

## Anexo11:

Em um e-mail cujo assunto era “Lula”:

Lula

Ricardo Antunes

[07/JUL/2005]

Conheci Lula na segunda metade dos anos 1970, quando ele era ainda Luiz Inácio da Silva, liderança operária maior do sindicalismo brasileiro, que renascia depois da longa noite aberta com o Golpe militar de 1964. Dotado de uma intuição preciosa, Lula sabia, como ninguém, representar a classe trabalhadora, num período em que havia um claro vácuo de representação do trabalho no Brasil, dada a intensa repressão que se abateu junto aos partidos de esquerda e ao sindicalismo político do pré-64. Sua vivacidade e força em muito suplantavam suas dificuldades. Era impactante presenciar a liderança de Lula no estádio de Vila Euclides, onde os metalúrgicos em greve faziam suas majestosas assembléias. Foi exatamente nesse período singular de nossas lutas sociais, entre 1978 e 1980 que Lula consolidou sua enorme liderança popular.

Lembro, também, que no início de 1981, participei de uma longa entrevista com o líder sindical, realizada em sua casa modesta em São Bernardo do Campo. Num momento de pausa da entrevista e da gravação, e sob o impacto das respostas de Lula, sempre instigantes, lhe perguntei: "Lula, você já

leu alguma literatura socialista?"

Sua resposta foi de bate-pronto: "Não preciso ler, por que aprendi a mais-valia na fábrica". Eu lhe respondi algo assim: "Certamente, sua experiência na fábrica é essencial na sua vida e consciência, mas um dia essa teoria lhe poderá fazer falta..."

Quase 25 anos depois, o Lula de hoje é outro. Ao longo dos anos 90, depois do excepcional embate de 1989, sua primeira candidatura à Presidência, Lula foi pouco a pouco tornando-se um político profissional, distanciando-se de sua origem operária, convertendo num "homem de classe média", como confessa em Entreatos, o belíssimo documentário de João Moreira Salles. Lula sonhava ser o exemplo mais bem sucedido do nosso self made man: fora um operário de origem rural que, depois do interregno metalúrgico, caminhava a passos largos para tornar-se presidente da República.

Nesse período, Lula sempre teve o PT em suas mãos. A cada disputa acirrada entre as tendências, ele sempre surgia, ao final, como um tertius, capaz de somar até os contrários. E assim fez ao longo de toda a militância no PT, o que consolidou o lulismo, dentro e fora do PT.

A falta de solidez teórica e política era suprida pela enorme capacidade que Lula sempre demonstrou de captar, de assimilar, ao seu modo original, o que lhe falavam aqueles a quem ele mais ouvia e respeitava. É, assim, a trajetória de Lula saltou do "sindicalista apolítico" para o "sindicalista político", ainda ao final dos anos 70. Nos primeiros anos do PT, tornou-se dirigente partidário sob "influência socialista", bem como um candidato com fala "radical", que perdurou ao longo da década de 80.

Entre as eleições de 1994 e 1998, foi aproximando-se do candidato-equilibrista, nem tão radical, nem tão assimilado pelo sistema, até converter-se no "Lulinha, Paz e Amor", já sob influxo da embalagem publicitária de Duda Mendonça.

De lá para cá, a vacuidade tornou-se quase completa. Preenchidas pelas metáforas, com as jaboticabas, o futebol, o machismo explícito, os traseiros para explicar o sucumbir de sua política de juros etc. Dois episódios são exemplo da monumental alienação política que se abateu sobre o outrora líder operário: quando disse poucas semanas atrás que "nunca" havia ficado tão nervoso quanto no jogo entre Brasil e Argentina, quando a crise se avolumava e começava a virar tempestade e, no último sábado, em pleno terremoto político, só equivalente ao período que antecedeu o impeachment de Collor, quando foi comemorar no "Arraia do Torto" os inimagináveis desvios de rota de seu governo e partido.

Em pouco mais de 30 anos, Lula migrou do mundo do trabalho industrial para subir a rampa do Planalto. Lá, no passado, ficou estancada sua viva espontaneidade. Antes dessa crise estonteante, imaginava-se como o Messias que vinha do povo e seria capaz de "ensinar" e converter as "elites". Não conseguiu perceber que foi tranqüilamente tragado por elas. E que hoje depende do PSDB e dos bancos para permanecer onde está.

Copyright © 1995, 2000, Jornal do Brasil. É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo do JB Online para fins comerciais

Anexo 12: Porque os bolivianos, pela primeira vez, sentem-se felizes<sup>104</sup>

22/01/2006

DIÁRIO DA NOVA BOLÍVIA – 2006 – ANO I (Texto 3)

Porque os bolivianos, pela primeira vez, sentem-se felizes

Uma página de entusiasmo começa a ser escrita neste país que, há mais de um século, vê seu território, identidade e riquezas saqueadas. Evocando Tupak Katari e Che Guevara, Evo discursa para multidão que foi à sua posse sagrada em Tiwanaku.

Emir Sader

### UMA HISTÓRIA DE AMPUTAÇÕES

A Bolívia é conhecida por ser um país infeliz, desesperançado. É o único caso contemporâneo de uma nação que perdeu sua saída ao mar – na guerra do Pacífico, em 1879, para o Chile, detrás de quem estavam os interesses das empresas mineiras britânicas. Posteriormente, nos anos 30 do século passado, a Bolívia voltou a ser amputada de um pedaço do seu território – na guerra do Chaco, para o Paraguai, igualmente com interesses de corporações multinacionais, interessadas nas riquezas energéticas da região.

A Bolívia poderia ter recuperado sua esperança e sua auto-estima na revolução nacionalista de 1952, em que foi realizada a reforma agrária, foram nacionalizadas as minas, o exército chegou a ser substituído por milícias populares. Mas essa revolução foi logo desnaturada, recuperada, tornou-se mais um governo das elites (o que eles chamam de “rosca”).

Mais tarde, em 1967, o que poderia ter sido o resgate da Bolívia, terminou cedo com o assassinato do Che, deixando recair sobre o país – embora, na realidade sobre seus governos subservientes aos EUA – a mancha da morte do Che.

Posteriormente, a Bolívia foi vítima do primeiro plano neoliberal no mundo, que liquidou a economia mineira e, com ela, um de suas mais importantes conquistas – a classe trabalhadora mineira e a Central Operária Boliviana (COB).

Porém, o renascimento do movimento indígena boliviano foi o momento de resgate do país, com a expulsão da Bechel, a empresa que queria privatizar a água, em 2000. Dali para frente, o movimento popular boliviano só se fortaleceu, derrubou a dois presidentes que não concordaram com a nacionalização dos hidrocarburetos, a convocação de uma Assembléia Constituinte que refunde o Estado da Bolívia como um Estado multiétnico e multicultural.

E, finalmente, esse extraordinário movimento popular, sabendo combinar sublevações com marchas, com greves de fome, com campanhas eleitorais, elegeu, pela primeira vez, em mais de 400 anos, um dos seus presidente da república.

### EM TIWANAKU, A POSSE SAGRADA

Ontem, sábado, foi a verdadeira posse de Evo Morales. Pude tomar o café da manhã com ele, na casa de seu vice, Álvaro Garcia, na casa deste. Eles compraram empanadas saltenha e alguns refrigerantes. Ficamos conversando cerca de uma hora, entre comentários sobre as notícias dos jornais, sobre chegada de delegações, mas, sobretudo, sobre recordações de Evo, que se confessava nervoso, além de molesto por um resfriado.

<sup>104</sup>

Disponível

em

Internet.

In.:

[http://agenciartamamior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=9707&editoria\\_id=6](http://agenciartamamior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=9707&editoria_id=6).

Saímos em seguida, com parentes dos dois, em quatro carros, sem batedores, nem nenhuma identificação, para a cidade em ruínas da mais antiga civilização da Bolívia, em Tiwanaku. Subimos mais ainda, a uns 71 quilômetros de La Paz. De repente, as pessoas que enchiam a estrada, com esse hábito extraordinário dos indígenas de fazer longas caminhadas, começaram a identificar Evo, que passou a saudá-los da janela do carro.

Foi parando em alguns lugares para ser abraçado e receber presentes, em um dos lugares fez um breve comício.

Enquanto isso, o rádio do carro dizia que não sabiam onde estava Evo Morales e sua “comitiva”, ninguém da imprensa internacional o localizava.

Chegamos finalmente a Tiwanaku, onde estava a irmã de Evo, com seus trajes típicos, pronta para assumir seu papel de primeira dama, sem demora em Oruro – Evo é o primeiro presidente orurenho da história do país -, e sem deixar sua venda de alimentos.

Evo foi vestir-se, enquanto ficamos, com Álvaro e outras pessoas, olhando aquela multidão incomensurável, todos com cara de povo, com suas vestimentas indígenas. Álvaro propôs aos líderes indígenas locais que se levasse para a Praça Murillo a enorme bandeira, de 18 metros de altura, com todas as cores, chamada de wipala, que representa todos os povos indígenas, para colocá-la junto à bandeira da Bolívia, em frente ao Palácio Quemado, sede do governo. Fomos então para os lugares de onde assistiríamos as cerimônias.

Pude localizar Eduardo Galeano, que chegava de uma acidentada viagem, sem dormir e assistimos juntos às cerimônias.

De repente, apareceu aquele homem simples, índio, camponês, líder cocaleiro, com as vestimentas de majestade dos ritos de poder andinos e fez um discurso notável, no qual invocou a Tupak Katari e ao Che, para delírio das centenas de milhares de pessoas presentes.

O retorno foi muito lento, a estrada lotada de ônibus, de gente caminhando, de povo saudando os que passavam com suas bandeiras.

## HUGO CHÁVEZ

Quando cheguei a La Paz, dei-me conta de que havia uma grande concentração de gente, com bandeiras da Bolívia, de Cuba e da Venezuela, era Hugo Chávez que chegava. Lembrei-me de que a pesquisa de uma revista local publicou que, para os bolivianos, entre os quatro presidentes que se mencionavam, Hugo Chávez era o primeiro, Lula o segundo, Kirchner o terceiro e Bush ocupava o último lugar. Hugo Chávez desceu de seu carro e ficou meia hora conversando com a multidão, o que tem acontecido sempre com ele, onde quer que ele vá.

Quanto ele entrou no hotel, pude conversar com ele. Inicialmente ele manifestou seu entusiasmo pelos acordos que se estão avançando, depois das conversas em Brasília, com Kirchner e com Lula, sobre o gasoduto continental, que com a incorporação da Bolívia, vão mudar a cara geopolítica, econômica e estratégica do continente.

Quando eu comentei sobre a manifestação da posse de Evo, ele me disse que tanto ele, quanto Fidel haviam assistido, emocionados, pela Telesul. Eu lhe reiterei que os únicos personagens mencionados por Evo tinham sido Tupak Katari e o Che. Hugo Chávez abriu seu grande sorriso e disse: “Nestes momentos o Che está bailando de felicidade pelas nuvens da Bolívia”.

E, com ele, o povo boliviano, pela primeira vez na sua história, feliz, com Tupak Katari, com o Che e com Evo Morales.

Anexo 13:

1) Os dois primeiros discursos de Lula (após as eleições e como Presidente Eleito) – 27/10/2002 e 28/10/2002.

1a) Primeiro discurso de Lula após os resultados das eleições - 27/10/2002 - (23h55m)<sup>105</sup>

Bem, eu quero dizer a todos vocês que amanhã, por volta do meio-dia, nós iremos fazer uma coletiva, onde eu irei fazer um pronunciamento. Hoje é apenas alguns agradecimentos.

Primeiro, eu quero dar parabéns ao povo brasileiro pelo extraordinário espetáculo de democracia que ele deu no dia 27 de outubro de 2002, escolhendo o seu presidente da República e seus governadores.

Segundo, eu queria agradecer e cumprimentar o comportamento das autoridades que cuidaram do processo eleitoral, pelo Tribunal Superior Eleitoral e o seu presidente, Nelson Jobim. Meus agradecimentos ao presidente Fernando Henrique Cardoso pelo fato de ter anunciado à sociedade brasileira que possivelmente tenhamos a mais sensata e a mais democrática transição já vista no nosso país.

Quero agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram em mim e no companheiros José Alencar e agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram no meu adversário, que se abstiveram de votar, porque eu acho que essa atitude, esse comportamento do povo é o que consolida a democracia no nosso país.

Quero dizer para vocês que esse resultado eleitoral me obriga a afirmar a todos vocês que, embora tenha sido eleito pelo meu partido e pelos aliados do PC do B, do PL, do PCB e do PMN, a partir do dia 1º de janeiro, eu serei presidente de 175 milhões de brasileiros.

Queria dizer para vocês que a responsabilidade de governar é muito grande. Eu e minha equipe iremos governar esse país, mas não seria exagero dizer pra vocês que apenas um presidente, o seu vice e a nossa equipe não será suficiente para que a gente governe o Brasil com os seus problemas, portanto nós vamos convocar toda a sociedade brasileira, todos os homens e mulheres de bem desse país, todos os empresários, todos os sindicalistas, todos os intelectuais, todos os trabalhadores rurais, toda a sociedade brasileira, enfim, para que a gente possa construir um país mais justo, mais fraterno e mais solidário.

Por último, eu quero me dirigir à comunidade internacional. Acho que o Brasil pode jogar um papel extraordinário nesse continente americano, para que possamos construir um mundo efetivamente

---

<sup>105</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41590.shtml>

de paz, onde os países possam crescer economicamente e possam crescer do ponto de vista social para todo o seu povo. E farei o que estiver ao alcance do presidente da República do Brasil para que a paz seja uma conquista definitiva do nosso continente.

Quero dizer ao meu querido companheiro Genoino que você não perdeu a eleição, porque você não era governador, você apenas deixou de ganhar.

Mas você vai perceber, meu companheiro Genoino, que, se você souber tirar proveito, uma derrota vai te deixar muito mais maduro, muito mais preparado e muito mais perto da próxima vitória. Para quem veio de Quixeramobim, ter 40 e poucos por cento de votos em São Paulo. Você, Genoino, foi um dos candidatos mais brilhantes que eu conheci. Se todo mundo tivesse o seu bom humor e a sua vontade, meu caro, o Brasil seria infinitamente melhor.

Eu quero aqui agradecer à minha companheira Benedita da Silva. A Benedita que, convencida pelo Zé Dirceu e por mim, foi cumprir um mandato de nove meses, numa situação extremamente difícil. Eu não tenho dúvida nenhuma que a Benedita fez o que era possível fazer no período que ela fez. Eu quero aproveitar e dizer aqui para vocês que o que mais me incentivou a convencer a Benedita a assumir o governo do Rio foi o fato de ela ser negra. E ela assumir o governo do Rio de Janeiro foi a maior conquista dos negros depois da libertação dos escravos neste país.

Por fim, eu quero dizer pra vocês que o Brasil está mudando em paz. E, mais importante, a esperança venceu o medo. E hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil votou sem medo de ser feliz.

Por último, eu quero agradecer essa extraordinária figura. Eu não vou elogiar os meus dirigentes, que estão aí. Já conversei com meu adversário, José Serra, recebi um telefonema dele agora pouco. Já conversei com muitas outras pessoas pelo país afora. Já agradei em público à minha mulher durante muito tempo, durante a campanha. Mas acho que esse companheiro aqui não foi a única mas foi uma das coisas mais extraordinárias que aconteceram nessa campanha de 2002. Zé Alencar e eu não vamos ser um presidente e um vice. Nós vamos ser parceiros nos bons e nos maus momentos, vamos ser companheiros. E vocês sabem que, quando eu falo companheiro, falo companheiro com uma coisa muito forte no coração, porque nem todo irmão é um grande companheiro, mas todo companheiro é um grande irmão. E você é um grande companheiro, meu querido Zé Alencar.

É que eu não posso ficar com o microfone que eu tenho vontade de falar. Nós vamos ter que ir para a avenida Paulista, tem muita gente lá. Amanhã nós vamos ter uma coletiva, mas... que vou fazer um pronunciamento. Eu ainda tenho que cumprimentar algumas delegações de estrangeiros que estão aí.

Quero agradecer do fundo da minha alma a todos os companheiros que no primeiro turno e no segundo turno trabalharam de forma incansável. Quero agradecer à direção do meu partido e a direção dos partidos aliados. Quero dizer que sem vocês eu não seria o Lulinha paz e amor dessa campanha.



Muito obrigado.

1b) Primeiro discurso de Lula como presidente eleito – 28/10/2002<sup>106</sup>

Ontem, o Brasil votou para mudar. A esperança venceu o medo e o eleitorado decidiu por um novo caminho para o país. Foi um belo espetáculo democrático que demos ao mundo. Um dos maiores povos do planeta resolveu, de modo pacífico e tranqüilo, traçar um rumo diferente para si.

As eleições que acabamos de realizar foram, acima de tudo, uma vitória da sociedade brasileira e de suas instituições democráticas, uma vez que elas trouxeram a alternância no poder, sem a qual a democracia perde a sua essência.

Tivemos um processo eleitoral de excelente qualidade, no qual os cidadãos e as cidadãs exigiram e obtiveram um debate limpo, franco e qualificado sobre os desafios imediatos e históricos do nosso país. Contribuíram para isso a atitude da justiça eleitoral e do presidente da República, que cumpriram de maneira equilibrada o seu papel constitucional.

A grande virtude da democracia é que ela permite ao povo mudar de horizonte quando ele acha necessário. A nossa vitória significa a escolha de um projeto alternativo e o início de um novo ciclo histórico para o Brasil.

A nossa chegada à Presidência da República é fruto de um vasto esforço coletivo, realizado, ao longo de décadas, por inúmeros democratas e lutadores sociais. Muitos dos quais, infelizmente, não puderam ver a sociedade brasileira, e em especial as camadas oprimidas, colherem os frutos de seu árduo trabalho, de sua dedicação e sacrifício militante.

Estejam onde estiverem, os companheiros e as companheiras que a morte colheu antes desta hora, saibam que somos herdeiros e portadores do seu legado de dignidade humana, de integridade pessoal, de amor pelo Brasil, e de paixão pela justiça. Saibam que a obra de vocês segue conosco, como se vivos estivessem, e é fonte de inspiração para nós que seguimos travando o bom combate. O combate em favor dos excluídos e dos discriminados. O combate em favor dos desamparados, dos humilhados e dos ofendidos.

Quero homenagear aqui os militantes anônimos. Aqueles que deram seu trabalho e dedicação, ao longo de todos esses anos, para que chegássemos aonde chegamos. Nas mais longínquas regiões do país, eles jamais esmoreceram. Aprenderam, como eu, com as derrotas. Tornaram-se mais competentes e eficazes na defesa de um país soberano e justo.

Celebro hoje aqueles que, nos momentos difíceis do passado, quando a nossa causa de um país justo e solidário parecia inviável, não caíram na tentação da indiferença, não cederam ao egoísmo e ao individualismo exacerbado. Todos aqueles que conservaram intacta a sua capacidade de indignar-se

---

<sup>106</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41735.shtml>

perante o sofrimento alheio. Souberam resistir, mantendo acesa a chama da solidariedade social. Todos aqueles que não desertaram do nosso sonho, que às vezes sozinhos nas praças deste imenso Brasil ergueram bem alto a bandeira estrelada da esperança.

Mas esta vitória é, sobretudo, de milhares, quem sabe milhões, de pessoas sem filiação partidária que se engajaram nessa causa. É uma conquista das classes populares, das classes médias, de parcelas importantes do empresariado, dos movimentos sociais e das entidades sindicais que compreenderam a necessidade de combater a pobreza e defender o interesse nacional.

Para alcançar o resultado de ontem, foi fundamental que o PT, um partido de esquerda, tenha sabido construir uma ampla aliança com outras forças partidárias. O PL, o PC do B, o PMN e o PCB deram uma contribuição inestimável desde o primeiro turno. A eles, vieram somar-se, no segundo turno, o PSB, o PPS, o PDT, o PV, o PTB, o PHS, o PSDC e o PGT. Além disso, ao longo da campanha, contamos com o apoio de setores importantes de outros partidos identificados com o nosso programa de mudanças para o Brasil. Em especial, quero destacar o apoio dos ex-presidentes José Sarney e Itamar Franco e, no segundo turno, o precioso apoio que recebi de Anthony Garotinho e Ciro Gomes.

Não há dúvida de que a maioria da sociedade votou pela adoção de outro ideal de país, em que todos tenham os seus direitos básicos assegurados. A maioria da sociedade brasileira votou pela adoção de outro modelo econômico e social, capaz de assegurar a retomada do crescimento, do desenvolvimento econômico com geração de emprego e distribuição de renda.

O povo brasileiro sabe, entretanto, que aquilo que se desfez ou se deixou de fazer na última década não pode ser resolvido num passe de mágica. Assim como carências históricas da população trabalhadora não podem ser superadas da noite para o dia. Não há solução milagrosa para tamanha dívida social, agravada no último período. Mas é possível e necessário começar, desde o primeiro dia de governo.

Vamos enfrentar a atual vulnerabilidade externa da economia brasileira – fator crucial na turbulência financeira dos últimos meses – de forma segura. Como dissemos na campanha, nosso governo vai honrar os contratos estabelecidos pelo governo, não vai descuidar do controle da inflação e manterá – como sempre ocorreu nos governos do PT – uma postura de responsabilidade fiscal. Essa é a razão para dizer com clareza a todos os brasileiros: a dura travessia que o Brasil estará enfrentando exigirá austeridade no uso do dinheiro público e combate implacável à corrupção.

Mas mesmo com as restrições orçamentárias, impostas pela difícil situação financeira que vamos herdar, estamos convencidos que, desde o primeiro dia da nova gestão, é possível agir com criatividade e determinação na área social. Vamos aplacar a fome, gerar empregos, atacar o crime,

combater a corrupção e criar melhores condições de estudo para a população de baixa renda desde o momento inicial de meu governo.

Meu primeiro ano de mandato terá o selo do combate à fome. Um apelo à solidariedade para com os brasileiros que não têm o que comer. Para tanto, anuncio a criação de uma Secretaria de Emergência Social, com verbas e poderes para iniciar, já em janeiro, o combate ao flagelo da fome. Estou seguro de que esse é, hoje, o clamor mais forte do conjunto da sociedade. Se ao final do meu mandato, cada brasileiro puder se alimentar três vezes ao dia, terei realizado a missão de minha vida.

Como disse ao lançar meu Programa de Governo, gerar empregos será minha obsessão. Para tanto, vamos mobilizar imediatamente os recursos públicos disponíveis nos bancos oficiais – e nas parcerias com a iniciativa privada – para a ativação do setor da construção civil e das obras de saneamento. Além de gerar empregos, tal medida ajudará à retomada gradual do crescimento sustentado.

O país tem acompanhado com preocupação a crise financeira internacional e suas implicações na situação brasileira. Em especial, a instabilidade na taxa de câmbio e a pressão inflacionária dela decorrente.

Porém, com toda a adversidade internacional, estamos com superávit comercial de mais de 10 bilhões de dólares neste ano. Resultado que pode ser ampliado já em 2003 com uma política ofensiva de exportações, incorporando mais valor agregado aos nossos produtos, aprofundando a competitividade da nossa economia, bem como promovendo uma criteriosa política de substituição competitiva de importações.

O Brasil fará a sua parte para superar a crise, mas é essencial que além do apoio de organismos multilaterais, como o FMI, o BID e o BIRD, se restabeleçam as linhas de financiamento para as empresas e para o comércio internacional. Igualmente relevante é avançar nas negociações comerciais internacionais, nas quais os países ricos efetivamente retirem as barreiras protecionistas e os subsídios que penalizam as nossas exportações, principalmente na agricultura.

Nos últimos três anos, com o fim da âncora cambial, aumentamos em mais de 20 milhões de toneladas a nossa safra agrícola. Temos imenso potencial nesse setor para desencadear um amplo programa de combate à fome e exportarmos alimentos que continuam encontrando no protecionismo injusto das grandes potências econômicas um obstáculo que não pouparemos esforços para remover.

O trabalho é o caminho de nosso desenvolvimento, da superação dessa herança histórica de desigualdade e exclusão social. Queremos constituir um amplo mercado de consumo de massas que dê segurança aos investimentos das empresas, atraia investimentos produtivos internacionais e represente um novo modelo de desenvolvimento e compatibilize distribuição de renda e crescimento econômico.

A construção dessa nova perspectiva de crescimento sustentado e de geração de emprego exigirá a ampliação e o barateamento do crédito, o fomento ao mercado de capitais e um cuidadoso investimento em ciência e tecnologia. Exigirá também uma inversão de prioridades no financiamento e no gasto público, valorizando a agricultura familiar, o cooperativismo, as micro e pequenas empresas e as diversas formas de economia solidária.

O Congresso Nacional tem uma imensa responsabilidade na construção dessas mudanças que irão promover a inclusão social e o crescimento sustentado. Por isso, estarei pessoalmente empenhado em encaminhar para o Congresso as grandes reformas que a sociedade reclama: a reforma da previdência social, a reforma tributária, a reforma da legislação trabalhista e da estrutura sindical, a reforma agrária e a reforma política.

O mundo está atento a esta demonstração espetacular de democracia e participação popular ocorrida na eleição de ontem. É uma boa hora para reafirmar um compromisso de defesa corajosa de nossa soberania regional. E o faremos buscando construir uma cultura de paz entre as nações, aprofundando a integração econômica e comercial entre os países, resgatando e ampliando o Mercosul como instrumento de integração nacional e implementando uma negociação soberana frente à proposta da ALCA. Vamos fomentar os acordos comerciais bilaterais e lutar para que uma nova ordem econômica internacional diminua as injustiças, a distância crescente entre países ricos e pobres, bem como a instabilidade financeira internacional que tantos prejuízos tem imposto aos países em desenvolvimento.

Nosso governo será um guardião da Amazônia e da sua biodiversidade. Nosso programa de desenvolvimento, em especial para essa região, será marcada pela responsabilidade ambiental.

Queremos impulsionar todas as formas de integração da América Latina que fortaleçam a nossa identidade histórica, social e cultural. Particularmente relevante é buscar parcerias que permitam um combate implacável ao narcotráfico que alicia uma parte da juventude e alimenta o crime organizado.

Nosso governo respeitará e procurará fortalecer os organismos internacionais, em particular a ONU e os acordos internacionais relevantes, como o protocolo de Kyoto, e o Tribunal Penal Internacional, bem como os acordos de não proliferação de armas nucleares e químicas. Estimularemos a idéia de uma globalização solidária e humanista, na qual os povos dos países pobres possam reverter essa estrutura internacional injusta e excludente.

Não vou decepcionar o povo brasileiro. A manifestação que brotou ontem do fundo da alma dos meus compatriotas será a minha a inspiração e a minha bússola. Serei, a partir de 1º de janeiro, o presidente de todos os brasileiros e brasileiras, porque sei que é isso que esperam os eleitores que me confiaram o seu voto.

Vivemos um momento decisivo e único para as mudanças que todos desejamos. Elas virão sem surpresas e sobressaltos. Meu governo terá a marca do entendimento e da negociação. Da firmeza e da paciência. Temos plena consciência que a grandeza dessa tarefa supera os limites de um partido. Esse foi o sentido do esforço que fizemos desde a campanha para reunir sindicalistas, ONGs e empresários de todos os segmentos numa ação comum pelo país.

Continuaremos a ter atuação decidida no sentido de unir as diversas forças políticas e sociais para construir uma nação que beneficie o conjunto do povo. Vamos promover um Pacto Nacional pelo Brasil, formalizar o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, e escolher os melhores quadros do Brasil para fazer parte de um governo amplo, que permita iniciar o resgate das dívidas sociais seculares. Isso não se fará sem a ativa participação de todas as forças vivas do Brasil, trabalhadores e empresários, homens e mulheres de bem.

Meu coração bate forte. Sei que estou sintonizado com a esperança de milhões e milhões de outros corações. Estou otimista. Sinto que um novo Brasil está nascendo.

2) Discursos de Posse: Discurso do senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de posse no Congresso Nacional – 01/01/2003; e Discurso do senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a cerimônia de posse, no Parlatório do Palácio do Planalto – 01/01/2003.

2a) Discurso do senhor presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de posse no Congresso Nacional – 01/01/2003<sup>107</sup>

Exmos. Srs. Chefes de Estado e de Governo;  
senhoras e senhores;  
visitantes e chefes das missões especiais estrangeiras;  
Exmo. Sr. Presidente do Congresso Nacional Senador Ramez Tebet;  
Exmo. Sr. Vice-Presidente da República José Alencar;  
Exmo. Sr. Presidente da Câmara dos Deputados,  
Deputado Efraim Morais,  
Exmo. Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal,  
Ministro Marco Aurélio Mendes de Faria Mello;  
Sras. e Srs. Ministros e Ministras de Estado;  
Sras. e Srs. Parlamentares,  
Senhoras e senhores presentes a este ato de posse.

“Mudança”; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.

Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades.

Diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do País, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária.

---

<sup>107</sup> [http://www.brasil.gov.br/noticias/pronunciamentos\\_comunicados](http://www.brasil.gov.br/noticias/pronunciamentos_comunicados).

Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José Alencar. E eu estou aqui, neste dia sonhado por tantas gerações de lutadores que vieram antes de nós, para reafirmar os meus compromissos mais profundos e essenciais, para reiterar a todo cidadão e cidadã do meu País o significado de cada palavra dita na campanha, para imprimir à mudança um caráter de intensidade prática, para dizer que chegou a hora de transformar o Brasil naquela nação com a qual a gente sempre sonhou: uma nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos.

Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia, mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio do diálogo e da negociação, sem atropelos ou precipitações, para que o resultado seja consistente e duradouro.

O Brasil é um País imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um planejamento de fato estratégico. Se queremos transformá-lo, a fim de vivermos em uma Nação em que todos possam andar de cabeça erguida, teremos de exercer quotidianamente duas virtudes: a paciência e a perseverança.

Teremos que manter sob controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para que elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo; teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores.

Mas começaremos a mudar já, pois como diz a sabedoria popular, uma longa caminhada começa pelos primeiros passos.

Este é um País extraordinário. Da Amazônia ao Rio Grande do Sul, em meio a populações praieiras, sertanejas e ribeirinhas, o que vejo em todo lugar é um povo maduro, calejado e otimista. Um povo que não deixa nunca de ser novo e jovem, um povo que sabe o que é sofrer, mas sabe também o que é alegria, que confia em si mesmo em suas próprias forças. Creio num futuro grandioso para o Brasil, porque a nossa alegria é maior do que a nossa dor, a nossa força é maior do que a nossa miséria, a nossa esperança é maior do que o nosso medo.

O povo brasileiro, tanto em sua história mais antiga, quanto na mais recente, tem dado provas incontestáveis de sua grandeza e generosidade, provas de sua capacidade de mobilizar a energia nacional em grandes momentos cívicos; e eu desejo, antes de qualquer outra coisa, convocar o meu povo, justamente para um grande mutirão cívico, para um mutirão nacional contra a fome.

Num país que conta com tantas terras férteis e com tanta gente que quer trabalhar, não deveria haver razão alguma para se falar em fome. No entanto, milhões de brasileiros, no campo e na cidade, nas zonas rurais mais desamparadas e nas periferias urbanas, estão, neste momento, sem ter o que comer. Sobrevivem milagrosamente abaixo da linha da pobreza, quando não morrem de miséria, mendigando um pedaço de pão.

Essa é uma história antiga. O Brasil conheceu a riqueza dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar nos primeiros tempos coloniais, mas não venceu a fome; proclamou a independência nacional e aboliu a escravidão, mas não venceu a fome; conheceu a riqueza das jazidas de ouro, em Minas Gerais, e da produção de café, no Vale do Paraíba, mas não venceu a fome; industrializou-se e forjou um notável e diversificado parque produtivo, mas não venceu a fome. Isso não pode continuar assim.

Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrirmos de vergonha.

Por isso, defini entre as prioridades de meu Governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de "Fome Zero". Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida.

É por isso que hoje conclamo: Vamos acabar com a fome em nosso País. Transformemos o fim da fome em uma grande causa nacional, como foram no passado a criação da PETROBRAS e a memorável luta pela redemocratização do País. Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana.

Para isso, será também imprescindível fazer uma reforma agrária pacífica, organizada e planejada.

Vamos garantir acesso à terra para quem quer trabalhar, não apenas por uma questão de justiça social, mas para que os campos do Brasil produzam mais e tragam mais alimentos para a mesa de todos nós, tragam trigo, tragam soja, tragam farinha, tragam frutos, tragam o nosso feijão com arroz.

Para que o homem do campo recupere sua dignidade sabendo que, ao se levantar com o nascer do sol, cada movimento de sua enxada ou do seu trator irá contribuir para o bem-estar dos brasileiros do campo e da cidade, vamos incrementar também a agricultura familiar, o cooperativismo, as formas de economia solidária. Elas são perfeitamente compatíveis com o nosso vigoroso apoio à pecuária e à agricultura empresarial, à agroindústria e ao agronegócio, são, na verdade, complementares tanto na



dimensão econômica quanto social. Temos de nos orgulhar de todos esses bens que produzimos e comercializamos.

A reforma agrária será feita em terras ociosas, nos milhões de hectares hoje disponíveis para a chegada de famílias e de sementes, que brotarão viçosas com linhas de crédito e assistência técnica e científica. Faremos isso sem afetar de modo algum as terras que produzem, porque as terras produtivas se justificam por si mesmas e serão estimuladas a produzir sempre mais, a exemplo da gigantesca montanha de grãos que colhemos a cada ano.

Hoje, tantas e tantas áreas do País estão devidamente ocupadas, as plantações espalham-se a perder de vista, há locais em que alcançamos produtividade maior do que a da Austrália e a dos Estados Unidos. Temos que cuidar bem - muito bem - deste imenso patrimônio produtivo brasileiro. Por outro lado, é absolutamente necessário que o País volte a crescer, gerando empregos e distribuindo renda.

Quero reafirmar aqui o meu compromisso com a produção, com os brasileiros e brasileiras, que querem trabalhar e viver dignamente do fruto do seu trabalho. Disse e repito: criar empregos será a minha obsessão. Vamos dar ênfase especial ao Projeto Primeiro Emprego, voltado para criar oportunidades aos jovens, que hoje encontram tremenda dificuldade em se inserir no mercado de trabalho. Nesse sentido, trabalharemos para superar nossas vulnerabilidades atuais e criar condições macroeconômicas favoráveis à retomada do crescimento sustentado para a qual a estabilidade e a gestão responsável das finanças públicas são valores essenciais.

Para avançar nessa direção, além de travar combate implacável à inflação, precisaremos exportar mais, agregando valor aos nossos produtos e atuando, com energia e criatividade, nos solos internacionais do comércio globalizado.

Da mesma forma, é necessário incrementar - e muito - o mercado interno, fortalecendo as pequenas e microempresas. É necessário também investir em capacitação tecnológica e infra-estrutura voltada para o escoamento da produção.

Para repor o Brasil no caminho do crescimento, que gere os postos de trabalho tão necessários, carecemos de um autêntico pacto social pelas mudanças e de uma aliança que entrelace objetivamente o trabalho e o capital produtivo, geradores da riqueza fundamental da Nação, de modo a que o Brasil supere a estagnação atual e para que o País volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social.

O pacto social será, igualmente, decisivo para viabilizar as reformas que a sociedade brasileira reclama e que eu me comprometi a fazer: a reforma da Previdência, reforma tributária, reforma política e da legislação trabalhista, além da própria reforma agrária. Esse conjunto de reformas vai impulsionar um novo ciclo do desenvolvimento nacional.

Instrumento fundamental desse pacto pela mudança será o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social que pretendo instalar já a partir de janeiro, reunindo empresários, trabalhadores e lideranças dos diferentes segmentos da sociedade civil.

Estamos em um momento particularmente propício para isso. Um momento raro da vida de um povo. Um momento em que o Presidente da República tem consigo, ao seu lado, a vontade nacional. O empresariado, os partidos políticos, as Forças Armadas e os trabalhadores estão unidos. Os homens, as mulheres, os mais velhos, os mais jovens, estão irmanados em um mesmo propósito de contribuir para que o País cumpra o seu destino histórico de prosperidade e justiça.

Além do apoio da imensa maioria das organizações e dos movimentos sociais, contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras que querem participar dessa cruzada pela retomada pelo crescimento contra a fome, o desemprego e a desigualdade social. Trata-se de uma poderosa energia solidária que a nossa campanha despertou e que não podemos e não vamos desperdiçar. Uma energia ético-política extraordinária que nos empenharemos para que se encontre canais de expressão em nosso Governo.

Por tudo isso, acredito no pacto social. Com esse mesmo espírito constituí o meu Ministério com alguns dos melhores líderes de cada segmento econômico e social brasileiro. Trabalharemos em equipe, sem personalismo, pelo bem do Brasil e vamos adotar um novo estilo de Governo com absoluta transparência e permanente estímulo à participação popular.

O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes do meu Governo. É preciso enfrentar com determinação e derrotar a verdadeira cultura da impunidade que prevalece em certos setores da vida pública.

Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência.

Ser honesto é mais do que apenas não roubar e não deixar roubar. É também aplicar com eficiência e transparência, sem desperdícios, os recursos públicos focados em resultados sociais concretos. Estou convencido de que temos, dessa forma, uma chance única de superar os principais entraves ao desenvolvimento sustentado do País. E acreditem, acreditem mesmo, não pretendo desperdiçar essa oportunidade conquistada com a luta de muitos milhões e milhões de brasileiros e brasileiras.

Sob a minha liderança o Poder Executivo manterá uma relação construtiva e fraterna com os outros Poderes da República, respeitando exemplarmente a sua independência e o exercício de suas altas funções constitucionais.

Eu, que tive a honra de ser Parlamentar desta Casa, espero contar com a contribuição do Congresso Nacional no debate criterioso e na viabilização das reformas estruturais de que o País demanda de todos nós.

Em meu Governo, o Brasil vai estar no centro de todas as atenções. O Brasil precisa fazer em todos os domínios um mergulho para dentro de si mesmo, de forma a criar forças que lhe permitam ampliar o seu horizonte. Fazer esse mergulho não significa fechar as portas e janelas ao mundo. O Brasil pode e deve ter um projeto de desenvolvimento que seja ao mesmo tempo nacional e universalista, significa, simplesmente, adquirir confiança em nós mesmos, na capacidade de fixar objetivos de curto, médio e longo prazos e de buscar realizá-los. O ponto principal do modelo para o qual queremos caminhar é a ampliação da poupança interna e da nossa capacidade própria de investimento, assim como o Brasil necessita valorizar o seu capital humano investindo em conhecimento e tecnologia.

Sobretudo vamos produzir. A riqueza que conta é aquela gerada por nossas próprias mãos, produzida por nossas máquinas, pela nossa inteligência e pelo nosso suor.

O Brasil é grande. Apesar de todas as crueldades e discriminações, especialmente contra as comunidades indígenas e negras, e de todas as desigualdades e dores que não devemos esquecer jamais, o povo brasileiro realizou uma obra de resistência e construção nacional admirável. Construiu, ao longo do século, uma nação plural, diversificada, contraditória até, mas que se entende de uma ponta a outra do Território. Dos encantados da Amazônia aos orixás da Bahia; do frevo pernambucano às escolas de samba do Rio de Janeiro; dos tambores do Maranhão ao barroco mineiro; da arquitetura de Brasília à música sertaneja.

Estendendo o arco de sua multiplicidade nas culturas de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e da Região Centro-Oeste. Esta é uma nação que fala a mesma língua, partilha os mesmos valores fundamentais, se sente que é brasileira. Onde a mestiçagem e o sincretismo se impuseram dando uma contribuição original ao mundo. Onde judeus e árabes conversam sem medo, onde toda migração é bem-vinda, porque sabemos que em pouco tempo, pela nossa própria capacidade de assimilação e de bem-querer, cada migrante se transforma em mais um brasileiro.

Esta Nação que se criou sob o céu tropical tem que dizer a que veio; internamente, fazendo justiça à luta pela sobrevivência em que seus filhos se acham engajados; externamente, afirmando a sua presença soberana e criativa no mundo. Nossa política externa refletirá também os anseios de mudança que se expressaram nas ruas. No meu Governo, a ação diplomática do Brasil estará orientada por uma perspectiva humanista e será, antes de tudo, um instrumento do desenvolvimento nacional. Por meio do comércio exterior, da capacitação de tecnologias avançadas, e da busca de investimentos produtivos, o

relacionamento externo do Brasil deverá contribuir para a melhoria das condições de vida da mulher e do homem brasileiros, elevando os níveis de renda e gerando empregos dignos.

As negociações comerciais são hoje de importância vital. Em relação à ALCA, nos entendimentos entre o MERCOSUL e a União Européia, que na Organização Mundial do Comércio, o Brasil combaterá o protecionismo, lutará pela eliminação e tratará de obter regras mais justas e adequadas à nossa condição de País em desenvolvimento. Buscaremos eliminar os escandalosos subsídios agrícolas dos países desenvolvidos que prejudicam os nossos produtores privando-os de suas vantagens comparativas. Com igual empenho, esforçaremos-nos para remover os injustificáveis obstáculos às exportações de produtos industriais. Essencial em todos esses foros é preservar os espaços de flexibilidade para nossas políticas de desenvolvimento nos campos social e regional, de meio ambiente, agrícola, industrial e tecnológico. Não perderemos de vista que o ser humano é o destinatário último do resultado das negociações. De pouco valerá participarmos de esforço tão amplo e em tantas frentes se daí não decorrerem benefícios diretos para o nosso povo. Estaremos atentos também para que essas negociações, que hoje em dia vão muito além de meras reduções tarifárias e englobam um amplo espectro normativo, não criem restrições inaceitáveis ao direito soberano do povo brasileiro de decidir sobre seu modelo de desenvolvimento.

A grande prioridade da política externa durante o meu Governo será a construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera e unida, com base em ideais democráticos e de justiça social. Para isso é essencial uma ação decidida de revitalização do MERCOSUL, enfraquecido pelas crises de cada um de seus membros e por visões muitas vezes estreitas e egoístas do significado da integração.

O MERCOSUL, assim como a integração da América do Sul em seu conjunto, é sobretudo um projeto político. Mas esse projeto repousa em alicerces econômico-comerciais que precisam ser urgentemente reparados e reforçados.

Cuidaremos também das dimensões social, cultural e científico-tecnológica do processo de integração. Estimularemos empreendimentos conjuntos e fomentaremos um vivo intercâmbio intelectual e artístico entre os países sul-americanos. Apoiaremos os arranjos institucionais necessários, para que possa florescer uma verdadeira identidade do MERCOSUL e da América do Sul. Vários dos nossos vizinhos vivem hoje situações difíceis. Contribuiremos, desde que chamados e na medida de nossas possibilidades, para encontrar soluções pacíficas para tais crises, com base no diálogo, nos preceitos democráticos e nas normas constitucionais de cada país.

O mesmo empenho de cooperação concreta e de diálogos substantivos teremos com todos os países da América Latina.

Procuraremos ter com os Estados Unidos da América uma parceria madura, com base no interesse recíproco e no respeito mútuo. Trataremos de fortalecer o entendimento e a cooperação com a União Européia e os seus Estados-Membros, bem como com outros importantes países desenvolvidos, a exemplo do Japão. Aprofundaremos as relações com grandes nações em desenvolvimento: a China, a Índia, a Rússia, a África do Sul, entre outros.

Reafirmamos os laços profundos que nos unem a todo o continente africano e a nossa disposição de contribuir ativamente para que ele desenvolva as suas enormes potencialidades.

Visamos não só a explorar os benefícios potenciais de um maior intercâmbio econômico e de uma presença maior do Brasil no mercado internacional, mas também a estimular os incipientes elementos de multipolaridade da vida internacional contemporânea.

A democratização das relações internacionais sem hegemonias de qualquer espécie é tão importante para o futuro da humanidade quanto a consolidação e o desenvolvimento da democracia no interior de cada Estado.

Vamos valorizar as organizações multilaterais, em especial as Nações Unidas, a quem cabe a primazia na preservação da paz e da segurança internacionais.

As resoluções do Conselho de Segurança devem ser fielmente cumpridas. Crises internacionais como a do Oriente Médio devem ser resolvidas por meios pacíficos e pela negociação. Defenderemos um Conselho de Segurança reformado, representativo da realidade contemporânea com países desenvolvidos e em desenvolvimento das várias regiões do mundo entre os seus membros permanentes.

Enfrentaremos os desafios da hora atual como o terrorismo e o crime organizado, valendo-nos da cooperação internacional e com base nos princípios do multilateralismo e do Direito Internacional.

Apoiaremos os esforços para tornar a ONU e suas agências instrumentos ágeis e eficazes da promoção do desenvolvimento social e econômico do combate à pobreza, às desigualdades e a todas as formas de discriminação da defesa dos direitos humanos e da preservação do meio ambiental.

Sim, temos uma mensagem a dar ao mundo: temos de colocar nosso projeto nacional democraticamente em diálogo aberto, como as demais nações do planeta, porque nós somos o novo, somos a novidade de uma civilização que se desenhou sem temor, porque se desenhou no corpo, na alma e no coração do povo, muitas vezes, à revelia das elites, das instituições e até mesmo do Estado.

É verdade que a deterioração dos laços sociais no Brasil nas últimas duas décadas decorrentes de políticas econômicas que não favoreceram o crescimento trouxe uma nuvem ameaçadora ao padrão tolerante da cultura nacional. Crimes hediondos, massacres e linchamentos crispam o País e fizeram do cotidiano, sobretudo nas grandes cidades, uma experiência próxima da guerra de todos contra todos.

Por isso, inicio este mandato com a firme decisão de colocar o Governo Federal em parceria com os Estados a serviço de uma política de segurança pública muito mais vigorosa e eficiente. Uma política que, combinada com ações de saúde, educação, entre outras, seja capaz de prevenir a violência, reprimir a criminalidade e restabelecer a segurança dos cidadãos e cidadãs.

Se conseguirmos voltar a andar em paz em nossas ruas e praças, daremos um extraordinário impulso ao projeto nacional de construir, neste rincão da América, um bastião mundial da tolerância, do pluralismo democrático e do convívio respeitoso com a diferença.

O Brasil pode dar muito a si mesmo e ao mundo. Por isso devemos exigir muito de nós mesmos. Devemos exigir até mais do que pensamos, porque ainda não nos expressamos por inteiro na nossa História, porque ainda não cumprimos a grande missão planetária que nos espera. O Brasil, nesta nova empreitada histórica, social, cultural e econômica, terá de contar, sobretudo, consigo mesmo; terá de pensar com a sua cabeça; andar com as suas próprias pernas; ouvir o que diz o seu coração. E todos vamos ter de aprender a amar com intensidade ainda maior o nosso País, amar a nossa bandeira, amar a nossa luta, amar o nosso povo.

Cada um de nós, brasileiros, sabe que o que fizemos até hoje não foi pouco, mas sabe também que podemos fazer muito mais. Quando olho a minha própria vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo, que agora assume o posto de Supremo Mandatário da Nação, vejo e sei, com toda a clareza e com toda a convicção, que nós podemos muito mais.

E, para isso, basta acreditar em nós mesmos, em nossa força, em nossa capacidade de criar e em nossa disposição para fazer.

Estamos começando hoje um novo capítulo na História do Brasil, não como nação submissa, abrindo mão de sua soberania, não como nação injusta, assistindo passivamente ao sofrimento dos mais pobres, mas como nação altiva, nobre, afirmando-se corajosamente no mundo como nação de todos, sem distinção de classe, etnia, sexo e crença.

Este é um país que pode dar, e vai dar, um verdadeiro salto de qualidade. Este é o País do novo milênio, pela sua potência agrícola, pela sua estrutura urbana e industrial, por sua fantástica biodiversidade, por sua riqueza cultural, por seu amor à natureza, pela sua criatividade, por sua competência intelectual e científica, por seu calor humano, pelo seu amor ao novo e à invenção, mas sobretudo pelos dons e poderes do seu povo.

O que nós estamos vivendo hoje neste momento, meus companheiros e minhas companheiras, meus irmãos e minhas irmãs de todo o Brasil, pode ser resumido em poucas palavras: hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo.

Agradeço a Deus por chegar até aonde cheguei. Sou agora o servidor público número um do meu País.

Peço a Deus sabedoria para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para me sentir unido a cada cidadão e cidadã deste País no dia a dia dos próximos quatro anos.

Viva o povo brasileiro!

2b) Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a cerimônia de posse no Parlatório do Palácio do Planalto – 01/01/2003<sup>108</sup>

Meus companheiros e minhas companheiras,  
Excelentíssimos Senhores Chefes de Estado presentes nesta solenidade,  
Trabalhadores e trabalhadoras do meu Brasil,  
Meu querido companheiro José Alencar, meu Vice-Presidente da República,  
Minha companheira querida, Dona Marisa, esposa do José Alencar,

Minha querida esposa Marisa que, juntos, já partilhamos muitas derrotas e, por isso, hoje, estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do povo deste País, que queria mudança.

Eu tenho plena consciência das responsabilidades que estou, junto com os meus companheiros, assumindo neste momento histórico da nossa vida republicana.

Mas, ao mesmo tempo, tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil, nessa trajetória de quatro anos, irá impedir que eu faça as reformas que o povo brasileiro precisa que sejam feitas.

Em nenhum momento vacilarei em cumprir cada palavra que José Alencar e eu assumimos durante a campanha. Durante a campanha não fizemos nenhuma promessa absurda. O que nós dizíamos – e eu vou repetir agora – é que nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-estima e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro.

Nós temos uma história construída junto com vocês. A nossa vitória não foi o resultado apenas de uma campanha que começou em junho deste ano e terminou dia 27 de outubro, antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país, lutando por conquistar a democracia e a liberdade.

Eu apenas tive a graça de Deus de, num momento histórico, ser o porta-voz dos anseios de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras.

Eu estou convencido de que hoje não existe, no Brasil, nenhum brasileiro ou brasileira mais conhecedor da realidade e das dificuldades que vamos enfrentar. Mas, ao mesmo tempo, estou convencido e quero afirmar a vocês: não existe, na face da Terra, nenhum homem mais otimista do que eu estou, hoje, e posso afirmar que vamos ajudar este país.

---

<sup>108</sup> [http://www.brasil.gov.br/noticias/pronunciamentos\\_comunicados](http://www.brasil.gov.br/noticias/pronunciamentos_comunicados).



Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história. Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram.

O meu papel, neste instante, com muita humildade, mas também com muita serenidade, é de dizer a vocês que eu vou fazer o que acredito que o Brasil precisa que seja feito nesses quatro anos. Cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da previdência social e acabar com a fome neste país são compromissos menos programáticos e mais compromissos morais e éticos, que eu quero assumir, aqui, nesta tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando posse.

Como eu tenho uma agenda a ser cumprida, eu queria dizer a todos vocês: amanhã vai ser o meu primeiro dia de governo e eu prometo a cada homem, a cada mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro que o meu governo, o Presidente, o Vice e os Ministros trabalharão, se necessário, 24 horas por dia para que a gente cumpra aquilo que prometeu a vocês que iria cumprir.

Eu quero terminar agradecendo a esta companheira. Eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela, com essa faixa com que nós sonhamos tanto tempo. Entretanto, para chegar aqui, nós perdemos quatro eleições: uma para Governador e três para Presidente da República. E vocês sabem que a cultura política do Brasil é só homenagem aos vencedores. Quando a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente, para dizer: companheiro, a luta continua. Às vezes, ela e eu decidíamos que a luta ia continuar, porque não havia outra coisa a fazer a não ser continuar a luta para chegar aonde nós chegamos.

Eu quero dizer a todos vocês que vieram de Roraima, do Acre, do Amapá, do Amazonas, que vieram de Rondônia, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, que vieram do Maranhão, do Piauí, do Ceará, que vieram do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco, de Sergipe, companheiros de Brasília, mas também companheiros da Bahia, de Minas Gerais, do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina; quero dizer inclusive ao povo do Rio Grande do Sul, aos meus irmãos de Caetés, minha grande cidade natal, que se chamava Garanhuns, aos companheiros de Goiás: podem ter a certeza mais absoluta que um ser humano pode ter, quando eu não puder fazer uma coisa, eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições. Mas eu quero que vocês carreguem também a certeza de que eu, em nenhum momento da minha vida, faltarei com a verdade com vocês que confiaram na minha pessoa para dirigir este país por quatro anos. Tratarei vocês com o mesmo respeito com que trato os meus filhos e os meus netos, que são as pessoas de quem a gente mais gosta.

E quero propor isso a vocês: amanhã, estaremos começando a primeira campanha contra a fome neste país. É o primeiro dia de combate à fome. E tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque isso não está

escrito no meu programa. Isso está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia e está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. E isso nós vamos fazer juntos.

Por isso, meus companheiros e companheiras, um abraço especial aos companheiros e companheiras portadores de deficiência física que estão sentados na frente deste parlatório. Meus agradecimentos à imprensa, que tanto perturbou a minha tranquilidade nessa campanha e nesses dois meses, mas sem a qual a gente não iria consolidar a democracia no país. Meu abraço aos Deputados, aos Senadores. Meu abraço aos convidados estrangeiros. Digo a vocês que, com muita humildade, eu não vacilarei em pedir a cada um de vocês: me ajude a governar, porque a responsabilidade não é apenas minha, é nossa, do povo brasileiro, que me colocou aqui.

Muito obrigado, meus companheiros, e até amanhã.

### 3) Discursos: Diálogos com a Bolívia

3a) Pronunciamento do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de inauguração da ponte “Wilson Pinheiro” – Integração Brasil/Bolívia - Brasília/AC – 11/08/2004<sup>109</sup>

Meu querido amigo e presidente da Bolívia, Carlos Mesa,  
Meu querido amigo e presidente do Peru, Alejandro Toledo,  
Minha querida Maria Terezinha Pinheiro, viúva do companheiro Wilson Pinheiro, que dá nome a essa ponte,  
Meu caro Carlos Camacho, prefeito do Departamento de Pando,  
Meu querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre,  
Ministros do meu governo que me acompanham,  
Ministros do governo do Peru,  
Ministros do governo da Bolívia,  
Meus companheiros e minhas companheiras do Pando, do Acre e, sobretudo, mulheres e homens de Brasília,

Meu caro Carlos Mesa e meu caro Toledo, em 1980, quando mataram o Wilson Pinheiro de Souza, eu vim a esta cidade e o clima era muito tenso, porque o Wilson Pinheiro era um sindicalista e foi morto dentro de sua casa. E quando eu cheguei aqui tinha uma assembléia de trabalhadores, um clima muito tenso, muita gente armada andando pelas ruas, o nosso querido companheiro Osmarino, que está aqui do nosso lado, estava aqui. E me chamaram para fazer um pronunciamento. Eu não lembro o que eu disse, eu só lembro que disse que estava cansado de fazer discurso na beira de caixão de companheiros que tinham sido assassinado.

E eu me lembro que utilizei uma frase, que é muito usual, aqui, no Brasil, dizendo que estava chegando a hora da “onça beber água.” Eu disse essa frase, voltamos para Rio Branco; estrada totalmente de terra, uma poeira muito grande e, para minha surpresa, alguns dias depois, quando eu estava em São Paulo, eu fui comunicado que eu estava sendo processado porque um delegado da Polícia Federal tinha entendido que a frase que eu utilizei: “está chegando a hora da onça beber água”, era uma senha para que os trabalhadores se vingassem. Aconteceu que, no dia seguinte, eu fui embora, e os trabalhadores mataram uma pessoa que eles consideravam suspeita de ter matado o Wilson Pinheiro.

---

<sup>109</sup> [http://www.radiobras.gov.br/integras/04/integra\\_110804\\_1.htm](http://www.radiobras.gov.br/integras/04/integra_110804_1.htm)

Por conta disso, eu fui julgado em Manaus, fui condenado a 3 anos e meio de prisão. Obviamente que não cumpri a pena porque era réu primário. Mas o esquisito foi que, na acusação, diziam que eu não tinha que ser condenado porque tinha matado qualquer pessoa, que eu não tinha que ser condenado porque usava revólver ou metralhadora; eu tinha que ser preso porque a minha arma era a minha língua, que era muito ferina, e eu não podia andar por aí dizendo que a onça podia beber água. E ainda hoje eu acho que a onça precisa beber água, porque senão ela morre.

Mas quero dizer a todos vocês da alegria de estar, aqui, inaugurando a ponte. Esta ponte, como disse o nosso companheiro Jorge Viana, não é nenhuma ponte Rio-Niterói, não tem 13 quilômetros de comprimento, nem 100 metros de largura. Ela é uma ponte pequena, no tamanho e no custo. Mas, possivelmente, o significado da inauguração desta ponte, em função daquilo que nós acreditamos que está reservado para a América do Sul. Eu quero dizer para vocês que esta ponte não tem tamanho, não tem preço, porque as coisas de muito valor para dois povos ou mais povos, não se mede pela quantidade de cimento, nem pela quantidade de dinheiro, mas pela quantidade de simbolismo que tem a construção dessa ponte, que vai permitir que homens e mulheres possam transitar livremente daqui para a frente entre os dois países, vencendo alguns impasses da burocracia. Viu Jorge, é sempre importante lembrar, porque aí tem Receita Federal, Polícia Federal, tem um monte de coisas que têm que ir se resolvendo, e essas coisas devem ser difíceis na Bolívia, no Brasil, e devem ser difíceis no Peru.

Mas o que importa é que nós queremos resolver, para que o menino do Pando possa namorar a menina do Acre, ou o menino do Acre possa namorar a menina do Pando, sem que haja nenhum problema entre nós, além de trabalhar, estudar e comercializar. Mas não tem coisa mais bonita do que namorar. Então, namorar já é um passo. Enquanto duas pessoas estiverem namorando, não há espaço para divergência, nem para a guerra, só para a paz.

Por isso, eu, Jorge, não vou sequer ler o meu pronunciamento. Eu acho que o que vale, aqui, para nós, é o que nós estamos vendo. O que vale para nós, aqui, é olhar na cara de cada um de vocês, estudantes, mulheres e homens, e perceber que isso é uma coisa simples. Por ser simples, deveria ter sido feita há 80 anos, 90 anos, 40 ou 30 anos. Eu dizia, em 89, 94, 98, 2002 e continuo dizendo: um dos problemas dos governantes é que eles não conhecem o país que eles governam. Então, muitas vezes, as pessoas ficam presas nas capitais, atendendo apenas à demanda da burocracia e não se dão conta de que, com um gesto simples como este, você une dois países e dá um início extraordinário para a economia, tanto do Pando, quanto para a economia do Acre.

Então, as pessoas não têm interesse em fazer esse trabalho da periferia. É muito mais cômodo ir para a capital; é muito mais cômodo ir para a cidade de 300 mil habitantes, 1 milhão de habitantes. É muito mais cômodo, no meu caso, ir para São Paulo, para Brasília, para Belo Horizonte, para o Rio de

Janeiro. Agora, eu sei que é muito mais cômodo, mas é muito mais necessário eu vir a Brasília ou ir a outra cidade pequena deste país, como vamos agora a Ji-Paraná. Nós vamos sair daqui, os três presidentes, e vamos a Assis Brasil, iniciar o trabalho de uma outra ponte entre o Brasil e o Peru. Porque não tem nenhum sentido a gente morar tão perto, olhando de um lado e vendo outro país, e a gente não ter uma passarela para atravessar.

A integração da América do Sul, a construção de uma nação sul-americana, passa pela integração física. E nós, se Deus quiser, iremos dar a nossa contribuição para que essa integração aconteça. E é importante que todo mundo tenha claro que, como o Brasil é o maior país da América do Sul, e é a maior economia da América do Sul, por conta disso, o Brasil tem mais responsabilidade, o Brasil tem que ter mais solidariedade, o Brasil tem que ser mais companheiro, o Brasil tem que ser mais generoso na sua política de integração.

Portanto, meu querido Jorge Viana, eu sei do trabalho que você fez para esta ponte sair. Eu sei do carinho que você dedicou para que esta ponte saísse. Eu sei da emoção, cada vez que você ia a Brasília e conversava comigo. Ultimamente, ele estava me ligando preocupado: “Olha, Presidente, a ponte não é tão grande.” Pensando que eu ia ficar tão decepcionado. Mas, Jorge, mesmo que fosse um eucalipto fazendo a travessia, feito pelas tuas mãos, com o carinho com que você faz as coisas, ainda assim eu teria vindo a Brasília.

Portanto, eu quero agradecer, aqui, a presença do nosso querido companheiro Toledo, grande companheiro nosso, não apenas companheiro do Brasil, porque é Presidente do Peru, mas companheiro do Lula. E o Lula é companheiro dele.

Quero dizer ao companheiro Carlos Mesa que eu continuo achando que o Presidente da Bolívia tem uma oportunidade histórica, como pouca gente teve, de dar à Bolívia o tamanho econômico que tem o território da Bolívia e a riqueza que a Bolívia tem debaixo do seu solo, que o povo merece experimentar e usufruir.

No que depender de nós, Presidente, pode ter a certeza que seremos mais que parceiros, mais que irmãos, seremos parceiros, irmãos, mas seremos, sobretudo, companheiros, porque eu quero terminar a minha vida vendo a América do Sul transformada numa verdadeira nação sul-americana, onde o povo possa transitar livremente.

Muito obrigado gente, que Deus abençoe a todos vocês.

3b) Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da XVI Reunião Regional Americana da Organização Internacional do Trabalho - Brasília-DF, 03 de maio de 2006<sup>110</sup>

Meu caro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego e presidente da XVI Reunião Regional Americana da Organização Internacional do Trabalho,

Meu caro Juan Somavia, diretor-geral da OIT, em nome de quem eu cumprimento todos os demais membros que fazem parte da mesa,

Senhor Carlos Tomada, ministro do Trabalho da Argentina e presidente do Conselho de Administração da OIT,

Senhoras e senhores ministros de Estado do Brasil e das delegações aqui presentes,

Senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Ministro Ronaldo Lopes Leal, presidente do Tribunal Superior do Trabalho,

Ministro Fernando Gonçalves, do Superior Tribunal de Justiça,

Senhora Sandra Lia Simón, procuradora-geral do Trabalho,

Senhor José Luiz Marchinea, secretário-executivo da Cepal,

Senhor Francisco Salazar, presidente da Conferência Interamericana de Ministros de Trabalho da OEA,

Senhoras e senhores representantes dos empresários, dos trabalhadores e dos governos presentes neste encontro,

Senhores delegados, observadores e participantes da XVI Reunião Regional Americana da OIT,

Meus amigos da América do Sul, da América Latina, do Caribe, do Caricon, dos Estados Unidos e do Canadá,

Meus amigos da imprensa,

Eu acredito que depois de ouvirmos o ministro Marinho e o nosso amigo Somavia, eu teria que vir aqui na frente apenas para dizer algumas palavras de agradecimento pelo fato deste encontro estar se realizando no Brasil, desejar boa sorte a vocês e ir embora. Mas como eu nem cumprimentei os meus ministros que estão aqui presentes, quero cumprimentar a todos, dizer para vocês que o mundo do trabalho evoluirá na medida em que haja uma evolução da democracia, na medida em que haja uma evolução do crescimento econômico e na medida em que se tenha governantes que tenham o compromisso de garantir que as coisas sejam colocadas em prática no cumprimento da lei ou fazendo

---

<sup>110</sup> [http://www.brasil.gov.br/noticias/pronunciamentos\\_comunicados](http://www.brasil.gov.br/noticias/pronunciamentos_comunicados).

as leis que precisam ser feitas no Brasil.

É importante lembrar que eu não acredito que tenha no mundo, ou pelo menos entre nós, algum empresário, algum pai ou alguma mãe, que deseje que o seu filho trabalhe em situações desumanas. Muitas vezes não é só a economia, porque muitas vezes é a falta de informação, é a falta de preparo para que a gente possa cuidar do mundo do trabalho com um pouco mais de dignidade. Eu acho que nós temos evoluído, não tanto quanto nós gostaríamos, mas eu acho que nós temos evoluído no mundo do trabalho.

Já faz muito tempo, quando eu comecei a minha vida profissional, a gente esquentava marmita no forno que esquentava os ferros para fazer os parafusos na fábrica de parafuso Marte. Eu me lembro que não tinha lugar para comer, a gente comia no meio do salão, no meio da fábrica. Cada um escolhia um lugarzinho e sentava. Alguns iam comer até sentados no vaso sanitário, que não eram tão confortáveis quanto os que nós temos hoje.

Eu me lembro de situações em que empresas tinham um buraco na porta para controlar se o trabalhador estava ficando muito tempo no banheiro ou não, e não eram indústrias pequenas, eram indústrias multinacionais, indústrias poderosíssimas. Eu me lembro do tempo em que uma mulher grávida para ir ao banheiro era obrigada a pegar uma ficha com a sua chefe, e muitas vezes ia uma vez e não podia ir a segunda vez, com medo de ser punida porque estava indo demais ao banheiro.

Isso não faz muito tempo, isso eu estou falando de 30 anos atrás, de 28 anos atrás e certamente isso persiste em alguns lugares ainda. Muitas vezes, porque os sindicatos não denunciam como deveriam denunciar, muitas vezes porque a justiça não julga como deveria julgar, muitas vezes porque o empresário não tem a sensibilidade que deveria ter, ou seja, é um conjunto de fatores que faz com que uma sociedade não seja perfeita, sobretudo, no mundo do trabalho. Nós sabemos que quanto melhor for a condição de alguém no mundo do trabalho, mais produtivo esse trabalhador será, em qualquer ramo de atividade em que ele estiver presente.

Eu acho que no Brasil, por obrigação, não por mérito, até porque se não fizéssemos isso, não haveria nenhuma razão de termos disputado tantas vezes as eleições para Presidente da República, nós temos avançado, e avançado na medida das nossas possibilidades. Se tem uma coisa em política que eu odeio fazer é dar um passo grande, ter uma distensão e não conseguir dar o segundo passo, ter que ficar um ano sem andar. Eu prefiro andar todo santo dia, porque eu sei que a muralha da China não seria construída se não tivesse sido colocado um tijolinho por vez, até porque não tinha indústria para fazer aqueles grandes blocos de concreto, ela seria feita mais rápida.

Penso que temos avançado porque nesses 39 meses de governo, os três ministros do Trabalho que eu tive foram companheiros oriundos do movimento sindical, lideranças importantes, primeiro o Jaques Wagner, que participou do primeiro encontro na Bahia, que era trabalhador do Pólo

Petroquímico de Camaçari; depois o Ricardo Berzoini, que era um grande dirigente sindical dos bancários, e agora o nosso querido Marinho, que além de metalúrgico do ABC, era presidente da CUT. Então eles têm a obrigação, junto com a Secretaria dos Direitos Humanos, junto com a Secretaria da Mulher, com a Secretaria da Igualdade Racial, com o Ministério da Justiça, de tentar cuidar, da forma mais carinhosa, para que a gente consiga reparar erros que são seculares e que nós não resolvemos isso num curto espaço de tempo. A verdade é que se pudéssemos resolver todos os problemas que encontramos pela frente como num passe de mágica... eu tentei procurar, esse tempo todo, uma fada que eu pudesse convocar como ministra, para que aquela varinha de condão resolvesse os problemas, e não encontrei. O máximo que eu encontrei foram seres humanos capazes, muito bem preparados e com muita vontade política, mas que enfrentam os problemas das intempéries que nós enfrentamos não apenas por causa do tempo, mas por causa da política, por causa da legislação e por causa do nosso cotidiano. Portanto, não vou repetir... o Somavia ficou um pouco assustado quando viu o tamanho do meu discurso. Ele pensou que eu só ia terminar de falar amanhã. Mas é que eu já tenho mais de 40 e eu fujo um parágrafo por folha, mas não vou ler, até porque o Marinho disse parte das coisas que estão no meu discurso e, portanto, eu não vou repetir aqui.

Mas também eu estou vendo a fisionomia de vocês, eu estou percebendo que vocês são todos especialistas no mundo do trabalho, vocês vão brigar muito pelo trabalho decente e eu queria conversar um pouco com vocês sobre política.

Primeiro, para que nós atentássemos para o que aconteceu na América Latina nesses últimos meses e nesses últimos anos. Muitas vezes, discutimos política em função do nosso imediatismo e não discutimos política em função do tempo histórico em que temos que discutir a política. E se nós quisermos valorizar um pouco o que está acontecendo em toda a América Latina, nós temos que saber o que era a América Latina 20 anos atrás, para que a gente possa perceber a evolução política e democrática que houve no nosso Continente.

Se pegarmos lá de Santiago do Chile, desde o Lagos até Michelle Bachelet, e formos perpassando todos os países da América Central, do Caribe, da América do Sul, nós vamos percebendo que há um avanço sistematizado na conquista de espaços pelos trabalhadores, pela democracia, pelas mulheres, pelos índios e pelos negros. E muitas vezes não depende sequer do governo ser de esquerda ou de direita, depende muito mais dele ser humano, com sensibilidade humanística ou não, depende muito mais dele decidir que legado pretende deixar para aqueles que vierem depois de nós. E a evolução é, na minha opinião, extraordinária.

Isso, muitas vezes, não acompanha o crescimento econômico, até porque não é possível fazer o crescimento econômico acontecer também por mágica, é preciso que a gente crie as condições para que ele cresça de forma sustentável e que tenha um crescimento duradouro que possa fazer os países da



América Latina, da América Central, já nem falo dos Estados Unidos e do Canadá porque são países mais resolvidos economicamente que os nossos, mas que a nossa economia cresça definitivamente por um longo tempo.

Somavia, quando você estiver fazendo uma palestra pelo mundo afora, analisando a economia brasileira – não posso dizer por outros países da América do Sul – eu gostaria que você se lembrasse que nós tivemos 20 anos de estagnação. Tivemos primeiro a década perdida, de 1980 a 1990. Depois tivemos a década da estagnação. Em dez anos, nós não fizemos outra coisa a não ser desmontar todo o aparato industrial do Estado que nós tínhamos, privatizando e não colocando nada no lugar, onde nós tivemos alto índice de desemprego, como jamais foi visto na nossa história.

Eu digo isso para tentar lembrar a vocês que aconteceu o mesmo em outros países, não foi apenas no Brasil, em outros países aconteceu isso. Eu tive o privilégio de ser dirigente sindical de 1969 até 1980, e nos últimos cinco anos, entre 1975 e 1980, como presidente do Sindicato. Na época, eu até me considerava um bom dirigente sindical, atuante, combativo, e eu passei grande parte da minha vida no movimento sindical chorando o desemprego, indo na porta de fábrica chorar com os trabalhadores porque as empresas dispensavam três, quatro, cinco mil trabalhadores. Nós, dirigentes sindicais, não tínhamos como garantir que eles iam voltar a trabalhar e sabíamos antecipadamente que eles não voltariam a trabalhar, a não ser ao longo do tempo, em outras categorias, e isso perdurou mais de dez anos, não foram dez dias.

Tivemos um momento auspicioso quando os metalúrgicos do ABC propuseram a Câmara Setorial em 1992, em que teve um certo crescimento na indústria automobilística. Mesmo assim, nós tivemos muitos anos de desemprego consecutivos no Brasil, muitos e muitos anos. Os dirigentes sindicais que estão aqui, brasileiros, sabem do que eu estou falando. Foi um pouco pela modernização tecnológica das empresas, a gente não pode reclamar o avanço tecnológico, mas temos que reclamar o posto de trabalho perdido, porque não se acompanhou o avanço tecnológico com a formação adequada da sociedade brasileira.

Aqui no Brasil, em 1998, Somavia, se aprovou uma lei tirando das costas do governo federal a responsabilidade pelo ensino técnico, então não tinha mais ensino técnico no Brasil. Você tinha o faxineiro e o engenheiro e você não tinha o intermediário ali, que muitas vezes é quem resolve o problema. Sem nenhuma ofensa ao engenheiro, muitas vezes um bom mestre-de-obras é quem toca a obra, e não o engenheiro. E nós, então, tínhamos uma defasagem entre a necessidade de crescimento econômico do país e a necessidade da formação da nossa gente. A qualificação profissional, sobretudo num público incomensurável de jovens de 17 a 24 anos, que estão perdendo perspectivas de futuro, e não tem nada mais desagradável para uma nação do que os seus jovens perderem a perspectiva de futuro.

Ele não tinha escola técnica para estudar, ele terminava o segundo grau e não conseguia passar num vestibular numa escola pública federal porque eram poucas. Quando ele fazia vestibular numa escola privada e conseguia passar, no final do ano, em fevereiro, quando ele ia se matricular a mensalidade o afugentava da escola. Ele voltava para casa, então, pensando o quê? “Eu não tenho emprego, eu não tenho formação profissional, eu não posso entrar numa universidade, o que eu vou fazer da vida?” Recuperar esse tempo perdido, possivelmente, leve mais que um mandato de um presidente da República ou, quem sabe, leve décadas para que a gente possa recuperar os malefícios causados pelo descaso no tratamento das gerações futuras. Pois bem, nesses 39 meses de governo, Somavia, nós tivemos 39 meses de crescimento consecutivo de geração de empregos neste país; 39 meses consecutivos, com uma média de empregos mensais dez vezes mais do que os outros anos que antecederam o nosso governo.

Segundo, nós temos, hoje, quase um milhão de jovens... Só nas Forças Armadas brasileira serão, este ano, 100 mil jovens recrutados a mais do que o número que o Exército, a Aeronáutica e a Marinha precisam, serão 100 mil jovens a mais para que eles possam aprender algumas coisas, desde a disciplina até uma profissão. Eles sairão das Forças Armadas com o cumprimento do seu serviço militar, com todo o aprendizado disciplinar que exigem as Forças Armadas, mas sairão das Forças Armadas com uma profissão: ou eletricista, ou especialista em computador, ou soldador, em alguma coisa que ele possa adentrar o mercado de trabalho com um pouco mais de chance do que no dia de hoje.

Pelo trabalho do nosso companheiro Marinho, do Jaques Wagner, do Ricardo Berzoini, depois de muitos anos nós aprovamos a Lei do Aprendiz, uma lei que vai permitir que as empresas possam contratar trabalhadores para serem aprendizes, sem qualquer punição. Nós temos tomado como decisão que as empresas estatais têm que ser o primeiro exemplo de contratar o maior número. E a Petrobras, de uma vez só, contratou, parece que três mil jovens para serem aprendizes. Se a economia brasileira continuar crescendo 5% durante alguns anos, nós teremos dificuldade de ter mão-de-obra qualificada, portanto, precisamos fazer um grande investimento.

Fizemos o ProJovem, que é um incentivo que o governo dá a jovens de 18 a 24 anos que deixaram de estudar o segundo grau, para que eles voltem a estudar. Estamos dando uma ajuda de 100 reais para que eles voltem a estudar e possam ter um trabalho público, algum trabalho comunitário junto à comunidade em que eles moram. Temos o ProJovem do Ministério do Trabalho, que tem sido uma coisa extraordinária, porque tem colocado milhares de jovens com perspectiva de voltar a trabalhar. Temos o Escola de Fábrica, que são empresas, já são 1.000 empresas que estão fazendo cursos de formação profissional dentro das próprias empresas, e isso vai possibilitar enormemente que esses jovens possam ter acesso ao mercado de trabalho.

Mais ainda, nós estamos tentando recuperar um tempo perdido, e seria importante que vocês analisassem o que tem acontecido na América Latina em nível de ensino, onde a maioria dos países está praticamente estagnada do ponto de vista da criação de universidades. É invejável quando a gente vê um país na situação sempre difícil que Cuba tem e que, entretanto, tem a capacidade de fazer uma universidade e oferecer vagas para todos os países da América Latina, inclusive para o Brasil, onde dezenas de jovens estudam de graça o curso que querem fazer. E por que nós não podemos fazer? Nós nunca fizemos porque em muitos países não foi prioridade acreditar no seu próprio povo. Nunca fizemos porque a elite dirigente já estava formada. E se ela já estava formada, para que se preocupar com a formação dos outros? Parece ser duro dizer isso, mas é um pouco da verdade.

E, aí, é importante acompanhar que nós estamos fazendo no Brasil quatro universidades federais novas, estamos transformando seis faculdades em universidades, estamos fazendo 43 extensões das universidades federais por todo o território nacional e estamos construindo 32 escolas técnicas, além de acabar com um tipo de escola que tinha no Brasil, chamada Proep, que se começou e não se fez muita coisa, mas agora vamos assumir enquanto escolas federais para que a gente possa dar à juventude a perspectiva de saber que vale a pena sentar num banco de uma escola, porque ela sabe que sairá de lá com uma profissão para o mercado de trabalho.

Eu digo sempre, Somavia, não é apenas a pobreza que leva a pessoa ao trabalho infantil ou ao trabalho em condições que não sejam decentes. Eu fui criado num lugar muito pobre, oito irmãos, um mais pobre do que o outro, uma mãe que se separou do marido, e nós, muitas vezes trabalhávamos do jeito que podíamos trabalhar, um vendia “assadinho”, outro carregava carvão, porque era preciso ajudar a família. E aí, a gente não queria saber se o trabalho era bom ou não era, porque se a gente não tinha trabalho formal nós queríamos era levar, no final do mês, uma ajuda para dentro de casa, e isso ainda deve acontecer com dezenas e milhares de pessoas neste país.

Por isso nós temos que ter um olhar na existência legal de mecanismos que proibam qualquer atividade, mas temos que ter um olhar sensível às questões sociais de cada região e saber, muitas vezes, porque as pessoas fazem coisas que não deveriam fazer. O nosso desejo é que nenhuma criança neste país deixe de estudar para trabalhar, esse é o nosso desejo. O nosso sonho é garantir que essas crianças, quando terminarem o ensino fundamental, estejam preparadas para dar um salto de qualidade na educação. É por isso que nós aumentamos o número de anos de escolaridade. Eram oito anos e nós passamos para nove anos. As crianças entravam na escola com sete e agora estão entrando com seis. É por isso que nós acabamos de aprovar na Câmara, vai aprovar no Congresso Nacional, um projeto de lei colocando mais 4 bilhões e 300 milhões de reais para o ensino fundamental, o ensino básico neste país, para garantir que a gente cuide, desde a creche até a pessoa terminar o segundo grau.

Eu penso que isso deve estar acontecendo em muitos países da América Latina. De vez em quando eu fico vendo as disputas políticas que nós temos, e é importante que a OIT saiba... a América Latina, se a gente for analisar corretamente, uma boa parte dela, do ponto de vista geológico, do ponto de vista físico, o solo... é um solo garantido, acho que nós não vamos ter tsunami aqui nunca, porque o solo está garantido. Mas, do ponto de vista político e democrático, nós somos um Continente em formação e, muitas vezes, as divergências que aparecem não são para assustar ninguém, são divergências próprias de nações que estão vivendo um outro estágio na sua relação política interna e na sua relação política externa.

Durante muito tempo, vários países da América do Sul viam o Brasil com imperialismo. Eu digo sempre que, quando fomos construir Itaipu, a Argentina nos ameaçou com a bomba atômica, achando que Itaipu era para inundar Buenos Aires. Tivemos conflitos e mais conflitos em vários momentos da nossa história e eu, de vez em quando, chamo os meus companheiros presidentes à responsabilidade, porque muitas vezes eles ficam discutindo coisas que aconteceram no século XVIII, ou no século XIX, e eu falo: pelo amor de Deus, nós somos a geração de governantes que tem que pensar no século XXII e não no século XIX ou no século XVIII, no que aconteceu. O que aconteceu já está cicatrizado, a gente não pode ficar remoendo, mexendo, para arrumar uns conflitos que foram resolvidos há 200 anos.

A mim incomoda... eu fiz uma reunião, por exemplo, com o Kirchner e com o Chávez na semana passada, amanhã tem outra reunião. A mim incomoda saber da discussão da “papeleira”, eu acho que nós temos que encontrar uma solução e quem vai encontrar a solução é a Argentina e o Uruguai. Nós estamos vendo a imprensa brasileira falar da crise Brasil/Bolívia. não tem crise Brasil/Bolívia e não existirá crise, existirá um ajuste necessário de um povo sofrido e que tem o direito de reivindicar ter maior poder sobre a maior riqueza que tem.

Não vamos descobrir uma arma qualquer na Bolívia para justificar uma briga com a Bolívia, não. Eu faço política, eu aprendi a negociar muito antes de ser político. E as nossas divergências serão tiradas em torno de uma mesa, conversando. O fato de os bolivianos terem direito não significa negar o direito do Brasil, o que não pode é uma nação tentar impor a sua soberania sobre as outras sem levar em conta que o resultado final da democracia é o equilíbrio entre as partes. E eu tenho certeza que todos nós iremos nos acertar... de vez em quando eu vejo conflito entre Venezuela e Colômbia... eu mesmo já viajei duas vezes para conversar com o Uribe, para conversar com o Chávez. Essas coisas são próprias da democracia. O que a gente não pode é maximizar isso, dar uma dimensão que não tem. O Brasil tem interesse na Bolívia e a Bolívia tem interesse no Brasil.

Eu me lembro que quando eu tomei posse, brasileiros e argentinos quase nem conversavam, era uma luta preconceituosa de brasileiros com argentinos. Eu não sei, mas eu duvido se em algum

momento a gente teve uma harmonia tão grande entre Argentina e Brasil como nós temos agora. Por quê? Porque não prevalece o interesse de um empresário que quer vender para a Argentina, mais do que comprar; porque não prevalece o interesse de um diplomata, porque não gosta da diplomacia da Argentina. Não é política de diplomata e nem política de empresário, nem política de sindicato, é política de Estado. E na política de Estado nós precisamos estar bem com todos os países do nosso Continente, e vamos estar.

E fizemos tudo isso, Somavia, sem brigar com ninguém. A nossa relação com os Estados Unidos é extraordinária, a nossa relação com a Europa é extraordinária, com a China, com a Índia, por quê? Porque não é necessário você fazer uma amizade nova, uma relação nova e ter que romper com a velha. Nós temos clareza da importância dos Estados Unidos para o Brasil, para a Argentina e para a América Latina. E nós temos a importância também do que nós representamos para eles, vemos a importância da Europa. É com esse jogo de cintura, eu diria, que nós iremos consolidar um processo democrático na América do Sul sem mentiras, sem mágicas, mas enfrentando os problemas como se fôssemos companheiros. Se tiver problema, ligamos um para o outro, colocamos na mesa de negociação e negociamos. Todos nós temos direitos e todos nós temos deveres. Isso vale no mundo do trabalho, vale no mundo político.

E eu quero dizer para vocês que nesses 39 meses, 36 deles eu dediquei para viajar para a América do Sul e América Latina. Foram 29 países que eu visitei e recebi 19 chefes de Estado aqui. E ainda não está completo, porque não depende só da minha vontade ou do Kirchner, ou do Chávez, ou do Fidel, depende de um conjunto de forças políticas, de um conjunto de interesses. E a evolução desses governos e a consolidação da democracia é que vai permitir que a gente possa consolidar um mundo do trabalho decente, em que a gente não tenha a prostituição infantil, em que a gente não tenha o trabalho escravo, em que a gente não tenha crianças tendo que pedir dinheiro na rua para poder sobreviver.

Nós, companheiro Somavia, queremos deixar como legado quando terminar o nosso mandato, não o discurso, mas os números, e certamente a OIT já tem parte deles e terá muito mais, porque é isso que interessa, no fundo, no fundo. Cada um de nós, quando deixar o governo, vai deixar os números que estão registrados pelo próprio governo, pela sociedade e pelos adversários.

Posso te dizer que estou completando 39 meses de governo, não realizado como ser humano porque eu sonho tão alto que, quem sabe, eu morra e não consiga realizar os meus sonhos. Eu estou casado com a Marisa há 32 anos e ainda não realizei todos os sonhos que eu tenho com ela, você imagine em quatro, o que eu posso fazer.

E porque estamos juntos há 32 anos? É porque ela tem certeza que alguns sonhos não estão nos limites da força. Muitas vezes, passamos pelo governo e não realizados tudo que precisamos porque

também não está no limite, não depende só de nós.

Agora, uma coisa, meus companheiros, os brasileiros que estão aqui vão poder discutir com vocês, uma coisa vocês podem ter certeza, o que nós fizemos em 39 meses foi muito mais do que eu jamais imaginei que a gente poderia fazer, porque era muito fácil aqui, na América Latina, a gente culpar os outros pela nossa desgraça, era muito fácil. Era a Argentina que culpava o Brasil, o Brasil que culpava a Argentina, a Bolívia que culpava o Brasil, o Brasil que culpava a Bolívia, o Uruguai que culpava o Brasil, o Paraguai que culpava não sei quem. Todos culpavam o imperialismo americano, todos culpavam o imperialismo europeu, todos culpavam. E nós estamos percebendo que um pouco do que nós vivemos é resultado da mediocridade de muita gente que foi governante no nosso Continente e que não olhou a parte pobre deste Continente. A culpa não é apenas dos outros, a culpa também é nossa.

E se nós assumirmos isso, nós teremos condição de ter o segundo passo. Se nós assumirmos isso, a sociedade vai descobrir que não são os outros que são tão culpados, que somos nós. E aí eu não quero que o povo perca a esperança de consolidar a democracia, que é um regime realmente complicado, mas é o melhor que eu conheço até agora.

Boa sorte para vocês, e muito obrigado.